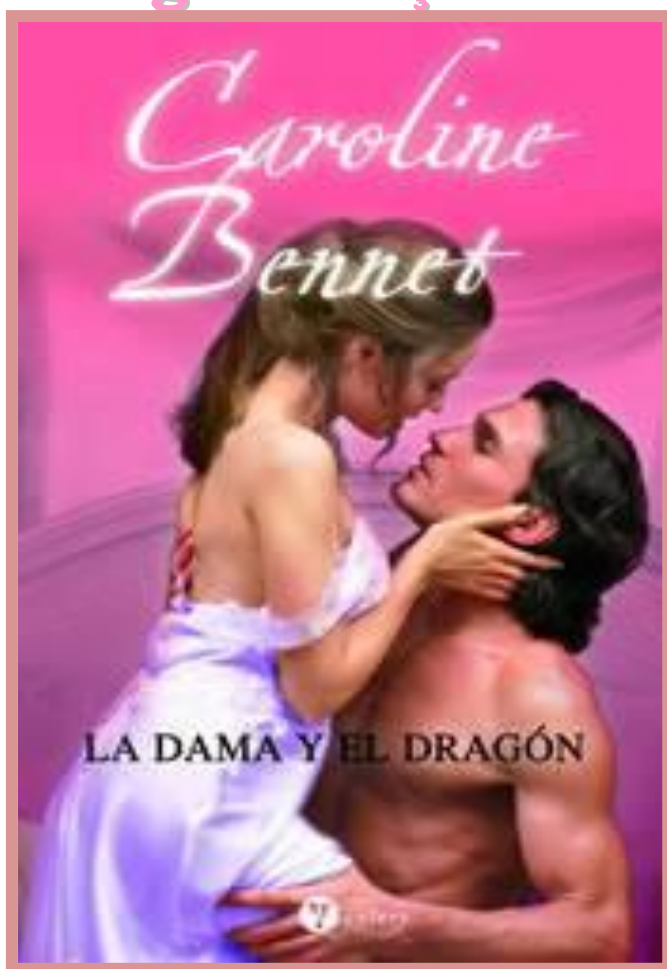




Caroline Bennett

A dama e o Dragão

Saga Coração - 01







Caroline Bennett

Caroline Bennet

Editorial: Via Magna, Valery / Janeiro de 2007

Gênero: Romântico Histórico

A Dama e o Dragão - 1º Serie Coração

O Coração da Donzela - 2ª Serie Coração



Tradução e pesquisa: Jo Slavic

Revisão: Sheila Nascimento

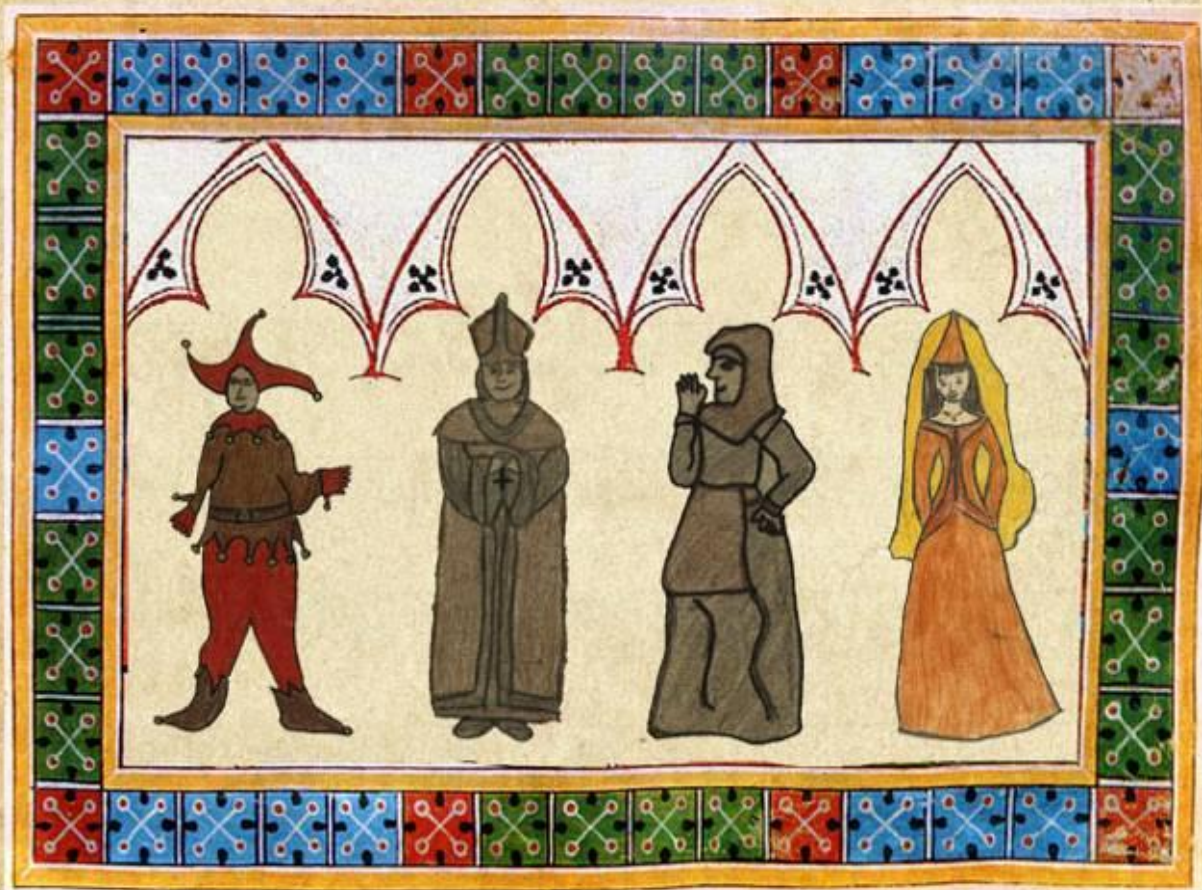
Formatação:



Na guerra enfrentada pela casa dos York com os Lancaster, o nome “Dragão” passou a ser sinônimo de crueldade. Temido e desprezado sem igual, Henrique VII o considera um de seus mais fiéis servidores. Depois de anos combatendo ardentemente por sua causa, a paz parece afirmar-se no reino e chega o momento de premiar a fidelidade do feroz e hermético guerreiro com uma recompensa ansiada por muitos: a mão de Lady Norfolk.

Lady Margaret Norfolk é uma mulher acostumada guiar as rédeas de sua vida; por isso, quando tem que defender-se dos avanços de um pretendente muito ansioso por conseguir sua mão, não duvida em pedir audiência ao rei e pactuar com ele. Agora, por decreto real está obrigada a contrair matrimônio com o genioso Dragão. Mas a prática moça não pensou em se deixar intimidar pelo imponente guerreiro; e mais, está disposta a lhe fazer frente sempre que lhe for possível. O que esconde o feroz guerreiro que tanto a comove?

Seu penetrante olhar cria na jovem uma ânsia difícil de qualificar, possivelmente seja certo que os dragões possuem um coração.





Caroline Bennett

À minha mãe.

*Embora não esteja comigo,
cuida para que nada me falte.*

Capítulo 1

Início

Os ecos da batalha se extinguíam lentamente, enquanto um espesso e persistente aroma de sangue e carne mutilada se estendia através do campo de batalha.

Adrian Wentworth, mais conhecido como “o Dragão”, embainhou sua espada com o braço tremendo pelas largas horas de luta e retirou de sua cabeça o elmo que a cobria. Com seu grito de guerra fez que os seus o rodeassem elevando suas espadas para festejar a vitória. Entretanto, não brilhava em seus olhos nenhum sinal de euforia. Tinha participado de muitas batalhas, em sangrentas guerras e sabia que na morte não há nada que festejar. Uma vez mais, tinha finalizado seu trabalho limpa e eficazmente conforme as ordens de Enrique VII, mas continuava sem se acostumar a tanta miséria.

Seus homens, contentes com a vitória, felicitavam-se com palmadas de ânimo e gritos de alegria. Adrian contou as baixas de sua guarda pessoal. Tão somente D’Claire mostrava uma ferida feia na perna.



Caroline Bennett

–Voltemos para acampamento – grunhiu elevando uma mão para que os outros o seguissem

O acampamento, montado no outro lado da colina, representava uma patética imagem de lar. As tendas de lona, em outros tempos de cores brilhantes, estavam agora cobertas de barro, sangue e neve.

Entre elas, pululava todo um exército que, embora não se ocupava de brandir a espada, cumpria com uma missão de igual importância para a vida do soldado: procurar alimento, diversão e bebida.

Os ambulantes e prostitutas festejaram a chegada dos soldados. Previam que a celebração dessa noite seria prolongada, mas ao ver o sombrio olhar do Dragão Wentworth apressara-se em se esconder, todos sem exceção temiam sua ira.

Frente a sua tenda Adrian lançou uma série de ordens a seus homens.

– Marcus, se encarregue de que os corpos sejam enterrados e chama o padre. Sem dúvida, irá querer rezar uma última oração por suas almas. Você, D’Claire, arranjar um médico que veja essa ferida, parece grave – e dirigindo-se de novo a Marcus – Se encarregue também dos prisioneiros, quero suas confissões amanhã há primeira hora.

D’Claire assentiu e se apressou a obedecer apoiando-se em Jules, o capitão do guarda e homem de confiança do Wentworth. Ainda montado em seu cavalo de batalha, Adrian pôde ouvir o cantarolar afeminado proveniente do interior de sua tenda. Em seu rosto cruzou uma careta de desgosto que aumentou ainda mais quando a entrada da tenda se elevou para dar passagem a um moço magro de lustrosa cabeleira ruiva.

– Até que enfim chegaram – gritou entusiasmado o jovem batendo Palmas. Adrian grunhiu uma maldição para si mesmo.

– Deixa de saltar como uma rã e me ajude a desmontar – ordenou. O moço se aproximou olhando com receio (e asco possivelmente) as botas enlameadas. Finalmente, e ante o olhar enfurecido de seu senhor, cruzou as mãos em forma de estribo e as ofereceu. O gigantesco pé tocou brevemente as mãos antes de posar no chão coberto de neve. O



Caroline Bennett

escudeiro se apressou em limpar na camisa para depois seguir a seu amo no interior da tenda.

– Hoje lhe preparei um guisado estupendo, embora tenha tido que brigar com a velha Mary. Só queria me dar uma porção de carne seca e velha, mas quando lhe disse que era para você, ela revirou os olhos, e apressou-se em servir o que pedia. É uma presunçosa e assim lhe disse - informou Eugen sem deter um segundo para tomar ar.

Adrian ignorou o falatório do jovem. Desfez-se de sua espada e seu elmo deixando-os cair em um canto.

– Te ocupe de que sejam lustrados e limpos para primeira hora. O jovem olhou com pouco interesse as armas. – Assim o farei. Agora se sente e jante - expressou servindo o guisado, que lentamente cozinhava em um fogão colocado ao lado da tenda.

– Me traga água. Eugen assentiu. – Sim, senhor, mas primeiro me deixe...

– Está demorando - resmungou Adrian, interrompendo-o mal-humorado.

O moço reapareceu minutos mais tarde trazendo um balde de madeira cheio de água. Sua bela face estava coberta de um intenso rubor e, Adrian soube por seu cenho franzido que, uma vez mais, tinha tido uma briga com algum de seus guardas pessoais. Só eles se atreviam a chatear ao moço.

Sim, devia lhes ser muito engraçado, que um homem como ele, cuja fama de assassino, violador e torturador que percorria o reino de ponta a ponta, tivesse como escudeiro um maricas como Eugen. A ele também o seria, se não tivesse que aguentar seus contínuos falatórios. Além disso, que Eugen tivesse passado a servir-lo não tinha nada a ver com uma decisão própria, mas sim a do pai do moço, um nobre, que tinha se sentido envergonhado com o comportamento do filho e com vontade de perdê-lo de vista. De certa forma, Eugen se parecia com ele, ambos careciam de família.



Caroline Bennett

Entretanto, dizer que Eugen era seu escudeiro era dizer muito: o moço se decantou, pouco a pouco, em uma espécie de servilismo no que parecia sentir-se muito a vontade.

– Aqui está a água. Esse besta de Marcus quase me faz derramar todo o balde, eu gostaria que alguém de seu tamanho lhe desse uma boa bofetada.

Adrian soltou um suspiro de desespero e após desprender a cota e a camisa, começou a se lavar. "Uma bofetada" Quem mais poderia ter utilizado uma palavra como aquela? Só Eugen.

O moço não tinha remédio. Adrian tinha desistido do propósito de tentar torná-lo um homem dos pés a cabeça. Eugen odiava as armas, alegava que o sangue e o aroma de suor lhe deixavam fisicamente doente. Em troca, entretinha-se cozinhando, remendando suas escassas roupas ou fazendo intrigas com putas e taberneiros, pensou Adrian acidamente, ao notar o aroma de lavanda no pano com que se secava.

Com gestos cansados Adrian se deixou cair em sua cama de armar.

– Não vai jantar? – perguntou Eugen com uma ponta de indignação. – Estou muito cansado.

– Mas... Passei todo o dia cozinhando para você!

Adrian não se dignou a responder, mas sim, girando sobre si mesmo, dispôs-se a desfrutar de um merecido descanso.

– Esta sim é boa! – protestou levando as mãos aos quadris. - É o prêmio que recebo por meu trabalho, desprezo. OH! A quem importa o pobre Eugen? Deixe-me dizer, a ninguém!

– Eugen! – advertiu Adrian farto de cenas.

– Nem sequer me felicitou por ter colocado em ordem esta pocilga. Certamente gostava mais como estava antes, isso se... Não lhe deu tempo de finalizar sua queixa, uma bota voadora cruzou o espaço da tenda a caminho de sua cabeça.



Caroline Bennett

– Fora daqui, macaco falador! Se não estiver contente com esta vida, de bom grado te mandarei de volta! – gritou Adrian.

Eugen recolheu a bota lançada e a colocou sobre uma pequena arca. Dignamente, estirou a camisa, mas antes de sair teve a ousadia de replicar. – Ao menos, não passaria tanta penúria como esta.

Adrian soltou um insulto enquanto se revolia em sua cama de armar. Maldito maricas! Algum dia acabaria por lhe cortar a língua. Mas no fundo sabia que o moço tinha razão. E também sonhava com um lar quente para retornar.

Margaret Norfolk, duquesa de Norfolk e Norwich apertou a missiva real em seu punho.

– Maldito parasita! – gritou enquanto girava cheia de ira. As saias formaram um redemoinho em torno de seus tornozelos em um torvelinho de seda e veludo.

Sua comitiva, composta de cinco damas, que a olharam alarmadas, mas permaneceram em silêncio.

– Se acredita que implorando a Enrique vai ficar com tudo o que é meu está muito equivocado!

Lady Sara, uma matrona imponente de amável rosto e a maior do grupo, deixou de lado sua costura e com expressão alarmada se levantou.

– O que diz a carta real? – perguntou – Acaso Lorde Marlowe conseguiu o que se propunha?

– Ainda é cedo para dizê-lo. O rei tão somente me pede que compareça ante ele o mais rápido possível.

– Mas isso só quer dizer que Marlowe cumpriu com sua ameaça – afirmou Lady Catelyn, viúva de um antigo vassalo de seu pai. – Afirmou que iria ante o rei para obrigá-la a casar-se com ele.

– Essa doninha não terá tanta sorte. Seus jogos sujos não lhe valerão desta vez – grunhiu Margaret fixando seus olhos azuis no fogo da lareira.



Caroline Bennett

Lorde Marlowe tinha aspirado ao ducado após a morte de seu pai. Numerosas tinham sido as ocasiões em que o conde se apresentou ante sua porta para exigir sua mão: amável e tenro a princípio, como um pretendente apaixonado; violento e ameaçador quando essa estratégia falhou. Mesmo assim, Margaret nunca acreditou que tivesse a ousadia de apresentar-se ante o rei para obrigá-la a lhe aceitar. Por mais voltas que desse, não via forma de Marlowe demonstrar nenhum compromisso entre ambos. Seu pai tinha disposto que suas posses passassem a ser do futuro marido, deixando a eleição deste a Margaret ou ao próprio rei. Em caso de não se casar, suas posses passariam às mãos de seu parente masculino mais próximo ou, em sua falta, à coroa. Mais animada se voltou novamente para suas damas.

– Anne, vá chamar o secretário e o mordomo.

Lady Catelyn observou a expressão de sua ama. Reconheceu-a imediatamente, pois era a mesma que seu marido exibia quando se dispunha a antecipar algo.

– Milady apostaria meu melhor véu que lhe ocorreu algo.

– Daremos ao infeliz do Marlowe um pouco de seu veneno – e dizendo isto amassou ainda mais a carta antes de lançá-la diretamente à lareira, observando com uma risadinha como as chamas devoravam o pergaminho.

– Senhora! – protestou Lady Sara – Não deve fazer isso, era uma carta real.

"Ao diabo!", pensou Margaret com mórbida satisfação. Estava livre para defender os seus.

Alfred, seu secretário pessoal, apresentou-se com o olhar escurecido pela preocupação.

– Milady – a saudou. Pela gravidade de seu rosto ninguém poderia adivinhar que era da mesma idade que sua jovem senhora. Apenas vinte anos.



Caroline Bennett

– Ah, Alfred! – disse Margaret aproximando-se do escritório junto à janela principal da biblioteca–. Devemos escrever uma carta ao rei, quero partir quanto antes para a capital. A missiva deve ser despachada hoje mesmo.

Alfred assentiu tomando assento junto a sua senhora. Com a ponta da língua tocou a ponta de sua pluma antes de molhá-la no tinteiro, uma mania herdada de seu pai, antiga secretário dos Norfolk.

John, o mordomo, fez sua entrada nesse momento interrompendo com uma desculpa.

– Lady Anne me pediu que me apresentasse a você, senhora, mas se estão ocupada voltarei em outro momento.

Margaret se apressou a levantar uma mão.

– Não, John, por favor, fique. É necessária sua ajuda. Recentemente, você mesmo entrevistou uma das velhas criadas do Marlowe. Faça com que se presente a mim o quanto antes possível.

O rosto do mordomo abandonou sua habitual circunspeção.

– houve algum problema?

– Marlowe se apresentou ao rei. Necessito de toda a informação que possa conseguir. Só uma boa defesa poderá deter seus avanços.

– Compreendo, senhora. Farei que a moça se presente a você o quanto antes possível.

– Obrigado, John. E de novo se virou para Alfred. - Bem, comecemos.

Por toda Norfolk correu a notícia de que Lorde Marlowe se converteria em breve seu senhor e uma sombra de pessimismo se apropriou de cada um dos habitantes do ducado. Mesmo sabendo que sua senhora estava preparando uma boa defesa a seu favor, não escapava a ninguém que se o rei ordenasse aquele matrimônio nada poderia fazer.

Cinco dias depois de ter recebido a comunicação real, Margaret estava pronta para partir. Não tinha sido fácil preparar uma viagem tão



Caroline Bennett

importante em tão breve espaço de tempo. Além disso, a crueldade do inverno lhe tinha obrigado a atrasar a partida.

Quando a comitiva ducal partiu para a capital do reino, a jovem duquesa se posicionou à frente. Seguiam viagem com ela duas de suas damas, Alfred, uma carreta puxada por bois com seus pertences e um pequeno grupo de homens a cavalo.

Antes de deixar Norfolk para trás, Margaret jogou um olhar por sobre o ombro prometendo-se a si mesmo que resgataria seu lar das garras de Marlowe.

Enrique VII escutava sem atenção a alegação por escrito que nesse momento apresentava um de seus vassalos. Seu discurso se alargou até o impossível expondo, uma e outra vez, suas necessidades. Exasperado, Enrique tamborilou os dedos sobre sua perna. Com muita dificuldade suportava o tédio que o invadia. Por fim, o homem ficou em silêncio à espera da decisão real.

Enrique o observou brevemente antes de chamar um de seus conselheiros que esperava perto do trono. O homem vestido todo vestido de negro, segundo sua condição, sussurrou-lhe algo ao ouvido e Enrique assentiu.

– Concedo-lhes pois o pedido – sentenciou com graça régia.

– Obrigado, sua majestade, mil obrigado – interrompeu em homem dobrando uma e outra vez em extravagantes reverencia.

Enrique elevou a mão silenciando-o.

– Não me deixastes terminar. Meu conselheiro me conta que suas terras sofrem com ataques de ladrões e salteadores. Entretanto, sabem que o reino lida agora com uma batalha mais importante para acabar a revolta dos partidários dos York. Assim, disponho um grupo de cinquenta homens que partam logo em seguida para suas terras a fim das defender e restaurar a ordem, sendo você, em qualquer caso, quem deve ficar encarregado de sua manutenção e de seu pagamento.



Caroline Bennett

O decreto real apagou a expressão de satisfação do homem, mas mesmo assim, apressou-se a assentir. – Obrigado, meu senhor, por sua generosidade.

Os passos dos homens ressonaram no chão do salão do trono em sua retirada, seguida pelos olhos do Enrique. Quando a porta se fechou atrás dele, o monarca ficou em pé estirando o manto em torno dele.

–Por Deus!, Quanto tempo resta dessa tortura? Levo horas, sentado escutando queixas e petições. E ninguém pode se aproximar de mim sem ter nada que pedir?

Um de seus conselheiros consultou seu livro.

– Só fica um assunto mais, majestade, e por hoje terminou.

– De quem se trata? – perguntou Enrique com pouco interesse enquanto pegava uma fruta confeitada de uma bandeja.

– Lady Norfolk, duquesa de Norfolk solicita ser escutada para rebater a petição de Lorde Marlowe.

– Bem, acabemos quanto antes com isto, mas antes, me sirvam uma taça desse vinho português.

Minutos depois, foi anunciada a presença de Lady Norfolk no salão do trono. Seus passos soaram energicamente no chão antes de ser amortecidos pelo tapete que se estendia aos pés do monarca. Ia seguida de perto por um jovem secretário que levava grossos livros sob seu braço.

A dama, embelezada com um magnífico vestido de veludo granada adornado com pedras de azeviche, surpreendeu-o com uma elegante inclinação. Sua cabeça, coberta com um véu se mantinha timidamente inclinada, expressão de seu bom berço. Entretanto, seu corpo de formas elegantes, proporcionava e conservava uma pose firme, com os ombros para diante e as mãos sujeitando a volumosa saia.

– Majestade. – A jovem se inclinou em uma impecável reverência.



Caroline Bennett

- Está bem. – Desprezou o monarca com impaciência agitando uma mão.
- Se mal me recordo Lorde Marlowe solicitou sua mão. Têm algo a dizer a esse respeito? – perguntou sem deixar de estudá-la.

Marlowe a havia descrito como uma moça néscia e sem atributos que devia agradecer os cuidados que o conde lhe outorgava. Bem, agora a jovem que se apresentava ante ele não se parecia muito com a moça necessitada que Marlowe afirmou que era. Nesse momento, a jovem levantou a cabeça e Enrique piscou ante a profundidade daqueles olhos azuis, quase celestes.

- A palavra "algo" carece do conteúdo suficiente para expressar tudo o que meus lábios querem dizer neste momento. Majestade, Lorde Marlowe ultrapassou o limite que Deus impôs a um demente. Ao vir a sua presença para me obrigar a aceitá-lo, não tem feito outra coisa do que atuar como o que é: um néscio.

A efervescência daquela jovem surpreendeu gratamente ao monarca.

Não, sem dúvida ali não havia nada da mulher descrita por Marlowe. A jovem parecia saber como defender-se. Sua língua era uma arma afiada e estava disposta a esgrimi-la com energia. Uma surpresa para os sentidos de todo aquele que decidisse perder-se na imensidão daqueles olhos azuis, emoldurados por largas pestanas e aristocráticas sobrelanceiras. As bochechas, brandamente rosadas, denotavam uma vitalidade contagiosa e seu nariz, pequeno e ligeiramente arrebitado, despertava uma imediata simpatia. Mas o traço mais favorecedor desse rosto, junto com seus olhos, eram aqueles lábios carnudos e vermelhos como os morangos de maio. Naquele tempo, em que as mulheres suspiravam por lábios finos e pálidos, os lábios do Lady Norfolk era a recompensa justa para alguém faminto de beijos.

- Continue, por favor, com sua alegação por escrito.

Margaret inspirou ligeiramente tratando de acalmar seu coração acelerado, a presença do rei a intimidava, mas sabia que de suas próximas palavras dependia o futuro de Norfolk.



Caroline Bennett

– Meu senhor. Lorde Marlowe não é meu prometido, nunca foi e nunca o será – afirmou.

– Alguma vez? – perguntou Enrique arqueando uma sobrancelha.

Margaret fez uma careta reconhecendo seu engano. Marlowe bem poderia converter-se em seu marido se assim o impunha Enrique.

– O que quero dizer, majestade, é que meu pai nunca aceitou Marlowe como meu pretendente. Depois de sua morte, Lorde Marlowe pareceu esquecer esse pequeno detalhe e insistentemente se apresentou ante minha porta exigindo minha mão, mas como já lhes disse, nunca houve compromisso.

– O afirma que como mulher é incapaz de sustentar seu ducado.

Margaret deixou escapar um bufado que deixou boquiaberto a um dos conselheiros.

– Posso desmentir essas palavras e o farei. – A um sinal de sua mão o secretário que a acompanhava se aproximou para mostrar ao monarca um de seus livros.

Enrique solicitou a ajuda de um conselheiro para decifrar as contas que lhes era apresentada.

– Como verão, Norfolk incrementou seus lucros até em época de guerra. Sua economia se mantém saneada e sem dívidas e, o que é mais importante, os benefícios do comércio de lã começam a dar seus frutos, por isso o ducado pagará mais à coroa. – afirmou, apelando sutilmente a um tema de soma importância para Enrique, como era a necessidade de arrecadar mais dinheiro para suas paupérrimas arcas.

Enrique estudou as cifras com crescente interesse.

– Prodigioso. Continuem, por favor.

– Obrigado, meu senhor. Meu pai me ensinou tudo sobre os mercados da lã e embora fosse duro para mim, por minha condição de donzela, pouco a pouco me foram aceitando graças a meu sobrenome e meu bom trabalho. Apresento-lhes também fatura que podem ver a precária



Caroline Bennett

situação do Marlowe. São muitos seus credores. Asseguro-lhe, sua senhoria, que se Marlowe colocasse suas mãos nas arcas de Norfolk seria apenas para esvaziá-las e financiar assim suas contínuas farras e seu afã pelo jogo. Com as arcas diminuídas, Norfolk dificilmente poderia fazer frente às obrigações reais.

Enrique rompeu a rir e seu secretário pessoal e seus conselheiros lhe cercaram.

– Não há dúvida, moça, de que aludistes a uma questão sagrada como são os impostos. Sabe que os tempos são difíceis para a coroa e precisamos arrecadar recursos.

Margaret assentiu. Podia saborear a vitória em sua boca.

– Então, meu senhor, proponho um trato.

Enrique arqueou uma sobrancelha, cada vez mais impressionado com a loquaz e atrevida donzela.

– Morro por ouvi-lo.

Margaret sorriu apenas e fez um novo gesto a seu secretário, que se aproximou com uma pequena arca repleta de moedas ouro.

– Aceite isto em nome de Norfolk em troca de preservar minha mão para um candidato mais adequado.

Novamente, Enrique começou a rir. A hilaridade do rei se contagiava entre seus conselheiros.

– Meus bons amigos, acredito que saberão entender por que desta vez não lhes consulto. A questão parece enaltecer claramente o lado da donzela. Marlowe não merece tanta graça.

O alívio descendeu sobre Margaret como uma brisa fresca. De novo era livre, Norfolk era livre. A euforia ameaçou transformando-se em gritos de alegria.

– se aproxime milady e tomem minha mão.



Caroline Bennett

Margaret observou a mão delegada e de compridos dedos que se estendia para ela. Finalmente, ajoelhou-se e tomou a mão para beijá-la.

– Eu, Enrique, monarca destas terras, prometo cumprir o trato acordado.

"O trato?", pensou Margaret e logo em seguido se deu conta de seu engano. Tinha dado ao Enrique a oportunidade de lhe impor um marido por eleição. De todos era conhecida a política de matrimônios de conveniência praticada pelo monarca. Extremamente alarmada, Margaret elevou seus olhos para encontrar com os do monarca.

– Não tema, Lady Norfolk, prover-lhe-ei de um marido a sua altura. Ao fim e ao cabo, por isso me pagastes.

A angústia lhe impedia de responder.

Tola, tola e mil vezes tola!

A mão do rei apertou a sua, reclamando silenciosamente sua promessa de obediência.

– Eu, lady Norfolk, comprometo-me a lhes obedecer confiando em seu julgamento – pronunciou com voz suave – Sábio, espero.

As gargalhadas do monarca encheram de novo a sala real.

– Não tema. O melhor galgo levará tão preciosa lebre.

Ninguém descreveria melhor seu ânimo.



Caroline Bennett

Capítulo 2

A intensa chuva que desde há primeira hora caía sobre Londres tinha desfeito o manto de neve que cobria as ruas, e a convertia em uma água suja e lodosa que se concentrava em pequenos e escuros atoleiros ao



Caroline Bennett

longo das ruas. O barro dificultava o passo e, e como senão bastasse, rajadas de vento gelado varriam de extremo a extremo a cidade.

O mau tempo era a razão pela qual o botequim se achava tão cheio há essas horas, próximas ao meio dia. Os corpos apertados desfrutavam de do calor dos fornos, a cerveja quando a moça estivesse disponível.

Adrian e seus homens ocupavam uma mesa ao fundo do local enquanto esperavam ser servidos.

– por que acha que o rei lhe chamou tão repentinamente? – perguntou D’Claire, restabelecido já de sua última ferida.

Adrian encolheu seus largos ombros enquanto observava com indiferença à moça que nesse momento começava a distribuir pratos de barro entre os comensais: Jules, Marcus, D’Claire e ele mesmo.

– Possivelmente necessite de meus serviços uma vez mais.

– Já. A questão é que o rei nunca lhe chamou para indicar onde deviam ir; geralmente, limita-se a mandar um mensageiro – lhe contrariou Marcus, um guerreiro que estava a seu lado há cinco anos e pelo que muitas juvenzinha, ou não tanto, suspiravam.

– Serviste-o bem todos estes anos, é possível que queira lhe recompensar – teorizou D’Claire.

– Não espero recompensa alguma por servir bem a meu rei – grunhiu enquanto tomava um gole de cerveja negra.

Seus homens reprimiram uma careta.

– Esta há anos lutando por sua causa, seria justo que ele o recompensasse – replicou Jules.

Adrian voltou a encolher-se de ombros.

– por agora, só quero jantar e não conjeturar sobre as intenções de Enrique. Tenho muita fome.

Foram suas palavras. De sorte que uma grande fonte de carne era depositada sobre a mesa.



Caroline Bennett

– Por um dia, esqueçamos os guisados de Eugen – lhes convidou.

Todos riram.

– Asseguro-lhes que estariam um ano comendo esterco se ele ouvisse isso. É mais violento do que aquela leiteira que Marcus deslumbrou em certa ocasião, se não me recordo mal por esta data o ano passado – riu D’Claire.

– D’Claire, por que não ocupa a boca com outra coisa que não sejam estupidez? – falou Marcus, fingindo-se ofendido.

Quando o fumegante aroma de comida tomou conta da mesa todos se esqueceram de Enrique, Eugen e a leiteira para concentrar-se no cheiro da comida. Comeram devagar, saboreando cada bocado, pois eram contadas as ocasiões nas quais um guerreiro podia desfrutar de uma boa comida. Assim era, que Adrian estava seguro de que muitos trocariam felizes suas botas de cano longo de guerra por um bom banquete.

Os homens se lançaram sem resmungos à farra. As mesas de jogo de dados atraíam muitos que se amontoavam entorno em uma ensurdecadora gritaria. A cerveja corria a torrentes e várias vezes tiveram que trocar o barril que abastecia o botequim.

Naquele ambiente, Adrian podia ficar a vontade, sempre e desde quando se mantivesse no anonimato. Desgraçadamente, seu nome vinha associado, para quase todos, com a violência e o terror.

Com a sede e os apetites já saciados, os interesses se encaminharam irremediavelmente para outra classe de apetites.

Adrian escolheu uma rosada e gordinha garçonete que, depois de uns jogos prévios e várias moedas enfiadas em seu decote, mostrou-se disposta a subir em sua companhia ao andar superior, onde se dispunham os quartos para os momentos mais íntimos.

Mas D’Claire decidiu que esse era o momento de abrir seu grande boca e acreditando lhe fazer um favor, aconselhou à moça:



Caroline Bennett

– Trate bem a nosso senhor

– Assim o farei. Parece necessitado de companhia feminina – repôs acariciando sem pudor o enorme corpo do guerreiro.

– Bem, já viu que o Dragão não é tão feroz como o pintam.

Adrian conteve uma maldição e sentiu que entre seus braços a mulher se esticava.

– Se... refere ao Dragão Wentworth?

– A quem se não? – riu Marcus.

A palidez da moça delatava seu medo, mas já era muito tarde, pois tinha acendido, com suas carícias, a paixão do guerreiro.

– Vamos – ordenou Adrian bruscamente, puxando a moça.

Perguntou-se o que teria ocorrido se ela não soubesse seu nome, se mostraria então mais satisfeita? Menos temerosa?

Depois de um apressado encontro carnal, Adrian entregou umas moedas mais à mulher, apressando-a para que o deixasse só enquanto se esticava sobre a áspera manta. Não que a moça o tivesse ofendido de algum modo: seu mau humor provinha do seu estado de espírito e ocorria sempre após um apressado encontro carnal.

Desde muito jovem tinha descoberto que as mulheres ou o aborreciam ou o temiam, dependendo da classe a que pertencessem.

As de berço nobre desprezavam sua origem humilde e o apoiavam por ter sido recebido por Enrique. Como podia Enrique ter como preferido o filho de um simples camponês? Como podia lhe confiar tanto poder, quando não era mais que um sem sobrenome? Perguntavam-se. Suas maneiras ou, melhor, a falta deles as fazia rir de desprezo.

Mas Adrian não encontrava refúgio tampouco entre os de mais baixa condição. Inclusive as prostitutas fechavam com força os olhos quando sabiam quem era ele. Em silêncio, rezavam para que tudo acabasse rápido e que o Dragão não cedesse a seus instintos e acabasse as matando, as degolando ou sabe Deus o que outras coisas.



Caroline Bennett

Era por isso que Adrian tratava de satisfazer suas necessidades com rapidez, como um animal com medo de ser descoberto. Depois, algo em seu interior o deixava enojado por aquele tipo de encontros. Era necessário convencer-se de que, no fim de contas não era tão mau, como qualquer outro.

Apoiado em uma coluna, Adrian observava com manifestado desinteresse a atividade de Westminster Hall. Acompanhado por Jules, essa manhã havia partido da estalagem vestido com suas melhores roupas, que em qualquer caso não poderia superar nem de longe às de um simples criado. Sentiu os olhares quando seu nome foi anunciado. O desprezo que os grandes nobres sentiam para sua pessoa era evidente. Não podiam suportar que o filho de um mero camponês provocasse no rei tanta devoção e graça. Adrian podia ouvir suas mentes trabalhando freneticamente. Com um suspiro alisou a pouca barba. Tinha vontade de que tudo terminasse o quanto antes.

Jules, pouco acostumado à atividade da corte, sentou-se em um dos bancos junto à parede e tinha começado a beber o caro vinho que os criados serviam sem regular. A essa hora da tarde, e após ter passado mais de cinco horas no mesmo lugar, Adrian calculava que estaria próximo ao desmaio.

Por fim, seu nome foi anunciado pelo secretário real. Caminhou atrás dele para o salão do trono onde Enrique o esperava sentado próximo ao fogo.

O monarca sorriu ao vê-lo e, deixando de lado o pergaminho que lia no momento, ficou de pé para aproximar-se.

– Wentworth. Lamento não ter podido lhe atender antes, questões de estado, como saberão – pronunciou com manifesta alegria.

Adrian o saudou com uma reverência.

– Majestade, fazia tempo que não tinha a honra de estar ante tão ilustre presença – expressou observando seu rosto alargado e magro.

– Bem, vamos deixar de tantas formalidades. Vêem, te aproxima do fogo. Esta sala é tão grande que não consigo sentir calor nem no verão.



Caroline Bennett

Adrian o seguiu para as cadeiras.

Com um gesto de sua mão, um jovem pajem se aproximou para encher suas taças de vinho e lhes servir comida.

– me conte como foram as campanhas do oeste, conseguistes acalmar aos enfurecidos partidários dos York?

– Uma vez mais, minha espada e seu nome conseguiram temperar os ânimos. As brigas continuam, mas são poucos os que participam.

– Bem, bem.

O monarca fez um comprido silencio estudando com atenção o guerreiro.

O semblante de Wentworth não havia mudado muito ao longo dos anos: seguia mantendo-se igualmente sério, embora o monarca sabia que não tinha muitas coisas pelas quais sorrir depois de toda uma vida de misérias.

– Quantos anos têm?

A pergunta o pegou de surpresa Adrian, que respondeu mecanicamente.

– Vinte e cinco, majestade.

Enrique acreditava que fosse mais velho.

– Excelente. Diga-me, está casado?

– Não – respondeu Adrian, confuso pelo súbito interesse do monarca em sua vida privada.

– Não há tampouco uma prometida que deva conhecer. Certo?

Aonde queria chegar?

–Não, não a há.

Enrique acariciou a pele de seu manto com um misterioso sorriso nos lábios.

– Ao longo de todo este tempo, serviste-me bem. Dei-me conta que muitos dos que hoje se aproximam de mim, antes cuspiam sobre meu



Caroline Bennett

nome, mas não você. Sempre estive ao meu lado, mesmo nos momentos ruins.

– Meu pai lutou e morreu por sua causa, majestade, eu não podia estar mais que a seu lado.

Era certo, Enrique compreendia que um homem tão leal como Wentworth merecia uma recompensa justa. Durante muito tempo tinha pensado qual seria essa recompensa. Pensou, inicialmente, em um título acompanhado de terras; entretanto, a paupérrima situação da coroa depois de vários anos de guerra civil lhe impedia de cumprir esse desejo. Depois de meses de meditação, tinha chegado a uma solução que o satisfazia enormemente.

– Sim, e eu demorei muito em lhe recompensar justamente – pronunciou o monarca com voz solene.

Adrian conteve o fôlego, pois intuía que as próximas palavras mudariam sua vida irremediavelmente.

– assim, você deixara seu cargo e de agora em diante desfrutará de sua nova condição como duque de Norfolk, embainhará a espada e se dedicará a administrar suas terras.

Norfolk? Norfolk! O coração do Adrian pulsou desmedido. Aquilo supunha mais do que jamais tinha sonhado. Norfolk!

Obrigou-se a acalmasse o suficiente para agradecer semelhante prêmio.

– Obrigado, majestade, na realidade todos estes anos trabalhei contente em lhe servir. Norfolk supera qualquer expectativa que pudesse ter.

–Em princípio pensei em lhe dar um posto aqui na corte – reconheceu Enrique, ante o gesto de autêntico horror do guerreiro, adicionou – mas não se preocupe, desprezei-o logo que me ocorreu. Antes de uma semana acabaria suicidando-se do tédio.

– Insisto, Norfolk supera qualquer aspiração – asseverou Adrian humildemente.

– Bobagens! É uma justa recompensa. Mas exige de você uma condição.



Caroline Bennett

– Farei tudo que me ordene.

– Mesmo que o caminho para o Norfolk passe pelo matrimônio?

Matrimônio? Luzes de emergência acenderam na cabeça do Adrian.

– Matrimônio? –repetiu

– ouvistes bem, Wentworth. É meu desejo que parta o quanto antes para Norfolk e despose a duquesa Margaret Norfolk.

– Por Deus, Enrique! Não pretende que me case com uma duquesa? – perguntou Adrian perdendo a compostura e ignorando o tratamento real

– Não o farei, prefiro renunciar e seguir brandido minha espada.

Enrique sorriu apenas

– Não entendeu, Wentworth comprometi minha palavra.

–Você e a lei, por todos os demônios! Podem fazer e desfazer sua vontade.

– Está equivocado.

– Maldita seja!

Adrian ficou em pé e começou a mover-se como um leão enjaulado.

– Não pode me obrigar, não o farei.

Enrique golpeou com o punho a mesa.

– Ousa me desobedecer?

Adrian franziu o cenho e depositou um olhar furioso a figura do monarca. Tratou de controlar sua ira, pois sabia que se movia em águas perigosas.

– me perdoem majestade, é que... – suspirou passando a mão pelo cabelo.

– Sim, entendo. Sente-se de novo e vamos discutir isto tranquilamente.

Adrian obedeceu à contra gosto.

– Sei que lhe peço muito. Não desconheço que detesta o matrimônio.



Caroline Bennett

- Não tanto quanto à mulher que tenho que desposar.
- Acaso a conhece? – Havia ironia na voz do Enrique.
- Não, mas conheço as de sua classe.
- Por todos é conhecido o motivo para detestar aos nobres, mas lhe asseguro que Lady Norfolk não é uma mulher convencional.
- Não me importa. Se me obrigar a tomá-la por esposa farão da minha vida um inferno.

Enrique riu e Adrian sentiu um irrefreável desejo de golpeá-lo.

- Por todos os Santos! Se não o conhecesse diria que têm medo deste matrimônio.

Adrian o fulminou com o olhar, mas reconheceu sua derrota.

- Partirei para cumprir com suas ordens – concluiu com rigidez, ficando em pé e inclinando brevemente a cabeça em despedida.

O monarca se sentiu ferido pela frieza dessa despedida. Adrian tinha sido um de seus melhores homens e doía seu ressentimento. Ao lhe outorgar a mão de Lady Norfolk tinha acreditado que o estava premiando, mas o guerreiro não apreciava o gesto.

- Vá – ordenou dando as costas.

Depois da grave despedida, Enrique se perdeu em seus próprios pensamentos.

Sentia uma profunda admiração por Wentworth e jamais o teria obrigado a um matrimônio semelhante se não tivesse plena confiança em sua decisão. Estava convencido de que tanto Wentworth como a duquesa sairiam beneficiados dessa união.

Jules ficou em pé torpemente quando o viu. Sustentava em sua mão uma taça que se apressou em beber para deixá-la com descuido em uma bandeja, sob o olhar de desaprovação dos demais. Em silêncio, seguiu-o até o pátio exterior rodeado de jardins.



Caroline Bennett

Com passo veloz, Adrian retornou à estalagem. Jules, embaraçado por seu silêncio, não se atreveu a perguntar nada.

Finalmente, quando Adrian chutou com fúria uma pedra, Jules perguntou.

– De que falou com o rei? Qual será nosso próximo destino?

– Norfolk – respondeu Adrian sem deter-se.

Jules coçou a cabeça.

– Pensava que o ducado tinha decidido já a cor de sua rosa.

Adrian grunhiu algo.

– Prepara tudo. Partiremos amanhã na primeira hora.

– Está bem, assim será, mas, me diga: por que está tão furioso? Só será uma batalha a mais. Possivelmente esperavam um prêmio mais suculento de sua entrevista com o rei?

De novo Adrian permaneceu em silêncio.

– discutiu com Enrique?

– Não. – mas depois emendou – Sim, maldito seja!

Entraram na ruela que circundava o bairro dos artesãos e se dirigiram para a estalagem.

– O rei relevou minha função – anunciou ao fim.

– Acaso o convenceram as línguas venenosas da corte? Sempre tiveram inveja ti, mas não são homens o suficiente para enfrentá-lo – acusou Jules encolerizado.

– Calma, não me deixaste acabar. Enrique me dispensou das minhas funções para me outorgar outras.

O maciço corpo do Jules, muito mais baixo que o de seu senhor, perdeu parte de sua tensão.

– Ah! bem.



Caroline Bennett

– Confiou-me o ducado de Norfolk.

– Norfolk? toda Norfolk?

– Isso e mais.

– A que se refere?

A confusão voltou para rosto do guerreiro. Terras como Norfolk superavam qualquer aspiração de um homem sem título como Wentworth mas... havia algo que não estava se encaixando. O rosto do Adrian não era o rosto de um homem feliz com seu destino.

– Há uma condição para me dar essas terras. – Fez uma dramática pausa-. Como bem sabe, careço de linhagem. Nenhum nobre aceitaria que um homem como eu recebesse um título sem possuir sangue azul nas veias mas...

– mas...?

– se me casar com alguém que sim tivesse.

– portanto...

– portanto Enrique decidiu que, já que o primeiro é irremediável, tenho que tomar uma esposa. Tenho que me casar com Lady Norfolk.

Jules fechou a boca tratando de assimilar a notícia. Levou-lhe uns segundos para chegar à conclusão de que aquele matrimônio estava exposto à desgraça.

Margaret golpeou o chão com o pé relendo velozmente a carta real. A cor tinha abandonado seu rosto e sua expressão de total angustia era observada por suas damas e por Alfred.

– Não pode ser – pronunciou, negando-se a acreditar no que Enrique ordenava. - Maldito!

Um ofego geral seguiu a essa maldição.

Margaret deixou cair à mão que sustentava a carta. O mundo girava violentamente frente a seus olhos e ela era incapaz de detê-lo.



Caroline Bennett

Lady Sara se aproximou para tomar a carta de sua mão e ajudá-la a sentar-se.

– Sente-se bem?

Margaret negou com a cabeça.

Bem? já nada voltaria a estar bem em sua vida.

– Sim, mas queria poder adornar o vestíbulo com a cabeça de Enrique.

– Senhora! – protestou Lady Catelyn. Uma afirmação como aquela podia levar a qualquer um ao cadafalso.

– Esse fanfarrão não demorou muito em me atribuir um marido.

– Quer dizer que já têm um prometido? – perguntou Lady Anne, apenas uma menina de formosos olhos.

– O Dragão Wentworth – anunciou.

As mulheres contiveram um grito de horror.

– Wentworth? – perguntou Lady Sophie consternada.

Margaret afirmou com a cabeça.

Esse inseto do Enrique a tinha tirado da frigideira para lançá-la diretamente ao fogo. A fúria se apoderou dela. ficou em pé e caminhou até a lareira. Suas damas, permaneceram em silêncio.

– Possivelmente não é tão mau como dizem – sussurrou Lady Anne desejando que alguma lhe desse a razão. - Possivelmente, todo isso que dizem dele seja só falatórios.

– Eu mesma escutei uma mulher contar como tinha sido torturada nas mãos do Dragão. Flagelou-a fazendo-a caminhar sobre brasas ardendo, antes de lhe abrir o estomago com sua espada – contrariou Lady Sophie.

– E como é que sobreviveu? – perguntou Anne aterrorizada.

Lady Sophie deu de ombros.



Caroline Bennett

Lady Sara interveio para pôr ordem. – Basta de tolices. Essa mulher que diz não era mais que uma charlatona disposta a ganhar umas moedas inventando-se qualquer conto. Estou segura de que o Dragão..., quero dizer, Wentworth, é uma pessoa de carne e osso como todas nós. Se não fosse assim, Enrique não o teria escolhido.

– Enrique sempre teve um péssimo senso de humor. Isto não é mais que uma amostra disso – grunhiu Margaret.

Ato seguido, e como na vez anterior, atirou o pergaminho real ao fogo.

– Irei dar um passeio – anunciou.

Suas damas compreenderam sua necessidade de ficar só.

– Trarei sua capa, faz frio. – ofereceu-se Lady Sara.

Margaret lhe dedicou um sorriso apagado, mas negou com a cabeça.

– Deixa, eu mesma pego.

Abandonou a sala para dirigir-se para o vestibulo. O enorme saguão estava aquecido por uma descomunal lareira em que ardia um grande tronco. Margaret recordou que em sua infância tinha jogado dentro da lareira nas tardes do verão imaginado que se tratava de uma cova profunda.

Sobre a mesma, pendurava o escudo e as armas da família e à direita o retrato do antigo Duque, seu pai, que olhava ao mundo com altiva severidade. Mas não tinha existido tal severidade realmente, recordou Margaret com carinho. Da morte de seus pais Margaret recordava continuamente os felizes momentos vividos em família. Subindo pela grande escada de madeira polida acariciando com ternura a balaustrada esculpida.

Caminhou com passo lento até seus aposentos. Tinha ocupado a habitação pouco depois de seu pai morrer. Aquele era seu santuário, seu refúgio frente aos problemas cotidianos. Era possível, que depois de seu matrimônio, aquele refúgio se transformasse em uma câmara de torturas.



Caroline Bennett

recriminou-se mentalmente por seu dramatismo e, depois de agarrar sua grossa capa de lã, descendeu de novo até o vestíbulo.

John, o mordomo, saudou-a aconselhando-a ter prudência, pois o tempo parecia querer piorar. Em troca, o frio vento do norte lhe pareceu vivificador. Suas saias bailaram em torno de suas pernas ao compasso das rajadas enquanto tomava o caminho principal.

Margaret inspirou uma profunda baforada de ar fresco.

Seus passos a levaram para a colina onde sua mãe tinha ordenado construir um singelo banco de madeira, como um mirante, à proteção de um enorme olmo, similar ao grande olmo de Norwich. A seus pés, estendia-se a mansão rodeada de extensos pastos e bosques. Nos dias claros, podia divisá-la cidade e ao leste Norfolk Broads, zona pantanosa cheia de lagos misteriosos. Era uma casa formosa. Seu lar.

Margaret se sentiu alagada por uma grande onda de orgulho, o mesmo orgulho do que seu pai tinha quando mostrava a propriedade a seus convidados. Os olhos do antigo duque brilhavam de satisfação, como os de um pai ante as primeiras palavras de um filho.

Margaret tinha herdado o mesmo amor para aquelas terras aplicando-se na tarefa das manter a salvo de tudo. Mas desta vez, sentia-se vencida. Não havia nada a fazer. Possivelmente o matrimônio com Marlowe não teria sido tão mau depois de tudo. Margaret o conhecia e teria sabido como lidar com ele. Entretanto, Wentworth, o Dragão, era um completo desconhecido.

O que podia fazer? perguntou-se enquanto se sentava.

Apoiou o queixo sobre a mão e recordou mais uma vez seus falecidos pais. Murmurou uma oração para eles, elevando o rosto para o céu, suplicou uma resposta. Recordou os conselhos de seu pai: "Faz que os problemas se convertam em vantagens", havia-lhe dito em certa ocasião. "Vantagens? Que vantagens poderia haver em casar-se com um guerreiro sanguinário?", perguntou-se. "Não importa", disse-se, "as encontraria". As encontraria, repetiu como em uma promessa.



Caroline Bennett

Sua mão acariciou a áspera casca do olmo querendo absorver sua força.

E como um sinal de aprovação um relâmpago cintilou sobre Norfolk.

Margaret permaneceu ali, enquanto observava seu lar jurava a si mesma defendê-lo contra tudo.

– Hora de voltar para casa – anunciou ao vento quando as primeiras gotas começaram a cair.

Jules fazia avançar seu cavalo em passo lento. achava-se nas cercanias do Norwich e seus olhos curiosos observavam tudo com atenção.

Adrian o elegeu como olheiro e tinha por missão lhe informar sobre Norwich, e embora o nome de Lady Norfolk não tivesse sido pronunciado, Jules sabia que era parte principal de sua missão de informação. Norwich resultou ser muito maior do esperado: não em vão tinha sido uma das cidades normandas de maior importância. Suas ruas levantadas e estreitas faziam difícil a orientação.

Depois de cruzar a ponte Carrow, situado entre dois torreões que formavam parte do sistema de defesa da cidade, Jules chegou a uma formosa torre construída em tijolo e rocha de sílex e ali se viu obrigado a perguntar o caminho para a mansão de Lady Norfolk a uns camponeses.

Os homens, possivelmente um pai e seu filho, mostraram admiração por seu cavalo e pela grande espada que pendia de seu cinto.

– É um guerreiro? – perguntou o mais jovem.

– Sou.

– É enviado do rei?

– Não, na realidade estou de passagem – mentiu Jules consciente de que podia obter informação deles.

– Conhecem Lady Norfolk? Ambos afirmaram com a cabeça.

– Veio procurá-la por acaso?

– Não, só senti curiosidade. Existem rumores que logo se casará com o famoso Dragão por ordem real.



Caroline Bennett

Os dois homens fizeram o sinal da cruz como se apenas ao mencionar o nome este pudesse aparecer.

– Norfolk teme esse dia.

– E Lady Norfolk também o teme?

O mais jovem sorriu mostrando uma dentadura desigual.

– Não acredito. Ela jamais se comportou como uma mulher, inclusive se atreveu a jogar Lorde Marlowe aos cães. Há esta hora, devia estar pensando em algo para se livrar do Dragão.

– Não se pode negar que a donzela não seja voluntariosa, mas muitos homens não apreciam isso. digam-me é formosa? Bem pode presentear a seu futuro com sua beleza.

Os homens se mostraram indecisos.

– é nossa senhora – se apressou a dizer o velho demonstrando firmeza em sua fidelidade.

– Servos então. Vão com Deus – despediu-se Jules.

O velho guerreiro pôde extrair suas próprias conclusões da conversação: Lady Norfolk era uma dama caprichosa, com vontade própria (mau sinal para uma esposa) e pela reticência mostrada a falar sobre sua beleza, carente de atrativo. Adrian não ia gostar.

Seguindo o caminho indicado pelos camponeses chegou ao alto de uma suave colina, onde deteve seu cavalo, e conteve o fôlego.

A mansão Norfolk se estendia a seus pés com uma doce promessa de acolhida.

Construída em granito e mármore, sua planta quadrada era rodeava um pátio interno de grandes dimensões. Um largo caminho empedrado, bordejado de enormes carvalhos, conduzia diretamente para a entrada principal, onde uma grande escada se levantava para uma porta dupla entalhada.

em frente, um pequeno lago refletia a imponente estrutura.



Caroline Bennett

Fincou os joelhos nos flancos de seu cavalo e se dirigiu para o que seria o novo lar de seu senhor.

– Eugen vai dar um ataque – predisse imaginando a cara do moço quando visse tudo aquilo.

Evitou a entrada principal para dirigir-se à parte posterior. Estranhamente, a mansão se mostrava tranqüila e somente um cães mostraram interesse em sua chegada ladrando com excitação. Um criado cruzou o lugar com um balde cheio de grão.

Jules o interceptou para lhe interrogar.

– Não há ninguém na casa?

O homem o olhou com interesse.

– Quem o pergunta?

– Um simples viajante. Tinha a esperança de que alguém me orientasse em meu caminho.

– Se perdeu?

– parece. Vou caminho de Norwich – mentiu oferecendo um sorriso.

– Bom, pois está na propriedade da duquesa de Norfolk, Margaret Norfolk.

– Desviei-me bastante então.

– Nem tanto. Tão somente deve seguir o caminho principal e este lhe levará diretamente a Norwich.

– É estranho que ninguém tenha me interceptado na entrada. Não há ninguém encarregado da guarda?

– Sim, senhor, mas neste momento estão todos na capela – lhe informou assinalando com a cabeça um edifício próximo.

– Uma hora estranha para ir à missa.



Caroline Bennett

- O padre Francis apareceu hoje pela tarde e amanhã mesmo parte. Eu devo atender a sua mula no estábulo - disse assinalando uma edificação.
- Me cheiraram – afirmou ante a agitação dos cavalos.
- É parece. Lady Norfolk também está na capela?
- Sim, ela sempre assiste as missas do padre Francis, é uma mulher devota. Além disso, hoje pede por uma causa justa.
- Que causa é essa?
- O padre Francis pedirá pela salvação de Norfolk. Só Deus pode nos salvar do Dragão Wentworth.
- Possivelmente não é tão temível como dizem.

O criado negou com a cabeça.

- Em qualquer caso, ninguém o quer em Norfolk.
- Então, que o senhor atenda suas súplicas – pronunciou Jules refreando seu desejo de dar um murro no rosto do adoentado servente.

De novo no caminho Jules centrou todos seus pensamentos em Lady Norfolk. Aos adjetivos de caprichosa, voluntariosa e falta de atrativo devia acrescentar devota e intrigante. Não, Adrian não ia gostar absolutamente.

O acampamento do Dragão tinha sido levantado à borda do rio. Como a noite era seca, os homens se reuniram em torno das fogueiras, espalhadas aqui e ali.

Adrian bebia tranqüilamente um copo de vinho enquanto esperava que o jantar fosse servido.

Eugen mexia o guisado com energia sob o atento olhar de Marcus e D’Claire.

- Quando vai acabar com essa porcaria? – perguntou D’Claire – Não tem melhor aspecto de quando começou.

Aquele insulto a sua comida fez que Eugen ficasse de pé.



Caroline Bennett

– Pois se tão mau te parece por que não vai comer do outro lado? Com os porcos, por exemplo – lhe recriminou o jovem. Por sorte, era difícil ofender o guerreiro que se limitou a rir.

– Bom, certamente comem melhor que nós.

Os olhos marrons do moço cintilaram de fúria.

– Pois vê! Pode ser que assim se sinta como em casa. Não sei por que me incomodo em cuidar vocês. É como tratar com o gado! Não sentem gratidão alguma pelas coisas boas. Não poderia distinguir o pasto de uma boa panela.

– Mas sim um galo de uma galinha – fanfarronou Marcus referindo-se às inclinações do moço.

Eugen bufou por fim, e lançando a colher de pau em direção a suas cabeças e começou a gritar como uma peixeira em dia de mercado.

– Grossos, mal educados! – E continuou – Bárbaros, grosseiros!

– O que passa? – perguntou D’Claire que lambia com deleite a colher lançada.

– Está de mau humor porque acreditou que hoje dormiríamos debaixo de um teto – murmurou Marcus lhe arrebatando a colher para lambê-la.

A seu lado, Adrian permanecia em silêncio. Desde que o jovem se inteirou de sua sorte como futuro duque, subiu a uma nuvem de fantasia e não deixava de murmurar a respeito de todos os luxos que acompanhariam suas vidas a partir desse momento. Tinha-lhe sido difícil digerir mais uma noite de acampamento quando já se via sobre um colchão de plumas.

Horas depois, Adrian sorvia uma taça de vinho na intimidade de sua tenda. Eugen dormitava a um lado da tenda sobre um pobre colchão de palha. Murmurava algo dormindo e se removia inquieto entre as peles. Adrian o observava de vez em quando, mas seus pensamentos estavam longe de ali.



Caroline Bennett

Ao fim, distinguiu a voz do Jules e um de seus guardas apareceu para anunciar sua chegada.

Adrian o esperou sentado tomando um sorvo a mais de vinho amargo.

– Vejo que me esperastes acordado.

A luz de uma vela era a única iluminação, mas Jules pôde sentir todo o poder de seu olhar.

– Tenho uma fome de leão - disse simplesmente cutucando o traseiro de Eugen.

O moço em um ato reflexo se levantou com os punhos em alto.

– me traga algo de comer – ordenou Jules.

– Para isso me acordou? Se mal me recordo têm um par de mãos – grunhiu o moço.

– Sim, e estaria muito contente se pudesse as pôr ao redor de seu pescoço. Já sabe que a fome me deixa violento.

– Violento? o que lhe deixa idiot...

– Se acabar essa frase lamentará – lhe aconselhou Adrian com voz glacial.

Eugen murmurou algo por baixo, enrolou-se na em uma manta e saiu em busca de um pouco de comida esfregando o traseiro dolorido.

– por que o conserva? É óbvio que nunca tomará as armas – grunhiu Jules enquanto se sentava à mesa.

– É o único que sabe cozinhar.

– Pois às vezes seria melhor comer esterco de vaca que suportar sua língua.

Jules se estirou enquanto observava a seu senhor. Tinha uma expressão acalmada e serena, mas o fato de que o tivesse esperado acordado para receber notícias dizia muito a respeito de quão interessado estava em conhecer detalhes de sua visita em Norfolk.



Caroline Bennett

em que pese a sua falta de título, possuía um porte senhorial. Era um líder nato que ganhou o respeito de seus homens a base de inteligência e valentia. Jules o admirava por isso e, apesar de sua linhagem como filho de um pequeno mas nobre latifundiário, estava muito orgulhoso de achar-se a suas ordens. Eugen entrou com uma tigela na mão e uma colher na outra.

–Aqui está.

–Fora – grunhiu Adrian.

–Fora? o que quer dizer com isso de "fora"? – perguntou o moço ofendido.

– Porque hoje dormirá com os cães.

– Com os cães? – gritou indignado, mas ante o olhar do Wentworth seu coragem minguou. – Bem, será fácil acostumasse a eles. não se diferenciam muito de...

–Fora! – bramou Adrian.

–Já vou, já vou! – acalmou-lhe o moço enquanto recolhia suas mantas.

Jules observou seu "expulsão" com um sorriso.

– Sim, será melhor que não escute o que tenho a te contar. Sua língua entraria em funcionamento e acabaríamos todos loucos.

– Bem, pois fala de uma maldita vez – grunhiu Adrian estirando suas largas pernas.

Jules esboçou um profundo sorriso.

– É melhor do que tinha imaginado, melhor que um sonho. A cidade é grande, cheia de ruas, uma catedral e várias Igrejas. Há artesãos do couro, tecedores, ferrarias, moinhos. Também há muitos comerciantes que emprestam serviços aos trabalhadores têxteis do este. Há um castelo normando maravilhoso e...

– O que tem a casa? – perguntou Adrian posando sua taça para inclinar-se com interesse – Como é ?



Caroline Bennett

- Ah, meu senhor! Ninguém nunca teve tanta sorte como a sua. É a melhor que vi em minha vida. Tem um porte imponente e é rodeada de bosques e prados.
- Quantos torres tem?
- Duas. Com janelas e balcões salientes que eram visíveis do jardim. Há também salga para os armeiros e os serventes. E um lago.
- Vá! É assim mesmo?
- Qualquer rei sentiria inveja.
- Mas?
- Mas todo o bom tem seu lado mau.
- E o lado mau, é Lady Norfolk – adivinhou.
- Nisso acredito.
- Viram-na? – perguntou sem muito interesse. Adrian já tinha aceitado que ela significaria um meio para obter seu objetivo.
- Não, mas posso lhe resumir o que vais encontrar.
- A dama não me interessa.
- Pois deveria. Conforme entendi atua com vontade própria e se suas próprias vontades. Se por acaso for pouco, parece-me que é caprichosa ao extremo, o que seria de perdoar se ao menos fosse bela... mas ao que parecer não o é, embora seja devota.
- Devota? – repetiu escandalizado – Tenho que me casar com uma devota?
- Quando visitei a mansão todos se encontravam na missa, uma missa em sua honra.
- Isso sim que não acredito.
- Bom, não era exatamente em sua honra, mas sim para livrarem-se de suas garras. Ao que parecer sua má fama o precedeu.



Caroline Bennett

– Era de esperar.

– Bom, acredito que isso é tudo. Você gostará de Norfolk – se despediu Jules levando consigo a tigela de comida.

Sim, não lhe cabia dúvida que gostaria de Norfolk, mas intuía que Lady Norfolk ia ser farinha de outro saco.

Essa noite, ao cobrir-se com as imundas mantas, deu-se conta que essa seria sua última noite como guerreiro. A vida que tinha conhecido até o momento se desvanecia, mas não lhe entristecia a idéia. Adrian Wentworth, o simples filho de um camponês, se converteria no próximo duque de Norfolk. Tinha desejado que sua família estivesse presente, embora se sua família estivesse viva, sua vida teria sido completamente diferente da de um guerreiro.

– O que? – O grito da Margaret alarmou a todas suas damas que, sentadas junto ao fogo, conversavam tranqüilamente enquanto bordavam.

De um salto ficou em pé e atirou a pluma com que estava escrevendo no livro de contabilidade.

– O que quer dizer com isso de que ele esta aqui? Quem se supõe que esta aqui? – inquiriu, embora não fazia falta que o dissessem.

– Wentworth, milady. Um menino o viu avançando nesta direção e correu para nos avisar.

Pálida, voltou a sentar-se em seu escritório enquanto suas damas corriam a inteirar-se do ocorrido.

– O que aconteceu John? – pergunto Lady Sara.

– Ele está aqui – sussurrou Margaret colocando naquela frase os temores de todos os habitantes da casa.

– Deus Bendito!

As mulheres se benzeram com rapidez.



Caroline Bennett

– Não há mais remédio. Alfred terá que terminar isso para mim – disse lhe entregando a pluma. – Ao menos poderia ter mandado um aviso de sua chegada. Não pode apresentar-se com todo um exercito assim. – se queixou.

Saiu da biblioteca seguida de perto por suas damas, que se uniram John e uns quantos criados mais.

– Catelyn, te encarregue de que os criados tenham tudo preparado. John, quantos homens acompanhavam... – a palavra engasgou, – meu prometido?

O mordomo consultou o moço, ainda suarento pela carreira.

– Não sei contar, minha senhora, mas com certeza que havia três vezes os dedos das mãos.

– Trinta então. Se encarregue de que haja comida em abundância para todos eles e que sejam atendidos.

Catelyn assentiu enquanto partia apressada junto com Sophie.

– Quero que tudo esteja perfeitamente organizado, John, sabe a que me refiro: não quero caras de espanto, lamentos, nem rezas.

– Sim, milady, encarreguei-me de falar com todos.

– Também quero que recebam aos homens na entrada principal. Todos têm que estar ali de acordo?

– Totalmente.

Margaret o viu afastar-se ruidosamente.

"Tudo tem que sair bem", pensou, com o coração pulsando como um tambor.

Lady Sara se aproximou para chamar sua atenção.

– Agora, senhora, deixe que nos ocupemos de você.

Margaret olhou seu prático vestido de lã.



Caroline Bennett

– Sim, suponho que eu, mais que ninguém nesta casa, tenho que causar boa impressão – suspirou, deixando-se guiar até seu quarto.

O quarto principal fervia de atividade.

– O vestido verde senhora? – perguntou Shopie enquanto levantava a tampa de uma grande arca lavrada.

– O azul destacará seus olhos – recomendou Lady Sara.

– O azul então – aceitou Margaret.

Com eficiência, foi despojada de suas roupas com exceção da calcinha e da bata. Elevou os braços para deslizar o suntuoso vestido por seu corpo. Confeccionado em seda e veludo, o vestido expressava sua condição de grande senhora. O traje foi completado com um colar.

– Pérolas?

– O colar de minha mãe.

Pôs o colar e o vestido foi complementado com um valioso broche de safiras.

– Estão formosa – lhe assegurou Lady Sara abraçando-a ligeiramente.

Lady Catelyn colocou a cabeça pela porta.

– acabastes? – perguntou.

– Sim, acredito que já está tudo pronto – respondeu Shopie.

– deixem-me ver – lhes pediu a jovem viúva.

Margaret se voltou para ela girando de um lado e a outro.

– Excelente – aprovou a mulher quando se aproximou, mas depois franziu o cenho. esticou uma mão e beliscou as bochechas da jovem.– melhor Assim, estavam pálida como uma morta.

– Bem, vamos.



Caroline Bennett

O grupo de mulheres descendeu e se dirigiu para a sala principal. Uma das estadias mais suntuosas, destinada a impressionar com sua magnificência.

Margaret se acomodou na cadeira senhoral e cruzou as mãos sobre o colo. Não havia outra coisa que fazer mais que esperar.

Isso foi o que fez durante há seguinte meia hora até que finalmente não pôde suportar mais e explodiu.

– Maldito seja! Onde diabos está esse homem? O que pensa me deixar esperando o dia todo?

John entrou na sala para lhe informar de que Wentworth se deteve na cidade.

– O vi entrar no "Adão e Eva", o botequim do povo.

Margaret saltou agitada de sua cadeira.

– Um bêbado! Enrique me mandou um maldito ébrio!

– Senhora, se acalme – aconselhou Sara scandalizada.

– Juro por Deus que se homem aparecer aqui bêbado o mandarei jogar aos cães!

Transcorreu outra meia hora. O silêncio que se apossou da casa era ocasionalmente quebrado pelos juramentos de Margaret.

Finalmente, uma comoção proveniente do exterior a fez ficar em pé e correr para a entrada esquecendo sua idéia inicial de receber a seu prometido no interior da casa. Postou-se no alto da escada com suas damas as suas costas.



Caroline Bennett

Capítulo 3

Adrian avançou montado em Sleipnir à frente de seus homens. Os cascos dos cavalos ressonavam contra a pavimentação como tambores no julgamento final.

A marcha era lenta, pois Adrian desejava observar atentamente os detalhes do que seria seu novo lar.

Seus olhos percorreram avidamente cada muro, cada parede e cada janela. Jules não tinha exagerado em nada. Seu novo lar era nada mais e nada menos que um palácio real.

Não havia dúvida, aquele homem devia ser seu prometido. Seu sexto sentido assim o disse.

Montado em um imponente garanhão que dava coices nervoso, o homem era mesmo a imagem do demônio. Por seu tamanho, montado no cavalo de batalha, devia tratar-se de um homem excepcionalmente alto. Seus ombros, cobertos com uma cota de couro e metal, eram largos. Seus quadris estreitos contrastavam com as poderosas coxas vestidas com meias negras. Uma grande espada que balançava presa a seu cinturão de couro macio e elos metálicos, atraiu o olhar temeroso de todos.

Sua cabeça estava coroada por uma emaranhada juba castanha que caía sobre seu rosto e sobre seus ombros como um ninho de corvos. De seu rosto não havia muito mais que apreciar que uma povoada barba que o cobria deixando entrever tão somente seu nariz aquilino e seus profundos olhos. Ansiosa procurou algum rasgo de debilidade, mas ali não havia nada que pudesse qualificá-lo assim.

Seus olhos. Margaret fio apanhada pela força magnética daqueles olhos verdes. Seu coração pulsou como se achasse ante um animal selvagem disposto a destruí-la ao menor movimento.



Caroline Bennett

Bem, o momento da verdade tinha chegado Margaret tomou fôlego e se adiantou para descender a escada. Sua cabeça alta e sua costa erguida revelavam sua determinação.

Deteve-se junto ao perigoso cavalo, olhando com cautela os poderosos cascos do animal.

– Bem-vindos a Norfolk – pronuncio com firmeza enquanto realizava uma reverência.

Wentworth se limitou a olhá-la do alto e Moveu ligeiramente a cabeça e as largas mechas de seu cabelo negro caíram a suas costas

– Suponho que seja minha prometida.

Margaret descobriu que lhe desagradava sua voz. Muito grave e autoritária para seu gosto.

– Isso mesmo – respondeu, maldizendo porque para permanecer de pé ante o enorme cavalo de batalha, precisava esticar o pescoço para poder olhá-lo nos olhos.

O homem usou seu tempo para observá-la, detendo-se ligeiramente em sua boca e mais demoradamente em seus peitos. O exame a fez sentir-se como uma vaca de feira mas, quando estava a ponto de explodir, ele desviou o olhar, como se o que visse não tivesse atendido suas expectativas. "Bem, ele tampouco supre as minhas", pensou Margaret amargamente. Ao fim, o homem cessou sua inspeção. Por uns segundos, Margaret se sentiu cravada ao chão, como se a força daqueles olhos lhe tivesse privado da fala.

A mão do homem se elevou e apos um gesto, seus homens desmontaram em ordem marcial.

Depois, ele mesmo desmontou, sobressaltando a Margaret com sua altura e sua presença.

perguntou-se se a tinha ouvido antes, quando tinha feito sua apresentação. E quando estava a ponto de repeti-la o homem falou enfim.



Caroline Bennett

– E eu suponho que sou seu prometido. – Sua voz soou como um trovão na lonjura.

O homem voltou a ignorá-la para falar com um velho guerreiro de aspecto tosco.

– Tome as rédeas de Sleipnir, está nervoso.

O soldado acatou a ordem com uma seca inclinação de cabeça e se retirou, levando-se consigo o enorme cavalo.

"Algo a menos do que preocupar-se", acalmou-se Margaret, sentia-se próxima a desmaiar.

– Por favor, entrem e desfrutem de nossa hospitalidade – sugeriu, uma vez que estendia a mão para a entrada.

O rosto barbudo permaneceu sério, inexpressivo.

Sem dar-se conta, Margaret deixou escapar um suspiro e, recolhendo sua saia, precedeu-lhe ao interior, sem saber se ele a seguiria ou não.

Suas damas formaram filas atrás dela, como se de um pequeno exército se tratasse.

No interior, Margaret o convidou a sentar, e indicou a John que se aproximasse com o vinho. Suas damas se posicionaram em torno dela e receberam por isso um frio olhar do guerreiro.

Durante breves instantes, Margaret observou aquelas feições duras e tragou saliva. Ao menos, o homem não vinha acompanhado de uma corcunda, e tampouco parecia aleijado, consolou-se. Embora tivesse agradecido alguma pequena falha em seu imponente aspecto. Um par de orelhas enormes, por exemplo. Quem sabe, possivelmente detrás de todo aquele cabelo existissem essas orelhas? Wentworth, "o Dragão de Orelhas Gigantes".

Quase soltou uma gargalhada, mas se conteve. de vez em quando, era bom recorrer a aqueles pequenos truques. Seu pai a tinha ensinado: afirmava que era um modo de perder o medo das pessoas.



Caroline Bennett

Sua diversão se esfumou ao observar de novo o anti-social rosto masculino.

Wentworth degustou o vinho em silêncio, analisando com atenção a taça de prata lavrada que sustentava sua mão.

– Norfolk conserva outro tesouro – pronunciou Margaret tratando de impressioná-lo.

Ele se dignou ao fim a olhá-la e, depois de elevar uma sobrancelha, assinalou a seu redor.

– Senhora, entre estas paredes estão quase todos os tesouros da Inglaterra – disse com ironia.

Margaret franziu o cenho. Não gostava de sua voz: muito autoritária para seu gosto; tampouco gostou do que suas palavras sugeria.

– A recente guerra diminuiu grandemente nossas riquezas, acredite-me – respondeu, em troca, com amabilidade.

– Acreditaria seno tivesse diante de mim tudo isto. Pergunto-me como o conseguiu.

– Com isto – disse destacando à cabeça. "Se surpreenderia em saber que serve para outra coisa além de colocar o elmo", pensou consigo mesma.

Ele elevou uma sobrancelha castanha. E Margaret sentiu desejo de lhe atirar o vinho na cara.

produziu-se um incômodo silêncio.

– fez boa viagem? – tratava de retornar a uma conversação amável.

De novo o olhar do Wentworth vagava pela sala.

– Como qualquer outro.

Nem sequer a olhou.

–O tempo piorou estes últimos dias. – A frase lhe pareceu parva mas não sabia do que outro tema podiam falar. Bom, sempre poderia lhe



Caroline Bennett

perguntar quantos homens tinha matado e de quantas formas distintas. Seguro que isso saberia.

De novo, fez-se o silêncio, aliviado tão somente pela entrada dos homens do Wentworth em bando.

– John, atenda a esses homens – ordenou imediatamente.

Wentworth seguia em seu mutismo e Margaret se encontrou de novo lhe espiando. Vestia grosseiramente e seu cabelo e suas barbas o faziam parecer-se mais com um animal selvagem do que uma pessoa. Margaret tentou calcular sua idade, mas era difícil aventurar-se: a barba a confundia e esteve tentada a perguntar-lhe diretamente.

Adrian a surpreendeu em sua inspeção e Margaret apartou o olhar com as bochechas ruborizadas. Tinha olhado-o fixamente por muito tempo, pensou, mas não tinha podido evitá-lo.

Recatadamente, arrumou as saias em torno dos tornozelos e sorveu mais vinho. Sua cabeça pensava já em outro tema de conversação quando entrou um moço ruivo. Sua magra figura ficou uns instantes na porta de entrada, frente a ela e de costas a Wentworth. Seus olhos castanhos se abriram de par em par e de um salto descendeu as escadas e começou a passear-se pela sala.

– Por todos os arcanjos do céu! – gritou com voz fina, mais parecida com a de uma moça que a de um moço. Correu a acariciar uma das cortinas de veludo. – É veludo! E isto são... tapetes! ouvi falar deles, mas nunca imaginei que pudesse pisar em um! – gritou extasiado enquanto se ajoelhava para acariciá-lo com as mãos. – E viram isto? Candelabros de prata!

– Jules! – o bramido do Wentworth fez que os habitantes da mansão levassem um susto.

O mesmo homem que tinha tomado as rédeas de seu cavalo se aproximou.

– Senhor.



Caroline Bennett

– Se encarregue de tirar esse rato gritão daqui.– grunhiu – Leve aonde não possa ouvi-lo.

– Sim, senhor. – Um sorriso se estendeu por seu rosto estragado. – Mas duvido muito que deixe de ouvi-lo.

– Então eu mesmo me encarregarei de lhe cortar a língua e meter-lhe por...

Foi o grito indignado de uma das damas de sua prometida que o deteve a tempo. Sobressaltada, viu como Jules se aproximava do moço pelas costas e sem contemplações o agarrava pela gola de sua camisa.

A risada dos homens a scandalizou, por que abusavam dessa maneira daquele doce moço?

Jules arrastou o moço enquanto este chutava e chiava.

Wentworth nem sequer se voltou a olhar.

Aquilo era uma bestialidade, uma injustiça. Chegaria Wentworth a cumprir sua ameaça de lhe cortar a língua? Margaret se estremeceu segura de que assim seria.

Mas aquela era sua casa, sua sala e ninguém mais além dela tinha direito a dar ordens ali. O comportamento de seu prometido (cada vez lhe engasgava mais essa palavra), era revoltante e quem melhor que ela para lhe mostrar isso. Endireitou as costas preparando um discurso para repreendê-lo, mas nesse momento sentiu uma mão que brandamente lhe apertava o ombro.

- Não faça isso – alguém disse, e Margaret não teve que se voltar para adivinhar que se tratava da Sara.

Com um suspiro, desistiu de suas intenções, mas seria melhor que perdesse de vista Wentworth; até o momento já tinha tido suficiente.

– Deve me perdoar, meu senhor, mas tenho que atender outros assuntos e embora haja desfrutado de sua conversação agora tenho que lhes deixar a sós – disse cinicamente com um doce sorriso nos lábios – Se necessitarem algo, peçam.



Caroline Bennett

ficou em pé enquanto ele permanecia sentado. "O mínimo que podia ter feito era ficar em pé também", reprovou-lhe, sentindo desejos de lhe chutar os tornozelos.

Sem mais palavras, Margaret partiu seguida de perto por seu pequeno séquito.

Todas permaneceram em silêncio até que chegaram a suas habitações.

Então começaram a falar de uma vez.

– É um homem horrível! Não posso acreditar que o rei a obrigue a se casar com ele – gemeu Sophie.

– E suas maneiras? Um javali poderia lhe dar lições – falou Lady Catelyn, com a mesma afetação que sentirá quando conheceu seu próprio prometido. – E essas roupas... Céus! Veste-se como um vilão.

– Como um vilão mendigo – particularizou Lady Shopie. – Jamais tinha visto um homem com uma expressão tão cruel e tão feia. Parecia desejoso de nos fatiar com sua espada.

Margaret suspirou cansada. A tensão da espera e o encontro a tinham deixado esgotada e começava a lhe doer a cabeça.

– Vamos, senhoras – as acalmou Lady Sara. – Pode ser que o homem não seja correto nem educado, mas tampouco podem exagerar. pareceu-me um homem forte e seguro de si – tentou acalmá-las.

- Obrigado, Sara. Já é hora de tirar estas roupas. Ainda tenho que ir à cozinha e falar com Elisabeth; também quero organizar a comida de amanhã e o atendimento aos homens.

Margaret foi despojada de seu vestido, que com supremo cuidado foi guardado de novo.

– Nem sequer o olhou. –A decepção era patente no rosto do Sophie, enquanto acariciava o delicioso tecido.

– Bom, e que esperava? que caísse desacordado a seus pés?

– Não, mas teria ajudado que gostasse dela a primeira vista.



Caroline Bennett

– Pois eu acredito que ele sim a olhou, mas o dissimulou estupendamente.

Margaret esteve a ponto de rir ante a afirmação de Lady Catelyn. Se ele a olhou teria feito do mesmo modo em que olhou um dos galgos da sala... menos, certamente.

Vestida de novo com um vestido mais cômodo, Margaret se dirigiu à cozinha e passou as seguintes duas horas discutindo com a cozinheira o menu do dia seguinte. Ao serem tantos os recém chegados, as decisões deviam serem tomadas com antecipação. - Também terei que aumentar o número de criadas e serventes. Discutiu com John sobre o assunto e pediu a Alfred que fizesse um cálculo aproximado de quanto isso podia custar a suas arcas. A tarde avançou depressa, mas Margaret não sentia nenhum ânimo para aproximar-se da sala, tomada por Wentworth e seus homens desde sua chegada. Na hora do jantar, Margaret encarregou a Catelyn a tarefa de supervisão da sala e subiu de novo a seus aposentos para trocar de roupa e vestiu-se outra vez com o mesmo vestido da manhã.

Wentworth devorava tudo aquilo que era colocado ante ele. O aroma especial das carnes o subjugava e, embora nunca tenha gostado de pescado, encontrou no salmão com vinho e açafrão, servido antes que as carnes, um manjar digno de deuses. Também teria que elogiar o vinho, suave e frutífero, servido sem controle.

Margaret observava, curiosa, o apetite transbordado de seu prometido enquanto mastigava com dificuldade um pedaço de pão. Não tinha apetite, mas desfrutava vendo os homens comer.

Possivelmente uma boa comida lhe ajudaria a soltar sua língua, pensou pois ele nem sequer se dignou a falar desde que tomou assento a seu lado.

– Marcus me disse que salvou a vida de muitos homens no fronte – pronunciou.

Adrian se limitou a encolher-se de ombros.



Caroline Bennett

– E também que estive perto da morte tantas vezes que ela já o considera de sua família.

Seu prometido tomou sua taça de vinho e deu um comprido trago.

– Faz mal em dar ouvidos as palavras de um homem ébrio – grunhiu.

Marcus protestou vivamente ante a falsa acusação, mas Adrian já se virou.

Mal-humorada, Margaret se viu obrigada a morder a língua enquanto tranquilizava com um sorriso as suas damas, que a olhavam de suas mesas com inquietação. Mas só agüentou cinco minutos a indiferença de seu prometido.

– me perdoe, meu senhor, se o incomodo, murmurou inclinando-se para ele – Tão somente sentia curiosidade por você, disse a seu futuro marido.

– Pois então saiba que não desfruto de palavras vãs, sobre tudo na mesa – grunhiu ele com secura.

Ante aquela réplica, Margaret endireitou a costas e apertou os lábios, perdendo por fim a compostura.

– Pois então tem que saber isso, você tem que saber que eu não gosto em nada seu aspecto.

A recriminação da jovem paralisou Adrian, que a olhou como se a visse pela primeira vez.

–O que? – inquiriu com um bramido.

– Foi o que ouviu – gritou Margaret enquanto ficava de pé. Não lhe importava em nada se haver convertido no centro de atenção de toda a sala. A culpa era dele por deixá-la tão furiosa. – Essa... Essa barba – disse assinalando-o com o dedo – E esses cabelos têm que ser o feliz lar de percevejos e piolhos – Disse e girou sobre seus pés e se dirigiu para o outro lado da sala.

– Volte aqui! – gritou Adrian ficando em pé com a intenção de alcançá-la.

Margaret se voltou enquanto descia velozmente.



Caroline Bennett

– Já! – replicou.

- Agora que parecem desejoso de falar comigo, o qual me alegra, aproveito a ocasião para lhes dar um último conselho: troque de alfaiate, suas roupas são próprias de um mendigo.

Por um momento, a mente do Adrian ficou em branco, pois nunca se viu em uma situação semelhante.

– Voltem aqui agora mesmo! – repetiu. Desprezou a idéia de ir buscá-la, ela resultou ser surpreendentemente rápida e nem sequer se voltou quando abandonou a sala.

– Maldita presunçosa! – exclamou ao dar-se conta que toda a sala estava em silêncio observando-o como estatuas. Tomou de novo seu lugar na mesa principal. Nenhuma prostituta ia impedir de desfrutar de um banquete como aquele, pensou enquanto se servia de uma pata de cordeiro, mas transcorridos uns minutos sem provar a comida, acariciou a barba, voltou-se para o Marcus e perguntou.

– Que aspecto tenho?

O guerreiro olhou atentamente e respondeu.

– Bom, têm o feroz aspecto que todo guerreiro quereria ter – e acrescentou logo com um sorriso – Mas não o que uma dama pudesse apreciar

Nu em frente à lareira, Adrian olhava distraidamente o fogo. Momentos antes, Eugen lhe tinha ajudado em seu primeiro banho em uma banheira de metal, sem deixar de elogiar todos os luxos que os rodeavam. E não era para menos. A habitação era luxuosa como nenhuma outra. Com uma grande cama de dossel e soaço sobre a qual descansava um colchão de plumas e cobertores de peles. Os candelabros, situados aqui e lá, iluminavam brandamente as paredes, forradas com painéis de madeira escura que contrastavam com o chão de madeira encerada, mais clara. Ante o fogo e junto à janela estavam situadas poltronas de macias almofadas e inclusive seus pés estavam



Caroline Bennett

protegidos por grosas tapetes árabes, um luxo mais a que devia acostumasse, disse-se.

Com passo preguiçoso caminhou até o leito, retirou os cobertores e se deixou cair no centro do colchão, que amorteceu brandamente a queda. Com um suspiro de satisfação esfregou a barriga. Não recordava ter comido tanto em sua vida.

Não seria difícil acostumasse a uma vida como aquela.

Mas repentinamente, a imagem de sua prometida se entremeteu em seus pensamentos. Adrian tratou de afastar a imagem para longe de si, pois o mero feito de recordá-la o enfurecia. Aquela arpia se atreveu a lhe criticar diante de todos e a viva voz! Nunca ninguém se atreveu a tanto, salvo possivelmente Eugen, mas este era um inconsciente. Adrian soltou um bufado ao rememorar a discussão daquela noite. Involuntariamente, sua mão se elevou até seu cabelo. Bem, se não gostar de seu aspecto não resta outra coisa que acostumar-se. Tampouco lhe agradava.

Não tinha gostado de vê-la ali, de pé na escada, esperando-o. Adrian tinha percebido imediatamente sua presença, mas tinha simulado desinteresse. Ela tinha resultado ser tudo o que detestava: delicada, bela, educada e de berço nobre.

Não, não o tinha agradado absolutamente esse rosto ovalado de maçãs do rosto altos e ruborizados, nem aqueles indescritíveis olhos azuis de fartas pestanas e arqueadas sobrancelhas. Seu corpo pequeno lhe tinha parecido extremamente delicado e feminino, e seus peitos... Adrian não sabia muito bem o que tinha sentido ao observar aqueles peitos erguidos, mas não gostava.

Decidiu que trataria Lady Norfolk com a mesma indiferença que ao resto das mulheres, inclusive mais. Ela o desprezava (tinha visto em seu olhar) e ele a desprezava a ela. Nisso se apoiaria seu matrimônio. Esgotado com tantos pensamentos inquietantes, Adrian fechou os olhos disposto a sonhar com tudo o que lhe pertencia agora, deixando a um lado a sua prometida.



Caroline Bennett

Entretanto, momentos antes de adormecer profundamente se pegou perguntando pela cor do cabelo do Lady Norfolk. Ela sempre levava a cabeça coberta com seu meio véu.

Marcus deixou cair à roupa em um monte e cambaleante para se aproximar da cama. D’Claire observou sua torpe aproximação com um sorriso na boca.

– Espero que não seja sempre assim, a hospitalidade de Norfolk poderia acabar com nossa saúde – gemeu D’Claire.

A ambos tinha sido dado um quarto em conjunto e nenhum deles acreditava que essa noite fossem dormir em camas, com colchões e mantas.

– Deus bendito! Fazia anos que não dormia em uma cama – suspirou Marcus afundando no colchão.

– Eu só o fiz em par de vezes durante os últimos três anos – declarou D’Claire atirando uma de suas botas. – E em minha casa as únicas vezes que podia desfrutar de um luxo semelhante eram quando meu pai realizava alguma viagem.

Marcus sabia que o pai do moço tinha sido um comerciante que sua vida acabou quando foi assassinado na curva de um caminho.

– tornaste a ver sua família? – perguntou. Era contraditório que durante anos tivessem lutado por suas vidas ombro a ombro e desconhecessem tanto de suas vidas anteriores.

– Não, minha mãe morreu após um ano da morte de meu pai e meus irmãos se ocuparam suas vidas de maneiras distintas: Andrew tomou os hábitos e Thomas trabalha em uma das terras de seu sogro.

– Que ocorreu com sua irmã?

D’Claire expressou um sorriso triste enquanto tirava a camisa.

– Todos os irmãos decidiram que o melhor para ela era que ingressasse em uma ordem religiosa. Ela detesta essa vida, mas nenhum pode tomar conta dela.



Caroline Bennett

– Pensa tirá-la do convento?

– Sim, economizei o suficiente para me estabelecer como comerciante. Estou seguro de que não me custará muito me introduzir de novo no mercado, meu pai era um bom comerciante. Se a sorte me acompanha poderei ganhar o suficiente para comprar uma casa e tirar minha irmã do convento.

Marcus suspirou com pesar.

– Todos temos uma história que contar.

– E qual é a sua? – perguntou D’Claire que ao fim nu se esparramou sobre seu leito. Marcus o olhou de soslaio, resistente a falar de si mesmo.

– Meu o que?

– Sua história.

O guerreiro se mexeu inquieto.

– Bom, não há muito que contar: sou filho único. Meu pai é um homem de caráter. Ele e eu nunca nos demos bem. – Fez uma pausa para sorrir descaradamente. – Quando fiz dezoito anos apresentou a meu sogro.

– Seu sogro? É casado? – gritou o moço, sentando-se para lhe olhar.

– Meu pai acordou meu matrimônio.

– E?

– Revelou ser insuportavelmente feia.

– Vá! – riu D’Claire.

– Digamos que ela era mais parecida com um boi de carga que viram meus olhos – se interrompeu ante as risadas de seu amigo – Sim, ria, um dia pensei inclusive no assassinato. Disse a meu pai que não me casaria com ela e ele ameaçou me deserdando.

– assim, fugiu covardemente de sua formosa prometida. – As intensas gargalhadas D’Claire encheram o quarto.



Caroline Bennett

– Deixa de rir! Não são todos que tem a mesma sorte que Wentworth, ele ganhou um título e uma prometida estupenda. Não entendo seu descontentamento.

D’Claire secou as lágrimas que corriam por sua bochecha.

– Ele detesta qualquer coisa que esteja relacionada com a aristocracia e a nobreza. E aposto uma moeda que estaria muito mais contente se o rei o tivesse obrigado a casar-se com seu boi.

– Fecha a boca! – grunhiu enquanto lhe atirava um travesseiro. – Amanhã mesmo pedirei uma mudança de quarto – lhe ameaçou.

– Bom, pense que podia ter sido pior. Jules poderá confirmar isso.

– A que se refere?

– A seu companheiro de quarto.

– Com quem compartilha quarto?

– Com o Eugen. – E ambos estalaram em gargalhadas.

– Espero que ao menos tenham duas camas, seria perigoso lhe dar as costas! – Marcus uivou de risada.

Jules observou carrancudo o jovem que perambulava pela quarto, que se detinha a cada momento para lançar suspiros de admiração.

– Esta tapeçaria representa São Jorge – murmurou parando ante ele para examinar. – E utilizaram fios de seda para o arremate. OH! E olhe esta jarra, o laqueado é de primeira. Excelente esmaltado.

– Quer deixar de miar e apagar a maldita vela? Estou farto de seu falatório!

Eugen o olhou por cima do ombro.

– Um besta como você jamais poderia deter-se e admirar algo tão delicado – murmurou extasiado com a jarra.

– Ou apaga essa maldita vela ou te trespasso na parede! – grunhiu o guerreiro, amaldiçoando a pessoa que tinha atribuído às habitações.



Caroline Bennett

Invejou a sorte do resto dos homens acomodados na parte baixa, em uma sala dedicada a esse uso. As comodidades eram significativamente inferiores, já que só os homens mais próximos a Wentworth tinham o privilégio de serem acomodados nas luxuosas estadias da mansão, mas isso lhe evitaria ter que compartilhar quarto com Eugen.

Sem poder evitá-lo lançou um gemido. Não suportaria as brincadeiras do dia seguinte.

– Já vou. – Eugen lançou um novo suspiro enquanto se desfazia de sua camisa e suas meias.

– Mantenha-se afastado de mim. – advertiu-lhe Jules – E Por Deus! O que é isso que usa? – finalizou com a voz afogada pela incredulidade.

Eugen olhou sua roupa interior com óbvia satisfação. De suas calça e camisa interior penduravam primorosos laços de cor vermelha.

– Lindos não é verdade? Uma das putas do acampamento me deu a idéia; claro que eu a melhorei grandemente. Acrescentei...

– Mantenha a boca fechada.

– OH, vá! É tão resmungão como meu senhor – replicou Eugen metendo-se entre os cobertores e apagando a vela. – E se está pensando em algum tipo de aventura, esqueçam, não é meu tipo. Jules se engasgou de indignação.

Depois de uns minutos de tenso silêncio começou a relaxar. Perguntava-se como Adrian tinha sobrevivido a três anos de íntima convivência com aquele maricas falador.

– Suas fazendas também são de linho?

Jules deixou escapar um bufado.

– Fecha o pico.

– Isto é o céu – murmurou, e ao fim fechou os olhos.



Caroline Bennett

Capítulo 4

Margaret reprimiu uma maldição quando se deu conta de que novamente tinha colocado uma cifra na coluna de ganhos em vez de na de gastos. Aquilo a convenceu de que nesse dia não tinha a cabeça para a contabilidade, e sabia muito bem a quem responsabilizar disso: Adrian Wentworth.

O estúpido tinha decidido visitar uma das granjas pertencentes ao ducado em meio a uma tormenta de neve e vento. E não é que ela se preocupasse. Nas ultima duas semanas, Margaret não tinha desenvolvido mínimo sentimento de carinho para ele. Ambos tinham chegado a uma espécie de acordo tácito, mediante o qual, tratavam de evitar-se. Margaret só coincidia com ele no jantar, excepcionalmente em alguma refeição se ele não estivesse inspecionando o ducado. A tensa paz ameaçava rompendo-se a qualquer momento, pois Margaret aceitava mal as críticas que ele fazia sobre as graves deficiências defensivas do ducado e a melhora dos caminhos. Em um par de ocasiões esteve a ponto de mandá-lo ao inferno, mas se conteve admiravelmente. A questão era que o tema das bodas não tinha saído discutido e Margaret tinha toda a intenção de não deixar passa um dia mais sem tratar tão acidentado tema.

Deixou a pluma de lado e estirou as costas para aliviar a tensão de seus ombros.

Alfred a olhou do outro lado do escritório.

– Acredito que minha cabeça está hoje em outro lugar. Amanhã poderemos continuar.

O jovem assentiu levemente e tomou o livro de notas.

Suas damas, ocupadas com os bordados, levantaram a vista surpreendidas.



Caroline Bennett

– já acabou?

– Sim– disse, ficou em pé e se aproximou para ver o trabalho que tinham realizado com as agulhas – Vá, Anne! é uma artista – a felicitou, admirando a excelente mistura de cores e os corretos pontos da menina.

– Nunca tive paciência com a agulha e sinto inveja de sua destreza. Lady Catelyn reprimiu um sorriso. – Senhora, você dirige de forma maravilhosa todo o ducado mesmo mulher, isso sim é para sentir inveja.

Todas afirmaram com a cabeça mostrando seu acordo. Mas Margaret sabia que na atualidade não era precisamente a mulher mais invejada do ducado. Quem poderia sentir inveja de uma mulher que devia casar-se com o temido Dragão?

Adrian atravessou a arcada que conduzia para o salão. John, aquele mordomo magro e de aspecto alegre, adiantou-se a seu encontro. A constante atenção do homenzinho o fazia perder os estribos, e suspeitava que, em lugar de lhe servir, o homem tinha o encargo de lhe vigiar de perto. Era estranho que Adrian entrasse em uma quarto e não viesse seguido de perto por ele, e mais estranho ainda que este não fora testemunha de suas estupidez.

– Senhor deseja tomar algo quente? – perguntou enquanto observava consternado suas botas enlodadas.

Adrian seguiu seu olhar. Sempre se esquecia de limpar suas botas à entrada, como todos na mansão pareciam fazer, uma vez mais se sentiu deslocado.

– Não, mas tomem minha capa e procurem Eugen. Diga-lhe que traga outro calçado.

– Sim, senhor. – Com uma cerimoniosa inclinação o mordomo desapareceu e Adrian pôde respirar tranqüilo.

Margaret o encontrou sentado no salão enquanto observava o minucioso trabalho dos criados no trajeto de preparar as mesas para o jantar. A eficiência do trabalho orgulhava a Margaret. Em um gesto nervoso,



Caroline Bennett

acomodou-se o touca, dizendo-se que jamais se acostumaria a esse pesada objeto.

– Está aqui – pronunciou enquanto se aproximava da escura figura.

O homem a olhou com intensidade, mas não fez intento algum de levantar-se e saudá-la ou lhe oferecer ajuda.

– procurava-me?

– Sim, tenho um assunto que falar com você.

– Pela gravidade de seu tom, presumo que o assunto lhe preocupa – se burlou.

A brincadeira não fez mais que agravar o gesto da jovem.

– Quer que falemos aqui? – perguntou impaciente.

Adrian olhou ao redor.

– por que não? Parece muito cômoda discutindo qualquer assunto frente a sua gente. Por certo, onde estão suas acompanhantes? Pensava que, igual ao rei, nunca se separava.

A ironia de suas palavras fez que Margaret apertasse os lábios negando-se a sucumbir a suas brincadeiras.

– Como queira – suspirou, enquanto se acomodava em uma das cadeiras.

Durante uns segundos, não soube como iniciar a conversação. A viril presença de seu prometido a intimidava. "É impossível ignorá-lo por completo", pensou enquanto observava os largos ombros. Ultimamente, surpreendia-se a si mesma admirando seu garboso porte. Mas ao observar seu rosto coberto pela barba franziu o cenho.

– E bem? – perguntou ele.

Margaret se esclareceu garganta.



Caroline Bennett

– Esta manhã estive contando os dias que estão em Norfolk – ignorou sua sobrancelha elevada e continuou. – Acredito que é o momento de tratar do tema de nossas bodas.

– Não é um tema que me interesse – lhe esclareceu.

– O caso é que Enrique ordenou que as bodas se realizem quanto antes possível.

Adrian se se pôs a rir.

– E você está ansiosa, é obvio.

Algo em sua voz pareceu esperar uma resposta positiva, mas não, não podia ser mais do que era: uma brincadeira.

– Wentworth, ambos estamos obrigados a estas bodas, não há maneira de escapar e quanto antes confrontemos o assunto melhor.

O olhar do Adrian se obscureceu perigosamente.

– Então, se encarregue de tudo. Sem dúvida, terá mais experiência que eu na organização de semelhante espetáculo – disse enquanto fazia um vago gesto com a mão em direção da sala.

Os olhos azuis da jovem se aumentaram.

– Pensa esquecer essa questão?

– Me limitarei a cumprir estritamente a ordem do rei.

Margaret apertou os lábios e com um gesto feroz se levantou para lhe encarar.

– Queira se apresentar na igreja no famoso dia.

– Acredito que em seus entendimentos com o rei se limitaram a pedir um pretendente. Bem senhora, já o têm.

– Quem lhe contou isso?

– As notícias voam.



Caroline Bennett

– E os asnos zurram – apontou ela. Se, como ele dizia, as notícias voavam, já saberia que eram muitos os que estariam mais que agradecidos por um matrimônio como aquele. Era uma excelente partida, e todos sabiam. Teria que ser ela a ofendida com semelhante prometido. Teimoso e idiota como uma mula.

– Acredito que tudo ficou perfeitamente claro. Eu me ocuparei dos preparativos enquanto vocês vadiam lambendo a pelagem.

A comparação lhe fez sorrir involuntariamente. Margaret observou seus dentes, perfeitamente alinhados depois da espessa barba.

– Agora, se me desculparem... tenho muito trabalho. – Seu anúncio apagou seu sorriso.

– Espere. – A ordem a fez deter-se justo a seu lado.

– E o que, agora? – perguntou com evidente mau humor.

– se aproxime.

A misteriosa atitude fez que Margaret se aproximasse sem protestar. Adrian a tocou na cintura. O calor de suas mãos atravessou as grossas roupas dela produzindo um estremecimento. Colocou-a entre suas largas pernas sem deixar de olhá-la. Ante esse olhar, Margaret deixou escapar um ofego de surpresa.

– Mas... – começou a protestar, mas ele não se deteve aí. Levou uma mão a sua cabeça, apanhando em seu enorme punho o tecido de sua touca.

– O que faz? – inquiriu suscetível.

Adrian não fez nada para explicar suas intenções. Limitou-se a desprender bruscamente a touca liberando sua cabeleira. Margaret exclamou algo levando as mãos à cabeça.

Sua juba cintilou à luz da lareira, esparramando-se por cima de seus ombros e lhe acariciando os quadris, justo em cima da mão com a que Adrian a sujeitava. Ela se afastou os cachos de cabelo dourados e castanhos do rosto com um bufado. A essa altura, nenhum dos dois parecia estar consciente de serem o centro da atenção de todos.



Caroline Bennett

– Está louco? – gritou por fim ela, e lhe arrebatou a touca que ele parecia ter esquecido entre suas mãos. A intensidade de seu olhar a fez sentir-se incômoda. Nunca havia se sentido desse modo e então, soube por que o chamavam O Dragão. Seu olhar parecia desprender fogo e ela subitamente acalorada não teve mais remédio que pôr-se a correr.

Adrian a deixou ir. Seu mau humor apareceu de novo. Ela era castanha. Castanha! E seu cabelo lhe pareceu simplesmente glorioso. Diabos! Teria sido melhor que ela fora calva, porque a brilhante juba lhe fez imaginar quão bem adornaria a jovem na nudez do leito. Maldita seja! Não queria desejá-la. Por ser assim, tudo se complicaria enormemente.

Margaret tropeçou bruscamente em Eugen nas escadas.

– Perdoe milady – se desculpou.

Margaret elevou uma mão aceitando a desculpa, mesmo sabendo que a culpa tinha sido dela. Bom, mas bem de seu prometido, caipira sem sentido, idiota e teimoso.

– Por favor, esqueça. E me diga, não são esses os sapatos de meu prometido?

Eugen olhou os sapatos, como se tivesse esquecido de que os sustentava.

– Sim, senhora. O mordomo disse que os levasse para que possa trocar – lhe explicou. – Meu senhor é um pouco descuidado com sua pessoa, nunca se fixa em suas roupas ou nas de outros. É mais, não acredito que haja algo que odeie mais que tudo do que o relacionado com o bem vestir e a etiqueta.

Margaret franziu o cenho, confusa. Wentworth estava acostumado a mostrar-se muito desagradável com o moço.

– Não entendo então lhe serve?

O moço sorriu como se o fato lhe enchesse de orgulho.



Caroline Bennett

– Há dois anos. A uns pode parecer toda uma vida, mas lhe contarei algo sobre ele. – Eugen olhou sobre seu ombro para assegurar-se da confidencialidade. – "Cão ladrador, pouco mordedor".

Margaret o olhou com o cenho franzido, tratando extrair algum significado daquelas palavras.

– Bem, Eugen, cumpra com seu encargo. Não queremos que Wentworth se impaciente.

– Como se isso fosse possível – lhe ouviu murmurar enquanto começava a descender pelas escadas.

Declarou-se a guerra. O primeiro encontro dos bandos contrários tinha tido lugar um dia depois do incidente do salão. Os rumores apontavam que Lady Norfolk buscou a revanche pelo intento de agressão levado a cabo por Lorde Wentworth (assim o qualificavam as más línguas).

Margaret tinha tomado muito a sério os preparativos de suas bodas. Pediu a Eugen que lhe mostrasse as roupas de seu senhor e, ao descobrir o pobre vestuário, decidiu renovar tudo e cada um dos objetos por outros novos.

A notícia fez que Adrian se engasgasse.

– As roupas das que dispõem não vestiriam nem ao mais pobre dos mendigos. Eugen pode tomar as medidas para lhes costurar umas novas, indicou-me...

– Eugen? – perguntou entrecerrando perigosamente os olhos – O que tem haver esse despojo humano com tudo isto?

Margaret se encolheu de ombros subtraindo importância a sua resposta.

– Sabe de tecidos e, além disso, conhece seus gostos. Esteve-me dando algumas idéias.

Adrian a olhou como se de repente lhe tivessem crescido dois chifres.

– Direi-lhes o que podem fazer com essas idéias – grunhiu.



Caroline Bennett

– Deu-me carta branca no assunto ao se desinteressar das bodas recorda? Acaso a maneira que aparecerá vestido ante o altar não entra dentro dessas competências?

Ela tinha lhe dado a volta no assunto e Adrian apertou com força a mandíbula.

– Sinto lhe envergonhar, minha senhora. Possivelmente não me considere de sua linhagem e trata de me disfarçar do que não sou. A coisa não tem remédio, assim, se conforme com sua sorte – resmungou ele, e saiu bruscamente a grandes passos do seu lado.

Margaret não pôde replicar: a ira que viu nesses olhos a paralisou. Ela não tinha insinuado nada semelhante, mas Wentworth o tinha interpretado mal tudo.

Adrian saiu da casa com passo vivo. Seus homens, que nesses momentos praticavam com as espadas no pátio, perceberam seus gestos furiosos, mas continuaram com o treinamento. Tão somente Marcus, que treinava afastado de outros, pareceu não perceber sua presença, e se voltou surpreso por ouvir o som do assobio da espada de Adrian. Sorriu ao ver seu senhor, mas Adrian não tinha vontades de trocar palavras. Com um gesto lhe indicou que se adiantasse, e sem mais preâmbulos ambos se deram início a uma igualada competição de espadas. Margaret se achava de um péssimo humor, já que à discussão mantida com o Wentworth lhe somava o anúncio de Elizabeth, a cozinheira principal, de que todo um estoque de farinha se embolorou.

Margaret se encontrava na dispensa procurando a origem do problema quando Catelyn chegou sem fôlego em sua procura.

– Senhora! – O grito assustou a Margaret que estava em cima de uma escada enquanto inspecionava um enorme tonel. O susto a desequilibrou e esteve a ponto de aterrissar sobre sua nádegas.

– Catelyn! – gritou furiosa. – Tem que gritar desse modo?

Lady Catelyn a olhou sobressaltada durante um segundo, mas depois começou a falar rapidamente recordando o que a trazia para o lugar.



Caroline Bennett

– esta lá fora! Venham, depressa!

A urgência de sua voz fez que Margaret a seguisse através do estreito corredor que conduzia até as cozinhas, daí à saída posterior.

– O que é o que ocorreu? – perguntou preocupada com a pressa da jovem.

– trata-se de seu prometido, senhora.

Deveria haver imaginado. Nenhum outro tinha aquele efeito nos habitantes da casa.

– O que é o que tem feito agora? – perguntou irritada.

Catelyn olhou por cima do ombro enquanto iniciava a marcha até o pátio.

– Está combatendo com um de seus homens.

– O que?

Uma expressão de horror cruzou o delicado rosto da jovem, e sem pensar duas vezes pôs-se a correr. Decidida a deter aquela injustiça se dirigiu para o tumulto em um dos extremos do jardim. Conseguiu abrir passagem com cotoveladas entre o ruidoso grupo e ficou na primeira fila. A seu redor os homens provocavam a um e outro competidor, mas Margaret já não teve mais olhos nem ouvidos.

Ante ela, Adrian e Marcus cruzavam suas espadas com ferocidade. O ensurdecido ruído do metal ao se chocar a fez conter um grito de angústia mas, fascinada, seguiu com o olhar aquele baile maldito da vida e morte.

O corpo esbelto e ágil de seu prometido se movia com uma graça felina, retrocedendo, dobrando-se, girando e atacando. A luta, em princípio igualada, foi-se decantando pouco a pouco pela experiência e a força do Adrian. Marcus não fazia outra coisa a não ser retroceder e frear seus contínuos ataques. Pouco a pouco suas cutiladas foram perdendo força, mas, em um último intento por salvar a luta, se arremessou em um ataque. Adrian retrocedeu no momento certo, evitando por centímetros o



Caroline Bennett

fio da espada. Um ligeiro sorriso se desenhou em seu rosto. Marcus tinha descuidado sua defesa, um movimento peralta foi bastante para lhe desarmar. Até Marcus pareceu reconhecer seu engano e se resignou com o ataque final. Entretanto, algo deteve Adrian, sem saber exatamente por que. No momento chave e possuído pela mais intensa das curiosidades, sua cabeça girou para trás deixando a mercê de Marcus a vitória.

Adrian se encontrou com os inconfundíveis olhos azuis de sua prometida. A dama parecia afligida pela cena e durante um breve lapso de tempo, Adrian se perguntou se não estaria por ele também. Depois sua expressão trocou, Adrian se deu conta muito tarde do porquê. Com uma sonora batida, Marcus o enviou ao chão, desarmando-o. O guerreiro festejou sua vitória com um intrincado passo de baile e saudou com petulância à concorrência.

– Senhora! Permitam-me lhe agradecer. É a você a quem dedico minha primeira vitória sobre o Dragão.

Margaret se ruborizou ligeiramente e apartou o olhar das musculosas costas de seu prometido.

– Eu...Eu não sabia que estavam treinando – pronunciou, jurando-se a si mesmo que estrangularia ao Catelyn com suas próprias mãos.

Adrian tomou sua espada do chão e se levantou com agilidade. Era a primeira vez em anos que havia perdia um combate a espada. Embainhou sua espada com um grunhido.

– No futuro, senhora agradecerá senão se aproximar tanto – murmurou tomando-a fortemente pelo braço e arrastando-a para longe dos homens que não deixavam de sorrir e dar cotoveladas.

Indignada por aquele trato vexatório, Margaret se mostrou impotente contra essa força bruta.

– por quê? Acaso temem por minha segurança?

Adrian seguiu caminhando.



Caroline Bennett

– Para falar a verdade, sim. Estando tão perto poderia-me sentir tentado de lhes cortar o pescoço.

A ameaça a fez ofegar de indignação. Mas em que acreditava aquele cretino!

– Esta é minha casa.

Adrian se deteve longe de ouvidos curiosos. O intenso olhar a fez retroceder até se chocar contra a parede da casa. Adrian cercou seu corpo apoiando as mãos em ambos os lados de sua cabeça.

– Está bem, pode ser que seja sua casa, no momento – sussurrou a seu ouvido. – Mas esses homens são meus homens e lhe proíbo de aproximar-se deles.

Margaret sorriu amargamente.

– É um ser infantil e caprichoso – lhe acusou cravando um olhar turbulento em seu rosto

A conseqüência imediata foi que Adrian se aproximou mais dela, roçando seu peito contra seus seios.

– E você é uma intrometida malcriada.

– Se o que lhe preocupa é que o veja perder de novo ante algum de seus homens, fique tranquilo. Não me interessam suas bravatas, ao menos, é claro, que tente me impressionar. Nesse caso, meu senhor, informo-lhes que esse mérito já o conseguistes.

Os olhos do Adrian se entrecerraram perigosamente. Seu quente fôlego roçou a bochecha da jovem ao perguntar.

– E posso saber como?

Margaret sustentou seu olhar corajosamente. O aroma masculino a envolveu então tenazmente. Aquele corpo grande e varonil desprendia uma essência difícil de ignorar. Margaret reprimiu o desejo de inspirá-lo a fundo.



Caroline Bennett

A certa distância qualquer que fora testemunha da conversação pensaria tão somente em um interlúdio entre apaixonados pretendentes.

– Bom, é difícil hoje em dia – pronunciou lentamente Margaret, saboreando cada uma das sílabas – encontrar um homem com hábitos tão parecidos com os de um asno.

Dito isso, Margaret empreendeu a fuga, para o qual não teve mais remédio que empurrar o amplo peito que tinha ante si, mas, como a medida em si mesmo não era muito eficaz, acompanhou-o de um efetivo chute na tibia.

O traiçoeiro golpe pegou Adrian de surpresa, que retrocedeu amaldiçoando.

– Maldita arpia! É você quem se comporta como uma potranca selvagem.
– Tentou alcançá-la de novo mas, como muito bem tinha comprovado, a dama sabia como mover-se quando as circunstâncias assim o requeriam.

A pequena bruxa tinha fugido de novo. Com péssimo humor girou a cabeça para seus homens, que fingiram ignorar o incidente aplicando-se em suas tarefas, só a irritante risada do Eugen se elevou no silencioso pátio e, posto que o objeto de seu mau humor tinha fugido, Adrian encaminhou de volta a este disposto a descontar em sua pele todas as ofensas do dia.

Margaret não poderia estar mais furiosa consigo mesma. Aquele besta a tinha feito comportar-se como uma taberneira de porto. Com um gesto mal-humorado apartou seu prato. Sophie, que compartilhava a mesa em seu quarto, levantou a vista de seu jantar; a jovem não era a única que se apresentou voluntária para compartilhar sua reclusão, face aos protestos da Margaret.

– Não vão jantar nada? – perguntou surpreendida.

– Não tenho apetite.

Depois do jantar, Margaret ficou só uns instantes, tratando de convencer-se que o fato de não jantar nessa noite no salão fosse um ato



Caroline Bennett

de desafio e não de covardia. Chegou satisfeita a uma conclusão: tinha sido seu prometido quem a tinha feito esquecer sua educação e seu bom berço com sua brutalidade, e a tinha feito atuar como uma camponesa. O fato em si era bastante vergonhoso para que qualquer dama se negasse a comer em público durante anos.

Recuperou o humor depois de um banho de água quente. Interrogou a uma faxineira sobre Adrian. Nada em seu comportamento tinha delatado que estivesse zangado ou furioso. Caramba! Até era possível que festejasse não ter que suportar sua presença na mesa.

Já entre as suaves mantas de pele, decidiu que amanhã seguinte fingiria ter esquecido a briga. Wentworth, embora não fosse um cavalheiro, não teria como ignorar o incidente e teria que lidar com isso. Os olhos da Margaret se fecharam brevemente e sorriu na escuridão de sua quarto ao recordar a cara de assombro de seu prometido ao lhe chutar. Essa seria a cara que Margaret recordaria quando estivesse ante o altar.

Mas esse pensamento deu lugar a um mais inquietante pois, ao voltar a fechar os olhos, um familiar perfil se desenhava em seu cérebro. O perfil veio acompanhado de um corpo alto, esbelto e bem musculoso. Surpreendida pela vivacidade de sua lembrança, tratou de apartar de sua cabeça, mas então recordou aquele largo peito lhe roçando a ponta dos seios e um agradável formigamento a percorreu de pés a cabeça. A pele ali carecia de pêlo e estava bem torrada, apesar da estação em que se achavam. Como tinha chegado seu cérebro a recordar tantos detalhes quando ela nem sequer tinha tido consciência de lhe haver tocado?

A questão era que o recordava, como também recordava os largos ombros de clavículas proeminentes, ou as largas pernas que ao mover-se desenhavam contra o tecido de suas meias uns músculos poderosos. Margaret suspirou: aqueles pensamentos pecaminosos estavam acelerando seu coração. Deu uma volta sobre o colchão e enterrou a cabeça sob o travesseiro decidida a esquecer semelhantes pensamentos; entretanto, estes vagaram teimosamente até o instante em que Adrian tinha evitado habilmente o ataque de Marcus. O ágil salto tinha feito que sua camisa mostrasse seu corpo por um instante. Esse escasso segundo



Caroline Bennett

tinha passado despercebido para sua consciência, mas seu subconsciente era outra coisa. Este parecia ter tomado muito boa nota das formas que as ajustadas meias deixavam entrever. Margaret se deu conta que estava pensando nem mais nem menos que no traseiro do Wentworth, igual o faria uma prostituta. O caso é que a imagem lasciva não só se negava a desaparecer, mas também reaparecia de diversas formas: Adrian com as pernas separadas, com uma delas ligeiramente flexionada... Deus, aquilo a estava pondo doente literalmente! Sentiu um calafrio percorrer dos pés a cabeça até em pleno inverno, algo muito parecido ao que havia sentido quando Adrian a tinha tocado tão intensamente aquela tarde, depois de lhe arrancar a touca.

Desesperada, Margaret se sentou bruscamente na cama. Se continuasse com semelhantes pensamentos não teria como remediar que se confessasse com o padre Francis. Só em pensar a fez ruborizar profundamente. Um pouco mais tranqüila, deixou-se cair de novo sobre os travesseiros. E para distrair a mente começou a rezar, até ficar profundamente adormecida.



Caroline Bennett

Capítulo 5

Adrian calculou a hora da comodidade de sua cama, esperando pacientemente que os ruídos da casa cessassem. Nesse momento, reinava um silêncio total ocasionalmente quebrado pelo ranger do chão de madeira ou algum sussurro. Quando esteve seguro que todos os habitantes da casa dormiam, retirou as mantas e se levantou. Tinha chegado a hora de sua vingança.

Não foi difícil chegar até o quarto de sua prometida. Previamente, durante o jantar, tinha interrogado inocentemente os criados. Com passo silencioso apoiou uma orelha contra a porta. Do interior do quarto o único som era o crepitar do fogo. Com um sorriso Adrian tomou o cubo de madeira que levava consigo. Abriu a porta silenciosamente e se introduziu no quarto. A escuridão do lugar não era total. Da lareira em uma das paredes se desprendia uma luz tênue.

Aproximou-se sigiloso até os pés do leito, e retirou lentamente os cortinados que o rodeavam. Das profundidades surgiu um suave suspiro. Adrian se deteve uns instantes a observar o inocente sonho de sua prometida. A jovem jazia de lado, com as mantas lhe cobrindo os ombros. Sua maravilhosa juba descansava livre sobre o travesseiro, frisando-se em ligeiros cachos em torno do doce rosto da donzela.

Bem podia parecer agora doce, mas não deixava por isso de ser uma arpia, disse-se.

A água geada despertou tão violenta e efetivamente como o tivesse feito cair em um manancial gelado. Com um grito, Margaret se sentou sobre o colchão úmido tossindo e ofegando. O brusco despertar fez pensar no ataque de algum louco, e rapidamente ficou em pé sobre as mantas procurando o culpado.

O culpado tomou a forma de seu prometido e Margaret teve que esfregar várias vezes os olhos para assegurar-se de que não estava sonhando.



Caroline Bennett

– Você! – Acusou-lhe elevando os punhos em atitude defensiva. – Você! – repetiu.

Adrian sorriu à dama apoiado em um dos postes.

– Exato milady. Pensei que um banho lhe ajudaria a temperar o ânimo.

– Oohh! – exclamou e sem prévio aviso saltou sobre ele.

O impacto do corpo feminino tomou Adrian de surpresa, que caiu sobre o tapete com a dama em cima.

Do outro lado da porta chegaram vozes, mas esta permaneceu fechada, já que o próprio Adrian se encarregou de passar o ferrolho.

– Milady! O que ocorre? Encontra-se bem?

– Senhora, por favor, responda!

O trinco se moveu com urgência enquanto o ruído dos golpes se incrementava até converter-se em frenético. Margaret não era consciente disso. Em sua cabeça só havia capacidade para uma coisa: matar ao Wentworth.

Às cegas lançou um ataque furioso com punhos, dente e unhas. Adrian se defendeu entre risadas que a enfureceram ainda mais. Com gesto decidido, jogou o punho para trás e um direito muito certo fez branco no olho do Wentworth.

O homem deixou escapar um juramento. Mas a jovem não retrocedeu em seu intento. Continuou golpeando e arranhando até que Adrian decidiu que já tinha suficiente. Girando sobre si mesmo, desequilibrou o magro corpo que o montava fazendo-o cair de costas e imobilizando-o contra o chão.

– Basta bruxa! – advertiu-lhe.

Ela ignorou a advertência e elevou uma de suas pernas. Adrian a deteve com dificuldades a escassos centímetros de suas partes.



Caroline Bennett

– Maldita mulher! Fique quieta de uma vez – grunhiu cada vez mais desconcertado, pois nunca tinha posto às mãos em uma mulher com esta.

– Jamais – ela lhe contradisse enquanto tentava morder o punho com o qual tinha sujeitado suas mãos.

Adrian as elevou sobre a cabeça, longe dos afiados dentes.

Com a respiração agitada, levou a mão livre até o olho ferido e amaldiçoou de novo ao notar o inchaço que já começava a formar-se.

– me solte e lhe deixarei o outro igual – convidou à donzela.

Com gesto incrédulo, Adrian se separou para observar à belicosa jovem.

A essas alturas estava tão furioso que poderia chegar ao assassinato, mas a visão da camisola elevada até os quadris e os brancos membros enredados nos seus fizeram que seu mau humor se diluísse como uma coluna de fumaça arrastada pelo vento. Um dos laços de sua camisola se desfez do ombro descobrindo assim parte de um lustroso seio. A inesperada visão daquele peito amadurecido fez que o corpo do Adrian reagisse excitado. Os olhos verdes adquiriram um tom escuro e de novo aquele olhar que fazia arder à pele.

– me solte – exigiu com voz insegura.

O corpo de seu prometido se moveu sobre ela ligeiramente.

– me solte – repetiu apanhada pela intensidade daquele olhar que parecia querer absorvê-la.

Margaret fixou a atenção em sua boca e inconscientemente umedeceu os lábios. Aquele gesto foi o detonante do que a seguir aconteceu. A febre que o consumia incitou Adrian a provar o rastro de umidade daqueles lábios acetinados, vermelhos como os morangos. Assustada a jovem tratou de afastar-se, mas ele a sujeitou com firmeza sobre seu corpo pressionando-a.

A boca masculina se apertou grosseiramente contra seus lábios, como se não estivessem acostumados a se mostrarem delicados. Margaret se



Caroline Bennett

retorceu contra aquele corpo duro tentando afastar-se, mas só conseguiu uma maior submissão. As grossas carícias do Wentworth lhe machucaram os lábios. Aquele animal com ferraduras a estava asfixiando! Por um instante, Adrian pareceu retirar-se e Margaret aproveitou a ocasião para abrir a boca em um vão intento de encher seus pulmões de ar. Grave engano porque, Adrian apertou de novo sua boca contra ela. Mas desta vez sua língua também entrou em jogo. Margaret se surpreendeu tanto com o gesto que deteve seus pontapés e quando aquela língua encheu sua boca, apalpando seu paladar com uma delicadeza imprópria dele, estremeceu-se confusa. A robusta barba lhe fez cócegas no nariz e sua enorme juba lhe roçou as bochechas. O sabor do homem lhe encheu a boca: vieram especiarias e fruta fresca. Deixou-se arrastar por aquela sorte de feitiço com a respiração acelerada, sem que isto estivesse relacionado com seu esforço físico. A causa certamente se devia por estar derretendo pouco a pouco sob a boca do Adrian como um gelo ao sol. Aturdida consigo mesma e atrás daquele estalo sensual ficou completamente quieta, esperando o passo seguinte com ansiedade.

Mas não houve passo seguinte nem nada que lhe parecesse, pois Adrian se separou bruscamente dela. Sua mão apertou com força as mãos sujeitas fazendo que Margaret lançasse um gemido de dor.

De novo, seus olhos se encontraram e por um segundo, Margaret acreditou detectar certa paixão neles. Entretanto, a boca lhe torceu em uma careta depreciativa que a encheu de humilhação.

– Vos odeio – afirmou porque estava tão confusa que não sabia o que dizia, enquanto ele a deixava livre para ficar de pé agilmente.

Adrian a olhou das alturas e sorriu sem humor.

– Faz bem.

E sem uma palavra mais se dispôs a sair do quarto.

– Arrogante presunçoso! Crê que pode entrar em minhas habitações para fazer sua vontade?



Caroline Bennett

Adrian só voltou ligeiramente à cabeça.

– Minha Senhora vou abrir esta porta, assim lhe sugiro que feche as pernas e se ponha de pé se não quer que pensem o que não é.

O vulgar comentário a fez ruborizar-se profundamente, mas se apressou a levantar-se enquanto ele abria a porta.

Foi uma larga noite para ambos.

Margaret não pôde explicar a suas damas o que tinha passado no quarto. A moça lhes assegurou que se encontrava perfeitamente, mas suas damas permaneceram a seu lado teimosamente até que se acalmou. As roupas da cama foram retiradas e umas novas ocuparam seu lugar. Serviram-lhe uma infusão que tinha como missão acalmar seus nervos, mas não havia nada no mundo que pudesse acalmá-la. De novo a sós, a lembrança do ocorrido à fez perguntar-se por que Wentworth a odiava tanto. Seu beijo tinha sido um castigo, reconheceu, ao recordar o depreciativo olhar de seus olhos verdes. Por que a tinha beijado se tanto lhe desagradava? Para humilhá-la, é obvio.

Perguntou-se se ele sempre se comportava assim com as demais mulheres. Mentalmente repassou momentos nos que Adrian tinha estado acompanhado de outras mulheres, geralmente de suas damas ou criadas. Normalmente, o arrogante homem parecia mostrar muito pouco interesse por elas ou bem, mas as ignorava por completo se não vinham acompanhadas de comida ou bebida. Só sua presença parecia lhe incomodar ou lhe desgostar. Mas por quê? Ela não tinha sido a culpada daquele compromisso, embora a olhos do Adrian sim. E de repente lhe ocorreu uma pergunta mais. Havia outra mulher em sua vida, alguém que tinha tido que abandonar para tomá-la como esposa? Esse pensamento a encheu de angústia. Poderia ser que ele amasse a outra e se visse obrigado a casar-se com ela. Nesse caso, o comportamento do Wentworth estava explicado. Por que então a tinha beijado?

Estendido sobre o leito, Adrian permaneceu em acordado grande parte da noite. Procurou consolo em uma garrafa de vinho que Eugen tinha



Caroline Bennett

levado a seu quarto na noite anterior, mas o álcool não lhe ajudou a acalmar a queimação que lhe corroia o corpo.

De vez em quando, ao fechar os olhos, a visão de sua prometida de pé sobre o colchão o fazia estremecer. Essa noite tinha descoberto quanto a desejava. A jovem, vestida com aquela camisola que flutuava a seu redor como um halo, assemelhava-se a uma pequena ninfa. Seu corpo miúdo era tentadoramente proporcional. Aquele corpo semi-descoberto lhe tinha provocado uma ereção forte e instantânea e o desejo de tomá-la e saborear aquele tesouro foi o mais imperioso de toda sua vida. Por isso a tinha beijado, como castigo em princípio, mas depois, Deus santo! Adrian não sabia muito bem o que havia sentido depois.

A questão era que ela não participou do beijo e uma vez mais Adrian soube que a única coisa que lhe provocava era asco e temor. Certamente ela lavou a boca depois desse beijo.

Adrian elevou a garrafa e verteu um bom gole.

Lentamente foi caindo em um doce torpor.

Deveria procurar uma maneira de aliviar seu desejo. Lady Catelyn era uma agradável viúva: seus olhos pardos e quadris redondos faziam enlouquecer aos homens. Poderia ser o que procurava, mas não, Lady Catelyn era extremamente fiel a sua prometida; em realidade nenhuma mulher em Norwich estaria disposta a trair Lady Norfolk, sua elevada duquesa. Possivelmente, uma das moças do botequim. Elas não pareciam ter problemas em fazer companhia a um cavalheiro por umas quantas moedas. Como sempre ele se veria obrigado a pagar mais por menos, mas seria melhor desafogar-se que continuar assim.

O anúncio da chegada do padre Francis no dia seguinte tomou Margaret com surpresa. O pároco ancião não podia ter elegido melhor momento.

– Onde diz que está? – perguntou Margaret ao mordomo enquanto ficava de pé abruptamente.

– No salão, milady, as demais damas já se acham com ele.



Caroline Bennett

– Então, vamos.

John suspirou para seus dentes ao ver que a moça recuperava sua habitual vitalidade. Todos os que a conheciam bem tinham notado sua estado melancólico nessa manhã e nenhum deles duvidava a quem atribuir-lhe. O escândalo da noite anterior tinha dado pé a todo tipo de falatórios nas que se chegou a nomear rapidamente com a palavra "violação". De qualquer modo, ninguém se atreveu a pronunciá-la ante Wentworth, todos na mansão ardiam em desejo de lhe perguntar como demônios havia conseguido o hematoma no olho.

Margaret chegou ao salão com passo veloz. Tomou uns segundos para recompor sua imagem enquanto tratava de localizar padre Francis, rodeado de suas damas.

– O senhor Carmichel se encontra já recuperado? – perguntava Sara com interesse. O senhor Carmichel tinha sido um bom amigo de seu falecido marido e com o passar do presente inverno tinha sofrido numerosas enfermidades.

– Já se encontra recuperado, pede-me que lhes saúde e pergunte por você.

– lhe diga, padre, que eu me encontro bem, só um pouco cansada pelo passado do tempo – assinalou a matrona ante o protesto a coro do resto das damas.

– Você não estão velha, Sara, e sabe – protestou Lady Sophie.

O padre Francis rompeu a rir, mas rapidamente foi assaltado por uma rajada de perguntas.

– visitou os Gerald?

– Sabem algo da família Grei?

– Quando Mary Joan dará a luz?

O padre foi respondendo pacientemente uma a uma todas as perguntas. Sempre ocorria o mesmo quando chegava a um lugar. Como único pároco de uma extensa comarca não tinha mais remediar deslocar-se



Caroline Bennett

constantemente para visitar as distintas paróquias, isso lhe permitia estar a par das últimas novidades, por isso era habitual que todos fossem a ele quando queriam saber de um familiar ou um amigo que vivesse em uma de suas paróquias.

Margaret se aproximou por fim, luzindo um sorriso de bem-vindo.

– Padre cada vez demora mais em nos visitar – expressou enquanto se inclinava para beijar a mão do ancião.

O padre Francis sorriu apenas e fez um gesto com a mão.

– se aproximar, moça, quero lhe ver melhor.

Os pálidos olhos azuis do clérigo percorreram o viçoso rosto feminino. Sua mão ossuda se adiantou para tomar o braço da jovem.

– Vamos junto ao fogo, ali poderá descansar comodamente – lhe convidou Margaret.

A calva cabeça do homem assentiu deixando-se conduzir mansamente.

– Parecem à mesma de sempre, entretanto, quando cheguei a esta casa, contaram-me que algo terrível lhe tinha acontecido. – O ancião se expressava, como sempre, com total franqueza.

Margaret se ruborizou profundamente e olhou para suas damas de forma acusadora. O grupo de mulheres elevou um sonoro protesto.

– Vamos, vamos, nos deixem a sós para que possamos falar tranqüilamente – pediu o padre Francis.

As mulheres saíram em turba fazendo prometer ao ancião que mais tarde se reuniria com elas para conversar.

– Bem o que tem de certo nisso? – perguntou sem demora.

Margaret se removeu incomoda em seu assento.

– Padre, não ocorreu nada. Minhas damas se aborrecem e já sabem que passa quando isso ocorre.

O ancião riu ligeiramente.



Caroline Bennett

– Está claro que não falará do tema, mas não importa, conheço-te desde que era pequena. – Suas mãos documentaram as palavras. – E sei que algo a preocupa; sem dúvida, tem a ver com esse prometido e suas apressada bodas. Diga-me, filha, como é esse famoso Wentworth?

O que poderia ter respondido ela? Que ele era um tosco militar sem maneiras alguns? Que tomava o que desejava? Que não era melhor que um javali? Que era tão prepotente que acreditava que o sol saía graças a ele? Que a odiava? Que o odiava?

– Terá que ver para opinar – disse simplesmente.

– Tampouco disso quer falar, por isso deduzo que você não gosta muito do homem.

Margaret estalou a língua.

– Padre, quando falar com ele descobrirá quão insuportável pode chegar a ser.

– me digam então onde se encontra – sugeriu o ancião.

– Saiu cedo esta manhã, quer "conhecer minhas terras" – enfatizou.

– Suas terras logo serão dele também, e deveria se alegrar de que ele mostre interesse por elas. Norfolk necessitava de um homem forte.

Margaret se sentiu ofendida em seu orgulho.

– Norfolk prosperou sem mais ajuda que a de seus habitantes.

– Vamos, Margaret sabe tão bem como eu que cada dia cresce o número de ladrões e assassinos. não haver um homem que imponha a lei Norfolk poderia converter-se em um refúgio para eles.

Sempre suscetível no que era relacionado a seu lar, Margaret replicou.

– Eu também sei aplicar a lei, minha mão nunca tremeu ao aplicar o castigo justo.

– Mas não vêem a diferença? Com o Wentworth como marido nenhum rufião pensará sequer em aproximar-se do Norfolk e de seus habitantes. Além disso, esse homem conta com o apoio real, nenhum homem mesmo



Caroline Bennett

que seja nobre – se referia sem dúvida ao Marlowe– ou plebeu passaria isso por alto.

Margaret conteve uma azeda resposta. Ela sozinha tinha tomado conta de Norfolk sendo apenas uma menina, mas ninguém parecia recordar seu empenho para convencê-la de que Wentworth era um presente do céu.

O ancião detectou seu desconforto e riu entre dentes.

– Sempre foi orgulhosa, igual a seu pai. Seu sangue corre por suas veias, sem dúvida.

Aquela declaração enterneceu a Margaret.

– Obrigado, padre.

– me diga, quando celebrarão suas bodas? O dia do Sagrado Natal seria um bom dia.

Margaret meditou uns segundos. A festividade do Natal teria lugar em dez dias, tempo suficiente para organizado tudo, tempo escasso para acostumar-se.

– Sim, acredito que esse dia seria o apropriado.

O pároco deu uma palmada no joelho.

– Bem. Agora faça um favor a este pobre velho e me acompanhe até o pátio. Ainda tenho que visitar a abadia.

– Mas não ficará? – perguntou com óbvia decepção.

– Antes tenho que visitar o monastério, sabe que não podem viver muito tempo sem minha companhia.

Margaret sorriu. De todos era sabido que o padre Francis desfrutava das pelepas com o abade.

– Então, voltará logo?

– Sem dúvida também sabe que não suporto as insípidas comidas dos monges. Esta noite retornarei para o jantar.



Caroline Bennett

Margaret acompanhou ao ancião até a entrada e ajudou a acomodar capa de grossa lã.

– As admoestações de seu matrimônio já foram lidas. Tão somente subtrai que lhes confessem antes da cerimônia.

Margaret assentiu distraída enquanto observava preocupada o intento do ancião por montar em sua mula.

– Padre, por que segue empenhado em montar um animal tão teimoso? Qualquer dia acabará no chão com o pescoço quebrado.

– Lucinda e eu levamos muito tempo juntos. Ela me compreende e eu a ela – explicou.

A mula lançou um sonoro zurro quando ao fim o clérigo subiu a sua garupa. O ancião conteve ao animal com um forte puxão das rédeas.

– John, ajude ao padre com esse animal – ordenou Margaret, cada vez mais preocupada com sua segurança.

O mordomo fez um gesto de espanto, mas ante o olhar de sua senhora se aproximou cautelosamente do animal e ajudou ao ancião a colocar o pé no estribo. A mula girou a cabeça com claras intenções. John pôde salvar seu traseiro dos dentes do animal com um movimento rápido, mas em sua fuga tropeçou com o degrau e caiu escancarando torpemente no piso. Margaret ajudou-o a ficar de pé enquanto agitava a mão em sinal de despedida.

– Maldito animal! Qualquer dia acaba feito picadinho – grunhiu o mordomo enquanto se sacudia dignamente sua camisa.

Margaret ocultou seu sorriso, mas sua hilaridade terminou de repente ao recordar as palavras do clérigo. Devia lhe pedir ao Wentworth que se confessasse e não sabia se aquilo lhe agradaria ou não. Inconscientemente tragou saliva. Um homem como aquele devia ter muitos pecados que confessar.

Wentworth avançou pelo caminho enlameado montado em seu cavalo, uns metros mais atrás partiam Marcus, D’Claire e Jules cantando



Caroline Bennett

desafinadamente uma canção; os três pareciam contentes com a vida em geral.

– por que crê que esta de tão mau humor? Nunca o tinha visto assim – murmurou Marcus assinalando com o queixo a solitária figura que partia ante eles.

– Só Deus sabe. Logo será um grande senhor, dono destas maravilhosas terras, mas isso não parece lhe agradar muito – elucubro D’Claire – além disso foi ele quem se empenho em ir ao botequim.

Jules fixou seu olhar no Wentworth. Dos três, ele era o que melhor o conhecia, mas aquele era um Wentworth desconhecido. Era fácil nesses dias fazê-lo ir às nuvens, inclusive pelo mais mínimo gesto. Tal e como suspeitava o guerreiro, essas mudanças de humor estavam intimamente relacionados com a atraente figura de Lady Norfolk, embora Jules não sabia em que forma.

– Pode ser que não lhe agrade casar-se. Sabemos que Wentworth odeia aos nobres e Lady Norfolk é uma deles.

D’Claire deixou escapar um bufado.

– Mas Lady Norfolk não é como todos esses estirados da corte. Ela é amável e cortês. Eu não teria queixa alguma.

Marcus riu balançando-se sobre seus arreios.

– Nem eu. Maldita seja! Tem um par de tetas...

Não pôde terminar a frase. O punho do Jules se estreitou contra sua mandíbula, lhe mandando diretamente ao chão.

Alertado pelo brusco som, Adrian se girou para averiguar o que tinha ocorrido. Descobriu Marcus esfregando a mandíbula sobre um atoleiro.

– Que demônios aconteceu – gritou mal-humorado. Não tolerava as brigas entre seus homens. Entretanto, não parecia haver inimizade entre os homens, pois Jules se apressou a estender a mão para ajudar ao guerreiro cansado.



Caroline Bennett

– Nada, meu senhor. Marcus tem aberto a boca além da conta, mas acredito que já se arrependeu. Ao que parece tem muito bom conceito sobre os peitos de sua prometida – riu D’Claire.

Marcus se ruborizou profundamente.

– Eu só o dizia a modo de completo – se desculpou envergonhado.

Adrian deixou escapar um grunhido e sem mais deu a volta para pôr ao trote a seu cavalo.

Os peitos de sua prometida! Aqueles pálidos e deliciosos globos lhe tinham gravado a fogo. Maldita seja! Maldito Marcus por fixar-se neles! Quem não podia haver-se fixado neles? Ele certamente não. Acostumado a peitos grandes e desprendidos, aqueles seios redondos e erguidos eram difíceis de esquecer, como difícil de esquecer eram os mamilos rosados que os coroavam.

Gemeu entre dentes ao sentir uma chicotada de luxúria entre suas pernas.

Seu plano de procurar companhia feminina tinha resultado um completo desastre. A moça do botequim se encontrava em casa de uns familiares e ele não tinha podido saciar-se com nenhuma outra, pois a proprietária era muito velha. Agora se encontrava mais excitado que antes e temia violar a qualquer mulher que lhe cruzasse seu caminho. Desmontou minutos depois frente à entrada principal; as tochas que iluminavam a casa tinham sido presas horas atrás e Adrian pôde guiar seu cavalo sem dificuldade até o estábulo. Podia ter pedido a um dos criados que se ocupasse do Sleipnir, mas desprezou a idéia: ele sempre se encarregou de seu cavalo e assim seguiria sendo no futuro. O trabalho lhe distrairia a mente e temperaria seu corpo.

Seus três companheiros, entretanto, não tiveram reparos em delegar essa tarefa e em entrar cambaleantes no salão. Margaret, que já tinha ouvido o ruído dos cascos, esperou ver entre eles seu prometido, mas ele não se achava entre os recém chegados.



Caroline Bennett

– Lorde Wentworth não os acompanha? – perguntou distraída, sua atenção estava na partida de xadrez que jogava com uma de suas damas.

– Está nos estábulos. Qualquer um diria que se acha mais cômodo lá que neste belo salão, cheio de tão encantadora companhia – pronunciou D’Claire galantemente.

O completo foi agradecido com umas risadinhas, mas Margaret arqueou uma sobrancelha com evidente suspeita.

– Está bêbado senhor? – perguntou ficando em pé e aproximando-se.

Os três homens riram.

– O que aconteceu, Marcus? Parece um réu espancado – disse ao examinar de perto o olho inchado do homem.

Jules quis conter a risada colocando uma mão sobre a boca, enquanto D’Claire fazia outro tanto. Marcus enfocou com dificuldade seu olhar.

– Um ramo baixo me golpeou e me atirou ao chão.

– Encontra-se bem? – perguntou Margaret estirando uma mão para examinar a avultada ferida.

O homem retrocedeu incomodo.

– Sim, minha senhora tão somente tem vontade de descansar o corpo e mente em uma macia cama.

– Então, siga seu caminho, senhor – disse sorrido. – Entendo que um soldado tão valoroso se envergonhe dos cuidados de uma dama – brincou.

Os três homens deram a boa noite e se retiraram com um suspiro, Margaret se voltou para o padre Francis que nesses momentos recolhia o jogo de naipes. Durante toda a noite o ancião tinha estado jogando e falando com suas damas à espera da chegada do Wentworth.

– Vai recolher-se também – perguntou.

– Sim, filha, o dia foi muito comprido para meus ossos cansados.



Caroline Bennett

Lady Catelyn ajudou ao ancião acompanhando-o escada acima.

Em seu interior, Margaret deu graças ao céu, pois isso lhe dava tempo para falar com Wentworth.

Adrian esfregava tranquilamente a cauda do enorme baio. O animal, servido de um cesto de cevada, deixava-lhe fazer enquanto mastigava prazerosamente o grão. Com uma palmada no anca este se virou docilmente. Adrian sorriu ligeiramente. Era um belo animal e em mais de uma ocasião tinha salvado sua vida. Possivelmente era hora de se acostumar à boa vida.

– Aprecia muito seu cavalo? – Pergunta-a não lhe surpreendeu tanto como a pessoa que a tinha feito.

Adrian trouxe uma maldição e olhou a sua prometida.

Apoiada contra uma coluna, Margaret observava com interesse o trabalho desenvolvido pelo homem.

– Sleipnir é minha única posse de valor.

– Parece muito perigoso.

– E o é, não duvidaria em lhe esmagar contra o chão caso se aproxime muito – grunhiu Adrian escovando de novo o animal.

"E sem dúvida, isso lhe agradaria tremendamente", pensou Margaret.

– Que encantador – apontou sem poder resistir.

Adrian se agachou para examinar os cascos do animal e comprovar a fixação dos pregos. Margaret observou a cena momentaneamente distraída com a vista que ante ela se apresentava. A camisa de Wentworth se ajustava a suas costas como uma segunda pele e à luz das luminárias os músculos se moviam com cada um de seus movimentos. Sem dar-se conta, Margaret deixou escapar um suspiro.

– Bem, milady, o que lhe faz me buscar nos estábulos há essa hora? Quer finalizar sua vingança – grunhiu ele.



Caroline Bennett

Margaret se recuperou rapidamente. Quase tinha esquecido o acontecido da noite anterior, e por curiosidade olhou o rosto e viu o escuro roxo em seu olho.

– Não o faça – lhe advertiu ele

– O que?

– Sorrir.

Margaret sorriu e lhe correspondeu com um escuro olhar.

– Mereceu isso.

– Senhora, aqui ninguém lhe ouvirá se gritar.

– O mesmo lhe digo.

Tinha conseguido lhe surpreender. Adrian a olhou como se fosse louca. Sua prometida era a única mulher que ousava lhe desafiar tão diretamente.

– Vai gritar? – perguntou ele entrecerrando os olhos.

A moça franziu o cenho ante o passivo olhar verde.

– Sim, se for necessário – lhe ameaçou e de repente ele sorriu.

– E que arte de sedução utiliza para isso? A boca possivelmente? – perguntou ele com uma voz subitamente rouca.

O cenho da jovem se acentuou e confundida repetiu inocentemente.

– A boca? – e então se fez a luz – Oooohh! é um porco – o insultou.

– E você que é?

Adrian se aproximou com óbvias intenções. Margaret correu fugindo para um lado do estábulo. Adrian a seguiu como um lobo segue a sua presa. Uma vez mais, seu olhar tinha aquele brilho tão estranho. Margaret sentiu o coração lhe golpear as costelas. O ia fazer de novo. Ia beijar. Freneticamente procurou uma arma com qual pudesse se defender.



Caroline Bennett

– Atrás, se não quer que lhe trespasse como uma salsicha salgada – lhe advertiu esgrimindo ante si uma forquilha de ferro. A descarada ameaça deteve o avanço do Adrian.

Sua prometida tinha a habilidade para lhe colocar em situações inacreditável. Que ele recordasse nenhuma outra se defendeu tão valorosamente dele. Era um bocado amargo pensar que usasse tanta vitalidade para evitar sua companhia.

– A que veio? – perguntou-lhe com voz cansada.

– Queria falar com você.

– E não podiam esperar até manhã?

– Não, o tema requer que seja tratado agora – repôs imperiosa.

Adrian lhe dedicou um funesto olhar enquanto tomava uma escova de grosas cerdas para esfregar a pelagem do animal. Margaret baixou lentamente sua arma sem deixar de lhe vigiar.

– Fale de uma vez, estou cansado – grunhiu asperamente.

como sempre Margaret não sabia por onde começar.

– O padre Francis chegou hoje a Norwich.

– O padre Francis? – perguntou ele com desinteresse.

Margaret clareou garganta.

– Será ele quem nos casará.

– Ah! – obviamente o tema o aborrecia soberanamente.

– Convencionamos que as bodas serão celebradas dentro de dez dias, na festividade do Natal.

– Parece-me bom – murmurou enquanto comprovava a suavidade da pelagem de seu animal sem nem sequer olhá-la.

Margaret ensaiou um sorriso.



Caroline Bennett

– Me alegro de que esteja de acordo – nervosa se lançou a lhe descrever um a um os detalhes do evento: uma companhia de malabaristas, músicos e atores tinham solicitado atuar nesse dia; Margaret opinava que sua presença alegraria o ambiente, como também o alegraria a participação de todos os habitantes de Norwich. Um açougueiro se encarregaria de escolher os melhores exemplares para a festa...

Dez minutos mais tarde Adrian perdeu a paciência.

– Basta, senhora!

A ordem deteve o monólogo com efetividade.

– Acreditei que queria estar informado de suas próprias bodas – argumentou com gesto inocente.

– Diga o que veio me dizer – demarcou olhando-a por fim.

Margaret afogou uma maldição. Era muito inteligente.

– Seus homens me falaram que de sua reticência com a Igreja. Entendo que não são praticantes e que...

– Tem razão – a interrompeu – A Igreja não merece a meus olhos mais respeito que um abutre carnicero.

Margaret tragou saliva.

– Mesmo assim, Enrique ordenou nossas bodas.

– Minha senhora, os votos que faça ante o altar serão plenamente válidos, não tema – expressou-o sarcástico.

Seu tom a enfureceu, pois era como se ele se rebaixasse a casar-se com ela.

– Bem, então não terá inconveniente em se confessar com o padre Francis – anunciou ao fim bruscamente.

– O que? – Novamente tinha conseguido lhe surpreender.

– O que ouve, ou acaso ninguém lhes ensinou o que é necessário para obter o sagrado sacramento?



Caroline Bennett

O olhar verde se turvou, seu gesto se fez ameaçador

– Não me confessarei com nenhum padre, minha senhora, e menos com um que reza por meu desaparecimento – advertiu.

Margaret se levou uma mão ao peito.

– O que diz? – inquiriu nervosa.

– Acaso vai negar que solicitou dessa sanguessuga uma missa em meu desfavor?

– Eu não... eu... – gaguejou – como?

A impressão a levou a apoiar-se contra a parede.

– Não importa o como, advirto – sussurrou isso com voz suave – Eu sempre me inteiro do que ocorre a minhas costas.

Tinha se aproximado de novo sem que ela o percebesse. Tomou de surpresa em seus braços e a apertou rudemente contra a parede.

– Saiba também que não me confessarei há não ser diretamente ante o Todo-poderoso, e saiba também que sempre obtenho o que quero.

Tardiamente, Margaret se deu conta do que se propunha. O beijo foi um castigo, assim o advertiu quando a boca masculina desceu bruscamente sobre ela. Sentiu-o apertar-se contra ela, o conjunto de seus sólidos músculos roçarem seu corpo. E justo quando seu corpo começava a ceder ele se retirou com a respiração agitada e os olhos brilhantes.

– Parte se não quer... – Não finalizou a frase. – Fora!

"Se não queria o que?", perguntou-se Margaret freneticamente. O coração parecia a ponto de estourar. Repassou com a língua o contorno de seus lábios, como saboreando o sabor de Adrian em sua boca.

Amaldiçoando de forma incoerente, Adrian se voltou ocultando sua excitação aos curiosos olhos que o observavam com dilatada surpresa. Finalmente sentiu seus passos se afastando enquanto sua respiração se aquietava.



Caroline Bennett

"Se não queria o que?", perguntou-se Margaret agradecendo em frio noturno. Por que se empenhava em beijá-la se tanto lhe desgostava? Era sua forma de castigá-la?

Capítulo 6

Adrian molhou em seu leite uma parte de pão lubrificado com uma cremosa capa de manteiga para levar à boca. Tomava o café da manhã à primeira hora acompanhado de seus homens, desfrutando da relativa tranquilidade que reinava no salão há essa hora. Lady Norfolk e suas damas, embora madrugadoras, não despertavam a não ser uma ou duas horas depois de Adrian e seus homens se levantarem. Isso era uma vantagem, pois evitava a molesta companhia. Por isso, quando o padre Francis apareceu na porta, Adrian deixou escapar um grunhido de chateio.

Teve que reconhecer que o ancião clérigo não era tal e como ele esperava. A frágil figura ia tão somente adornada com uma túnica tosca lã marrom, longe dos luxos que Adrian tinha visto em outros clérigos. Um singelo crucifixo de prata pendurava de seu pescoço balançando-se com o passo moderado do ancião. Um tanto surpreso pela inesperada companhia, o ancião se deteve para percorrer o salão com os olhos; depois, com um breve assentimento, iniciou de novo a marcha dirigindo-se diretamente para Adrian, que amaldiçoou em silêncio. Logo se inteiraria o padre que lhe agradava ser interrompido em seu café da manhã.

– É Wentworth? – perguntou sem demoras.

Adrian logo levantou a cabeça de sua tigela.

– Sim.

O ancião sorriu.



Caroline Bennett

– Bem, bem... por favor, jovem, me dê um lugar junto a seu senhor – pediu a D’Claire. O guerreiro olhou de esguelha a Adrian mas, encolhendo-se de ombros, fez-se a um lado sem mais palavras.

Adrian continuou mascando enquanto seu olhar vagava pela estadia, decidido a ignorar ao ancião.

– Sirvo-lhes um pouco de leite, padre? – perguntou um dos criados.

O pároco assentiu e enquanto sorvia tranqüilamente o quente líquido se voltou para Adrian.

– Tinha vontades de lhe conhecer. Desde o anúncio de suas bodas com a duquesa ouvi todo tipo de rumores a respeito de você.

– Nada bom imagino – grunhiu o jovem.

– Já sabe como são as mentes simples do campo. Entretanto, estou gratamente surpreso: estou seguro que será um bom marido para Margaret.

Aquela afirmação captou por fim a atenção de Adrian.

– Tanto como para organizar um ofício em meu desfavor? – sustentou com voz grave.

O ancião lhe olhou diretamente aos olhos sem deixar de sorrir.

– Isso foi uma criancice das damas de sua senhora. Se lhe servir de consolo, eu dirigi minhas orações para a prosperidade do Norfolk.

– Está bem, padre, o que é o que quer? – perguntou com sua habitual brutalidade.

O ancião o observou de novo e quase riu ao dar-se conta do desconforto do homem.

– Tão somente conversar com você – pronunciou e deu um sorvo no leite.

– Se o que procura é uma sórdida confissão de meus pecados, esqueça. Tenho direito de me reservar esse tipo de coisa.



Caroline Bennett

E então, foi o ancião quem o surpreendeu ao estirar uma mão e lhe golpear brandamente no braço.

– Vamos, moço, não vamos falar disso se não quer. Já terminou? – perguntou assinalando a tigela vazia.

Ficou em pé sem se incomodar em responder e com passo vivo se dirigiu para o exterior. O ancião lhe seguiu de perto com certa dificuldade.

– Espere, recorde que minhas pernas não são as suas – disse a suas costas.

Adrian grunhiu uma maldição. O padre lhe seguia como uma mosca. Voltou-se com o cenho profundamente franzido, demonstrando seu mau humor

– Padre, tenho muitas coisas que fazer.

– Pois a faça, eu lhe acompanho.

– Pelas meias de São Gabriel! – estalou ao fim– Não vou confessar-me, assim não é necessário que me siga para tratar de me convencer.

O ancião lhe alcançou e se limitou a lhe olhar. Havia algo nesses olhos azuis que transmitia tranquilidade e sabedoria.

– Esse pequeno segredo ficará entre você, eu e o Todo-poderoso. Contudo, sugiro que não o comente a Margaret, ela poderia mostrar um tanto ofendida.

Adrian o olhou sem entender.

– Não vai confessar-me?

– Não, se você não quiser.

– Então do que quer me falar?

– Em realidade de nada. Tão somente queria lhe conhecer melhor.

Adrian se mostrou confundido. As pessoas fugiam de sua companhia, não a buscava.

– pois me siga, tenho que preparar meu cavalo.



Caroline Bennett

Os dias anteriores às bodas transcorreram a grande velocidade embora Margaret não tivesse tempo de precaver-se imersa em uma frenética atividade. Jamais tinha pensado que uma boda requeresse tantos detalhes. Além disso, junto com os convidados que abarrotavam a mansão, no pátio de guarda se instalou todo um acampamento de trovadores, músicos e malabaristas. O dia de sua chegada (dois dias atrás) tinha sido o único que tinha cercado algum tipo de conversação com seu prometido, quando este foi às nuvens ao descobrir as coloridas tendas. Ao que parece, Wentworth não desfrutava com seu espetáculo e menos de sua presença. Margaret se viu obrigada a interceder e manteve uma acalorada discussão ali mesmo, ante todos, quando Wentworth ameaçou por fogo a suas carroças se não abandonavam a propriedade. A discussão se elevou de tom para deleite da fascinada aglomeração, convidados em sua maioria que tinham de diversos lugares para o enlace. Muitos deles chegaram à conclusão de que Wentworth não merecia tanta generosidade por parte do rei, assegurando que Lady Norfolk estava muito por cima do velhaco. As bruscas palavras que ele tinha pronunciado chegaram cheias de estupor os finos ouvidos das damas ali congregadas, e os cavalheiros, sobressaltados, limitaram-se a pigarrear, sem que nenhum deles se atrevesse a defender Lady Norfolk. Wentworth, embora vilão, sabia como dirigir a espada e nenhum estava disposto a separar-se de sua cabeça por uma discussão entre prometidos... Embora ninguém tivesse pensado que a duquesa necessitasse de nenhuma ajuda em sua defesa rebatendo com acalorada paixão os argumentos do guerreiro. Depois de um prolongado silêncio cheio de olhadas desafiadoras o casal se separou, ele a grandes pernadas e amaldiçoando e ela com a cara ruborizada e o cenho franzido.

Margaret recordou o incidente com uma careta. Depois disso não haviam se encontrado, ou seja, nada de seu ofendido prometido. Ante sua prolongada ausência começou a temer que não se apresentasse à cerimônia no dia previsto com fim de fazê-la zangar. Assim, fez chamar o Jules e lhe perguntou pelo paradeiro de seu futuro marido. Wentworth tinha optado por um retiro tranquilo em uma das cabanas próximas à mansão, conforme lhe informou o homem.



Caroline Bennett

– Então, lhe diga que esta noite será dado um banquete em nossa honra e que espero tenha a amabilidade de aparecer – resmungou em tom suave.

Jules acatou a ordem com um movimento de cabeça e se retirou sorrindo para si mesmo ao pensar na reação do Dragão ante a velada ordem.

No início da tarde, Wentworth ainda não tinha aparecido e Margaret não teve mais como remediar atender a seus convidados ela sozinha. Contudo, sua atenção estava posta na porta principal, vigiando cada entrada e cada saída e esperando ver a austera figura de seu prometido.

Nesses momentos, um grupo de elevadas damas a tinha rodeado para assaltá-la com todo tipo de perguntas sobre o futuro marido. Margaret começou a perder a paciência rapidamente, já fora pela falta de notícias sobre seu prometido ou pela incessante fofoca das damas.

– Disseram-me que em uma ocasião matou a uma mulher ante os olhos de seus cinco filhos – afirmava nesses momentos uma delas.

– Isso é uma tolice – grunhiu Margaret, sem deixar de vigiar a porta.

Uma das mulheres lhe golpeou levemente o braço para lhe infundir valor.

– É muito nobre por sua parte tratar de lhe defender, senhora, mas todas nós estamos de acordo a esse respeito. O rei se equivocou ao escolhê-lo como seu prometido. Não é mais que um camponês de toscas maneiras.

Em mais de uma ocasião, ela tinha pensado isso mesmo, mas se enfureceu para ouvi-lo na boca de outro.

– Lady Stanford, rogo-lhe que no da próxima vez se refira a meu futuro marido com o respeito que lhe deve ou me verei obrigada a lhe pedir que abandone esta casa. – Tão irada defesa surpreendeu o grupo de mulheres, que se abriu como o mar ante Moisés quando Margaret partiu para a entrada.



Caroline Bennett

Balbuciando uma retalia de insultos dirigidos às pérfidas mentes que tinha deixado atrás, Margaret fez um gesto a uma de suas damas de companhia. As mulheres, por ordem dela, disseminaram-se por todo o salão para vigiar que os criados cumprissem com seu dever e entreter aos convidados.

Lady Catelyn se aproximou com um doce sorriso na boca.

– Deseja algo? – perguntou lhe estendendo uma taça de vinho.

Margaret agradeceu o gesto e bebeu o conteúdo de um gole.

– Desejo que toda esta gente desapareça quanto antes – grunhiu enquanto jogava uma breve olhada por cima do ombro.

Lady Catelyn sorriu ao compreender.

– Acaso essas mulheres estiveram importunando-a com suas línguas?

– Sim, e o pior é que perdi a paciência.

– Então, me aproximarei e verei se posso arrumar o embrulho.

– Obrigado – disse com um suspiro.

– E agora procure apagar esse cenho franzido, estou segura de que ele aparecerá cedo ou tarde.

Margaret o duvidava.

Que tivesse aceitado por fim confessar-se (Margaret o tinha visto em várias ocasiões em companhia do padre Francis) não queria dizer que o fora a obedecer em tudo o que lhe pedisse. Entretanto, se ele aparecesse agora mesmo por essa porta, seria imensamente agradecida.

Wentworth fez sua entrada quando o banquete estava a ponto de ser servido. Qualquer um podia ter pensado que se limitou há esperar essa hora, e assim suspeitava Margaret, que o olhou com o cenho ligeiramente franzido. Sua alta figura se situou a seu lado e lhe dedicou um escuro olhar que a fez ruborizar até as orelhas ao recordar a maneira em como a tinha beijado dias atrás. Incomodada com esses pensamentos



Caroline Bennett

os separou de si com firmeza e converteu sua frustração em recriminação.

– Temi que lhe tivesse caído em algum poço profundo– murmurou sorrindo para dissimular seu mal-estar.

Wentworth se limitou a tomá-la pelo braço e arrastá-la para as mesas.

– Senhora, estou aqui, não mais reprove – grunhiu.

– diria que foi o aroma da comida que o atraiu. Nem sequer se dignou a saudar nossos convidados – continuou com a regaína, acompanhando suas pernadas.

– Estes, senhora, são seus convidados. Eu não gosto das palavras vãs e menos ainda os gestos. Se eu saudasse este bando de abutres, a esta matilha de lobos, eles me sorririam para me destroçar com insultos assim que lhes desse as costas.

– Deve se acostumar às boas maneiras. Depois de tudo, amanhã mesmo lhes proclamam duque do Norfolk, muitos dos homens que vê agora poderiam lhes servir de ajuda no futuro.

– Sei cuidar de mim mesmo, duquesa, e não necessito que me exorte a cada passo com o que me convém e o que não – lhe explicou ele.

Margaret apertou os lábios ante seu fracasso de enxergar com razão. Se não tinha conseguido que Wentworth saudasse os convidados, menos ainda que lhes dirigisse umas palavras de boas-vindas, pensou, jogando uma olhada a sua áspera expressão.

Os convidados foram ocupando seus lugares em torno das mesas. Os criados se colocaram devidamente em seus postos em espera do sinal do mordomo para começar a servir a comida, em enormes bandejas que saíam fumegantes das cozinhas. O vinho foi servido com generosidade e aqueles que preferiam cerveja degustaram a melhor dos barris do ducado. Quando as taças estavam cheias Margaret elevou uma mão, o salão ficou em silêncio.



Caroline Bennett

– Queridos amigos – anunciou golpeando sua taça de metal com sua adaga. Quando teve captado a atenção de todos continuou – Queridos amigos, queria lhes dar a boas-vindas a meu lar. Muitos de vocês percorreram um comprido caminho para estar aqui hoje, por isso meu prometido e eu lhes agradecemos – pronunciou, colocando sua mão no largo ombro do Wentworth.

Através do tosco tecido de sua camisa, Margaret o sentiu endireitar-se, surpreso porque o incluía.

– Desfrutem da ceia. Um brinde ao nosso rei Enrique, artífice e mentor de meu matrimônio.

As taças se elevaram em um brinde buliçoso. Enquanto Margaret sorvia de sua taça, observou a reação do Wentworth.

– Sua língua se move com elegante maestria. Não me surpreende que seu falatório cativasse Enrique – grunhiu ele após posar sua taça.

Margaret não podia saber o quanto lhe tinha agradado que o tivesse incluído em seu discurso, nem que de um modo tácito desse a impressão de estar contente com a eleição do rei. Adrian sabia que não era assim, mas ela o tinha dissimulado estupendamente, pensou com ironia.

– Agradeceria que deixassem de me olhar como se queriam me trespassar com sua espada – sugeriu Margaret.

Pareceu contrariado, piscou várias vezes antes de desviar por fim sua atenção. Ao ver sua reação confusa, Margaret sorriu e se inclinou para lhe sussurrar ao ouvido.

– Os convidados esperam que me sirva para começar a comer – lhe indicou assinalando uma travessa.

O a olhou como se não compreendesse, mas ao fim reagiu.

– Que parte deseja, senhora? – perguntou inclinando-se sobre uma travessa que continha um dourado leitão.

Ela desejava provar o cordeiro, mas pelo perigoso olhar que lhe dirigia achou que possivelmente o leitão não estaria mal para começar.



Caroline Bennett

– A mais succulenta.

– A cabeça então?

A pergunta tinha um duplo sentido e Margaret sabia.

– Me conformo com o lombo – balbuciou aproximando seu prato.

Enquanto lhe servia observou a destreza dele com sua adaga.

– Seriam um bom açougueiro – disse sem pensar

Deteve-se para olhá-la de soslaio e depois, de ter meditado atentamente suas palavras, rompeu a rir.

– Muitos pensam que já o sou – lhe explicou.

Sua risada era contagiosa e Margaret não pôde evitar sorrir

– Sabe, até este momento não lhe tinha ouvido rir – expressou-a, e pela primeira vez se deu conta também de que seus olhos verdes trocavam de cor, tornando-se mais claros ou mais escuros segundo seu humor. Nesses instantes, eram de intenso verde, um pouco mais escuro ao redor de sua íris.

– Até o momento não tive motivos para isso – lhe confessou. Seu tom confidencial a fez sentir-se estranha, porque demonstrava que ele começava a lhe mostrar sua confiança. Aquele comichão de satisfação lhe enredou nas vísceras e de repente teve vontades de cantar. Não o fez, é obvio, mas fez que John se aproximasse para lhe murmurar ao ouvido.

– diga aos músicos que comecem a tocar – Depois se voltou de novo para Adrian.

– Permita que lhe apresente Lady Poynings – disse assinalando à dama que Wentworth tinha a sua direita.

Wentworth reconheceu o sobrenome imediatamente.

– São da família Poynings?

A dama, de uns quarenta e cinco anos, mostrou-se confusa por sua brutalidade, mas respondeu.



Caroline Bennett

– É meu marido.

– Lorde Poynings demonstrou um excelente estadista evitando o derramamento de sangue de muitos inocentes – murmurou ele a seu modo, pois sinceramente admirava a esse homem.

A mulher sorriu lançando um olhar cúmplice a Margaret.

– lutastes junto a ele?

– Não tive oportunidade, milady.

– Nesse caso, me permita que o apresente assinalou Margaret sorridente.

A comoção foi evidente no barbudo rosto do Wentworth.

O cavalheiro em questão resultou ser o acompanhante de sua prometida. O homem, embora velho, conservava o aura magna de uma velha lenda. Não eram desconhecidas para nenhum guerreiro sua ousadia e sua destreza tanto no campo de batalha como na corte.

A partir daí, o jantar se desenvolveu com uma incomum calma. Wentworth se inclinava com freqüência para o Poynings, não havia dúvida que ambos os cavalheiros tinham combinado imediatamente, e Margaret recebia constantemente gestos de assentimento por parte de Lady Poynings.

A música era tão animada que muitos dos convidados não puderam evitar lançar-se à improvisada pista situada entre as mesas. Margaret observava aos dançarinos, contente de que tudo se desenvolvesse segundo o previsto.

Não, mentia.

Tudo estava se desenvolvendo muito melhor do que tinha previsto. Acabado o jantar, Adrian tinha afastado para poder conversar tranqüilamente com Lorde Poynings. Por fim começava a interessar-se por algo (embora esse algo não fosse ela).

Lady Poynings se retirou alegando cansaço pela viagem, mas suas palavras ainda ressonavam em sua cabeça.



Caroline Bennett

"É um homem estranho, Margaret, mas não se parece em nada com o monstro da lenda."

O convite de um conde a unir-se à dança a tirou de seu pensamento, aceitou com um sorriso e foi arrastada à pista. Os complicados passados do baile não representavam nenhum problema para ela: sua mãe se encarregou de ensiná-la corretamente. O vinho bebido durante a noite ajudava que seus pés fossem mais ligeiros e sua risada enchia com frequência a sala. Possivelmente foi por isso que era impossível apartar o olhar de seu prometido, que continuava imerso em seu bate-papo com Poynings. Possivelmente pelo ambiente festivo, ou pelo fato de que ao dia seguinte fosse se casar, o caso é que a induzia a lhe ver diferente, mais humano, mais atrativo. Atrativo? "Como um cabrito!", grunhiu para si mesma tornando a rir.

Minutos depois, algo chamou a atenção de lorde Poynings, que deteve seu discurso e se concentrou em um ponto situado no outro extremo do salão. O homem, intrigado, inclinou-se para perguntar algo a Wentworth e este teve que voltar-se. Foi sua reação que fez com que Margaret se virasse para comprovar o que despertava seu interesse. Demorou vários segundos em assimilar o que seus olhos viam.

Embelezado com as vestimentas mais horríveis que se viram no reino, Eugen se pavoneava ante os olhares divertidos dos comensais, que o tomavam por um ator. Margaret piscou várias vezes e se deteve em meio da pista de baile.

Eugen vestia meias de uma intensa cor verde que contrastavam vivamente com sua camisa vermelha, e que faziam jogo com seus sapatos de couro tingido. Seu boné de veludo era tão amarelo que só olhá-lo enjoava, como também enjoava a extravagante pluma que o adornava.

Temerosa da reação de Wentworth adiantou-se a passo rápido para Eugen, infelizmente o moço teve o pouco tino de aproximar-se muito de Adrian, que o olhava com o cenho unido sobre a ponte de seu nariz.



Caroline Bennett

– O que lhe parece minhas roupas, meu senhor? Não são maravilhosas?
– perguntou girando para uma lado e para o outro para que Adrian pudesse admirar o conjunto.

– Santa Maria de Deus! conhece-o? – perguntou Lorde Poynings.

– É minha desgraça – grunhiu Adrian antes de adiantar um passo com a clara intenção de estrangular ao pobre moço, que seguia exibindo-se ante os olhos atônitos. Margaret se deteve junto a Eugen e com mão tremendo lhe tocou o ombro. O moço se voltou para ela com um amplo sorriso.

– Milady, viu? disse referindo-se a seu adorno – Quis lhe fazer uma surpresa. Depois de tudo foi você quem me proporcionou estes magníficos tecidos.

Margaret fingiu um sorriso enquanto cravava suas unhas no ombro do moço.

– Equivoquei-me ao pensar que os utilizaria corretamente, tinha pensado em algo menos... – Margaret procuro uma palavra adequada para semelhante festival de cor – Menos chamativa.

Eugen rompeu a rir e uma vez mais rebolou ante Adrian.

– É-verdade?

O moço devia estar cego ou simplesmente era tolo. Parecia ignorar o grave perigo que se lia nos olhos entrecerrados de seu amo.

– Que demônios faz vestido assim? Pensa acaso se apresentar na corte como bufão? – perguntou insolente atraindo por fim a atenção do jovem escudeiro, que pela primeira vez se deu conta de que possivelmente suas roupas fossem muito atrevidas para o conservador gosto do Wentworth.

– Sei que minhas roupas podem não lhes agradar. Em realidade, fiz pensando mais em mim que em você, meu senhor.

Mas Adrian já o ignorava, pois havia se tornado para a Margaret e com olhar assassino perguntou.

– Você proporcionou os tecidos?



Caroline Bennett

– Sim – respondeu Margaret tragando saliva – Eugen se ofereceu a costurar suas roupas. Não esperava um resultado tão... – De novo teve dificuldades para encontrar uma palavra que se adequasse ao que tinha ante si – Tão espetacular.

– Espetacular diz? – A voz do Wentworth semelhava o chiado de uma porta oxidada. – Planejou isto com supremo cuidado e a minhas costas! – acusou-a violento.

A violência do ataque a fez retroceder , mas depois voltou a adiantar-se para batalha.

– Eu não planejei nada, meu senhor. Eugen me deu a entender que entendia de tecidos e agulhas e como minhas damas estavam muito ocupadas com o vestido de minhas bodas, dei-lhe carta branca para que se encarregasse de seu guarda-roupa, porque conhecia seus gostos melhor que eu.

Adrian deixou escapar um bufado.

– Sim, sem dúvida! Poderiam rir a gosto se eu me apresentasse vestido com um dos modelos de Eugen. Por outro lado, senhora, já vos disse que não necessitava nada. No futuro, me faça o favor de não colocar seu nariz em meus assuntos.

A seu redor, Margaret pôde ouvir fôlegos de surpresa e indignação. Sabia que muitos de seus convidados não confiavam no Wentworth e aquela briga não fazia mais que levantar dúvidas.

– Por favor, meu senhor, me acompanhe, temo que esta conversar está atraindo muita atenção.

Adrian se encolheu de ombros. O que importava a ele um punhado nobres fofoqueiros?

– No me diz respeito, esta conversa acaba aqui e agora. Darei ordem para que queimem todas as roupas que este idiota tenha podido costurar. Sinto que manhã não possa me apresentar ante você como um autêntico bufão, sem dúvida, lamentarão profundamente – assinalou retirando-se para a entrada.



Caroline Bennett

– Quão único lamento é que seja meu prometido – sussurrou Margaret furiosa.

Se Adrian o ouviu não lhe deu importância. Com sua habitual graça felina caminhou até a saída acompanhado, como sempre, do Jules, Marcus e D’Claire.

Margaret observou sua saída com os punhos apertados. Sentia enormes desejos de saltar sobre aquelas largas costas e lhe esmurrar.

– Sinto muito, minha senhora – A compungida desculpa afrouxou sua tensão. Com um sorriso tratou de acalmar Eugen, que olhava tristemente seus sapatos envergonhado.

– Não é nada, Eugen. Não temos culpa de que ele seja assim. Agora me diga, a roupa de seu senhor se parece com a essa? – perguntou pondo supremo cuidado em não ferir os sentimentos do moço.

Eugen levantou a cabeça como uma mola.

– É obvio que não, senhora. Se eu lhe apresentasse roupas como as minhas, o mais seguro é que meu senhor ordenasse me esquartejasse e enterrar meus restos.

Um suspiro de alívio escapou da boca da Margaret.

– Então, será melhor que me mostre isso. Assim evitaremos futuros incidentes.

A jovem se voltou para Lorde Poynings que em todo momento se manteve a margem da conversar.

– me desculpe, milord. Meu prometido se acha nervoso pela cerimônia de amanhã e eu tenho que revisar uns detalhes de última hora.

O homem levantou uma sobrancelha, divertido. Nervoso o temível Dragão? Era curioso como a duquesa tratava de desculpá-lo.

– Vá tranqüila, senhora. Não posso dizer que tenha me aborrecido até o momento.



Caroline Bennett

Margaret fez uma rápida reverência e partiu rapidamente detrás de Eugen.

Adrian deixou que a cerveja amarga escorregasse por sua garganta. O comprido trago acalmou em parte seu mau humor. Em realidade, não podia explicar como tinha acabado no botequim em companhia de seus tenentes, possivelmente a culpa era daquela pequena arpia com a que estava destinado a casar-se. Estava farto de sentir-se sob seu julgo, farto de senti sua presença lá onde olhasse. Só ali, afastado da mansão, podia pensar com certa claridade. No momento, seu único desejo era desferrar-se, beber até fartar-se e possivelmente gozar dos encantos da garçoneite. Sim, essa seria uma boa maneira de esquecer a proximidade de suas bodas.

Imersos em sua conversação, Marcus e Jules ignoravam os desejos de seu senhor, entretanto D’Claire, mais atento ao sombrio humor do Wentworth, inclinou-se sobre a mesa para lhe interrogar.

– Estão pensando no que acredito que estão pensando?

– E no que creê que estou pensando? – murmurou Adrian, sem apartar o olhar das voluptuosas formas da mulher que com descarados rebolados se movia entre as mesas.

– Até um cego poderia vê-lo – burlou – Não deixou de olhá-la desde que entramos pela porta. O que me pergunto é se será uma boa idéia. Suas bodas é amanhã, não seria melhor esperar? Lady Norfolk poderia sentir-se ferida. – Este último foi dito em um tom suficientemente modesto para chamar a atenção de Adrian.

– Acaso te importa o que ela possa pensar?

– O que me importa é que seja tão obtuso. Lady Norfolk é uma grande mulher, não será bom que a envergonhe desta maneira um dia antes de suas bodas.

– Sabe, D’Claire? Ultimamente está se convertendo em um completo aporrinho.



Caroline Bennett

– Pois se for assim, esperarei lá fora – grunhiu o jovem, e ficou em pé bruscamente. Adrian o ignorou e voltou a concentrar-se na garçonete. Era incrível que o libertino de D’Claire lhe chamasse a atenção sobre seu comportamento quando o seu próprio poderia ter escandalizado ao mais depravado dos galãs. Encolhendo-se mentalmente de ombros tratou de esquecer-se de D’Claire.

Depois de mais umas cervejas, Adrian se sentiu o suficientemente animado para chamar à criada. A moça acudiu rapidamente a sua chamada.

– Desejam algo? – perguntou defendida por uma jarra de barro que apertava contra seus peitos. Era óbvio que já tinha reconhecido seu nome.

– Quanto cobra por seus serviços? – perguntou ao mesmo tempo em que estudava atentamente os salientes contornos que apareciam depois da jarra.

– Quer se deitar comigo, senhor? – perguntou surpreendida.

– por que não? Opõe-se acaso?

– Não, é só que... – A moça se deteve para tragar saliva – siga-me – concluiu finalmente.

Adrian a seguiu até um quarto situado na parte posterior. Uma pequena cama de armar situado no extremo oposto à porta serviria para seus propósitos. A moça esperou timidamente a que entrasse para trancar a porta e depois se voltou para ele.

Não era tão feio como se dizia, não, não o era absolutamente. A seus olhos peritos aquele homem prometia ser um acontecimento se atendia às esplêndidas formas que se adivinhavam sob suas roupas e suas meias. Só sua fama de cruel assassino lhe impedia de sentir-se mais animada do que acostumava com outros clientes.

Adrian se deixou cair no cama de armar e fez um gesto à moça, que se aproximou até ficar entre suas pernas. Com um ágil movimento Adrian a colocou sobre seus joelhos.



Caroline Bennett

– Tire a camisa – lhe sussurrou brusco enquanto suas mãos apertavam com afã os enormes peitos.

A moça obedeceu se inclinando para diante para soltar os nós. Adrian esperou paciente tratando de não pensar na reticência da jovem. Uma vez liberados os peitos, Adrian voltou a concentrar-se neles. Acariciou-os com rudeza, beliscando fracamente os grandes mamilos. Com um braço lhe sujeitando as costas a obrigou a arquear-se contra si e inclinando a cabeça afundou a cara em sua carne.

Entretanto, algo ocorreu. O aroma de cerveja e ao suor proveniente da jovem o deteve, pois nesse preciso momento, recordou outros peitos, muito menores e uniformes, e o aroma de rosas que os acompanhava. Com um grunhido tratou de afastar aquela imagem de si.

Só lhe interessavam os peitos como os daquela criada, grandes e terminantes. Nada que ver com as doces forma de sua prometida. Mais empenhado que excitado, beijou de novo os peitos, mas grunhiu ao sentir que, contra sua perna, a paixão começava a minguar. Desesperado, elevou as saias da criada deixando cair à mão entre suas coxas. Em outras ocasiões, tinha bastado isso para lhe devolver a paixão, entretanto, nesta ocasião ocorreu.

A moça, reconhecendo o apuro do cavalheiro, pinçou entre as dobras de suas meias. O homem poderia enfurecer-se por aquela insólita situação e castigá-la por seu fracasso. Habilmente, sua mão agarrou o membro latente do cavalheiro e tentou reanimá-lo com uma suave massagem.

Adrian tratou de concentrar-se no momento, mas de novo foi assaltado pela lembrança de sua prometida. Era curioso. Durante o jantar, quando ela se inclinou para poder falar com Lady Poynings e seus peitos tinham roçado durante uns segundos seu antebraço, bobamente havia se excitado como um rapaz, como também tinha ficado excitado ao ouvir sua melódica risada. Agora lhe era impossível sequer sentir o mínimo interesse. Com um suspiro de derrota, separou-se da mão da moça.



Caroline Bennett

– Maldita seja! Essa mulher me enfeitiçou – grunhiu se separando bruscamente da moça e calçando as meias.

– Meu senhor? – a moça retrocedeu com medo.

– Não é nada, só que troquei de opinião – lhe esclareceu jogando um último olhar aos generosos peitos.

A rápida saída do botequim atraiu a atenção de todos. D’Claire não pôde fingir sua surpresa.

– Já acabou? – perguntou.

Adrian grunhiu uma amuada resposta enquanto montava agilmente sobre Sleipnir. Os três homens o seguiram sem atrever-se a perguntar nada. Ao fim, a curiosidade foi maior e D’Claire se aproximou.

– ocorreu algo? – perguntou cauteloso.

Adrian lhe jogou um olhar de soslaio.

Se tiver ocorrido algo? Porque sua prometida lhe tinha provocado a primeira impotência de sua vida.

– Nada que deva te importar – replicou.

Por seu funesto humor, D’Claire não teve dúvidas de que finalmente tinha trocado de idéia e tinha decidido não deitar-se com a moça. Com um ligeiro sorriso refreou sua cavalo para evitar uma ameaça de morte por parte de seu senhor.



Caroline Bennett

Capítulo 7

A curva que percorria o caminho interno do bosque era um lugar escuro e perigoso a essas horas da noite. Adrian não o ignorava, como não ignorava que suas bodas poderia ter atraído a Norfolk a mais de um ladrão disposto a fazer fortuna com o roubo a algum ilustre e rico convidado. Mas adiante, um ligeiro rangido chamou sua atenção lhe pondo em guarda. Se algum inconsequente tentava lhe roubar daria conta de seu breve engano, pensou acariciando o punho de sua espada. Em vez de sua bolsa encontraria o fio de sua espada.

Marcus, Jules e D’Claire também alertados olharam entre si. Lentamente, foram se aproximando e, fingindo estar bêbados, começaram a cantar. Marcus assinalou um dos ramos e estendeu três dedos. Mais adiante Adrian assinalou com quatro dedos um grupo de arbustos.

Caíram sobre eles segundos depois. Armados com paus e tochas representavam uma paupérrima ameaça para guerreiros curtidos.

Sob a luz da lua, o fio de sua espada brilhou ameaçador quando Adrian desencapou e o fez descender sem piedade sobre um dos salteadores. O homem cambaleou para trás pela força do golpe e, gritando, uma maldição se adiantou balançando a tocha sobre sua cabeça. A arma roçou um dos flancos do Sleipnir, que se elevou sobre suas patas traseiras. Adrian se manteve sobre seus arreios sem dificuldade e brandiu sua espada fazendo-a girar de maneira efetiva. A ponta do aço abriu um rasgo na garganta do pobre diabo, que com uma exalação caiu ao chão morto, mas Adrian não teve tempo de vê-lo pois de novo devia defender sua vida.

– me diga quem te envia ou te mandarei direto ao inferno! – rugiu dando uma cutilada.

– É Lorde Wentworth? Ela me ordenou sua morte.



Caroline Bennett

- Ela? Quem é ela?
- Essa não é a resposta que esperava.

Sleipnir virou para a esquerda ao sentir a ligeira pressão de seus joelhos, isso lhe deu a oportunidade de surpreender a seu atacante lhe agarrando despreparado. Em um vão intento de defender-se, o homem estirou seu braço tocando com o fio de sua tocha a perna de Adrian, mas tudo estava previsto. Com grande agilidade se estirou sobre seu lado direito, sua espada cortou o ar e assinalou o fim de uma vida com um certo golpe.

Outro morto iam somar-se ao montão que jazia já sobre o caminho. Quando finalmente as espadas foram embainhadas, os sete corpos dos assaltantes regavam com seu sangue o caminho. Adrian e outros desmontaram para registrar os cadáveres.

– Neste tampouco há nada – murmurou Jules frustrado depois ter revisado todos.

– Pergunto-me que os terá levado a nos atacar. Logo se vê que não são cavalheiros e que não estavam instruídos no manejo das armas.

– Não eram mais que simples assassinos a salário que procuravam minha cabeça – expressou Adrian em resposta a Marcus.

– Quem os pagou e enviou a uma morte segura. Não tinham nenhuma possibilidade – comentou D’Claire girando um dos corpos com o pé para poder observar melhor sua cara – Não recordo nenhuma destas caras. Quem pode ter sido o responsável por esta traição?

A mente de Adrian se agitou agora de uma maneira clara e veloz. Que mulher desejaria lhe ver morto? Em sua cabeça não havia mais que uma resposta possível a semelhante pergunta: ela era Lady Norfolk, sua prometida.

– Vamos – ordenou com voz imperiosa. De um salto montou em Sleipnir, que se revolveu em um dar coices furioso.

– Lhe ocorreu algum nome? – perguntou Jules enquanto montava.



Caroline Bennett

Adrian já tinha posto seu cavalo a galope, girou sua cabeça por cima do ombro para gritar com fúria.

– Lady Norfolk!

Seus homens não lhe seguiram, mas tampouco lhe importou. Suas caras o haviam dito tudo. Acreditavam que era inocente. Ela tinha encarregado muito bem de lhes enfeitiçar com suas suaves e suas arteiras maneiras, mas ele não se deixaria enganar. Agora compreendia muitas coisas. Compreendia ao fim por que ela tinha fingido lhe aceitar como futuro marido quando a suas costas riscava a traição que teria que lhe levar a tumba. Ela o odiava, assim o tinha confessado aquela noite em seu quarto. Seu corpo não mentia quando se endurecia sob suas carícias. Ah, cadela mentirosa! tinha sido ela, quem tinha afrouxado a bolsa para cobrar sua vida. Mas ele se encarregaria de lhe fazer pagar cara a traição. De joelhos ante ele devia vê-la suplicar por sua vida.

Os brutais golpes contra a madeira de sua porta a arrancaram violentamente dos doces braços do Môrfeu, embora seu corpo demorasse a reagir pela generosa quantidade de chá que tinha ingerido para dormir. Franziu o cenho ao reconhecer a voz do Adrian gritando do outro lado.

– Abram.

– O que... – pigarreou para esclarecê-la voz – que deseja?

– Quero que abram a maldita porta!

tornou-se louco, sem dúvida.

Margaret tirou os pés da cama enquanto se estirava por cima do colchão. A entonação de seu prometido tinha feito pensar o pior.

Do outro lado da porta, ouviram-se as vozes apagadas de suas damas. Tratavam de convencer a Wentworth para que desistisse de sua atitude, mas ele as sossegou com uma sonora maldição.

Quando Margaret abriu a porta, estava quase tão zangada como ele. Como se atrevia a despertá-la em plena noite um dia antes de suas bodas de uma maneira tão desconsiderada?



Caroline Bennett

Adrian se precipitou ao interior do quarto como um furacão. Fechou porta com uma pancada e tomou a Margaret pelos braços para elevá-la para vê-lo.

– bem, Lady Norfolk, surpreende-lhe minha visita? Surpreende-lhe acaso que esteja com vida?

Margaret o olhou presa por um crescente temor. Nunca o tinha visto tão furioso quase próximo à violência. Claro que nesta ocasião não havia desculpa para tão terrível comportamento. Pouco a pouco se fora avivando as brasas de seu próprio aborrecimento.

– O que me surpreende é que à luz das estrelas lhes mostrem ainda mais néscio que à luz do sol – cuspiu enquanto tentava inutilmente desprender-se dele – me Soltem, caipira!

Adrian apertou os lábios com força. Sacudiu ligeiro o corpo exigindo saber a verdade.

– vai me dizer a verdade nem que tenha que lhe tirar isso a golpes – grunhiu tratando de ignorar o decote de sua camisola aberto mostrando uma generosa porção daqueles peitos maravilhosos. Inclusive sua luxúria era culpa dela – Falem, cadela arteira, e faça com verdade!

Margaret o observou duvidando de sua prudência.

– A que se refere, maldito? Acaso se crer com direito de entrar em minhas habitações me acusando deus sabe que quê? Se quiser verdades, senhor, terá. assim, que me soltar e abrir bem as orelhas – gritou com fúria, cravando seus olhos azuis na retina dilatada dele.

Naqueles grandiosos olhos não havia o mínimo sinal de culpa, e o que era pior, nenhum sinal de medo ou de arrependimento. Isso confundiu Adrian. Tinha passado muito tempo interrogando a prisioneiros para saber quando tinha diante do nariz um mentiroso, mas no que dizia respeito a sua prometida estava completamente perdido.

– me solte! – exigiu ela de novo com voz grave.

Adrian a soltou sem pensar.



Caroline Bennett

– Negam acaso ser a responsável pelo tentativa de assassinato que sofri esta noite junto a meus homens no caminho da aldeia?

Margaret levou um tempo esfregando os braços, segura de que na manhã seguinte apareceriam neles hematomas para recordar às brutais apertos de seu prometido.

– Não sei que inseto lhe picou para se apresente a semelhantes horas cheirando a cerveja e suor, esmurrando minha porta com o fim de que confesse não sei que terrível crime. Quer ouvir verdades? Muito bem, senhor, terá minha verdade, e espero que a escutem até o final – argumentou ela com as mãos nos quadris e elevando o teimoso queixo para ele. – O rei me salvou de um matrimônio que poderia ter sido simplesmente desastroso para Norfolk, para me mandar de cabeça a outro que em troca será desastroso para minha pessoa. Não sei que mal me atribui, a não ser o de tratar que as coisas entre nós saiam bem. Por seus atos sei que não me suporta, mas saiba que eu não tenho mais culpa a que lhe tenho dito. Não estou disposta a receber seus latidos acusatórios nem suas agressões. Se considerar que lhe exijo muito, então me digam, isso me digam, também se não considera justo este matrimônio. Sendo assim, ambos poderíamos falar com o rei e chegar a um acordo.

Sabia como usar o verbo, não havia dúvida, inclusive se atrevia a lhe exigir.

– Ninguém falará com Enrique. Só responda a minha pergunta – resfolegou Adrian, que sentia como se dentro dele algo começasse a apagar-se. Suas dúvidas sobre ela, possivelmente?

– Que coisa?

– Alguém nos atacou no caminho da aldeia com a idéia de nos matar. diga-me se tive algo a ver com isso.

– Foram à aldeia esta noite? – Perguntou Margaret surpreendida.– Com que fim?



Caroline Bennett

OH, pelas anáguas da Santa Ana! Aquilo soava muito sincero para não ser verdade.

– Queria estar a sós – murmurou ele.

– E por isso foram à aldeia? Não é o melhor lugar para estar a sós – apontou suscetível.

– fui tomar umas cervejas.

– Ah! – exclamou ela como se entendesse. Em realidade ela também tinha desejado desaparecer, só que tinha tido o bom tino de comportar-se como devia. De qualquer modo, a atitude dele tinha incomodado. Um leve arrepiou a fez tremer, o chão estava muito frio para seus pés nus. Mas então se esqueceu do frio, esqueceu-se de tudo. Ele a tinha acusado de intentar um assassinato! Aquele bárbaro se atrevia a insinuar que ela... sua respiração se tornou trabalhosa, de repente via tudo vermelho.

– Como... como – gaguejou pela fúria – Como... Como se atreve a me acusar de querer lhe assassinar? É mais caipira do que acreditava! Não, equivoco-me, é o mais caipira dos caipiras! O rei dos caipiras! O deus dos caipiras!

A fúria que invadia seu corpo a fez passear-se como um animal enjaulado diante do fogo do quarto. Ele acreditava ser ela uma vil assassina, uma traidora. Em que baixa estima a devia ter!

voltou-se para ele com ferocidade, fuzilando seu enorme corpo com um olhar incendiário.

– Saia deste quarto! Nestes momento, estou tão furiosa que poderia decidir que têm razão e que necessita que lhe assassine, e mais, parece-me que o está pedindo a gritos. Como pode pensar algo tão horrível de mim?

A dor que refletia nessa simples pergunta o fez encolher-se. Tinha sido um estúpido, um cego e agora o via. deixou-se levar por sua própria impotência para tratar com sua prometida. Tinha-a acusado de ser a responsável por sua luxúria, de querer lhe assassinar, de sua impotência física. Diabos! De que não a tinha acusado?



Caroline Bennett

Olhou de novo em sua direção e conteve o fôlego, porque as chamas do lar faziam o tecido de sua camisola mais audaz a seu olhar faminto. Admirou os arredondados quadris, tragou saliva ao olhar os formosos peitos que apontavam em sua direção coroados com os corados mamilos.

A ereção foi forte, instantânea e dolorosa.

Sentiu desejo de tomar à força e acabar de uma vez com sua agonia, mas ela o odiaria mais do que já o odiava. Entretanto, não pôde conter o desejo de acariciar seu comprido cabelo castanho e de enredar ali sua mão.

Ela o olhou convencida definitivamente de que ele estava louco.

– Amanhã não quero que nada cubra esta maravilha – sussurrou ele, pegando levemente uma mecha para atrair sua total atenção.

– Meu senhor, acredito que definitivamente está louco. Possivelmente sofreu um forte golpe na cabeça que lhe transtornou. É por isso que entra em meu quarto gritando toda classe de injúrias e logo tratam de me adular com doces palavras.

O sorriu apenas.

– foi uma tolice, esqueça.

– Como esquecer? Chamou-me de assassina. Recordam?

Deus bendito! Que tolo e estúpido tinha sido, até ele mesmo se surpreendia com seus argumentos. Lady Norfolk não era uma mulher comum, como havia dito o rei. Tinha razão.

– Peço que me desculpe. Esta noite bebi além da conta – sussurrou cravando um olhar faminto no profundo decote de sua prometida. Sentia desejos de deslizar um dedo entre os tenros picos que levantavam o tecido.

Margaret seguiu seu olhar e com uma exclamação fechou o decote com uma mão enquanto se afastava dele e daquele estranho olhar. estremeceu involuntariamente.



Caroline Bennett

Adrian não a seguiu, embora ardia em desejo de apertar seu corpo contra as doces forma. Ela tinha estremecido, certamente de repulsão por sua pessoa. Jamais obteria outra resposta dela que não fora essa, recordou-se com desânimo.

– Bem senhora, acredito que é hora de me retirar. Veremo-nos amanhã – fez uma pausa – Ante o altar.

– Espere – apressou ela – me Digam que não sofreu nenhuma ferida esta noite.

A surpresa foi tal que Adrian se virou para olhá-la.

– Como vêm estou perfeitamente bem. Amanhã poderei cumprir com minhas obrigações conjugais, se for isso o que lhe preocupa – brincou, embora ela não se deu conta disso.

Um tênue rubor cobriu as bochechas femininas.

– lhes largue. Vejo que suas maneiras seguem brilhando por sua ausência.

– Que tenham doces sonhos, então.

Ela bufou. Como se isso fosse possível depois de havê-la despertado de semelhante maneira!

– Faria bem em cortar o cabelo e se barbear. Isso me ajudaria a pensar que será um marido medianamente civilizado.

Ele encolheu seus grandes ombros antes de abrir a porta e sair sem dizer nada mais. Margaret lançou um último olhar a suas musculosas costas e suspirou inconscientemente ao admirar seu traseiro.

Todas suas damas a rodearam imediatamente. Margaret mentiu a respeito da inesperada visita de seu prometido a seus aposentos. Explicou-lhes que Lorde Wentworth tinha sofrido um ataque, mas omitiu a parte de que a tinha acusado de ser a responsável.

Esta vez necessitaria algo mais eficaz que um chá para poder dormir. Suas acusações a tinha enfurecido, mas o que lhe tirava o sonho era a forma cuidadosa em que ele tinha observado seu decote.



Caroline Bennett

Capítulo 8

A brisa gelada que percorria a campina parecia ter procurado refúgio em terras mais longínquas. Estranhamente aquele dia de dezembro tinha amanhecido espaçoso e quente.

Há primeira hora, os aposentos de Margaret se viram assaltados por um sem-fim de criados, serviçais e donzelas que se apressavam em proporcionar à noiva o mais mínimo de seus caprichos.

Uma tina fumegante foi colocada frente à grande lareira, o cobre foi coberto por um fino pano de linho que protegeria o corpo feminino. Perfumou o banho com azeite e sabão com essência de rosas e verificou a temperatura repetidamente até assegurar-se de que esta era a adequada.

Margaret observava o procedimento, sentada em mesa onde tomava seu café da manhã. Tragou com dificuldade o pão torrado ajudando por um sorvo de leite. Seu estômago, informado já sua má sorte, negava-se a aceitar. Se apetite, Margaret apartou a comida. Não poderia ingerir nada mais sem risco de vomitar.

Suas donzelas, mais nervosas que a própria noiva, instigaram-na para que se despisse antes que a água esfriasse. Com um suspiro ficou em pé. Mãos eficientes a despojaram de sua bata de veludo e sua camisola, e em seguida Margaret se afundou na água com um suspiro de prazer quando o líquido quente aliviou a tensão de seu corpo. Se deu conta então quanto estava nervosa.

– OH, minha senhora! Alegre essa cara ou todo mundo notará quão nervosa está –recomendou Lady Sara.

– Pouco deve ter dormido para ter os olhos tão inchados. Lorde Wentworth não devia despertá-la tão bruscamente ontem à noite



Caroline Bennett

A lembrança desse episódio a fez gemer. Quem em sã consciência se atreveu a atentar contra a vida do Dragão "Quanto odiavam seus inimigos? Quanto odiavam sua aliança com ela?" Marlowe era uma resposta adequada a essas perguntas, mas o covarde e ladino conde não se atreveria a colocar sua cabeça num atentado contra um mandato real.

– Vamos, vamos. Devemos nos apressa, ainda terá que ensaboar o cabelo e secá-lo para trançá-lo – apressou Lady Catelyn

Margaret se esfregou conscientemente o corpo reparando de repente que nessa mesma noite teria lugar sua noite de núpcias. Um suave rubor lhe cobriu o corpo, mas passou despercebido ante a luz do dia.

Uma vez ensaboada e limpa de pés à cabeça, Margaret foi envolta em uma suave toalha. Sobre seu corpo se estendeu uma fina capa de azeite perfumado, ao mesmo tempo em que outras mãos trabalhavam sobre sua cabeleira embaraçada e úmida

– Esta noite Lorde Wentworth pensará que se casou com uma ninfa dos bosques – augurou Lady Sophie

Um coro de risadas acompanhou o comentário

Deus queira que ela não acredite que se casou com um ogro. O cabelo seco foi penteado e trancado de maneira artística sobre sua cabeça. Margaret recordou tardiamente a petição de Adrian de deixá-lo solto, mas mordeu a língua. Ele não tinha direito a lhe fazer nenhuma classe de pedido depois de haver-se atrevido a acusá-la vilmente. Tinha uma imperiosa necessidade de demonstrar a ele quem dirigia as rédeas sobre sua pessoa e que nenhum mandato real poderia trocar isso. Seria um engano lhe induzir a pensar que seria uma esposa obediente e submissa. Mais valia tirar de seu engano nesse mesmo dia.

Um ofego geral ressonou no quarto quando o vestido nupcial foi tirado de seu pacote.

O pai da Margaret o tinha mandado fazer às melhores costureiras da capital quando ela logo que tinha completo quinze anos e entrava em idade de casar segundo a idéia do antigo Duque... Claro que em



Caroline Bennett

numerosas ocasiões foi retocado para que se moldasse com perfeição as suas curvas, agora já plenamente femininas. Mesmo que não fizesse nem dois dias que o tinha visto pela última vez, a criação lhe tirou o fôlego. Nunca antes em toda Norfolk se viu tão esplêndido vestido.

O vestido contava de anáguas de seda azul pálido sobre as quais se dispunha o vestido, aberto nos laterais; as mangas ajustadas aos pulso eram uma inovação e davam um toque de elegância e modernidade ao vestido. Os punhos e o decote estavam adornados com uma organza engomada em tons azuis claros que contrastava com a cor bege do vestido, confeccionado em fino veludo, com o viés mate e o feixe brilhante. Todo isso debruado em arminho, a jogo com uma luxuosa capa que lhe cobria os ombros. Completava o enxoval finas meias que se elevavam até seus joelhos e eram presas por ligas de encaixe, uma camisa interior em seda combinando com uma pequena calcinha coberta da melhor renda belga, e um véu semitransparente que denunciava sua condição de donzela. Os sapatos luziam, com laços presos por broches de prata e confeccionados em couro e damasco.

Com supremo cuidado, como se tratasse de uma relíquia antiquíssima, suas donzelas foram deslizando o vestido por seu corpo. O último retoque tinha feito que o tecido se ajustasse sem excesso a seu corpo. Por fim, o véu foi estendido sobre sua cabeça e preso com uma tiara de pérolas que tinha pertencido a sua mãe. Finalizada a tarefa, todas as damas deram um passo atrás, como o faria um artista para admirar sua obra. Margaret esperou nervosa, os comentários, tratando de sorrir fracamente.

– Bem? Como estou? – perguntou pelo inusitado silêncio que se apoderou do quarto.

– Não é isso – esclareceu Lady Sara.

– Então o que é? – perguntou a um passo da histeria – O que é? – repetiu.

Lady Sara fez um intento de falar mas sua voz se quebrou pela emoção e rompeu a chorar. Lady Catelyn a consolou e lhe tendeu um lenço.



Caroline Bennett

– O que Lady Sara quer dizer é...– Sua voz soou estranhamente afetada – Margaret, está muito formosa, mais formosa que qualquer uma – estalou ao fim, sorrindo entre lágrimas – Todas nós estamos orgulhosas de servi-la.

Margaret estendeu uma mão que Catelyn se apressou a tomar. Sentia um nó na garganta e uma umidade nos olhos que ameaçava dissolver-se em lágrimas.

– Obrigado – disse com voz embargada – Obrigado por serem minha família todos estes anos.

Todas sem exceção a rodearam para abraçá-la e beijá-la. Margaret compreendeu por fim que em breve sua vida teria uma mudança radical, uma mudança que pressagiava dificuldades extremas. Aqueles últimos momentos como donzela, como virgem e como mulher livre terminaria muito em breve. Mais nunca desejou ter nascido varão.

– Bem, chegou a hora. Vamos, se afastem! Deixem-na respirar – pediu Lady Sara recuperada– . Está preparada?

Tanto como poderia estar no cadafalso, com a cabeça sobre o madeiro e a corda sobre o pescoço. Margaret inspirou uma baforada de ar.

– Preparada – pronunciou.

O cortejo nupcial descendeu escada abaixo. Lorde Poynings a esperava ao pé da escada com ar nervoso.

– Faz um tempo que soam os sinos, conviria nos apressarmos.

Margaret assentiu. Tomou o braço que lhe oferecia seu padrinho para atravessar o vestíbulo, repleto de criados que se aproximaram para vê-la antes de voltar para as tarefas de um dia tão importante. Margaret deu de presente tímidos sorrisos aos que a saudavam até chegar à escada principal. Para o trajeto até a capela dispôs de uma carruagem adornada com flores e o escudo de Norfolk. Dois magníficos cavalos brancos marcados com o símbolo de Norfolk trotaram marcialmente fazendo ressonar seus cascos contra a pavimentação. Aturdida, Margaret logo que pôde levantou a mão para saudar os fiéis habitantes de Norfolk. Ela



Caroline Bennett

queria tomar rédeas e chicote para esporear a comitiva nupcial em direção contrária a que se dirigiam.

– Trate de sorrir –aconselho o ancião – E, por favor, queria conservar meu braço.

Margaret se deu conta de que estava cravando suas unhas na manga de seu ilustre padrinho e afrouxou ligeiramente o apertão, mas, inconscientemente, voltou a apertar quando a carruagem se deteve por fim ante a igreja.

Com passo lento entraram na capela. Todos os presente ficaram em pé para observar à noiva enquanto os sinos, com seu repique, anunciavam sua chegada. Margaret inspirou levemente e apertou ainda mais o braço do Poynings para atrasar sua marcha, muito rápida para seu gosto. Aqueles eram seus últimos momentos de solteira e tinha toda a intenção de desfrutá-los.

Um coro de murmúrios acompanhou seus passos. Possivelmente fosse certo de que estava mais que bonita essa manhã, pensou enquanto tratava de ajustar sua marcha a de seu acompanhante.

O que opinaria Wentworth a respeito? Pela primeira vez se deu conta de que ele já devia encontrar-se na capela, certamente observando sua marcha nupcial e amaldiçoando-a por seu atraso.

Seus olhos azuis se elevaram e procuraram, entre os rostos congregados, o de seu prometido. Não teve dificuldade em achar Lady Poynings, Marcus, Jules e D’Claire e outros muitos conhecidos, mas e seu prometido? Ante o altar, o padre Francis sorria, e a sua direita vários monges a observavam com admiração. Nem rastro de seu prometido. Tinha fugido então? Mais nervosa, repassou de novo as caras até que seus olhos se detiveram, ao fim, na alta figura situada à esquerda. Não reconheceu essa cara, se houvesse visto antes Margaret não a teria esquecido, pois era o homem mais atrativo que já tivesse visto em sua vida. Entretanto, havia algo nele que lhe era familiar. Possivelmente fora por seu porte erguido e perigoso, pelos largos ombros ou por seus intensos olhos...



Caroline Bennett

OH não! OH não! Aquele... Aquele não podia ser ele!

Margaret confundiu o passo e seu pé se enredou na prega de seu vestido; se não tivesse sido por Lorde Poynings, teria aterrissado de nariz ante os pés de seu prometido.

Lorde Poynings se deteve ante o noivo e após expressar umas palavras, às que Margaret não prestou nenhuma atenção, colocou sua mão no forte antebraço do Wentworth enquanto ela só podia olhar encantada aquele rosto notável. Com eficiente exatidão seus olhos recolheram todas as mudanças operadas em sua pessoa.

O cabelo castanho tinha sido cortado e o que antes fora uma juba emaranhada e rebelde agora se ondulava com pasmosa suavidade sobre sua nuca, a têmpora e a orgulhosa frente. Sua barba, eliminada por completo, descobria agora umas bochechas, enxutas e surpreendentemente morenas, e um varonil queixo. O nariz aquilino acentuava os atrativos e dava um ar decidido ao conjunto. Sua boca larga, ligeiramente curvada em um sorriso sem humor, que podia dissimular a dureza daquele lindo rosto. Ante aquele atrativo quadro, Margaret perdeu a consciência de onde se achava e do que, recitava o Padre Francis. Seus ouvidos tão somente ecoavam o frenético pulsar de seu coração.

Tempo depois, ouviu-lhe pronunciar os votos matrimoniais com voz potente e decidida, enquanto tomava sua mão fria entre as suas, cálidas, para lhe deslizar a aliança. Margaret mostrou muita menos integridade e, chegado o momento, teve que repetir várias vezes a mesma frase porque sua língua parecia mover-se a um ritmo distinto do de sua boca, tropeçando sem cessar e fazendo-a parecer uma fanhosa com problemas de entendimento.

Meia hora depois, tudo tinha finalizado. Unicamente consciente do vigoroso e enorme corpo ajoelhado a seu lado, Margaret recebeu as bênçãos do padre Francis, quem lhes deu a paz anunciando que se converteram em marido e mulher.



Caroline Bennett

Adrian ficou em pé agilmente e lhe tendeu a mão. Ela se sujeitou torpemente a ele antes que estampasse um tosco beijo contra sua boca. O contato foi breve, apenas um roçar, mas serviu para que, uma vez mais, perdesse a consciência do que acontecia a seu redor.

Caminharam juntos para a carruagem que os levaria a mansão enquanto os convidados os seguiam.

No salão, todos se dispuseram ao redor das mesas e agora, já em plena condição de duque de Norfolk, Adrian tomou posse de seu assento. Margaret levantou a vista para averiguar se alguém mais tinha sido testemunha da estupidez. Vá! Nem sequer tinha esperado que ela estivesse sentada. Para seu alívio ninguém pareceu notar sua falta.

Foi esse fato o que a fez sair de seu estado de atordoamento. Aquele sim era o prometido que ela tinha conhecido!

Lorde Poynings lhe apartou galantemente a cadeira e ela tomou assento junto a seu marido.

A nova imagem do Adrian a tinha confundido, em realidade, não sabia o que pensar. Nunca antes se comportou tão estupidamente, qualquer um teria pensado que tinha atuado como uma noiva avivada com os encantos daquele atrativo homem.

De repente, Margaret se sentiu furiosa com ele. Como se atrevia a apresentar-se com semelhante porte? A bom seguro tinha desfrutado muito com sua confusão, pensou.

De soslaio observou o imberbe rosto e sua irritação cresceu, pois cada vez que o olhava lhe parecia que seu atrativo se incrementava.

Nesses momentos, Adrian conversava relaxadamente com Jules, situado a seu lado, ignorando-a por completo, como era habitual nele. Perguntou-se se as demais mulheres do salão se deram conta da espetacular mudança.

Varreu o salão com o olhar em busca de alguma evidência. Não teve que fazer muito mais que isso, pois descobriu que eram muitas as damas que, embora no dia anterior mexericavam sobre seus incultos modos,



Caroline Bennett

agora suspiravam por um olhar dedicado. Certamente, preferia-o com seu habitual aspecto de bárbaro! Decidiu.

A comida nupcial foi servida com a habitual generosidade e gosto da casa Norfolk.

Adrian decidiu lhe dedicar um pouco de atenção quando a fumegante creme de verduras foi disposto ante ele.

– Deveria comer algo ou os convidados irão pensar que sopa está envenenada.

Vá! Bonitas primeiras palavras de casado.

– Se for seguir com essa história...

– Não pretendia recordar o incidente de ontem à noite, tão somente que comesse algo. A tarde será longa e deveria guardar forças para agüentá-la.

Margaret soube que ele tinha razão, com uma careta introduziu a colher em seu prato e provou o creme.

– Contente? – perguntou, pois ele a vigiava de perto. Os olhos de ambos se encontraram a curta distância. Um tenso nó se formou em seu estomago fazendo-a conter o fôlego. Apartou o olhar, intimidada pelas sensações que aquilo olhos despertavam em seu interior.

Quebrado o feitiço, Adrian se moveu incômodo em seu assento.

– Estou longe de me sentir contente – pronunciou enigmaticamente – Mas continue comendo.

Aquilo soou como uma ordem, e Margaret sentiu vontade de derrubar o conteúdo de seu prato na deslumbrante cabeleira de seu prometido. Ah, Ah! Agora era seu marido, recordou-se.

Cansada de sorrir fingindo alegria, pareceu-lhe que o banquete se estendia até a eternidade. E ter um apetite minguado lhe deu a oportunidade de observar a gosto de seu marido. Para tão importante ocasião, tinha renunciado a suas roupas habituais, optando por um elegante corte e excelente gênero. Compreendeu tardiamente que aquelas



Caroline Bennett

eram as roupas que ela e Eugen tinham confeccionado para ele. Margaret jamais suspeitará de tão bom resultado para a vista.

A tediosa comida foi tomando brios com as atuações dos saltimbancos e equilibristas. Os músicos acompanharam as atuações com música alegres e acordes que animava aos convidados a cantar, entretanto, o ambiente festivo não conseguiu distrair Margaret, que via alarmada como sua noite de bodas se aproximava, agora, com inquietante rapidez.

Com a escuridão da noite, foram servidas novas comidas depois da representação de uma divertida paródia da corte com a qual os atores arrancaram um bom número de gargalhadas. Às escondidas, Margaret espiou seu marido tratando de desentranhar seu humor. Da cerimônia ele se mostrou distante, embora não com sua habitual brutalidade. A música encheu a sala de novo e os noivos foram conduzidos a iniciar a dança.

– Não dançarei – declarou Adrian com voz pausada.

Margaret fingiu um sorriso enquanto se inclinava para ele.

– O que está dizendo? É tradição que os noivos iniciem a dança – lhe murmurou com os lábios apertados.

– Pois iniciem você.

– Mas

Adrian lhe voltou às costas e ela se viu na obrigação de se desculpar ante os convidados.

– Infelizmente meu marido não se encontra bem, recentemente foi golpeado em uma perna e não queremos que sua ferida se abra novamente. Mas Lorde Poynings abrirá comigo o baile.

Margaret estendeu um braço em sua direção e o galante cavalheiro a sustentou com naturalidade para escoltá-la até o centro da sala. No trajeto pôde ouvir os murmúrios de desaprovação de todos, pois bem tinham observado que nenhuma ferida afligia ao novo duque. Maldito cabeça dura! Regozijava-se a desprezando.



Caroline Bennett

Simular ser uma noiva feliz a tinha levado virtualmente à exaustão, mas ao pensar o que lhe aguardava no leito nupcial, dançou até que os pés começaram a doer, tratando de atrasar sua marcha.

Mas tudo tem seu fim e empurrada pelos convidados Margaret não teve mais remedeio que retirar-se acompanhada por suas damas. Sua partida foi acompanhada de grosseiras insinuações e conselhos que fizeram ruborizar suas bochechas. Em suas habitações, que seria a mesma que a partir dessa noite compartilharia com seu marido, seus nervos estavam a ponto de quebrá-la.

– Não faça caso do que lhe disseram – lhe aconselhou Lady Sara enquanto lhe tirava o touca.

Margaret inspirou uma grande baforada.

– Tentarei. Não sei por que estou tão nervosa, depois de tudo é algo que tem que ocorrer cedo ou tarde.

O vestido deslizou por seu corpo.

– Uma das criadas me disse que não é tão mau como parece – tratou de animá-la Lady Anne, a menina sorriu tranquilizadora – Ao que parece o homem penetra com seu órgão à mulher e lhe produz sangue, ao menos na primeira vez – lhe resumiu.

Todas as damas resfolegaram estupefatas ante a vulgar linguagem da jovem.

– Anne! – gritou Lady Sara ofendida sua sensibilidade. – Isso... É o mais vulgar que ouvi em minha vida!

A menina se ruborizou, mas defendeu sua opinião.

– Mas é assim que ocorre. Não é certo, Catelyn?

A viúva fechou a boca que mantinha aberta graças à estupefação e gaguejou uma série de palavras ante os curiosos olhos das demais.

– Bom, sim..., é assim, embora jamais me ocorresse descrever de semelhante modo, deitar-se com um homem pode ser agradável. Toda



Caroline Bennett

mulher deve sentir-se satisfeita de cumprir a missão que Deus encomendou e não é outra que a de satisfazer seu marido.

Todas assentiram unanimemente enquanto um delator rubor cobria o rosto da viúva.

Tudo aquilo não ajudava em nada a Margaret. O que se supunha que devia fazer? Subordinar seus desejos aos de seu marido? Suportar seus vexames, a dor? Margaret tragou saliva sentindo que lhe falhavam as pernas. Não suportaria algo assim.

De novo, o silêncio reinou no quarto, enquanto as damas trabalhavam com excesso em preparar a noiva.

Vestida com uma fina e recatado camisola bordada, Margaret se deslizou entre os cobertores. Penteada com uma grossa trança que lhe caía sobre as costas, deu-se uns momentos para serenar-se. As mulheres permaneceram a seu lado até que o barulho do corredor anunciou a chegada do noivo. Acompanhado por seus homens, Adrian entrou no quarto agüentando estoicamente os obscenos brindes.

Margaret foi obrigada a abandonar o leito e mostrar-se ante o faminto olhar dos homens, só Adrian permaneceu indiferente a sua exibição.

Cada vez mais animados, os homens sugeriram que Adrian acompanhasse a jovem ao leito; alarmada, Margaret procurou o atrativo rosto de seu marido, temendo que os convidados insistissem em presenciar seu primeiro ato como marido e mulher, tal e como era a tradição.

Adrian sorriu ladeadamente e com uma sacudida de cabeças negou tal possibilidade.

– Agora, damas e cavalheiros, se não se importam... o dia foi longo...

Um murmúrio de protestos se elevou, mas o olhar peremptório do guerreiro obrigou a todos a abandonar a quarto.

Nervosa, Margaret apertou os punhos sob os cobertores. A hora da verdade tinha chegado.



Caroline Bennett

Seu olhar vigilante observou como seu prometido fechava à porta a chave para depois aproximar-se do fogo e alimentá-lo com um tronco.

Temerosa de chamar sua atenção, Margaret o espiou enquanto ele se desfazia da formosa camisa, a camisa de seda e as meias. Chegados a esse ponto apartou o olhar por pudor, mas seus sentidos estavam alerta ante o menor movimento.

Adrian apagou as velas que iluminavam a quarto e com um suspiro se deixou cair no colchão. O som angustiado que emitiu Margaret lhe fez voltar à cabeça.

– deite e abra as pernas – ordenou secamente.

O sangue abandonou o rosto feminino, mas a penumbra que reinava evitou que Adrian se precavesse disso.

Mecanicamente, Margaret obedeceu com a respiração agitada e o coração lhe pulsando com força.

Adrian se levantou ligeiramente para desfazer-se de seus calções, depois se deslizou entre os cobertores.

Uma mão deslizou para suas coxas e ela conteve um gemido. Bruscamente, a mão elevou a camisola até os quadris.

Margaret fechou os olhos com força e então, sentiu-o. Sentiu sua mão tocá-la ali onde ninguém antes se atreveu, a rudeza da carícia a fez morder lábios.

– Abram mais as pernas.

Margaret obedeceu sentindo que o medo a tragava.

Adrian se colocou entre suas pálidas coxas, seu membro inchado testemunhava seu poderoso desejo, mas a dama que jazia baixo ele apertava com força os olhos desprezando-o e odiando-o certamente. Melhor acabar com o trâmite o quanto antes, disse-se, impulsionando-se para o quente interior.



Caroline Bennett

Algo deslizou em seu interior, algo duro e palpitante e sua natural resistência à invasão fez que a dor fosse intensa. Nem sequer se atrevia a abrir os olhos.

– Maldita seja! Deixe de resistir, assim poderemos acabar logo.

Margaret afogou um gemido quando por fim a penetrou completamente.

Sentiu desejos de gritar que era muito grande, que acabaria por matá-la.

O corpo do Adrian estava suspenso sobre si, tão somente se tocavam ali.

Deteve seus avanços durante uns segundos, enquanto Margaret se tentava se acostumar à sensação de ser penetrada. Ouvia sua respiração agitada e seus ofegos cada vez que ela se movia sobre o colchão. O final sobreveio de repente, e sem que Margaret fosse consciente disso, pois, o corpo masculino se esticou e derramou em seu interior um líquido pegajoso que se deslizou por suas coxas quando ele se retirou ao fim.

Adrian se deixou cair ao outro lado do colchão, lhe dando as costas. Margaret abriu os olhos lentamente, primeiro um, depois o outro. Observou seu próprio corpo sobre o colchão e se apressou a fechar as pernas. Seu sangue tinha manchado a camisola e as coxas.

Uma dor aguda a atravessou quando se colocou de lado, de costas para seu marido.

Assim, aquilo era o que faziam homens e mulheres? A experiência não poderia ter sido mais decepcionante. Sentir um homem em cima ofegando não era por certo o mais agradável que lhe tivesse ocorrido; além disso, ele a tinha feito mal. Quantas vezes teriam que repeti-lo? Não muitas. Esperava que conceber filhos e pari-los era uma tarefa chata... Recriminou a Deus.

– O que, o que? – grito Patrick Marlowe.

A jovem que jazia no leito se estremeceu, mas tratou de sorrir. Seu rosto pálido e angelical era formoso, ao estilo clássico, mas seus finos lábios delatavam uma veia perversa.

– Deixe de gritar. Os criados poderiam ouvir.



Caroline Bennett

– Matarei a todos que se atrevam – gritou de novo o conde.

Angeline reprimiu uma careta e enquanto acomodava os cobertores a seu redor e observou a seu amante. Não era jovem e os excessos de toda uma vida começavam a ser evidentes. Seu corpo maciço começava a perder força e a ganhar volume; mesmo assim qualquer dama da corte teria suspirado por render-se a seus encantos. Seu rosto pálido estava agora ruborizado pela fúria, que o fazia passear-se de um lado a outro do quarto.

– O que queria que fizesse? Você estava muito ocupado lamentando-se.

– Maldita seja! Atacastes a Wentworth, se ele o descobrir nossas cabeças correm perigo.

– E o que podia fazer? Nossa oportunidade de nos fazer com o ducado se esfumava – gritou a mulher deixando cair o cobertor e mostrando seu corpo sem pudores.

Marlowe observou os pequenos peitos. Não eram os melhores tinha visto, mas a paixão e a luxúria da mulher em sua cama subtraíam importância a esse fato.

– Mas agora é muito tarde. Norfolk passou às mãos dele e nossas possibilidades são escassas.

Marlowe se aproximou da jovem, sua mão se deslizou por seu peito e o apertou com força. A jovem afogou um suspiro e se arqueou contra a mão. Seus olhos cinza se entrecerraram. Guardou para si mesmo o desprezo que sentia pelo Marlowe. Era um homem débil submetido a suas paixões.

– Não deixarei que ocorra. Norfolk será nosso se você me ajudar nessa empreitada.

– Sabe tão bem como eu que isso é virtualmente impossível com Wentworth como duque. Essa cadela da Margaret jogou bem suas cartas. Nosso plano fracassou.

– Fui estúpido ao me apresentar ante Enrique.



Caroline Bennett

- As dívidas nos acossam algo tinha que fazer.
- Poderia ter obrigado a Margaret a esse matrimônio sem que ninguém soubesse, e uma vez que estivessem convenientemente casado tudo teria sido mais fácil.
- Nenhum padre se atreveria a assinar nosso matrimônio sem o consentimento da duquesa.

Angeline riu enquanto se levantava do leito.

- Em ocasiões, Patrick, é um néscio. – De novo seu rosto se contraiu ferozmente – ouça-me bem: poderíamos ter comprado o silêncio do padre.
- Agora você é a néscia. Lembra que não tínhamos nem um mísero... Uma vez que tivéssemos o controle do Norfolk teríamos tido todo um tesouro.

Marlowe caiu na conta disso.

- poderia ter dito antes – grunhiu o conde atribuindo a sua amante o fracasso.
- Antes? Esteve se compadecendo todos estes meses de sua miséria em sabe Deus que camas, não enviou nenhuma nota desde sua partida a Londres. O que supõe que devia fazer? Mandei que o buscassem por todos os bordéis e casas de jogo clandestino da capital mas não o acharam.

Marlowe apertou os lábios. Graças a esses meses de libertinagem absoluta tinha chegado a conhecer uma amadurecida condessa que não tinha tido pudor algum em lhe oferecer sua hospitalidade em troca de seus cuidados. Graças a esses “cuidados” sua bolsa havia tornado a aumentar o suficiente para retornar a seu desolado lar, e a Angeline.

- Bem, de nada serve lamentar-se pelo tempo perdido, é uma perda de tempo. Mas pensemos em como recuperar Norfolk.

Marlowe arqueou uma sobrancelha.

- Ainda continuam insistindo sem se dar conta que tudo está perdido.



Caroline Bennett

– Nada está perdido – gritou a mulher eram poucas as coisas que a faziam perder o controle. Norfolk e Margaret Norfolk eram uma delas – Norfolk acabará em minhas mãos antes ou depois.

O conde riu e caminhou para a jovem. Seu corpo magro e nu lhe atraía desde o momento que se apresentou na porta de sua casa pedindo refúgio depois da morte de seu marido. Não, possivelmente desde muito antes, quando ainda era uma menina e ela foi passar uns dias com sua família. Patrick a tinha desdenhado no princípio acreditando ser uma pirralha, mas logo descobriu que desfrutava dos mesmos gostos que ele. Aquela veia perversa o atraiu e quando no verão seguinte se anunciou seu compromisso com um velho e murcho nobre, Patrick não pôde a não ser alegrar-se. Angeline tinha previsto um matrimônio assim, como também tinha previsto a morte de seu marido; o que não tinha previsto era a cobiça da família do defunto. Angeline foi expulsa de que tinha sido seu lar sem dinheiro nem recursos.

Marlowe a recebeu em seu lar com alegria. Acreditava ser herdeira de uma grande fortuna. O mesmo tinha herdado o condado depois da morte de seu pai e seu irmão e nos primeiros anos, sua vida não pôde ser mais deliciosa. Gastava a mãos solta, sempre disposto a mais, ao melhor, mas as arcas se esvaziaram com rapidez e quando sua situação foi crítica, Angeline chegou a sua porta.

A obrigou a compartilhar seu leito em troca de sua hospitalidade (ao menos, desse prazer poderia desfrutar sem ter que pagar). Para sua surpresa a jovem desfrutava de sua brutalidade, após não tinha encontrado outra que a igualasse.

– Falam da duquesa com muita familiaridade, nunca me disse que a conhecia.

Angelina cravou nele seus olhos cinza. Sua juba de um pálido loiro a cobria lhe dando um aspecto místico, angélico.

Marlowe a tomou em seus braços e a arrastou até o leito. Ela tratou de resistir, era um velho jogo ao que sempre acudia quando queria despertar nele sua ira.



Caroline Bennett

O conde a obrigou a deitar-se sobre o leito enquanto a esbofeteava. Ela gritou, mas lhe recebeu com as pernas abertas.

A cópula foi brutal, animal, carente de sentimento, mas satisfez a ambos enormemente.

– Agora me contará por que odeia tanto à duquesa – perguntou Marlowe apertando com força um de seus peitos.

A mulher se revolveu contra ele, mas depois, reconhecendo sua força, apertou-se contra ele.

– Ela sempre teve o que me negou do berço – resumiu ela.

Angeline tinha odiado a Margaret desde a primeira vez que a viu. Foi durante aquele verão em que Marlowe a tinha desvirginado. Interna em um convento desde menina, romper com qualquer regra preestabelecida tinha suposto para a jovem todo um prazer. Entretanto, ante os olhos de outros continuava sendo uma recatada e tímida jovem.

Durante aquele verão, os Norfolk celebraram numerosas festas, mas a mais importante foi à celebração do aniversário da Margaret. Sua família foi convidada à luxuosa mansão. Angelina se apaixonou pelo lugar. "Algum dia", disse-se, "eu terei algo assim".

Os duques do Norfolk resultaram serem encantadores; seus olhos transmitiam o amor que sentiam por sua filha e cada gesto, cada palavra, era um aviso desse amor. Angeline os odiou. E depois chegou Margaret, a inteligente, bela e educada Margaret Norfolk. A jovem a que todos olhavam e admiravam, tão jovem e possuía tudo, tão jovem e ocupava seu lugar.

Quando no ano seguinte se fizesse público seu futuro matrimônio ela também gozaria de tanta reverência. Vestiria elegantes roupas e se passearia entre a multidão com altivez. Contudo, Margaret sempre a tratou como uma a mais se mostrando disposta a ser sua amiga.

Nos anos de seu matrimônio, o ódio pela jovem se incrementou. Ela tinha previsto um marido débil e sem energia, mas seu finado marido resultou ser todo um monstro que a golpeou em sua noite de núpcias



Caroline Bennett

para obrigá-la a copular e encheu sua vida de um sem-fim de vexames. Durante os anos seguintes, Angeline suportou tudo estoicamente com um único pensamento: algum dia muito próximo ele morreria, e quando isso ocorresse, ela seria ao fim rica.

Mas todo se mudou ao ser descoberta, mesmo que ninguém pudesse demonstrar sua implicação na repentina morte de seu marido, a família de finado a despojou de tudo, obrigando-a a renunciar ao que por direito lhe pertencia.

De novo se viu sozinha, no ponto de partida.

Recorrer ao Marlowe foi à única solução que encontrou.

– Algum dia desfrutarei de tudo o que é dela – declarou em um juramento.

– Teria-o feito se eu houvesse me convertido no duque. Teria desfrutado submetendo a essa cadela, teria castigado cada manhã só pelo mero prazer de vê-la gritar da dor.

– Esse é um prazer que sonho. Teria jogado-a de seu leito para receber a mim? – perguntou melosa. Marlowe mordiscou seu ombro.

– Possivelmente, inclusive a teria convidado a olhar.

Angeline riu ao imaginar a cena.

– Depois teria sido fácil desfazer-se dela: um duro inverno pode levar ao mais são, inclusive uma desafortunada queda do cavalo – continuou o conde

– Faria-me sua esposa então?

– Esse era o trato.

– Iria cumpri-lo? – choramingou Angeline montando-o escarranchado.

Marlowe admirou a magreza daquele corpo. Seu desejo estava de novo aceso.

– Pudessem ser, embora como duque eu gostasse de fazer muitas outras coisas.



Caroline Bennett

– Já sabe que eu nunca te pediria fidelidade – lhe convenceu ela arqueando os quadris para ser penetrada.

Marlowe grunhiu de satisfação.

– Sim, acredito que o faria, nenhuma mulher pode se igualar a você.

– Faça, Patrick, faça com força – lhe apressou ela.

Tempo depois, ambos esgotados, descansaram sobre o leito.

– Poderíamos trocar os papéis.

Patrick se desesperou contra o colchão.

– Do que fala agora? – grunhiu resistente a conversar.

– Bem, escute atentamente. Em nosso plano original você deveria se casar com a herdeira.

– Não sei aonde quer chegar.

– Ela desconhece que eu me encontro aqui, desconhece nossa relação. De todos é sabido que é uma mulher caridosa. Crê acaso que uma jovem viúva despojada por cruéis familiares de todo o que é seu não despertaria sua generosidade? – inquiriu cruzando as mãos em um gesto angélico.

– Ela recebeu a muitas damas em melhor situação que a sua. Mas, o que adiantará se convertendo em mais uma de suas damas?

Angeline sorriu mostrando seus pequenos e brancos dentes.

– Poderia ser que o brutal e desumano Dragão se sentisse tentado a despedaçar a uma doce viúva se esta o incitasse o suficiente.

Marlowe a olhou assombrado um segundos compridos e depois rompeu em gargalhadas.

– É simplesmente perversa.

– Sei. O que opina do meu plano?



Caroline Bennett

- Não está mau. Embora devesse fazer algumas indagações. Esses homens que enviou a matá-lo bem pode ter soltado a língua antes de morrer.
- Ninguém se apresentou ante a porta a nos recriminar nada, além disso, eles desconheciam meu verdadeiro nome. Só lhes prometi uma bolsa cheia.
- E algo mais? – perguntou o conde com suspeita.
- Sabe que a carne rege as ações dos homens.
- Sim, ninguém poderia desdenhar um bocado tão delicioso como você. Devemos conseguir alguma informação sobre esse matrimônio. Deve ganhar a confiança do Lady Norfolk: é ardilosa como uma zorra, nada deve fazê-la suspeitar. Se conseguir penetrar na cama do duque pode ser que nossa sorte mude.

A cabeça do Angeline bulia de novo cheia de expectativas e esperanças. Era uma mulher atrativa e sabia como utilizar suas armas. O novo duque não demoraria em aceitá-la como sua amante e lhe mostraria que, ao contrário que a estirada duquesa, ela sim desfrutava com sua brutalidade. Desse modo, o enfeitiçaria e o convenceria de desposá-la quando seu jovem esposa sofresse um fatídico acidente. Um sorriso iluminou as feições da jovem. Tudo seria dela, todos se ajoelhariam ante ela. Docemente se viu envolta no sonho dos ambiciosos enquanto Marlowe abandonava o leito.



Caroline Bennett

Capítulo 9

Margaret despertou perguntando-se que hora seria. Fazia tempo que tinha sentido a Adrian abandonar o quarto enquanto ela fingia dormir. Em realidade, não tinha podido pegar olho em toda a noite, já que se ele se movia ou emitia o mais mínimo ruído, ela abria os olhos como uma mola. A tensão a tinha deixado esgotada, e quando seu marido ao fim a deixou a só caiu em um profundo sonho.

Pela primeira vez em sua vida, permaneceu no leito sem vontades de levantar-se. O simples feito de ter que voltar a enfrentar à realidade a fazia considerar a idéia de tomar um hábito e abandonar Norfolk.

Amassou-se entre as mantas. Todos, essa manhã, olhariam-na compadecendo-se pelo sofrido no leito nupcial, e não faltava razão a isso.

Deixou escapar um gemido enquanto afundava a cabeça entre os travesseiros.

Se ao menos ele se mostrasse um pouco mais carinhoso, menos brusco... Umas palavras de carinho teriam bastado e não aquele "abra as pernas". Ao recordar ruborizou profundamente. Ao menos já sabia o que esperar a esse aspecto de sua vida matrimonial.

Os convidados já deviam ter-se levantado. Muitos retornariam a seus lares esse mesmo dia, outros participariam das celebrações natalinas da mansão.

Teria que levantar-se e fazer frente a suas obrigações, extensas esse dia.

Aborrecia ter que enfrentar-se a todos, mas mais aborrecia estar tombada sem fazer nada.

Com um suspiro se levantou da cama e se desfez de sua camisola. Observou levemente as manchas de sangue que o cobriam. A queimaria na lareira, decidiu enquanto se cobria com a bata de veludo.



Caroline Bennett

Suas damas foram chamadas. Todas a olhavam como se fosse um morto que retorna ao mundo dos vivos.

– Está bem, minha senhora? – perguntou Lady Sara enquanto perfumava seu banho.

Margaret fez uma careta e olhou as caras ansiosas que se amontoavam em torno dele.

– Todo o bem que se poderia esperar.

Anne lhe estendia uma toalha de linho e uma pastilha de sabão. A curiosidade brilhava em seus luminosos olhos de menina.

– Então, ele não lhe fez mal?

Margaret a olhou profundamente ruborizada.

– Não, Anne, não me tem feito nenhum dano. Como pode ver sigo viva.

Sophie se ajoelhou junto à banheira.

– Nem sequer um pouquinho?

Margaret perdeu os estribos.

– Maldita seja! O que querem ouvir? Uma declaração de torturas? Não posso dizer que tenha sido agradável, certamente não foi. Senti certo desconforto e isso foi tudo, a único coisa boa que posso dizer é que ao menos acabou logo – depois do estalo de mau humor, Margaret se serenou

– Então não é tão mau como dizem – concluiu Sophie.

Margaret afogou uma exclamação. Sentia desejos de estirar os braços e afundar aquelas duas cabeças sob a água de sua banheira.

– Uma mulher não pode ir falando por aí do que faz ou não com seu marido. – Recriminou-lhes Catelyn, mas Margaret podia ler a diversão em seu rosto.

Foi impossível desfrutar de seu banho.

– Querem tomar o café da manhã?



Caroline Bennett

– Sim, obrigado, Lady Sara. Tenho apetite.

– Nesse caso, farei que lhe sirvam depois. O senhor lhes espera na biblioteca.

Margaret recordou que essa manhã tinha que cumprimentar todos os papéis sobre a nomeação do novo duque e o transpasse de suas posses. Norfolk deixaria de ser dela e passaria às mãos de seu marido.

"Espero que não te tenha equivocado de homem, Enrique, porque eu mesma te estrangularei se algo mal ocorre a estas terras", advertiu em silêncio.

O notário real releu o documento de transpasse enquanto o secretário ducal assentia com a cabeça, corrigindo-o quando a informação não se ajustava à realidade.

Lorde Poynings, sentado junto à lareira, escutava também atentamente enquanto tomava licor.

Unicamente Adrian, o interessado, parecia não prestar atenção. Apostado junto à janela observava através da formosa cristaleira os extensos campos. Aqueles campos eram, desde o dia anterior, seus por direito. Deles.

Margaret golpeou a porta da biblioteca. "Que tolice!", pensou. Aquela era sua biblioteca. Abriu de um puxão e entrou com passo decidido.

– bom dia, filha – a saudou o padre Francis.

Margaret lhe sorriu nervosa.

Seus olhos vagaram pela estadia até topar-se com a figura de seu marido. A luz matutina recortava sua galharda silhueta embainhada em suas masculinas meias de antes e um camisa em tons castanhos. Margaret pôde admirar o magnífico contorno de seus ombros, as largas costas e as largas pernas, tudo perfeitamente proporcionado.

– Desculpem a demora.

Para ouvir sua voz Adrian se voltou. O coração da jovem galopava quando o olhar de ambos se cruzou. Se ao menos não se barbeasse! Mas



Caroline Bennett

aquele rosto patricio apresentado com aquele leve ar de indiferença lhe subtraía forças. Margaret lhe saudou com uma inclinação de cabeça. Nada poderia acostumá-la a tão atrativo semblante.

Subitamente recordou o momento em que ele se desfez de sua camisa na noite anterior mostrando sua atlética compleição. Que absurdo pensar nisso nesses momentos!

– Entre. Começamos?– assinalou Alfred, seu secretário.

Adrian se deu o gosto de observar a sua esposa enquanto se sentava no escritório e inclinava a cabeça com interesse sobre os papéis. Seu corpo se esticou, ainda permanecia fresca em sua memória a lembrança de umas pálidas coxas acolhendo-o. Essa manhã, quando tinha abandonado o leito se deu o gosto de desfazer sua larga trança e se tivesse sido por seus instintos, a teria tomado de novo. Nunca antes lhe tinha acontecido nada semelhante, com nenhuma outra mulher. Porque, embora tenha tratado de manter sua paixão nos termos de sempre (terminar com a maior rapidez possível), penetrar em seu pequeno corpo enquanto o delicioso perfume das rosas de maio lhe rodeava, tinha-lhe levado a bordo mesmo do abismo. E sim, tinha completado admiravelmente "rápido", apenas uma investida. Supunha-se que ela o odiaria, mas os olhos azuis o tinham cuidadoso sem fugi-lo, sem desprezo, nem ódio. Tão somente um surpreendente acanhamento.

Apoiado contra a parede, e os braços cruzados sobre o peito, continuou com seu escrutínio.

Resultava-lhe impossível fazer-se à idéia de que também lhe pertencia. Vestida com um elegante traje de lã azul adornado com veludo, seus pequenos pés recolhidos sob a barra de sua saia e sua horrível touca. Pertencia-lhe totalmente. Seus braços, suas esbeltas pernas, seus ombros magros, sua boca vermelha, seus redondos peitos, seu... Adrian se deteve abruptamente ao dar-se conta que estava a ponto de explorar.

– Acredito que tudo está certo – expressou Margaret levantando a cabeça.



Caroline Bennett

Adrian saiu de sua posição e se voltou para a janela, temeroso de que alguém tivesse notado sua avultada virilha.

– Milord, não quer ler o documento?

Adrian olhou o notário real. Pigarreou ligeiramente.

– Não, confiou em sua boa fê.

– Nem sequer as condições? – perguntou contrariado.

– Estimo que seja as habituais – desprezou.

– Bem, então só resta assinar.

Alfred tendeu a pluma a Margaret, que estampou sua rubrica com elegante caligrafia. Adrian se aproximou depois de uns minutos para tomar a pluma de suas mãos e se inclinou junto a ela para rabiscar a sua sobre o papel. Seu quadril roçou o ombro da jovem, que recordou sobressaltada seu acanhamento pelas duras bandas musculares de seu abdômen. Um tinido a fez voltar para a realidade.

Adrian Wentworth tinha passado a ser o novo duque do Norfolk e conde do Norwich. Lorde Poynings atuou como testemunha. O documento foi assinado pelo secretário e levou o selo real.

– Parabéns, milord lhe felicitou o notário lhe estendendo a mão com uma cópia de suas posses.

Adrian guardou o pergaminho sob sua camisa.

– Que Deus benza este matrimônio e sua descendência!

– Acredito que é hora de celebrá-lo. Norwich lhe espera para lhe aclamar – anunciou Poynings ficando em pé.

Margaret se esticou ao recordar esse pequeno detalhe.

– Esqueci lhes dizer que devemos visitar a cidade – explicou apressadamente tratando de ignorar o tormentoso olhar que lhe dedicou.

– E o que se supõe que devemos fazer agora?

– Nos retiramos – anunciou o padre Francis.



Caroline Bennett

"Ainda não", gritou a jovem em seu interior enquanto os via desfilar a caminho da saída.

– E então? – exigiu Adrian.

Margaret se voltou para olhá-lo, como sua altura era intolerável ficou de pé e se aproximou do fogo.

– Nada extraordinário, asseguro-lhe isso. Devemos visitar a prefeitura, o oficial nos tem espera com uma reservada celebração. Depois devemos visitar os artesãos, St. Andrew's Hall, Lady Chapel e Sant Peter Mancroft, onde faremos uma oferenda, para finalizar na catedral onde assistiremos a um ofício por nossos esponsais – explicou com rapidez – De volta nos deteremos no monastério para fazer uma doação aos monges.

Adrian olhou a sua esposa com uma sobrancelha elevada.

– Pensa me fazer percorrer todas as malditas Igrejas do Norwich?

Margaret lhe fez cara tomando ar. A batalha se apresentava.

– É tradição. O povo se sentirá ofendido se não o fazemos assim.

– Senhora, não sou um santo beato para passar o dia de igreja em igreja.

A jovem entreceitou os olhos.

– Como já lhe expliquei – continuou com o mesmo tom que uma mãe explicaria a um filho atrasado – É tradição, todos os duques do Norfolk devem visitar a cidade depois de suas bodas. Agora, você é duque do Norfolk e deve acatar essa tradição.

– E se não o faço? – provocou-a ele.

Os olhos azuis da jovem relampejaram de fúria.

– Se não o fizer, eu mesma me encarregarei de verter azeite fervendo sobre seu corpo para depois esfolá-lo – chiou para logo gritar – Por todos os Santos! Deixem de atuar como um menino caprichoso, todos temos que renunciar a algo e realizar coisas que nos desagradam. Ou acaso



Caroline Bennett

acreditava que só ganhava um título? Sua nova condição suporta uma série de obrigações.

– Por exemplo? – inquiriu Adrian, aproximando-se.

Margaret o olhou confusa.

– O que?

– Que coisas realizaram que tanto lhe desagradam?

A jovem piscou um tanto confusa. Esse não era o tema a tratar, ou sim?

– Bom. Tive que assistir a festas quando meu desejo era permanecer em casa, tive que receber convidados que não era de meu agrado e...– disse franzindo o cenho ao tentar recordar.

– tive que me casar por ordem real... – continuou Adrian.

– Não estamos falando de nosso matrimônio, mas sim de obrigações.

– E tive que me deitar com um homem a quem detesta.

– Eu... eu não o detesto – protestou ela com as bochechas avermelhadas.

– Mas detesta se deitar comigo.

Margaret piscou perplexa. Adrian tinha se aproximado muito e não tinha percebido.

– Não é cristão tratar esse tema – balbuciou ela enquanto se afastava – Deixe de se comportar como um menino. Acaso pensava que com o título estaria livre de obrigações? Quanto antes atue como o duque de Norfolk, antes o aceitará o povo.

Adrian inspirou profundamente. Ela tinha negado detestá-lo, ao parecer tampouco o odiava. O que sentia então? Agradaria se ele a tomasse em seus braços e a tomasse sobre a mesa? Não, possivelmente recriminaria sua falta de maneiras.

– Bem. Convinceste-me.

– Tenho feito? – perguntou Margaret com desconfiança.



Caroline Bennett

- Sim, entendi a mensagem. Todos devemos fazer concessões.
- Assim é – afirmou magnânima.
- Então, senhora, ambos assistiremos a esses atos. Agüentaremos estoicamente a tempestade.

"Mas?" Margaret intuía que havia um "mas".

- Faremos – afirmou Margaret sorrindo levemente.

Adrian se aproximou para tomá-la pelo braço.

- No futuro, recomendo-lhe que me comunique meus deveres.

- Sim, meu senhor

Só se tratava disso?

- E como todos temos que renunciar a algo, você mesma começará por dar exemplo.

Margaret voltou a olhá-lo confusa.

- Parece-lhe pouco o que renunciarei?
- Senhora não renunciou a nada: sou seu marido, o meu é seu.
- A que tenho que renunciar então? Minha liberdade não é possível, já lhe pertence; minha riqueza não, tampouco isso é possível.
- Nada tão complicado, senhora.

As largas pestanas da jovem piscaram como fugazes mariposas. De repente sentia calor, a cercania daquele corpo masculino a acendia.

- Quero lhe ver sem esse touca. Não quero que nada cubra sua cabeça.

A estranha petição a pegou de surpresa. Não considerava seu cabelo digno de admiração e não entendia o empenho de Adrian por vê-lo solto.

- Meu senhor, agora estou casada, toda mulher casada deve cobrir sua cabeça.



Caroline Bennett

- Pois você não o fará, essa touca que usa lhe faz parecer uma matrona resmungona.
- Delira – embora em certo modo Adrian se aproximava muito à realidade. Margaret tinha começado a usar as pesadas toucas porque lhe outorgavam um ar amadurecido e severo, um pouco necessário para uma jovem que necessitava a toda costa fazer-se ouvir e respeitar.
- No futuro, esposa, apresente-se a mim sem nada sobre a cabeça. E se o que lhe preocupa é a gente, informarei que a última moda na corte é a cabeça descoberta.
- Ou tem febre – grunhiu ela.
- E então?
- Aceito – murmurou, embora seus lábios franzidos expressassem mais chateio que aceitação.
- Vamos, o povo nos espera.

Os homens do Adrian e os convidados que os aguardavam na sala aclamaram ao casal e ao novo duque. Margaret pôde ver o orgulho dos mais simples a seu marido; entretanto, entre os convidados de maior linhagem não brilhava outra coisa que inveja ou reparo.

Furiosa por essa atitude, Margaret fulminou com o olhar a aqueles que ousavam desprezar a autoridade de seu marido. Algum dia, todos eles baixariam a cabeça ante ele e não o fariam por medo, mas sim por respeito. Embora para isso tivesse pela frente um duro trabalho, suspirou olhando a furiosa expressão de Adrian. Seu novo aspecto poderia ajudar se não fosse por seu cenho franzido e sua expressão áspera. Infelizmente Adrian tinha retornado a suas habituais roupas. O único ponto positivo era que se absteve de levar sua espada.

No exterior, um cavaleiro sustentava as rédeas de sua égua parda ao lado do grande garanhão de Adrian parecia apenas um pônei.



Caroline Bennett

Eugen estava parado junto a Jules, vestia um camisa feito de recortes de couro em diferentes cores. Adrian grunhiu ao vê-lo e, para decepção da Margaret, o escudeiro lhe colocou a cota de malhas e o elmo.

– Vai a alguma guerra, meu senhor? – perguntou Margaret molesta. Como entenderiam os habitantes de Norfolk que o novo duque não era o cruel Dragão, se apresentava-se ante eles com semelhante cara?

Adrian olhou de esguelha a sua esposa enquanto se prendia a espada. Seu rosto feminino estava levemente ruborizado devido à fria brisa, mas seus olhos brilhavam de chateio. Adrian não entendeu seu ânimo. Por Deus, ela não se parecia com nenhuma mulher com a que tivesse tratado antes! Nunca era possível saber o que acontecia sua mente, embora estivesse seguro de que nenhum de seus pensamentos tinha nada a ver com o temor de enfrentar-lo.

– Não, minha senhora, tão somente me preparo para lhe acompanhar – desdisse ele, montando de um ágil salto em Sleipnir.

Margaret se viu sozinha ante sua égua. Um homem com bons maneiras se teria devotado a ajudá-la a montar, mas seu marido não era um homem de bons maneiras, nem sequer de maneiras.

Eugen se adiantou disposto com as mãos cruzadas.

– me permita minha senhora – disse inclinando-se – Estou acostumado a isso.

Margaret agradeceu o gesto do moço, uma vez acomodada no lombo de sua égua.

A uma só voz, os homens do Adrian montaram e formaram duas filas com surpreendente ordem, ficando Margaret e Adrian entre ambas.

Adiante, um moço levava o estandarte da casa Norfolk e detrás um grupo de homens a pé fizeram soar seus tambores.

– Pronta? – perguntou Adrian.



Caroline Bennett

Margaret assentiu impressionada, pois dias antes, esses mesmos homens, pertencentes a aldeias próximas, não eram mais que simples camponeses sem consciência alguma do que significava a ordem militar.

Eugen se despediu agitando energicamente as mãos e aplaudindo como uma foca amestrada.

– Maravilhoso! maravilhoso!

– Seu senhor é um bárbaro – disse a voz suave do Alfred, o secretário.

– E você uma gralha – replicou ofendido observando a magra figura vestida de negro.

– Atreve-se a falar mal de meu senhor?

– Agora é também meu senhor. Jamais ousaria tanto, mas é óbvio para todos, sua falta de maneiras.

– Meu senhor pode não ser de todo um cavalheiro, mas lhe asseguro que não encontrará outro melhor em todo o reino na hora de defender os seus – A voz do Eugen chiou nos ouvidos do secretário que o olhou de ponta a ponta.

Para um judeu como ele, o conveniente sempre era manter a boca fechada, mas ante a presença daquele chamativo jovem, Alfred se via na necessidade de responder. Nunca antes tinha chegado tão longe. Alguma azeda resposta lhe queimou a língua; contendo-se com muita dificuldade, girou sobre seus pés e entrou na casa.

– Olhos de boi – murmurou Eugen, embora o brilho de seus olhos não fora absolutamente depreciativo.

Margaret espiou através das pestanas baixadas ao homem ajoelhado a seu lado. Ao longo da manhã tinha suportado os ofícios nas distintas Igrejas do Norwich, mas não estava segura de quanto mais poderia agüentar o homem. Estremeceu ao pensar que ainda deviam visitar o monastério.

– O ofício está acabando –animou Margaret enquanto o coro iniciava um novo cântico.



Caroline Bennett

Adrian a olhou como se fosse à maior mentirosa do reino.

– Se lhe agradar, depois poderá visitar o tesouro da catedral – convidou em um murmúrio.

– Meu único desejo neste momento é sair desta boca-de-lobo.

Margaret abriu os olhos ante semelhante impropério. Nervosa olhou para trás para ver se alguém mais tinha ouvido seu marido.

– Está louco? Como se atrevem a dizer semelhante coisa? – perguntou sem sequer separar os lábios.

Adrian se manteve em silêncio reprimindo a vontade de sorrir. Era fácil escandalizar a sua esposa e ele tinha descoberto um novo prazer nisso.

De novo, viram-se obrigados a ajoelhar-se. Sem pretender, seu braço roçou ligeiramente o peito da jovem. Adrian o retirou como se o contato o queimasse. E em parte era assim, porque durante grande parte do dia tinha tratado de ignorar o sedutor corpo de sua esposa, sempre próximo ao dele. Bastava o mínimo roçar para que lhe assaltasse o desejo. Depois de tudo, deveria possuí-la de novo, pensou abatido. Tinha acreditado erroneamente que bastaria deitar-se com ela uma vez para tirá-la da cabeça, mas não ia ser tão fácil. O ocorrido na noite anterior lhe atormentava e a única coisa que podia pensar era em repetir a experiência. Inclusive no presbitério de uma catedral abarrotada ela podia excitá-lo. Se alguém chegasse a notá-lo seria condenado à fogueira. Imaginou o rosto de sua esposa ante uma revelação semelhante e esta, e não pôde evitar sorrir.

– Está sorrido, está sorrido! Por todos os demônios, tanta missa o enlouqueceu – riu D’Claire.

Marcus olhou em direção ao duque e franziu o cenho.

– Acredito que se embebedou. Como se não fosse suportar? – Marcus expôs sua teoria que explicava seu próprio comportamento.

Jules olhou a ambos estalando a língua. Seu mau humor tinha piorado com o passar do dia. Em realidade, desde que os homens se inteiraram



Caroline Bennett

de quem era seu companheiro de quarto, dias atrás. Desde esse momento, tinha sido objeto de brincadeiras e o velho guerreiro não tinha tido outro meio que pedir Lady Norfolk para lhe mudar de quarto. Mas a jovem duquesa o tinha ignorado aduzindo que nesses momentos a mansão estava cheia de convidados.

De novo, o olhar dos três guerreiros se dirigiu para o casal ducal coincidindo todos em sua opinião: formavam um estranho casal. Um enorme e sério guerreiro e ela, uma delicada e respondona dama.

- Quem pensou que veríamos o Dragão assistindo a um ofício religioso.
- Não a um, no momento este é o quarto – particularizou D’Claire– e em um mesmo dia...!

Um integrante do grêmio dos sapateiros se voltou para os três guerreiros.

- Não me deixem ouvir – sussurrou ofendido.
- E o que é o que quer ouvir? Sempre dizem o mesmo, e amém em latim!
- repôs Marcus com desdém.

O artesão elevou o nariz e voltou de novo à cabeça murmurando algo a respeito dos bárbaros.

- Isso não vai ajudar a nosso senhor – recriminou Jules – O povo já está bastante descontente com sua eleição como novo Duque.

E era certo. A maior preocupação da Margaret durante o dia foi apresentar Adrian como uma eleição acertada, mas as maneiras ásperas e seu aspecto perigoso não ajudavam em sua empreitada. Poucos foram os que se atreveram a cumprimentar o duque e menos ainda a lhe aclamar. Suas expressões delatavam seu temor e a compaixão que sentiam por sua jovem senhora, obrigada a um matrimônio forçoso com o cruel Dragão.

À saída da catedral Margaret reteve a seu marido lhe agarrando a manga.

- Ocorre algo? – perguntou com uma sobrancelha elevada.



Caroline Bennett

Ela sorriu amplamente enquanto saudava com a mão ao povo.

– Agradeceria se desta vez fosse você quem me ajudasse a montar – murmurou fingindo ante os olhos de outros intercambiar algum segredo.

O duque, menos diplomático, recuou para lhe cravar um olhar divertido.

– Têm algum problema para não fazê-lo sozinha?

– Pois... Ah, não importa! Faça!

O parvo nem sequer se dava conta de que lhe pedia ajuda, era por seu bem. Se mostrasse um rasgo de gentileza ante os olhos desconfiados dos paroquianos, possivelmente demorassem menos em lhe aceitar.

Com um leve encolhimento de ombros, seu marido tomou pela cintura e sem nenhuma dificuldade a depositou sobre a cadeira de montar. Tudo aconteceu tão rápido que Margaret teve que agarrar-se fortemente à cadeira para não cair sobre seu traseiro na lama, o qual arruinou o efeito desejado.

De novo iniciaram a marcha enquanto a jovem se despedia agitando a mão.

– Tinham que ser tão brusco? – inquiriu-lhe quando finalmente deixaram atrás as ruas do Norwich.

Adrian, com a cabeça coberta de novo com seu elmo, tão somente se incomodou em olhá-la uns segundos.

– Do que fala?

– Não importa! – grunhiu a jovem enquanto lhe dirigia um incendiário olhar. Fustigou brandamente a sua égua para deixar atrás a seu cretino marido.

Quem a entendia? Grunhiu para si mesmo Adrian. Um momento lhe pedia que a ajudasse e ao outro, reprovava-lhe sua ajuda. Jamais conseguiria compreendê-la. Observou o orgulhoso porte da dama no lombo de sua égua. Sua cintura era estreita, mas seus quadris estavam docemente arredondados e Adrian assim o tinha notado quando a elevou sobre a égua. Não teve como remediar soltá-la rapidamente porque seu



Caroline Bennett

aroma lhe alcançou a alma e de novo se sentiu excitado. Nem roçá-la podia...

O ofício no monastério foi cumprido, precedido de uma visita aos doentes atendidos pelos monges e a doação de uma arca cheia de moedas; em compensação os monges lhes premiaram com uma seleção de seus melhores cânticos que em outra ocasião tivessem entusiasmado a um jovem.

Ao abandonar o sagrado recinto, Margaret reprimiu um calafrio. As temperaturas tinham descendido com a chegada da noite. Sentia-se tão cansada que podia dormir sobre o cavalo.

Adrian caminhava junto a ela agasalhado com sua capa de peles.

Já junto aos arreios Margaret chamou um dos homens para ajudá-la a montar mas Adrian o despediu bruscamente.

– Está esgotada – disse a modo de explicação antes de colocá-la sobre Sleipnir.

Margaret o olhou com surpresa, mas esta se converteu em estupor quando ele se colocou atrás dela, com as coxas fortemente apertadas a seus quadris.

– O que pretende? – perguntou tratando de afastar-se daquele contato, mas só conseguiu que Sleipnir soprasse nervoso.

– Fique quieta – ordenou Adrian ajustando as rédeas a sua mão.

– Posso cavalgar sozinha.

Adrian a cobriu com sua capa.

– Se voltassem a montar sobre essa coisa. – disse assinalando sua cadeira de montar lateral. – Acabaria por quebrar o pescoço.

– Só a utilizo em ocasiões especiais – informou ela.

A expedição voltou a ficar em marcha e Margaret ficou incômoda tratando de afastar-se. Não teve que fazer um grande exercício de lógica



Caroline Bennett

para saber o que era o que tão intimamente palpitava contra seu traseiro.

– Insisto, esta cadeira é muito estreita para ambos.

– Não o seria se relaxasse – grunhiu ele apanhando-a pela cintura e apertando-a levemente – E deixe de se queixar.

Margaret inspirou. Aquele contato íntimo a intranquilizava e fazia que seu coração pulsasse violentamente. Finalmente, tratou de convencer-se de que aquilo não era tão mau. A noite anterior tinham compartilhado mais intimidade que aquela e tinha conseguido sobreviver aquilo, poderia fazer a qualquer outra coisa.

Adrian sentiu como se a jovem relaxava contra ele acomodando-se a suas formas masculinas. Sua cabeça descansou sobre o largo peito agradecendo o calor que lhe brindava. Agasalhou-a melhor com sua capa deslizando um braço sobre sua cintura. Ela escondeu seu rosto contra o pescoço do homem. Ali o pulso pulsava forte e rítmico. Seu nariz esfregou aquele lugar especial e descobriu que lhe agradava seu aroma masculino.

Adrian a apertou contra si.

– Têm frio?

Margaret negou com a cabeça.

– Senhora, com o dia de hoje hei esgotado a quota de missas ao longo de minha vida.

– Reconheço que o dia foi longo, mas era necessário cumprir com essa obrigação. E me permita assinalar que não foi muito gentil da sua parte negar a visitar...

– Não se atreva a me repreender depois de um dia como este – demarcou ele.

Margaret fechou a boca elevando levemente a cabeça para observar seu queixo barbeado. As pontas dos dedos queimaram em desejo de lhe



Caroline Bennett

acariciar, mas reprimiu o impulso; duvidava de que o agradasse. Não era um homem dado às carícias como muito bem lhe tinha demonstrado.

– Eu gosto de sua nova imagem – murmurou ao observar sua frisada cabeleira.

– Um elogio? Decididamente está esgotada.

Margaret sorriu, ao novo duque não agradava os elogios. O que faria se dissesse quão atraente se encontrava? A derrubaria do cavalo pensou enquanto seus olhos se fechavam.

Estava-se convertendo em um sádico, em um libidinoso. Não era digno reconhecê-lo, mas desfrutava do suave roçar do traseiro de sua esposa contra seu virilha. Deus santo! A dolorosa ereção estava a ponto de lhe matar. Perguntou-se que estaria sob seu vestido, estava acostumado a despir a fulanas, mas não a damas, e ignorava quais eram as roupas interiores que usavam, a intriga lhe corroía as vísceras como um ácido.

Gemeu ao imaginar outra classe de cavalgada. Pelas anáguas da Santa Ana! Se não chegassem logo acabaria por ejacular sob as meias. Moveu-se inquieto sobre a cela.

Margaret balbuciou algo enquanto se acomodava de novo contra ele. Ela se tinha dormido.

Adrian estudou o doce rosto inclinado para cima. Os lábios vermelhos e suculentos estavam ligeiramente entreabertos deixando escapar de vez em quando algum suspiro pesaroso.

O cavalheiro baixou a cabeça e roçou os lábios com sua boca. Foi um gesto impulsivo do que se arrependeu conforme o começou, não por seu desejo carnal, mas sim por um algo mais profundo e intrigante que tinha aninhado no fundo de seu coração. Estava muito cansado para pensar no que podia significar.

Ao chegar às portas da mansão, Margaret foi rudemente despertada. Caminhou meio adormecida para a entrada onde suas damas a esperavam ansiosas. Mas Margaret não tinha forças para responder a



Caroline Bennett

suas perguntas, a única coisa que desejava era deslizar-se entre os lençóis e dormir.

– Meu marido? – perguntou rouca pelo cansaço.

– ficou embaixo conversando com seus homens – sussurrou Catelyn enquanto apagava as velas – Descanse, tive um dia agitado.

– boa noite.

As damas se despediram em coro da porta. Horas mais tarde, foi despertada subitamente quando uma mão a puxou pelo ombro. Assustada e desorientada tratou de escapar. Quem tinha ousado entrar em suas habitações e despertá-la tão rudemente? Insistente, a mão apertou com força o ombro exigindo imediata obediência, mas Margaret estava aturdida, agitou seus membros descarregando sobre o intruso um chute.

– Pelo amor de Deus! Pretendem me castrar?

Margaret reconheceu a voz e recordou também que desde no dia anterior tinha perdido o direito ao uso exclusivo de seu leito.

– Adrian? São é? – sussurrou apalpando com a mão o colchão.

– Quem mais? – Sua voz soava seca e mal-humorada.

– Pensei que esta noite dormiria em seu quarto – Entrecerrou os olhos enquanto tratava de localizá-lo na escuridão.

– E não é este?

– Não... Quero dizer, sim. o que ocorre é que não trouxe suas coisas para cá e pensei que possivelmente preferiria seguir utilizando os aposentos que lhe tinha sido atribuído.

– Senhora, esta é meu quarto e aqui ficarei. Ordenei a Eugen que traga minhas coisas amanhã mesmo.

– Ah! – a decepção da jovem se fez patente em seu tom. Caberia perguntar por que a tinha despertado, mas a mão que pinçou sob sua camisola o explicava tudo.



Caroline Bennett

- O que pretendem? – perguntou apertando instintivamente os joelhos.
- Exercer meus direitos – E a tombou de costas colocando-se rapidamente entre suas coxas.

Margaret respirou agitadamente. Sentia-se ultrajada, usada como um vil objeto.

- Senhora como bem descobriu ontem à noite não ganha nada em se negar a mim – expressou ele ao apalpar o corpo tenso da mulher.

Como na noite anterior só o fogo iluminava a quarto e desta vez Margaret não tinha os olhos fechados.

- Pois faça e me deixe em paz – repôs voltando a cabeça sobre os travesseiros. Fixou o olhar no fogo e tratou de pensar em outra coisa.

Adrian a penetrou forte, entretanto, ela estava seca o que impedia que a penetração fosse prazerosa para ambos. Margaret mordeu os lábios ao sentir a dura investida, cravou nele um olhar de recriminação, mas a magnífica imagem de seu marido a fez esquecer-se de seu desconforto. Na noite anterior se negou a olhar aquele corpo maravilhoso, mas agora à luz cálida do fogo Margaret não se negou aquele prazer. Sustentado por seus braços, o torso do Adrian flutuava perto de sua cabeça, seus bíceps estavam tensos e seu estômago endurecido. Sem dar-se conta, relaxou-se, o que permitiu a total penetração dele. Agitado, Adrian moveu brandamente os quadris. Seguiam sem se tocar salvo naquele lugar. Teria sido bonito se ele a abraçasse e a beijasse.

Adrian começou a mover-se, suas investidas eram rítmicas, cadentes. Tudo se repetia como a noite anterior, salvo que esta vez não havia dor e sim certa impaciência. De novo ele foi breve, apenas uns minutos. Ainda com a respiração agitada, retirou-se para se deixar cair de lado tendo extremo cuidado de não tocá-la.

Margaret observou suas costas, enquanto se cobria de novo com a camisola, frustrada por aquele trato e por sabe Deus o que outra coisa que a fez encolher-se insatisfeita.



Caroline Bennett

Ele tinha umas costas magníficas, pensou com um suspiro ao enroscasse entre as mantas. Embora brusco Adrian tinha demonstrado consideração ao levá-la em seu próprio cavalo essa noite. Margaret não lhe tinha agradecido o gesto, e não o faria depois do ocorrido no leito: havia tornado a desiludi-la.

Capítulo 10

Margaret compartilhou café da manhã com suas damas. Seu mau humor tinha diminuído grandemente quando foi informada que seu marido tinha saído cedo essa manhã e não esperava sua volta até a tarde.

– Desfrutaremos de um almoço tranquilo então – suspirou.

– Todas não – particularizou Sophie.

Margaret a olhou como se não entendesse e só depois de percorrer a mesa com o olhar se deu conta de que o lugar da Anne estava vazio.

– Ocorre algo com Anne? – perguntou preocupada.

Lady Catelyn encolheu os ombros.

– Está na cama, diz que não se encontra bem.

Margaret franziu o cenho preocupada.

– Mas? – inquiriu.

– Está preocupada com a próxima visita de seu tio.

– Ele pensa vir?

Lady Sara foi encarregada de responder.

– Faz três dias recebemos sua mensagem.



Caroline Bennett

– Por Deus! Por que ninguém me avisou? – recriminou-lhes ficando em pé.

Todos de Norfolk conheciam a tendência violenta de Lorde Wilson. Anne tinha passado parte de sua infância sob sua tutela e temia muito voltar de novo para seu amparo.

– Senhora estava a ponto de casar e convivendo com seus próprios problemas. Anne nos proibiu lhe falar.

– moça teimosa– suspirou dando-se conta de quão desconectada tinha estado dos problemas domésticos desde a chegada de Wentworth.

Era o momento de retomar as rédeas de seu lar e fazer frente a aquela pequena crise.

– Subirei e falarei com ela – anunciou.

Lady Sophie sorriu.

– Isso a animará.

Anne descansava languidamente sobre os travesseiros, seus olhos estavam fechados, mas ao ouvir passos se abriram.

– Disseram-me que não se encontrava bem – sussurrou Margaret colocando uma taça de chá sobre a mesa de cabeceira.

Anne afirmou com a cabeça enquanto seus olhos se fixavam no marco da janela.

Margaret se sentou na cama e acariciou com a mão o rosto infantil.

– É a seu tio que teme?

Ela a olhou surpreendida.

– Elas me deviam ter lhe dito – lhe esclareceu.

– Perdoe-me se não prestei muita atenção estes dias, devia adivinhá-lo.

– Ameaça de novo me levar com ele e me casar com seu horrível enteado.

Margaret a tranquilizou acariciando seu cabelo.



Caroline Bennett

– Vamos, Anne. Quantas vezes nos ameaçou e quantas vezes teve que fugir com o rabo entre as pernas?

– Mas esta vez é diferente – murmurou a jovem nervosa a encará-la.

– por que é diferente desta vez?

Anne franziu a boca em uma careta.

– Por ele.

– Quem? – exigiu saber Margaret confusa.

– Seu marido.

– O que tem que ver ele com tudo isto? Ele disse algo? – perguntou inquieta por essa possibilidade.

Anne se ruborizou e de novo apartou o olhar.

– Não, é só que ele é quem manda agora, pode decidir que sou um estorvo nesta casa.

– Anne está dizendo tolices.

– Não são tolices. No momento não mostrou muito interesse por nós.

– Mas vocês formam parte desta casa e ele defenderá os seus.

– Crê nisso? – A esperança brilhava em seus olhos.

– É obvio. Se seu tio Wilson enfrentar meu marido, quem supõe que será o vencedor?

– Seu marido é duque e meu tio só um conde.

– Então tudo solucionado, mas se ainda está preocupada, falarei com Adrian – E sorriu à jovem. – Bem pode parecer uma besta, mas acredito que é um homem justo.

O resto da manhã transcorreu sem mais incidentes. Anne, mais animada, vestiu-se e se uniu ao grupo de mulheres que bordavam frente à lareira da sala. A festividade do fim de ano se aproximava e o tema eram os presentes que compartilhariam. Margaret visitou os currais, as



Caroline Bennett

cocheiras e a cozinha, onde revisou pessoalmente o estado das dispensas. Depois passou a John algumas ordens urgentes.

– John, se encarregue de que os lençóis sejam lavados com água quente, sei que é um gasto excessivo, mas evita as percevejos. – Também podem acrescentar lavanda à água do enxague.

Margaret e John se voltaram para o escudeiro de Adrian.

– Não acompanha meu marido?

– Quase nunca o faço. Sabe que detesto.

– É muito consideração da sua parte não lhe obrigar então – pronunciou Margaret divertida pelo fato de que seu marido tivesse em conta os sentimentos do moço.

– Em realidade, o faz por sua própria saúde. Não suporta ouvir minhas lamentações.

Margaret riu.

– Bem, John, pode se retirar e você, Eugen, me acompanhe à biblioteca, assim poderá me dar mais conselhos domésticos.

– Também posso lhe dar algum sobre como tratar meu senhor.

– Não acredito que isso seja de grande ajuda em meu caso – expressou enquanto se dirigia para a biblioteca.

Eugen trotou detrás dela.

– Ao contrário, poderia lhe ajudar e muito. Meu senhor é um homem previsível, uma vez que o conheça bem, só terá que agir de forma adequada.

– Lhe mataria se o ouvisse falar assim dele.

O moço suspirou enquanto rebojava para o interior da sala.

– Sim, é certo – afirmou sem o menor reparo.

Adrian só retornou à tarde. Desde o ataque se manteve alerta, patrulhando os caminhos e interrogando aos aldeãos. Depois de passado



Caroline Bennett

os interrogatórios, suspeitava que os atacantes pertenciam a outro condado. Para reforçar a segurança do ducado tinha disposto patrulhas e postos de vigilância. Tinha finalizado sua incursão com uma visita ao porto do Wrexham.

Era grato voltar para um lar depois de um dia tão cansativo, pensou enquanto se desfazia de suas manoplas e as jogava a Eugen. Seu olhar passeou pela sala até que o objeto de seu interesse apareceu através de uma das portas acompanhada por várias criadas. Sua esposa transbordava vitalidade e ele mesmo pôde ouvi-la discutir as objeções de seus acompanhantes. Estavam perdidas: a vontade de Lady Norfolk superava a de qualquer mortal.

Margaret esqueceu o que estava a ponto de dizer quando viu seu marido do outro lado da sala. Seu olhar fixo a fez gaguejar, e para não agravar mais sua situação de completa incompetência, quando ele a olhava desse modo despediu-se das moças.

Não havia outro meio a não ser se aproximar e saudar como correspondia.

– teve um bom dia, meu senhor? Saiu Esta muito cedo está manhã. Posso saber o motivo? – perguntou serenamente.

O olhar do Adrian se deslizou por suas formas. O vestido em tons amarelos que vestia sua esposa se moldava com naturalidade a sua cintura estreita e a seus peitos, sua graça ao mover-se conferia um ar de elegância inata que muitas mulheres na corte invejariam.

– Este triste dia melhorou com sua visão, milady.

Margaret ruborizou profundamente. Adrian nunca lhe tinha falado com tanta galanteio.

– Se aproxime do fogo, o jantar logo será servido e lá poderá se aquecer e beber... Algum vinho, possivelmente?

– Me estimularia mais um bom licor e sua companhia.



Caroline Bennett

Ela esteve a ponto de rechaçá-lo, perguntando-se a que jogo estava jogando. Mas mudou de idéia ao recordar a conversa com Anne.

– Encontrou o que procurava? – perguntou interessada.

– Na realidade não. Os aldeãos não sabem nada desses homens, ninguém os viu e ninguém sabe quem os enviou.

– Espero que o descubra logo – assinalou preocupada.

Nesse momento suas damas entraram na sala.

– Suas damas não se separam de você.

– Todos se reúnem a esta hora, se por acaso não notou – a repôs – E falando de minhas damas, há um tema extremamente delicado que queria tratar com você.

Adrian estirou suas pernas para o fogo.

– Fale.

– Lady Anne.

E como ele se encolheu de ombros, esclareceu-lhe.

– A mais jovem de todas elas.

O assentiu brevemente jogando uma olhada discreta em sua direção.

– Seu tio, lorde Wilson, ameaçou vir buscá-la e levá-la consigo – continuou.

– E que mal há nisso? – perguntou sem ver o problema.

Margaret fez uma careta. Adrian adivinhou por ela, que queria tratar um tema complicado.

– Lorde Wilson foi nomeado seu tutor sendo apenas um bebê. Recebeu numerosas surras sob sua tutela, a obrigou a servir como uma criada enquanto os Wilson se beneficiavam de sua herança.

– Uma maneira de lhe tirar peso de cima – brincou.

Margaret lhe lançou um olhar carregado de indignação.



Caroline Bennett

– Como ousa...? – E ao ver que ele sorria, adicionou – Só tratam de me irritar. Entenda de uma vez, homem de Deus! O que tenho que lhe dizer afeta toda Norfolk.

– Exagera, sem dúvida, mas continue.

– Está bem – inspirou Margaret – Eu prometi a essa menina protegê-la enquanto estivesse em minhas mãos poder fazê-lo; agora, meu senhor, exijo-lhe a mesma promessa.

– E ganhar assim um novo inimigo que nem sequer conheço?

– O que pode lhe importar um mais? – exigiu por fim mal-humorada – Você mesmo disse que todo o é meu é também é seu.

– Minha Senhora, lembro de haver dito só a primeira parte disso.

– Que importância tem? – gritou ela atraindo uma vez mais os olhares de todos.

– Eu não gosto de seu tom – grunhiu ele.

– Sinto – se desculpou arrependida só pela metade – Mas compreenda que é uma questão de suma importância para mim.

Adrian a observou brevemente antes de cravar seus olhos verdes nas chamas. Ansiava mais que tudo agradá-la.

– Está bem, minha senhora, assegure a essa menina que nada lhe ocorrerá sob meu amparo.

Margaret deixou escapar um suspiro de alívio.

– Já o tenho feito.

– Vá! E como estava tão segura de minha decisão?

– Porque, creia ou não, considero-lhe um homem bom – declarou enquanto ficava em pé. Dizendo isto, premiou-lhe com um brilhante sorriso que o deixou sem fôlego.

Mais tarde, na intimidade de seus aposentos, ela mesma teria que se encarregar de apagar as brasas que tinha acendido com esse gesto.



Caroline Bennett

Margaret despertou calidamente agasalhada. O forte vento que fustigava os cristais anunciava um dia frio. Preguiçosa, amassou-se nas mantas, mas despertou por completo ao dar-se conta de que Adrian ainda permanecia na cama. Nunca antes o tinha feito e nunca antes a tinha tomado em seus braços, notou alarmada, pois descansava diretamente sobre seu ombro com uma perna sobre a virilha masculina.

Na noite anterior, ele tinha manifestado descaradamente seu desejo de que o acompanhasse até o dormitório.

Margaret fechou os olhos ao recordar a severa inspeção que aqueles olhos verdes a tinham submetido, pois, uma vez sobre o colchão, nem sequer tinha permitido conservar a camisola. Ela tampouco tinha podido lhe ignorar.

E o que tinha visto marcou a fogo em suas lembranças.

Nu junto à cama, seus olhos verdes tinham um brilho diferente de todos os que Margaret tinha visto antes.

Que ele era um homem atrativo já o tinha comprovado, mas visto assim, de perto, desprovido de qualquer objeto que pudesse ocultar a força e potência que se escondia atrás de seus enxutos membros... Céus! Logo que tinha podido conter o retumbar de seu coração que parecia desejoso de escapar de seu confinamento e saltar por todo o quarto.

Sob a luz das velas sua pele brilhava dourada e a tentação de alargar a mão e acariciá-lo foi quase impossível de conter. Sua masculinidade, projetada para diante, falava claramente de seu desejo.

Que loucura! Inclusive aí o queria acariciar.

Bastou imaginar entre seus dedos para que a parte baixa de seu corpo se umedecesse e os mamilos lhe endurecessem. Envergonhada, tratou de disfarçar, mas era muito tarde. Ele tinha visto, embora tenha atribuído este fato a um calafrio.



Caroline Bennett

Sem palavras, empurrou-a contra o colchão montando-a em um só movimento. O bruto suspiro que minutos depois escapou de sua garganta assinalou o final do ato.

– Não! – gemeu quando ele se separou com presteza.

Ruborizada dos pés a cabeça, tratou de cobrir-se. "Não, não!" Que coisa estúpida a tinha levado a dizer algo assim? Perguntou-se, enquanto do outro lado do leito os olhos verdes a observavam como se repentinamente se convertesse em um monstro.

Aquela suplica, pronunciada em um gemido afogado, tinha mantido Adrian acordado durante horas. Por que tinha tentado se deter? Seus quadris ainda sentiam a carícia de suas pernas quando tentou lhe reter em seu interior. As perguntas ficaram em sua cabeça, mas nenhum parecia ter uma resposta válida.

Até o que ele podia compreender, Margaret tinha aceitado o fato de converter-se em sua esposa, de entregar-se a ele cada vez que o exigisse embora seu contato a repugnasse. A recriminação que brilhava em seus olhos azuis era muito óbvia como ele não se deu conta.

Mas essa noite... Essa noite ela tinha tratado de retê-lo e de repente, tudo havia se tornado confuso.

Margaret estava de acordo com aquilo. Seu matrimônio era uma sucessão de confusões. Adrian não a amava (embora seu trato e suas maneiras para com ela tivessem melhorado), mas a desejava (coisa que era normal em um homem, como tantas vezes tinha ouvido dizer) e depois da noite anterior estava segura disso. Não se limitava a cumprir com suas obrigações "maritais". A forma que tinha tratado a noite nada tinha que ver com obrigações.

"Existiria outra mulher? Outra a que Adrian tivesse prometido amar?", perguntou-se. O mero pensamento fez que o sangue lhe esquentasse. Enfurecia pensar que Adrian reservava para aquela outra seu amor, suas carícias ou seus beijos. Mas não denominaria aquilo ciúmes, mas sim orgulho feminino. Sim, isso era: puro orgulho feminino! Abriu os olhos de novo para observar o rosto de seu marido, profundamente



Caroline Bennett

adormecido. Era a primeira vez que o via assim e não pôde evitar sorrir. O Dragão não parecia tão feroz dormido como um menino. Repassou seu perfil aquilino e sua boca. Aqueles lábios não a beijavam desde dia das bodas e, embora naquela ocasião não tivesse podido desfrutar da sensação, ansiava repeti-la.

Também ansiava sentir suas mãos sobre seu corpo, como aquela noite quando lhe jogou o balde de água. Ansiava poder estreitar-se contra aquele peito amplo e acariciar seus cabelos. Ansiava a ternura que só um marido amante podia lhe proporcionar. Ansiava o coração do Dragão.

Surpreendida por esta revelação, sentou-se bruscamente no leito com os olhos abertos, como quem vê pela primeira vez. Era possível que em tão curto espaço de tempo ter se apaixonado por Wentworth? Olhou em sua direção com desassossego. Como podia sentir algo assim por uma pessoa que não lhe tinha demonstrado nenhuma consideração? Sempre tinha acreditado que o amor chegaria a sua vida anunciado por um coro de fanfarras, uma flechada certa no meio do coração. Mas aquele amor tinha chegado a pontas dos pés, penetrando em seu coração e assentando-se como uma pequena semente que dia a dia se tornava mais forte, mais poderosa.

Alheio a seus caóticos pensamentos Adrian continuou dormindo a sono solta. Se ele soubesse daquele tolo amor, riria em sua cara.

Adrian ouviu um murmúrio feminino em torno do leito. Felizmente, as cortinas estavam baixadas, poupando a sensibilidade das damas, pensou enquanto estirava seu corpo nu entre os cobertores. Sua mulher tinha tido a prudência de fazê-lo já que ele não o tinha feito na noite anterior, quando a fez rodar sobre o colchão capturando-a com paixão. Até quando estaria submetido a ela? Desejava livrar-se daquele sentimento quanto antes, mas estava provando que seu desejo se multiplicava. Nunca lhe tinha acontecido. Seu interesse por uma mulher se limitava a uma ou duas noites e nunca com a intensidade que lhe provocava aquele tentador corpo.

Seu corpo se endureceu para ouvir a voz baixa de sua esposa pedindo silêncio. Suas damas estavam vestindo-a. Por uns segundos, pensou na



Caroline Bennett

possibilidade de sair de seu esconderijo e lhe exigir que voltasse para leito, mas o estupor e a debanda que produziria entre suas damas o deixariam em uma situação difícil. Decidiu permanecer tranqüilo até que as mulheres abandonassem a quarto, essa noite se permitiria uma nova chance.

John se aproximou com passo apressado à mesa onde Margaret tomava o café da manhã.

– Ocorre algo John? – disse tomando um sorvo de leite adoçado com mel.

– Senhora, uma dama exige vê-la quanto antes.

– Uma dama? Quem é John? Conheço-a?

– Resulta-me familiar, mas não saberia lhe dizer, milady.

– Está bem, eu mesma o averiguarei – disse arrastando a cadeira enquanto ficava em pé. Seria bom para sua saúde mental entreter-se em outra coisa que não fosse seu marido.

Uma jovem dama esperava ansiosa junto ao fogo da lareira. Margaret fechou a porta da biblioteca silenciosamente, mas a jovem se voltou rapidamente e cravou nela seus olhos cinza.

– Lady Norfolk – pronunciou antes de pôr-se a correr e prostrar-se a seus pés.

Agarrada pela surpresa, Margaret tratou de elevá-la tomando as mãos.

– Se levante senhora, não sou nenhuma rainha.

Ouviu-se um soluço sofredor.

A mulher ficou em pé e Margaret pôde comprovar que se tratava de uma moça de idade próxima à sua. Suas pálidas bochechas estavam sulcadas por lágrimas que inutilmente tentava conter.

– Tomem, utilize meu lenço – disse ao mesmo tempo em que o estendia em sua direção.

– Obrigado, milady – pronunciou a jovem cortês, secando-se delicadamente as lágrimas.



Caroline Bennett

Havia algo naquele rosto pequeno e pálido que lhe era familiar, algo que lhe falava de um tempo passado.

– me digam quem é. Conheço-lhe acaso?

– Sou viúva de Lorde Simmons. E se meu rosto não lhe diz nada possivelmente o nome de minha família possa lhe ajudar a me recordar. Sou Angeline Raynes.

Margaret recordou então aquela tímida moça que em um verão tinha compartilhado jogos com ela. Tinham sido numerosas as ocasiões em que Angeline tinha visitado a mansão.

– Angeline? Realmente é você? – perguntou surpreendida agarrando a das mãos e examinando sua aparência – Não mudou muito – particularizou finalmente.

A jovem conservava aquele ar de acanhamento, embora sua magreza tenha se acentuado ligeiramente. Sua pele pálida tinha sido a inveja de todas as jovens um dia e até brilhava delicadamente. Seu cabelo loiro inspiraria a mais de um poeta por sua cor e sua forma.

– Sou eu, milady.

– se aproxime do fogo, está gelada – disse se afastando ligeiramente dela.

A porta se abriu para dar passagem a suas damas, que olharam com curiosidade a recém chegada.

– se aproximem – as convidou Margaret – Quero lhes apresentar a uma velha conhecida.

As damas rodearam às duas mulheres.

– me permitam lhes apresentar Lady Angeline, viúva de Lorde Simmons.

Angeline recebeu a saudação de todas as mulheres enquanto sorria fracamente.

– Fazia anos que não a via que acreditei que nunca mais o faria. Depois daquele verão partiu com seu prometido e nunca mais voltou ou tive notícias suas.



Caroline Bennett

– naquela época eu era jovem e inocente, nunca suspeitei que me unir a Lorde Simmons seria o motivo de toda minha desgraça – De novo os olhos cinza se encheram de lágrimas.

– O que ocorreu? – perguntou Margaret alarmada.

Angeline soou seu nariz sorrindo por trás do lenço. Aquela estúpida tinha mordido o anzol facilmente! Sentindo-se o centro de atenção exalou um profundo suspiro, como se o respirar lhe causasse uma grande pena.

– Fui enviada às mãos de um cruel torturador que fez de minha vida um inferno. Lorde Simmons nunca sentiu nada por mim, nem sequer sei por que me tomou por esposa. Desprezava-me e fazia todo o possível para demonstrar isso.

Margaret apertou aquela mão gelada.

– Bateu em você?

Angeline sorriu tristemente, pois naquilo, ninguém podia lhe recriminar uma mentira.

– Isso, minha senhora, era o menos doloroso que podia suportar – disse chorando de novo.

– Agora está a salvo.

– Meu marido morreu faz apenas um ano. Mas seus parentes me expulsaram da casa, ficaram com todo o que era meu e nem sequer lhes importou que não tivesse um lugar aonde ir. Após, vaguei aqui e ali. Mas o pouco dinheiro que me permitiram levar se esgotou e não tenho aonde ir.

De novo se deixou cair sobre seus joelhos e tomando barra de seu vestido, beijou-o.

– Só você pode me ajudar agora, milady. Só você – gemeu em uma fabulosa atuação.

Margaret pegou pelas mãos para levantá-la.



Caroline Bennett

– Levante-se, senhora, pediu minha ajuda e a terá. Lady Sara, ordenem que arrumem um quarto. Lady Catelyn, mande preparar um banho quente. Lady Angeline, está congelada; mande também que lhe sirva um café da manhã quente, isso a reconfortará.

– Senhora, não é necessária tanta atenção – choramingou a jovem enquanto se deixava conduzir pelas mulheres.

– É claro que o é. Sophie acompanhe e se assegure de que não lhe falte nada. Precisa descansar e repor forças.

Anne cruzou correndo a porta da sala. Sua pressa a levou a chocar abruptamente contra Adrian, que amaldiçoou com um grunhido a imprudência da menina.

– Perdão, milord – se desculpou a jovem baixando a cabeça timidamente.

Adrian observou a jovem dama com uma careta. Nunca antes tinha trocado uma palavra com ela, mas sabia por sua atitude que o temia.

– fique calma, jovem. Não vou repreendê-la embora mereça por seus passos. A próxima vez poderiam se chocar contra um muro.

O resultado teria sido o mesmo, pensou a jovem, esfregando o braço.

– Assim o farei

– Aonde ia com tanta pressa? – perguntou Adrian.

– À biblioteca, a senhora me espera lá. Uma dama reclamou seu amparo e quero conhecê-la – murmurou nervosa. Não gostava de ser o centro da atenção do guerreiro.

– Bem, vá então. – A moça fez uma breve reverência disposta a partir o quanto antes – Mas antes quero lhes dizer algo.

Suas palavras a fizeram retroceder. Os nódulos que sujeitavam sua saia ficaram brancos.

Adrian observou aquele absurdo comportamento com o cenho franzido.



Caroline Bennett

– Relaxe, jovem. Tão somente queria lhe anunciar que desde este momento goza de meu amparo frente à Lorde Wilson. Nada poderá lhe fazer estando eu vivo.

O rosto da jovem se iluminou de alegria. Era uma bela menina, pensou Adrian, e algum dia roubaria o coração de algum incauto.

– De verdade, milord? Não me entregará a ele?

– Não. Seu lar agora é em Norfolk, ninguém a tocará sem meu consentimento – expressou ele, assegurar a aquela menina semelhante coisa o fez sentir-se ridículo.

Mesmo assim, o luminoso sorriso da rapariga lhe bastou para esquecer seu desconforto. Não recordava a última vez que uma menina lhe tinha sorrido.

– Obrigado, milord! – gritou ela saltando até pendurar-se de seu pescoço. Uma vez ali, estampou um beijo em sua bochecha. Depois, voltou para chão e correu para as escadas.

Marcus e D’Claire foram testemunhas excepcionais do fato, e riram ao descobrir Adrian roçando o lugar onde a menina tinha depositado seu beijo. Ao descobri-los, Adrian franziu o cenho e se apressou a gritar à brincalhona menina.

– Vá com cuidado!

Lady Anne o ignorou por completo e dobrou a esquina com a velocidade de um galgo.

– Maldito beijo! – grunhiu desafiando a seus homens com o olhar a fazer um comentário sobre o assunto.

Horas depois, Adrian procurou sua esposa. Uma das criadas que passavam pela sala lhe informou que Margaret se achava na biblioteca, conforme era seu costume a essa hora do dia.

Encontrou-a sozinha com a cabeça abaixada sobre um montão de papéis e com a pluma na mão. Seus olhos estavam perdidos através da janela.

– Algum problema? – perguntou rompendo o silêncio.



Caroline Bennett

Margaret se voltou bruscamente para ouvir sua voz, seu rosto estava ruborizado.

– OH não! não.

– Gagueja? – perguntou Adrian divertido enquanto se aproximava do escritório.

O rubor da jovem se intensificou.

– Não.

Os olhos verdes do homem indagaram nas profundidades azuis tratando de decifrar o que ocultavam. Margaret apartou o olhar a contra gosto. Aqueles olhos tinham o poder de hipnotizá-la e era mais que provável que descobrissem que, no momento em que ele fez sua entrada, ela estava perdida em uma espécie de encenação romântica onde ele era o protagonista.

– Estava revisando as últimas aquisições de gado. Este verão não nasceram suficientes cordeiros para fazer frente à demanda de lã.

– pensei nisso atentamente, minha senhora, e me ocorreu que se Norfolk controlasse, além disso, a produção têxtil os lucros se incrementariam.

Margaret franziu o cenho ante a proposta.

– É uma idéia interessante, mas para isso se faz imprescindível a permissão real, os carregamentos são caros.

– Sim, mas poderiam saldar com seu venda.

– Quere levar a cabo todo o processo?

– por que não? Norfolk poderia produzir os panos e comercializá-los; com isso aumentaríamos nossos lucros.

– Mas é impossível, hoje em dia não existe nenhuma via que possibilite tal empreitada.

– Também pensei nisso. D’Claire comentou a possibilidade de Wrexham: uma vez reformado poderia converter-se em plataforma para os navios, que viajariam a capital, inclusive ao continente.



Caroline Bennett

– Crê nisso – perguntou Margaret entusiasmada – Isso representaria um desembolso importante para Norfolk.

– Importante, mas necessário se no futuro queremos prosperar.

– Acredito que Alfred poderia estudar as possibilidades e as comentar com você – assinalou Margaret.

Olhou a seu marido com interesse, pois de novo aparecia ante ela como uma pessoa cheia de matizes ocultas. Sua mente era brilhante. Sem poder evitá-lo, sorriu e ficando de pé se aproximou do homem.

– Em que mais costuma pensar?

Adrian percorreu o corpo feminino com olhos ávidos. Agradava-lhe a admiração de sua esposa, desde que teve a idéia não tinha pensado em outra pessoa com quem compartilhá-la.

Margaret sentiu que o sangue se esquentava. Seus peitos formigaram sob o poder daqueles olhos e algo quente brotou do fundo de seu ser.

– Em muitas, em realidade – Sua voz cálida atravessou sua pele entrando em cada poro, em cada canto de seu corpo.

Permaneceram em silêncio, olhando o um ao outro como se tirassem o chapéu pela primeira vez. Margaret foi primeira em falar.

– Queria lhe agradecer pelo que têm feito a Anne.

– Uma responsabilidade a mais de meu novo cargo – respondeu ele incômodo; seguia sem poder aceitar as obrigações.

– Não, não o é. Não são todos que teriam aceitado ganhar um inimigo por uma simples menina.

– Você o fez – assinalou isso ele.

Margaret se encolheu de ombros.

– Não tive alternativa – resumiu.

– isso é certo?

Margaret sorriu amplamente.



Caroline Bennett

– Conquistou-me ao conhecê-la.

Um pouco parecido lhe tinha ocorrido com ele, pensou. O sorriso de sua esposa o afetou mais que qualquer outra coisa. Estirou os braços e atraiu a Margaret para si até sentá-la sobre seus joelhos.

A jovem o olhou surpreendida, mas não se opôs ao abraço que seguiu, já que pela primeira vez atuava sem brutalidade: suas mãos acariciavam o rosto feminino com doçura. Desenhou seu perfil com um dedo, detendo-se fugazmente na boca sensual. Afundou ambas as mãos em sua cabeleira reverenciando sua suavidade com suas carícias. Sua mão se enredou em seus cabelos e ali permaneceu enquanto que a outra lhe acariciava o pescoço.

Margaret se arqueou ao sentir os dedos ali. Seu corpo excitado começava a perceber outras muitas coisas, como por exemplo, da potência física que jazia sob suas coxas, do varonil perfume que desprendiam de suas roupas, do escuro tom que tingia seus olhos.

Suspirou quando Adrian posou sua boca ali onde se iniciava o decote de seu vestido. A língua úmida riscou círculos diminutos em torno de seus peitos provocando na jovem uma reação primária.

– São melhores do que tinha imaginado – a voz de Adrian soou rouca e sensual.

– OH, Adrian! – gemeu ela arqueando-se quando sua mão, grande e cálida, tomou um de seus peitos para apertá-lo meigamente contra sua palma. Um doce formigamento fez que a perfeita esfera se inchasse e o mamilo se endurecesse reclamando uma atenção imediata. Adrian não se atrasou nessa tarefa, beliscou o pequeno botão com o dedo estudando o rosto de sua esposa procurando algum sinal de desaprovação, mas ela se limitava a fechar com força os olhos e morder os lábios, como se lhe custasse controlar seus próprios impulsos. Nenhuma mulher tinha reagido assim a suas carícias. Aquela descoberta foi o mais potente dos afrodisíacos.

Margaret apertou a cabeça contra o peito masculino, escondendo o rosto contra seu pescoço. Ali timidamente depositou um rápido beijo. O gesto



Caroline Bennett

fez que seu marido se jogasse para trás, tinha gemido ao sentir seus lábios e agora a olhava tão fixamente que Margaret tremeu. De novo se pegou a ele, não queria que aquele mágico mundo de sensações terminasse.

Incrédulo ante a reação da jovem, Adrian respirou asperamente. Seu coração pulsava a marcha forçada e sofria os efeitos de uma ereção tão anárquica que seguindo desta maneira perderia por completo a prudência que o levaria a devorar aquela tenra presa de um momento a outro.

Adrian se rendeu a aquele sentimento desconhecido de descontrole.

Apanhou de novo o peito de sua esposa massageando-o docemente, beliscando seus endurecidos mamilos. Sua boca ansiosa se fundiu com a da Margaret que inocente respondeu ao apaixonado ataque recebendo-o com a boca entreaberta, como naquela outra noite. A língua do Adrian invadiu a cavidade feminina incitando-a a responder a seus embates de igual maneira.

Nunca tinha provado nada semelhante, pensou Margaret enquanto tratava de escolher o caminho correto, o que devia fazer uma boa esposa, apartar-se daquele ato obsceno ou pelo contrário render-se a ele por completo e responder de igual maneira? Adrian estimulou os sensíveis lábios com ligeiras estocadas de sua língua. Aquilo era indecente, pensou Margaret antes de render-se por completo à paixão.

Adrian foi plenamente consciente do momento justo daquela transcendental decisão. Eufórico teve vontade de gritar, entretanto, não o fez pois sua atenção se centrou em algo muito mais excitante.

Abandonando a boca feminina iniciou com seus lábios um caminho descendente, para os tenros peitos. Através do tecido de seu vestido os instigou com descaradas carícias mordendo seu vértice. Gemendo Margaret se pendurou em seu pescoço arqueando-se contra ele.

A doce tortura dessa boca se conjugou com o lento vaivém dos quadris do Adrian. Margaret reconheceu imediatamente o sugestivo baile da união carnal.



Caroline Bennett

– Adrian – gemeu – Quando me tocam assim...

Não pôde finalizar, a mão do Adrian se posou diretamente no centro de sua feminilidade e tudo começou a girar rapidamente. Outras vezes a havia touca aí, mas nenhuma como naquela ocasião. Sobre o tecido de seu vestido os dedos acariciaram brandamente o centro de sua feminilidade. Aborrecido pela barreira que supunham as camadas de roupa que o separavam de seu objetivo, Adrian introduziu sua mão torpemente sob as abas, anáguas e combinações.

– Adrian! – exclamou Margaret quando a última barreira foi derrubada.

– Esta de calcinhas – esclareceu Adrian.

Margaret piscou surpreendida.

– Pois claro, o que esperava? – perguntou entre ofendida e divertida.

Adrian se encolheu de ombros.

– Despi-lhe muitas vezes em minha cabeça, mas não sabia se as damas usavam ou não.

– Pois agora...

– Shsss, meu amor, agora não fale.

E Margaret lhe obedeceu, pois sentiu aquela mão acariciar as pétalas úmidas, no vértice de seu pernas.

A delatora umidade que empapou seus dedos embriagou Adrian. O sensual aroma que se desprendia do corpo feminino lhe recordou muito urzes balançado pela salgada brisa marinha.

Tinha chegado ao limite de sua contenção. A idéia de tomá-la no chão da biblioteca lhe pareceu absolutamente correta, dadas as circunstâncias.

Alguém decidiu que esse era o momento de interromper a tórrida cena protagonizada pelo duque e a duquesa. John tinha batido na porta segundo seu costume, mas os ocupantes da sala não prestaram atenção ao anunciada de sua chegada. Quando o secretário abriu a porta foi testemunha da precipitada separação dos amantes.



Caroline Bennett

– Sinto muito... – desculpou-se enquanto um desacostumado rubor se estendia por suas bochechas.

Margaret se separou de seu marido que permanecia imperturbável na cadeira. Com a maior dignidade que foi possível colocou o sutiã de seu vestido e se aproximou do John.

– O que ocorre? – perguntou-lhe afogando sua frustração.

John estendeu uma mão para lhe mostrar um correspondência com o selo real.

– Uma carta real dirigida ao Lorde Wentworth. O mensageiro espera uma resposta.

John entregou a carta ao duque e permaneceu à espera de uma nova ordem.

– Não pensam abri-la? – perguntou Margaret curiosa quando Adrian deixou a carta sobre o escritório sem dignar-se apenas a lhe jogar uma olhada.

– Não – resmungou.

Margaret atribuiu sua brutalidade à interrupção do secretário.

– Poderia ser importante.

– Senhora, se tem tanta vontade de saber o que diz a carta, leiam você mesma.

E Margaret o teria feito se não fosse por sua denotada fúria em dar sua resposta. Ela mesma se enfureceu ante o injusto comportamento do Adrian.

– Mostra-se teimoso mesmo que não haja motivo.

Adrian ficou em pé com a face crispada.

– Sim, suponho que esse é um rasgo de minha personalidade que a incomoda, como muitos outros.

– O que diz? Está equivocando quanto ao tema dessa discussão.



Caroline Bennett

– E qual é esse tema?

– A carta real; deveria lê-la. Reafirmou desafiando-o com o olhar.

Os olhos verdes se obscureceram, mas de uma maneira distinta de como o faziam quando a paixão o embargava; nisso ao menos começava a conhecê-lo, porque no resto... reagia de semelhante modo por algo tão comum como uma carta?

– Ao diabo com ela! – estalou em um arranque de rebeldia infantil.

Margaret franziu os lábios com desaprovação ante aquele ataque. John, de seu lugar, encolheu-se mental e fisicamente acreditando-se culpado daquela explosão.

– Atuam como um moço obstinado... – Prefiro isso a suas brincadeiras.

– De que modo poderia se irritar por algo simples? – gritou Margaret agitando a cabeça. As largas mechas de sua juba caíram com desordem sobre seus ombros. Eugen entrou nesse momento acompanhado pelo Alfred. Ambos intercambiaram olhadas preocupadas.

– Milord, Jules lhe envia uma mensagem.

– Pois me dê de uma vez e desapareça! – exclamou Adrian com a vista cravada no rosto enfurecido de sua esposa.

– apanharam uns homens no caminho do norte; poderiam estar relacionados com o ataque que sofrera.

– Está bem.

Voltou-se e começou a caminhar para a saída.

– Não se atreva a sair sem ter solucionado isto – reclamou Margaret enquanto corria atrás dele.

Com mais determinação que força o reteve com o braço mesmo ele podendo afastá-la.

– O tema está resolvido, senhora. Alfred, leia essa maldita carta real, sua senhora parece ansiosa por saber seu conteúdo.



Caroline Bennett

- Isso não é certo, a única coisa que me incomoda é seu comportamento.
- Bem, assim não me confundirá com um desses estirados pretendentes que tão assiduamente chamavam a sua porta.
- Não o farei, sem dúvida; como néscio, boçal e estúpido não têm comparação.

Adrian sorriu sem alegria ao olhar a pequena mão que o retinha. Por uns instantes, tinha pensado que ela podia aproximar-se dele sem desprezo, mas seu berço e sangue os separavam. Ela sempre encontraria nele algo que desprezar.

- Então, senhora, sugiro-lhe que me deixe partir, desse modo lhe evitarei mais ofensas. Separou-se severamente de sua mão e saiu da sala com passo rápido

Atônita, Margaret o viu afastar-se. Tinha começado a tremer imperceptivelmente. Sua mão trêmula cobriu sua boca e alcançou a sentar-se em uma das cadeiras com os olhos cheios de lágrimas

- por quê? – perguntou– por que me odeia tanto?

Eugen fez um gesto a John, que se apressou em fechar a porta. O moço ajoelhou-se junto à dama e tomou uma de suas mãos, Alfred, mais comedido lhe estendeu um lenço enquanto a olhava com preocupação

- se acalme minha senhora. Ele não a odeia.

Margaret negou com a cabeça, custava-lhe horrores conter sua angústia.

- Se não me odiar, então odeia ter sido obrigado a me tomar por esposa.

Alfred olhou a Eugen instigando a que dissesse ou fizesse algo para acalmá-la.

- Posso-lhe assegurar com uma mão sobre o fogo que meu senhor lhe adora.

- Teria bastado que afirmassem que não me detesta, não acredito verdadeiramente.



Caroline Bennett

– Mas é certo, minha senhora. Nunca o vi reagir assim com nenhuma outra mulher.

Margaret agitou de novo sua cabeça, enquanto novas lágrimas se deslizavam por suas bochechas. Eugen se sentou impotente sobre o tapete e apertou ligeiramente sua mão.

– Deixe então que conta uma história, logo poderá decidir.

– Que história é essa? – pergunto a jovem sentindo-se estúpida por suas reações.

– A história de um pequeno menino, filho de um camponês livre. Sua família era humilde e tão somente contavam com o trabalho de suas mãos para seguir adiante. Mesmo assim formavam uma família feliz. Mas a guerra caiu sobre eles repentinamente. Até esse momento, nunca se tinham envolvido em nenhuma luta, eram tão somente camponeses e não estavam habituados ao combate. Mas tiveram que fazê-lo quando, um grupo de soldados atacaram a cabana onde viviam. A mãe e as duas irmãs de nosso protagonista morreram pelas mãos destes homens depois de terem sido violadas e espancadas. O pai juro então vingança e se uniu às filas de Enrique. Em que pese à falta de instrução, o homem possuía determinação e audácia. Combateu em numerosas batalhas, enquanto seu filho pequeno passava angustiosas horas nas proximidades do campo de batalha. Uma noite, enquanto o batalhão descansava, pai e filho compartilhavam um leito frente à tenda real de Enrique. A noite era fechada e não se podia ver a um palmo do nariz. Enrique saiu de sua tenda para satisfazer as necessidades habituais de...

– Está bem, Eugen, entendo

– Enfim – retomo Eugen contentou de ter monopolizado a atenção da duquesa– O guarda pessoal o seguiu até uns matagais, mas justo nesse momento, saltou sobre eles um numeroso grupo de assaltantes. Tratava-se de soldados que tinham a clara intenção de assassinar ao rei. Parte do guarda real foi aniquilada antes que se desse o alarme. A espada de um desses soldados se elevou sobre o pescoço de sua majestade, mas a atuação rápida daquele camponês evitou sua morte.



Caroline Bennett

– Continue, Eugen

– O homem ofereceu sua própria vida em troca da vida de Enrique. Morreu poucas horas depois nos braços de seu filho.

Os olhos de Margaret se encheram de novo de lágrimas, mas esta vez por um motivo diferente.

– Esse menino pequeno era... Era ele?

– Sim, minha senhora – confirmou Eugen – Enrique se ocupou então dele, obrigou a um de seus nobres a acolhê-lo e não teve vergonha em fazer pública sua predileção por aquele jovem camponês. Aquilo enfureceu a muitos, que olharam com desconfiança e desprezo o moço. Inclusive seu tutor oficial lhe mostrava sua falta de estima assim que tinha oportunidade. O jovem escudeiro foi objeto de pesadas e contínuas brincadeiras. As mulheres não foram uma exceção. Evitavam-no em todo momento e gozavam de suas maneiras ásperas.

– Que injusto! – protestou Margaret, identificada com aquele jovem escudeiro.

Saber que Adrian tinha sido um moço desamparado em outro tempo a encheu de um sentimento de amparo até o momento desconhecido.

– Sei, mas não têm que lhes esquecer da tenacidade e o orgulho inato de nosso protagonista. É cabeça dura por natureza. Impôs-se à força com inteligência e firmeza. Pouco a pouco deixou de lhe importar o que dissessem dele e se transformou no guerreiro que todos conhecemos hoje em dia.

– É uma triste historia – assinalou Alfred.

– Não, em realidade não. Pois repentinamente o rei o escolheu para tomar por esposa a uma das mulheres mais desejadas do reino.

– Exagera Eugen.

– Não, não o faço, é certo. Meu senhor se enfureceu tremendamente, pois temeu encontrar em você tudo o que em tempos anteriores tinha



Caroline Bennett

conhecido. Desprezo. Temeu que você o desprezasse isso por ser quem era.

– Se o desprezasse, que não é o caso, faria-o por como é, não pelo que é.

– Mas ele acreditou ser assim quando lhe conheceu. Entretanto, sentiu-se atraído por você.

– Sigo sem acreditar. Seu comportamento comigo é contraditório. Antes ele... parecia atraído por mim – Se ruborizou ante esse último comentário – mas momentos depois cuspiu sobre mim todo seu fogo.

Eugen a olhou confundido.

– Refere-se à discussão de antes? O que lhe disse?

– Um montão de barbaridades, comportou-se como um ogro quando lhe insisti a que lesse a carta real.

Eugen relaxou e inclusive se permitiu o luxo de exibir um sorriso.

– Acusou-me de querer lhe assassinar, e faz uns momentos, de me divertir com ele.

– Não o entendem ainda senhora? Ele tenta manter suas emoções sob controle. Sendo você a única mulher que lhe interessou, é lógico que trate de proteger-se. Adrian jamais poderia imaginar-se que você o visse como um marido adequado.

– Estou duvidando seriamente disso.

Eugen riu.

– Escute, existe uma razão que pode explicar sua reação.

– Se for dizer que sofreu um ataque de desconfiança...

– Não, minha senhora, é só que Adrian não sabe ler, como tampouco sabe dançar e nem regras de cortesia para com uma dama.

Margaret olhou surpreendida, o ruivo, assimilando suas palavras.

– Quer dizer que é por isso que recusou ler a carta real?



Caroline Bennett

- O que outro motivo poderia haver? É muito orgulhoso para reconhecer a você esse pequeno defeito.
 - Mas não se trata de nenhum defeito, Eugen. Muitos guerreiros não sabem ler: seu ofício são as armas, não as letras.
 - Mas Adrian se recrimina por isso. Seu tutor o tratou sempre como um servo, negou-lhe a educação que receberam seus demais discípulos.
 - Eu jamais me divertiria de algo assim. Meu pai logo quis me ensinar a ler.
 - Você não é como as demais damas, senhora. Com todas aquelas com as que teve trato, sofreu algum tipo de desprezo por sua origem ou por sua falta de educação. É lógico que trata de proteger-se frente a uma mulher a que considera por cima dele.
 - Deus Santo! – gemeu Margaret. Por isso se tinha negado a dançar em suas bodas, por isso tratava de ignorá-la. Cavia perguntar-se se seu comportamento no leito era também uma consequência disso.
 - Sempre tentou manter-se afastado de mim. Nem sequer em nossa noite de bodas... – calou-se por vergonha.
- Eugen lançou um olhar significativo para Alfred que se ruborizou profundamente.
- Não o culpe por sua brutalidade.
 - Mas se tanto o desagrada compartilhar o leito comigo, por que segue fazendo-o?
 - Milady, posso ser bem jovem, mas ninguém vai me tachar de tolo. Meu senhor vos deseja mais que tudo neste mundo. Se suas relações não foram... de todo satisfatórias quanto desejava, digam.
 - Jamais – repôs Margaret movendo-se inquieta em sua cadeira. Antes preferia morrer.
 - Então surpreenda-o e lhe convença com feitos de que não detesta seu contato.



Caroline Bennett

– Por Deus, Eugen – gemeu Alfred a suas costas.

O jovem lhe dedicou um olhar lacônico antes de voltar sua atenção sobre a dama.

– Trate de lhe seduzir.

– Temo que me jogue de seu lado – suspirou a jovem.

Eugen riu.

– Não o fará. Estará muito surpreso para poder pensar. Eu gostaria de estar lá, para poder ver sua cara.

Margaret se animou ante essa idéia. Recordou o rosto de seu marido quando o tinha beijado no pescoço. Com efeito, naquela ocasião se mostrou extremamente surpreso e não podia dizer que a tivesse arremessado de lado. Provavelmente Eugen tinha razão. Provavelmente merecesse a pena seduzir a seu marido, lhe demonstrar que não sentia por ele desprezo algum. Nada tinha a perder e sim muito a ganhar

– Então, pelo bem de Norfolk e pelo meu próprio tratarei de convencer a esse cabeça dura de que existe pessoas que o apreciam.

– Tratem de ser o mais direta possível, isso acelerará sua queda. Conheço uma prostituta que com gosto poderia lhe ajudar.

– Eugen! – exclamou Alfred.

– É um escrupuloso, Alfred.

– E você um descarado – replicou o austero secretário.

– Não faz diferença que discutam, acredito que poderei me arrumar com isso sem a ajuda de ninguém. Agora, Alfred, abra a carta do rei e leia – suspirou.

Alfred jogou um último olhar de desaprovação em direção ao esquelético escudeiro antes de lhe dar as costas. Eugen lhe replicou dando a língua.

– Olho do Boi – murmurou enquanto ficava em pé. – O rei insiste a você e a seu marido a se apresentarem na corte no menor tempo possível.



Caroline Bennett

Margaret franziu o cenho. O que podia desejar Enrique agora?

– Faremos depois de fim de ano, não antes.

Subtraía tão somente um dia para a festividade e os preparativos para a partida podia levar toda uma semana.

Capítulo 11

Segue sendo a casa mais magnífica que conheci – reconheceu Angeline olhando com atenção o amplo vestíbulo.

– Certo. Ninguém fica impassível ante ela – sorriu Sophie.

Angeline tinha pedido que a acompanhasse não de forma casual. Tinha-a eleito entre todas as damas, pois era jovem e parecia ansiosa por amizade. Ao fim e ao cabo, Angeline tinha só quatro anos mais que ela. A disposição da jovem a falar podia lhe ser de grande utilidade. Era por isso pelo que tinha pedido que a acompanhasse em sua visita pela mansão. A jovem não tinha deixado de falar e graças a ela se inteirou de numerosos detalhes sobre as damas de Lady Norfolk.

Lady Sara era uma matrona que em outros tempos tinha servido à mãe da Margaret, e que com o passo dos anos se converteu em um dos pilares da jovem, quem a considerava algo assim como uma avó. Lady Catelyn também tinha vivido toda sua vida no Norfolk. Seu marido, morto durante a Guerra das Duas Rosas, tinha servido ao pai da Margaret. Sendo viúva esteve a ponto de ingressar em um convento, mas lady Norfolk a convenceu de que seu lugar era ali, a seu lado. Lady Catelyn lhe agradeceu profundamente o gesto, pois, embora amasse profundamente a Deus, jamais se viu nela uma grande vocação. Sua devoção pela jovem era genuína. Alguém a ter em conta no futuro, pois, se no momento seu trato era cortês, tinha descoberto em seus olhos certo receio.



Caroline Bennett

Lady Anne era apenas uma menina e de pouco podia servir a seus propósitos.

Sophie era a eleição acertada. Provinha de uma família nobre aparentada com a família Norfolk. Tinha três irmãos varões que a adorava e um pai que a maltratava. Esse era o motivo pelo qual a tinham enviado a Norfolk. Das mãos da duquesa se esperava que recebesse uma educação que seu pai viúvo jamais poderia lhe oferecer.

– Quanto tempo está em Norfolk? – perguntou Angelina aproximando-se da grande lareira para observar as armas da família.

– Apenas dois anos.

– E não retornastes a sua casa em todo este tempo?

– Sim, claro que o tenho feito. Visito-lhes no verão e outono e eles me escrevem com freqüência.

Angeline suspirou pesadamente enquanto acariciava melancolicamente o mármore da lareira.

– Oxalá eu tivesse uma família a que visitar.

Sophie se aproximou.

– Agora não pensem nisso. Lady Norfolk se ocupará de tudo. Ela sempre cumpre o que promete. Verá como tudo melhora a partir de agora.

Angeline agradeceu seu consolo com um lacônico sorriso, imagem mesma do desamparo.

E então um ruído na escada as fez voltar-se.

Era ele. Angeline soube assim que o viu. Lorde Wentworth. O Dragão. Sophie se apressou a inclinar-se ante o homem e Angeline a imitou, mas seguia observando através das pálpebras a imagem masculina.

Era extraordinariamente alto e atrativo. Até o momento, todas as informações que tinha recebido sobre o Dragão falavam sobre sua crueldade legendária, seu furioso caráter e seu gosto pelo sangue, até o



Caroline Bennett

ponto de já se ter convencido da idéia de seduzir um monstro libertino de tendências sádicas.

O homem passou por elas sem prestar a mínima atenção. John se apressou a lhe abrir a porta enquanto ele vociferava uma série de ordens aos homens dispersos pelo pátio.

– Era ele? – perguntou excitada ante a perspectiva de compartilhar leito com aquele homem tão atrativo. Quase podia saborear suas dolorosas investidas entre os lençóis. Desfrutaria daquele gostoso castigo.

– Sim, não deve lhe temer – lhe assegurou a jovem atribuindo seu tremor ao medo – Seu caráter deixa bastante a desejar, mas está acostumado a reservá-lo para nossa senhora.

Angeline assentiu, mas sua cabeça se achava longe. Desculpou-se ante a jovem e correu a refugiar-se em seu quarto.

Adrian Wentworth, duque de Norfolk e Norwich. Não deixou de repeti-lo uma e outra vez. Agora estava segura de que tudo sairia bem.

Fechou os olhos para evocar de novo a figura do duque.

Os largos ombros, a tez escura, os músculos largos, quase felinos e aquele rosto patricio superava com acréscimo todas suas expectativas.

Faria que o homem ficasse louco por ela, mas também ela desfrutaria de seus cuidados. Sorriu ao imaginar-se nos braços do guerreiro. Aqueles olhos verdes só a buscariam a ela. Faria seu amante diante dos narizes da Margaret e de passagem desfrutaria de sua vergonha.

Sophie lhe tinha contado que não existia amor no casal. Teria que averiguá-lo. Se a duquesa sentisse certo carinho por seu marido a vingança seria muito mais doce.

Mas não devia entreter-se. Insinuaria-se a Wentworth o quanto antes possível. Os homens não acostumam desperdiçar uma oportunidade assim, sobre tudo os que são como o duque, acostumados a tomar a força o que gosta. Pouco a pouco iria ganhando sua confiança, sua paixão e sua vontade. Norfolk viria da junto uma vez conseguido isso.



Caroline Bennett

Aproximou-se da janela e observou os domínios do Norfolk. "Logo, muito em breve", disse-se.

Adrian tomou as rédeas de Sleipnir, não teve que puxá-las para que o animal o seguisse docilmente para o pátio. Seus homens o esperavam, entretanto, ele não tinha nenhuma pressa para partir.

Cravou os olhos na mansão. Não tinha se despedido de Margaret, em realidade, nunca o fazia, mas ardia em desejos de que ela aparecesse a uma das janelas e se despedisse agitando sua pequena mão.

Estalou a língua irritado consigo mesmo. O matrimônio o estava tornando um homem débil. Mas não podia deixar de pensar no que tinha ocorrido na biblioteca e o perto que tinha estado de tomá-la como desejava.

Se John não lhes tivesse interrompido...

Se aquela maldita carta não tivesse chegado nesse preciso momento...

Era inútil, por muito que desejasse não podia trocar a realidade. Sua realidade.

Montou sobre o Sleipnir e elevou uma mão jogando uma última olhada para a casa. O coração lhe paralisou quando descobriu uma figura feminina coberta com uma capa correndo para ele.

Esteve a ponto de desmontar, mas se conteve a tempo, pois a jovem que se aproximava não era Margaret.

Adrian observou a recém chegada com gesto sério. Teria dado um braço achar que se tratasse de Margaret, mas certamente ela não queria nem ouvir falar dele nesse momento.

A jovem chegou sem fôlego a sua altura. E antes de falar se inclinou em uma reverência que fez que seu capuz caísse e descobrisse um formoso cabelo loiro.

– Senhor tome isto para o caminho – disse elevando o rosto.



Caroline Bennett

Era formosa, pensou Adrian distraidamente enquanto se inclinava para tomar o pacote que a jovem lhe oferecia. Jogou uma breve olhada a seu decote, avaliando seu potencial feminino.

A jovem seguiu seu olhar, mas em vez de avermelhar-se sorriu, apartando ainda mais a capa.

Adrian franziu o cenho.

– minha esposa o enviou? – perguntou brusco.

Angeline se estremeceu para ouvir aquele tom. O homem, embora atrativo provocava certo medo, e isso a excitava.

– Não, meu senhor, pensei que se fosse viajar nesse clima deviam ter algo quente com que encher o estômago. É meu modo de agradecer sua hospitalidade.

– É minha esposa quem merece esse agradecimento. É a nova? – perguntou contendo ao Sleipnir, que não parecia apreciar a cercania da dama.

– Lady Angeline – Se apresentou deixando cair às pestanas em um gesto tímido.

O homem a observou do alto e Angeline se alegrou de haver-se vestido com um de seus vestidos mais decotados. A vista daria que pensar ao guerreiro.

– Agradeço-lhes o gesto, senhora, mas agora devemos partir.

Angelina se afastou para permitir o passo enquanto se reclinava de novo em uma saudação formal. Os homens partiram em um estrondo de cascos. Depois deles a mulher sorriu amplamente. A primeira carta estava lançada.

D’Claire se aproximou de Adrian minutos depois.

– Quem era? – perguntou curioso.

Adrian demorou um momento em compreender a quem se referiam, pois estava perdido em seu último encontro com a Margaret.



Caroline Bennett

- A nova aquisição de minha esposa.
- O que?
- Lady Norfolk lhe ofereceu sua hospitalidade e um posto em seu exército particular.
- É formosa – comentou D’Claire de passada.

Adrian assentiu apenas.

- E parecia desejosa de lhe agradar – disse medindo-o.

Adrian o olhou com uma sobrancelha levantada,

- O que quer dizer?
- Não se faça de idiota. Acaso não vi como o olhou?
- Não – reconheceu Adrian.
- Então, meu senhor, acredito que não corre o menor perigo – riu.

Apesar da brincadeira Adrian tomou nota mentalmente. Estranho passar por cima de algo.

Depois de tudo, não tinha sido má idéia visitar o mercado da cidade, reconheceu Margaret, enquanto perambulava acompanhada de seu pequeno séquito entre os postos dos comerciantes que ocupavam grande parte da praça do mercado do Norfolk. Suas damas se detinham continuamente para admirar os trabalhos dos artesãos.

Eugen também se animou em acompanhá-las, monopolizando a atenção de todos com seus estridentes gritos quando um tecido ou um perfume lhe agradavam. Marcus que, acompanhado por alguns homens armados, seguia-lhes de perto, punha os olhos em branco cada vez que isso ocorria.

Mas a atenção da duquesa vagava além dos postos e carretas.

- Procuram algo, milady? – perguntou Lady Catelyn enquanto sustentava com supremo cuidado um pequeno frasco cheio de perfume que momentos antes tinha adquirido.



Caroline Bennett

– Em realidade sim – expôs Margaret– . Não costumava visitar esta feira Arthur o falcoeiro?

Catelyn assentiu, assinalando com o dedo o lugar onde o homem costumava fechar seus transações.

– Pensam em adquirir um falcão? – perguntou surpreendida Anne.

–pensava em um presente para meu marido. Logo será o dia da Epifania e eu gostaria de lhe presentear, com algo.

– É o melhor presente – opinou Sophie mordiscando uma torta de mel e nozes e sujeitando a barra de seu vestido ao mesmo tempo. Era difícil comportar-se como uma dama quando tratava de comer algo em um lugar lotado de gente e barro.

Margaret olhou decepcionada ao redor. Não havia nem rastro do falcoeiro.

Sim viu, em troca, ao prefeito. Com seu habitual passo lhe bambolem se aproximou seguido de perto do oficial, cuja diminuta figura, vestida com uma ornamentada camisa, parecia ainda mais diminuída ao lado de tão colossal ser.

– Senhora, que alegria! – grito o prefeito.

– Senhor Osborn, senhor Philipe! Perguntava-me onde estavam tão ilustres pessoas –saudou ela, deixando que os homens beijassem sua mão enluvada.

– Toda a manhã estivemos tratando de resolver o caos criado por um rebanho de ovelhas que escapou de seu cercado. A rua principal teve que ser interrompida a passagem de carros e carruagens por sua causa, mas já esta tudo sob controle – lhe explicou o corado prefeito com precipitação.

Philipe, as suas costas, fez um último apontamento

– Estou na da pista do responsável, senhora, e quando o apanhar saberá que em Norfolk se aplica mão dura.



Caroline Bennett

Margaret tratou de reprimir um sorriso. Todos os anos por aquelas datas eram comuns as brincadeiras dos moços. Em nenhuma ocasião, o bom oficial tinha conseguido apanhar aos bagunceiros.

O prefeito lhe estendeu cavalheirescamente o braço e Margaret o segurou pela manga fazendo que o peito deste se inchasse pelo orgulho que supunha servir de escolta a tão ilustre dama. O oficial se apressou a posicionar-se a seu lado esquerdo

– veio sozinha ou seu marido a acompanha? – pergunto o prefeito olhando ao redor em busca de sua imponente figura.

– Sozinha, mas minhas damas e alguns dos homens de meu marido se encarregam de velar por mim.

O prefeito lhe deu uns tapinhas na mão. Suas bochechas rosadas se elevaram para deixar passo a um sorriso condescendente.

– Vejo que seu marido não se descuida, na verdade é um tesouro que guardar.

Margaret riu.

– Sabe como ganhar em uma mulher por meio do elogio, senhor Osborn, disso não há dúvida

– Assim é como ganho a vida, querida, ou acaso esqueceste que posto ocupo nesta cidade?

Margaret voltou a rir

– Também tenho que dizer que o trato com seu marido me demonstrou que é um homem de brilhante inteligência

– falou com ele? – perguntou surpreendida.

– Sim, visitou a casa dos plenos em duas ocasiões. Confesso que na primeira pensei que estava a ponto de perder o gogó, mas Lorde Wentworth engana com suas maneiras bruscas.



Caroline Bennett

– Qual foi o motivo de sua visita? – Margaret não sabia se sentir-se zangada porque seu marido a mantinha à margem de sua vida ou contente porque ao fim começava a ser aceito por sua gente.

– Comentou-nos algo de que tinha sido atacado em um dos caminhos que levam a mansão. Entre o senhor Philip, seu marido e eu mesmo idealizamos um plano para a vigilância dos caminhos. Como muito bem disse seu marido, não queremos que Norfolk se converta em refúgio de bandidos ou traidores à coroa.

– Alegra-me que se dêem tão bem então – murmurou Margaret.

– Vejo que suas damas têm feito numerosas compras, encontrou nossa dama algo entre os postos? – perguntou o oficial apartando torpemente a espada que tinha pendurada de sua cintura.

Margaret franziu o cenho e deteve seu passeio.

– vim em busca do Arthur, o falcoeiro; seu costume era visitar esta feira, mas não o vi em seu lugar habitual.

O oficial se arranhou por debaixo do topete.

– Ele estava aqui esta manhã. Parece que fechou um bom negócio há primeira hora.

O prefeito apertou ligeiramente a mão da jovem.

– Sim, agora recordo, eu mesmo o vi celebrando sua sorte no botequim da praça faz apenas uma hora.

O rosto da jovem se iluminou.

– Então me acompanha?

Os dois se apressaram a afirmar.

Suas damas e sua escolta se detiveram ante uma carroça que exibia uma curiosa história protagonizada por bonecos de trapo que se golpeavam e insultavam constantemente para deleite da concorrência.

Não demoraria mais que uns minutos, pensou Margaret deixando-os atrás.



Caroline Bennett

A meio caminho um homem com o rosto coberto de suor correu para eles.

– Senhor Philipe, senhor Philipe – gritava.

O oficial se deteve ao ouvir seu nome.

– O que acontece? – perguntou alarmado.

– Esses vândalos o tornaram fazer senhor, mas desta vez com galinhas.

– Diabos! – amaldiçoou o homem, e ao dar-se conta do que tinha feito se apressou a desculpar – O sinto, senhora, desculpe minhas maneiras, mas esses bagunceiros parecem levar sempre uma carreira de vantagem.

– Não importa senhor Philipe, vá e averigüe tudo o que possa e se consegue apanhar a algum deles lhe rogo que recorde seus dias moços.

O homem assentiu logo que enquanto partia para sua missão.

Chegado ao botequim se apresentou sem alternativa do que fazer. O prefeito não se atrevia a deixar sozinha a duquesa mesmo que todo o povo a conhecesse e ninguém se atreveria sequer a aproximar-se.

– Vamos, senhor, nada vai me acontecer por lhe esperar uns minutos.

O homem franziu o cenho, indeciso.

– Está segura disso? – perguntou olhando ao redor para ter a certeza que não havia nenhum perigo iminente.

– Vá – apurou a jovem temerosa de perder sua oportunidade com o falcoeiro.

Por fim o prefeito decidiu-se e entrou no interior do edifício prometendo retornar quanto antes.

Margaret deixou escapar um suspiro. Voltou sua atenção para a praça, que nesses momentos bulia de gente. Alguns aldeãos a saudavam amigavelmente, e Margaret lhes correspondia com cordialidade, interessando-se por suas famílias ou seu trabalho.



Caroline Bennett

Tinham transcorrido apenas cinco minutos da partida do prefeito quando uma voz a suas costas a fez endireitar-se.

– Vá, vá! Lady Norfolk, não posso acreditar no que vêem meus olhos. Seu imprudente marido deixou descuidada a peça mais valiosa da coroa. Uma tentação para qualquer olho.

Margaret se voltou lentamente. Por que tinha tido tão má sorte? Por que tinha que encontrar-se precisamente com Marlowe?

Infundindo um ânimo que não sentia as empenhou em sorrir

– Lorde Marlowe – saudou inclinando regamente a cabeça – Acreditei ter escutado que tinham abandonado a região. As últimas notícias sobre você não foram precisamente aduladoras, imaginava procurando melhor fortuna.

– Senhora, você esquece que em Norfolk estão minhas origens. Nunca deixaria de visitar as terras de meus ancestrais.

Margaret deixou escapar um bufado.

– Pouco ficou nessas terras, as que não perdeu por falta de atenção sua senhoria se apressou em vender ou em jogar.

O rosto do conde se contraiu em uma careta furiosa.

Aquela cadela não se cansava de humilhá-lo!

– Nem todos temos a sorte de dispor de uma fortuna que satisfaça nossos caprichos.

Margaret lhe lançou um olhar depreciativo. Surpreendeu-lhe observar que o conde tinha perdido parte de sua atitude, (embora nunca lhe tivesse parecido particularmente atrativo). Comparado com seu marido, o corpo do Marlowe parecia flácido, sem força e energia. Em seu estômago se podia vislumbrar já uma considerável acumulação de banha, visível também em sua rosada papada.

– Não são todos que esbanjam seu legado, "conde" – repôs altiva.

Os finos lábios do homem se apertaram tratando de controlar-se.



Caroline Bennett

Um homem de nariz farpado e olhos saltados lhe acompanhava. Um de seus poucos serventes.

– Embora suas palavras canssem meus ouvidos não tenho mais remédio que lhes oferecer meu amparo. Esse seu marido não parece lhe cuidar com muito zelo, se fosse minha lhe manteria sob uma estreita vigilância.

"Antes de ser sua teria me atirado em um poço", pensou Margaret para si.

– Sinto muito, milord, mas estou bem acompanhada.

– Ouviste-a, Ben? Esta mulher é capaz de algo com tal de evitar minha companhia.

O homem riu.

– O que a senhora não sabe é que não pode rechaçar meu oferecimento – disse aproximando-se.

Margaret não retrocedeu; ao contrário, olhou cética a mão que ele tendia até ela.

– Acredito que ficou louco se pensa que vou acompanhar lhe a algum lugar. Os homens de meu marido estão aqui e não duvidariam em lhe fatiar o cangote se me pusesse uma mão.

O homenzinho pareceu intimidar-se, mas Marlowe, com um sorriso cínico, negou com a cabeça.

– Sabe utilizar bem a língua para ameaçar, milady, mas nesta ocasião não lhe servirá – A mão do conde se fechou no antebraço da jovem para conduzi-la para uma ruela próxima.

– me solte! – exigiu Margaret negando-se a lhe acompanhar.

Seu servente se postou ao outro lado segurando também o outro braço. Como recompensa recebeu uma contundente patada na tibia. Surpreso e dolorido soltou à dama para esfregar a perna.

– Disse que tomasse cuidado, é uma zorra muito lisa – grunhiu Marlowe sacudindo-a.



Caroline Bennett

Margaret se revolveu furiosa atraindo o olhar de numerosos curiosos.

– idiota, me solte – voltou a exigir. A mão do Marlowe se abatia sobre seu braço com brutal insistência, tanto que a dor começava a se estender ao ombro.

– Não me culpe por esta situação; é seu marido, esse camponês sem maneiras, quem lhe abandonou a sua sorte. Nunca deveria me rechaçar ante o rei. Quando Wentworth foi eleito em meu lugar não me deixou em boa situação. Converti-me no bobo da corte por sua culpa – O conde cravou nela um olhar violento e Margaret pensou que ia golpeá-la ali, diante de todos.

– Se lhe converteram no bobo da corte, Marlowe, não foi por minha causa, mas sim por seu comportamento. Um bufão não podia havê-lo feito melhor – apontou.

Marlowe e o homem voltaram a puxá-la. Sua insistência começava a alarmá-la.

– Pagará cedo ou tarde, senhora. Depois de tudo, pode ser que Wentworth lhe trate como merecem.

– Falam muito à sobre meu marido, conhecem-no?

– Não, mas basta ouvir o que dizem dele. Sua senhoria se deve retorcer de frustração ao suportar a um homem assim. Eu a teria tratado com mais consideração, querida.

Margaret bufou de incredulidade, pois nas palavras do conde se intuía um significado muito mais íntimo do que deixavam entrever.

– A mesma consideração que teria mostrado por um cão vagabundo, mordendo minha pelagem para encher sua pança com meu sangue.

– Chamou-me de pulga, minha senhora? – lhe esclareceu o homem.

Margaret girou a cabeça em direção do homem lhe dando um sorriso tão doce que o homem duvidou que se tratasse da mesma pessoa que momentos antes se aplicou na tarefa de lhe chutar.



Caroline Bennett

– Na realidade, estava-lhe chamando sanguessuga – esclareceu com voz suave.

Um forte rubor se estendeu pelo rosto do conde.

– Maldita presunçosa, custará caro reparar todas suas ofensas – murmurou com a voz rouca.

Sua mão voltou a apertá-la e de um forte puxão fez que a jovem tombasse para frente.

Margaret tratou de escapar, mas eles eram dois e o conde possuía força suficiente para submetê-la.

– Basta, me deixem! – debateu-se.

Os curiosos, camponeses em sua maioria, tinham aumentado, mas nenhum se atreveria a atuar contra o conde, conscientes de que poderia exigir suas mortes por só lhe roçar. Embora, se a duquesa pedisse auxílio explicitamente não duvidariam em atuar.

Não foi necessário. Pois ante os olhos surpreendidos de todos puderam ver como uma jovem de cabelos claros se equilibrava sobre o conde exigindo a imediata liberação de sua senhora.

– Soltem à duquesa, milord.

Surpreso com o ataque da jovem dama, o conde soltou a Margaret. Bastou-lhe um olhar sobre sua cabeça para ver os homens do Wentworth correndo em sua direção. Em um último gesto de cortesia, o conde se tirou o boné para inclinar-se servilmente ante as jovens.

– Vejo que em fim sua escolta lhe encontrou e já não é necessária minha presença. Agradeça a esta jovem sua preocupação, milady.

Com a pressa de um ladrão, o conde escapuliu pela ruela, deixando atrás à aturdida duquesa.

– Está bem? – perguntou Angeline mostrando em seu pálido rosto uma preocupação desmesurada.

Margaret sorriu para tranquilizá-la enquanto se esfregava o braço.



Caroline Bennett

– Sim, sua presença foi uma bênção – disse com o cenho franzido ao olhar para a ruela.

Angeline olhou na mesma direção.

Interiormente sorriu. Seu plano tinha saído à perfeição, pensou.

Não tinha sido tarefa fácil fazer chegar uma mensagem ao Marlowe lhe anunciando sua visita ao povo: finalmente tinha descoberto que uma das moças do serviço era fácil de subornar. O objetivo final do plano era ganhar totalmente a confiança da Margaret ao defendê-la. Deste modo estaria disposta a acreditar tudo o que no futuro lhe dissesse.

– A vi de longe. Reconheci Marlowe e supus que se achava em dificuldades.

– Esse homem se empenha em seguir me chateando.

– Sempre me pareceu um homem odioso – reconheceu Angeline.

– Acredito que recordar que lhe hospedaram em sua casa em alguma ocasião.

Angeline assentiu.

– Faz muitos anos...

Nesse momento, chegou à carreira Marcus e o resto dos homens. Com a espada desembainhada o guerreiro avançava para elas com uma expressão furiosa.

– Está bem? – inquiriu imperativamente seus olhos cinza esquadrinhavam o beco.

– Sim, Marcus, e por todos os Santos, embainhem sua espada! Não há perigo algum.

O guerreiro lhe cravou um olhar sinistro.

– Afastou-se sem avisar – lhe recriminou.

– O prefeito me acompanhava.

– De qualquer modo. Quem era esse homem?



Caroline Bennett

– Não tem importância.

Marcus elevou uma sobrancelha.

– Não é importante? Senhora, se Adrian chega a se inteirar de que alguém sequer se atreveu a lhe olhar mais da conta sou homem morto.

Margaret cavou os lábios em uma careta.

– Então, é sua pele o que lhe preocupa?

– Sim, a minha e toda Norfolk. Porque ele removeria céu e terra procurando um responsável com o que saciar sua sede de vingança.

Aquela descrição fez que Angeline se estremecesse.

Ao notá-la duquesa a agarrou pelo braço olhando com recriminação ao guerreiro.

– Estão assustando lady Angeline sem motivo algum – lhe arreganhou.

"Se na verdade soubesse", pensou a pálida dama para si mesmo. Não lhe importava absolutamente gozar da fúria do guerreiro. Ninguém melhor que ela sabia como beneficiar-se da violência dos homens.

O prefeito apareceu minutos depois acompanhado do falcoeiro, e ao inteirar-se do ocorrido sua cara adotou um gesto grave, atribuindo o engano de deixar a sós à dama. Margaret teve que lhe convencer que não tinha culpa, mas foi difícil com o olhar acusatório que Marcus lhe dirigia. Apesar dele, obteve que este lhe permitisse acompanhar o falcoeiro até sua carroça, seguida de perto por todos os seus homens.

– Isto é absurdo, Marcus, e completamente desnecessário. Por Deus sempre passei sozinha por estas ruas!

– Pois diga adeus há aqueles tempos. Adrian insistiu em que não a perdesse de vista nem um instante, e depois do ocorrido, não me arriscarei.

Margaret amaldiçoou em silêncio cravando no guerreiro um olhar incendiário que só obteve como resultado uma elevação de sobrancelha.



Caroline Bennett

Mas, como podia lhe dar um presente a seu marido quando tinha toda Norfolk seguindo seus passos?

Permitiu que Marcus a seguisse exigindo previamente um juramento de silêncio absoluto.

Arthur o Falcoeiro, era famosos na região por seu bom ofício. Margaret acreditava nele pois em numerosos ocasiões e em todas elas as falcoeiras da mansão tinham sido providas com excelentes aves. Margaret escolheu uma ave jovem que tinha iniciado o processo de adestramento. Era um falcão formoso, de suave plumagem parda e inquisitivos olhos de cor âmbar que bicava incessantemente a manopla de couro duro do falcoeiro. Ao vê-la o frango arrepiou as plumas e grasnou com desagrado. Arthur riu encantado.

– É orgulhoso e até um pouco indolente, mas será um magnífico caçador.

– Espero que o preço se ajuste a seu valor – comentou Margaret preparando-se mentalmente para a árdua tarefa da barganha.

– Quando não foi assim? – inquiriu o falcoeiro fingindo-se ofendido. - Não pretende que rebaixe meu bom fazer? Observem seu pico, é forte, de perfeita curvatura. E suas asas... – continuou referindo-se as excelentes qualidades do falcão.

A barganha se estendeu uma boa meia hora, mas depois da árdua negociação Margaret se retirou feliz. Afrouxar a bolsa não lhe resultou tão doloroso ao imaginar o desconcerto de seu marido.

Depois do jantar, Jules e Marcus conversavam tranqüilamente frente à lareira. Eugen amenizava a noite cantando doces canções de amor cortesão acompanhado de sua cítara.

Os dois guerreiros o olhavam indiferente, perguntando-se por que as mulheres pareciam fascinadas com seus miados.

– Esse maricas tem a habilidade de me tirar do sério – grunhiu Marcus.

Jules riu.

– A gente consegue se acostumar a ele.



Caroline Bennett

O jovem elevou uma sobrancelha.

– Quer dizer que já se acostumou a ser seu companheiro de quarto? – perguntou um tanto cético.

– Bom, é certo que em ocasiões sinto desejos de trespassá-lo com a espada, mas em outras ocasiões ri com suas ocorrências.

– Vá!, por isso é que já não lhe incomodam os puas dos homens?

– Bom, eles não podem saber quão benéfico é para um velho guerreiro como eu ter alguém que se ocupe de remendar suas roupas ou lhe esperar acordado com uma tigela de comida quente.

– Deus Santo! Não te estará apaixonando por ele? – perguntou Marcus escandalizado.

Jules franziu o cenho.

– Não seja estúpido! Não se trata de algo contagioso. Se quer saber a verdade tenho mais êxito com as mulheres desde que sigo os conselhos do maricas.

E para verificar suas palavras saudou com um sorriso ao Lady Catelyn, que nesses momentos se aproximava da carriola formado diante do escudeiro.

A viúva correspondeu a sua vez timidamente.

– Velho, não estará pensando em seduzi-la?

O guerreiro se moveu inquieto em sua cadeira.

– No momento, basto-me com uma criada. Mas se me interessasse especialmente em uma das damas da senhora, crie que lhe importaria? – perguntou carrancudo.

Marcus, ignorante dos sentimentos de seu companheiro, estremeceu-se da risada.

– Mataria-lhe, asseguro. Vi como defende a essas mulheres. Acreditem-me amigo, faria que sua verga ficasse reduzida a um nada se chegasse a inteirar-se de suas intenções.



Caroline Bennett

Jules se encolheu.

Possivelmente Marcus tivesse razão. Era uma loucura pôr suas ilusões em uma mulher da categoria de Lady Catelyn: ela era uma dama e ele um simples guerreiro. Sim, certamente fora melhor seguir visitando as cozinhas para procurar um pouco de calor feminino. Entretanto, não podia deixar de pensar nos formosos olhos de Lady Catelyn, nem na delicadeza de cada um de seus gestos. Inquieto por seus pensamentos olhou a seu companheiro, mas este se achava ocupado.

Olhava mais à frente do grupo de mulheres: perto da porta a silhueta de uma magra mulher se deslizava escada acima.

– A quem olham? – perguntou ao ver interesse de seu companheiro na loira dama.

– Essa mulher – resmungo Marcus franzindo o cenho.

– É formosa.

– Sim, o é, mas há algo nela que não me agrada.

– Estranho, companheiro, nunca tem feito ascos a umas saias.

– Nesse sentido continuo fiel a meus costumes. Mas como te hei dito há algo nela que me faz desconfiar.

Jules riu.

– A falta de atividade te atordoa o cérebro, vê inimigos onde não os há.

– Pode ser. Mas há algo nos olhos dessa mulher... Possivelmente esta enganado.

– Sem dúvida, você e Eugen têm idéias da mais absurda.

Marcus endireitou as costas surpresa.

– Não deixou se quer cantar com essa mulher – lhe esclareceu.

Marcus se sumiu no mutismo. Bebeu pensativo seu jarro de cerveja. Bem pudesse ser uma tolice, mas acostumava a guiar-se por seus pressentimentos, e se a isso se acrescentava a opinião do Eugen e os



Caroline Bennett

comentários D'Claire sobre o ocorrido no pátio de armas, algo lhe cheirava mal em todo aquele assunto. O melhor seria manter os olhos bem abertos.

Capítulo 12

Adrian obrigou a Sleipnir a manter-se a um lado do caminho e olhou desesperado o contingente de carretas que os seguia. A pertinaz chuva de toda uma jornada de trajeto, o mal estado dos caminhos e a lentidão das carretas tinham acabado com o pouco bom humor com que essa manhã havia partido de Norfolk a caminho da corte.

Tinha deixado nas mãos de sua esposa os detalhes da viagem enquanto ele se entregava à exaustiva tarefa de caça a um grupo de assaltantes que tinham semeado o pânico entre as granjas mais afastadas do ducado.

Três exaustivos dias longe de Norfolk, longe de Margaret.

A distância lhe tinha ajudado a encontrar-se de novo, a manter seus sentimentos sob controle. Dava-se conta de quão perigoso era permanecer perto de sua esposa, do perto que tinha estado de cair sob seu enfeitiço

Por essa razão tinha tratado de ignorá-la nesse tempo. Sim, agora começava a sentir-se de novo ele mesmo. Salvo pelo terrível mau humor que o afligia desde que tomou a decisão de pôr a máxima distancia entre ele e sua esposa, tudo parecia estar bem. A noite que chegou à mansão procurou um quarto solitário; compreendia que cedo ou tarde devia voltar para leito de sua esposa, mas não o faria até estar seguro de controlar seus sentimentos.

– Por Deus! E agora o que lhe ocorre? – murmurou Margaret apartando a cortina da janela de sua carruagem.



Caroline Bennett

Eugen, mais atrevido, tirou sua ruiva cabeleira para poder descobrir o que era o que lhe tinha detido.

– Pelas meias de São Gabriel! Desatem esses cavalos e prendam fogo a essa carreta – A mal-humorada ordem provinha do Adrian.

Margaret afogou um grito sufocado. Aquela era sua carreta, a carreta que transportava todos seus vestidos. Furiosa, saltou da carruagem e sem lhe importar que o barro impregnasse seus delicados chinelos de couro, caminhou para a parte posterior da coluna de homens.

"Pode ser que me tenha ignorado durante todo este tempo, pode ser que não tenha ido a mim nenhuma destas noites, inclusive que ignore que existo, mas não tocará meus vestidos", pensou enquanto lutava com estupidez com suas saias.

– O que pretende? – gritou quando viu os homens desmontar dos cavalos. Um par de homens tentavam sem êxito com largas varas tirar a roda de um enorme atoleiro, mas ao vê-la se detiveram, surpreendidos de que se dirigisse ao Dragão de tal maneira. Pela cara deste, a dama contava com breves momentos de vida.

Adrian se voltou sobre Sleipnir. Seus olhos verdes a olharam com desagrado.

– Por Deus! mulher É que não têm nenhuma pinga de prudência nessa cabeça? – grunhiu.

Margaret lhe devolveu o olhar com o maior grau de aborrecimento que foi capaz. Ele havia tornado a vestir suas toscas roupas e de novo a sombra de uma barba incipiente obscurecia suas bochechas. O elmo que cobria sua cabeça se via deslustrado e sua capa de pele jorrava água em todas as partes.

– Prudência é o que me sobra, senhor, enquanto que a você parece lhe faltar de forma que me preocupa. O que pretendem fazer com minhas coisas?



Caroline Bennett

– Suas coisas, senhora, estão fazendo impossível que avancemos por este pântano. Essa carroça leva muito peso, e já é muito pesada de por si, os cavalos apenas pode movê-la.

– Pois procurem outra solução – lhe contradisse.

Adrian deixou escapar uma sonora maldição enquanto fazia avançar Sleipnir para ela. Por uns instantes, seus olhos observaram a figura feminina ocultando seu deleite; depois se inclinou a contra gosto e antes que a jovem soubesse o que se propunha a subiu sobre suas arreios.

– Estão louca se pensarem que vou discutir com você baixo esta chuva – murmurou.

A mulher jogou a cabeça para trás para poder lhe olhar.

– Não ides tocar minhas coisas.

Adrian inspiro asperamente pelo nariz. Aquela mulher o deixava de zozinho pensou, mas seu mau humor minguou ao tê-la entre seus braços e cheirar seu perfume. Nenhuma mulher cheirava tão bem.

Margaret se removeu incômoda contra aquele enorme corpo, seu abraço lhe alterava o pulso, mas antes de ceder ao impulso de acomodar-se sobre seu peito devia liderar uma batalha.

– Esses baús contêm minhas roupas e as suas senhor. Com que roupas nos apresentaremos ante Enrique se insiste em lhe botar fogo? São muito valiosas para as esbanjar assim. Seu dever como duque de Norfolk é velar pelos interesses de...

A profunda gargalhada do homem a fez deter-se em seu discurso.

– Pareço-lhe engraçada?

– Muito – admitiu-o enquanto tratava de controlar sua hilaridade.

– Bem, então desprezam a idéia...

– Nem pensar – grunhiu furioso por que ela acreditava ser ele capaz.

Aquela tinha sido uma frase dita sem pensar. É obvio que não pensava colocar fogo a carreta e lhe enervava que ela acreditasse tão obtuso.



Caroline Bennett

– Senhora, já perdi muito tempo com você, se não lhes importar... – E sem nenhum tipo de delicadeza a lançou dentro da carruagem.

– Besta! – gritou-lhe.

Adrian logo que voltou a cabeça.

– Não se atreva a tocar minhas coisas – gritou enquanto se debatia com as mãos do Eugen e Alfred que tratava de levantá-la de sua indecorosa posição.

Se ele se atrevesse, se ele se atrevesse... huummm, tiraria-lhe os olhos.

– Tranqüila milady.

– Como posso estar tranqüila quando esse animal pretende queimar minhas roupas? – gemeu exasperada.

– Não o fará – lhe assegurou Eugen sorrindo estupidamente.

– Ah, sim? E como sabe?

– Conheço-o.

– Dá a casualidade de que eu também o conheço. E sei o energúmeno que pode chegar a ser quando se propõe.

– Quer apostar?

– Se quero apostar, o que?

– Ele não tocará suas coisas porque você pediu que não o faça.

– Não o fiz exatamente assim.

– Bom, pode ser que não o tenham pedido, mas demonstrou que se importa.

– E? – perguntou Alfred tão cético como sua senhora.

– Porque ele fará todo o possível para agradar a sua esposa.

– Vá!



Caroline Bennett

Os dois jovens olharam o rosto da duquesa. A gozação brilhava em seus olhos.

– Eugen, o que diz não tem sentido algum, se tivermos em conta que desde nosso matrimônio... não, espera, desde o momento que nos conhecemos esse homem desfrutou (e sublinho a palavra desfrutar) me fazendo a vida impossível. Esse homem que se diz chamar marido queimará minhas coisas se com isso pode me chatear.

– Eu estou de acordo com o Eugen – concluiu Lady Catelyn, ante o gesto ofendido de sua senhora – Não me olhem como uma traidora da coroa, só tenho dito o que acredito.

A voz do Adrian retumbou de novo sob a chuva. Margaret teria colocado sua cabeça pela janela se esta não estivesse já ocupada com a cabeça do Eugen e Catelyn.

– O que ocorre? – perguntou apreensiva.

Lady Catelyn lhe fez um gesto de calma com a mão, mas não respondeu. E pensar que era a única dama que a acompanhava...!

– O que acontece? inquiriu uma vez mais.

Finalmente e depois de uns angustiantes segundos, ambos se voltaram sorrindo.

– Quéeee?

– Vamos, não pode ficar zangada sem ter razão. – disse Catelyn com auto-suficiência – Tornou a enganchar os cavalos.

Entretanto, sim estava zangada.

– Não acredito que Adrian faça isto para me agradar. Sem dúvida, apelou a sua prudência. Ninguém prende fogo a posses tão valiosas.

– É o que trato de lhes explicar, milady. Lorde Wentworth é cão ladrador, mas pouco mordedor.

A moça apertou seus carnudos lábios com fúria. Era uma tolice discutir com eles. Como também o era tratar de convencer-se de que Adrian



Caroline Bennett

tentava agradá-la. Como explicava seu comportamento nesses dias? Desde aquela cena na biblioteca, ele vinha se comportado de um modo estranho. Passava os dias afastados da mansão em busca de fugitivos. Quando chegava, era sempre tarde e de um terrível humor, ninguém em seu são julgamento se atrevia a cruzar-se seu caminho. Nem ela mesma se atrevia a lhe perguntar os motivos que lhe tinham levado a abandonar seu leito. Não podia atribuir essa falta de interesse a outra mulher. Todas na mansão tratavam de evitá-lo, salvo...

Que tolice! Angeline só desejava agradar; por isso sempre parecia estar onde estivesse Adrian. Servindo seu vinho, lhe oferecendo alguma comida, entoando alguma balada em sua honra... Tudo aquilo era um modo de ganhar seu afeto e o de seu marido... não?

Sim, era por isso que ficou triste quando se inteirou de que naquela ocasião só Catelyn a acompanharia a corte. Angeline era uma viúva jovem e formosa, certamente nunca lhe ofereceram a oportunidade de apresentar-se na corte e encontrar um marido adequado. Em outra ocasião, faria os acertos necessários para que a acompanhasse.

Mas agora devia pensar em seu marido. Ainda não tinha conseguido aproximar-se suficiente dele para pôr em prática seu plano de sedução, quer dizer, se existia algum, porque até o momento não tinha muito claro como atuaria quando estivesse com ele a sós. Essa noite se hospedavam em um monastério, por isso seus planos deviam ficar relegados para outra ocasião.

Adrian se amassou entre as toscas mantas cedidas pelos devotos monges. Compartilhava quarto com o resto de seus homens e alguns servos de Norfolk. Ao outro lado do corredor, achavam-se as habitações das mulheres, perfeitamente custodiadas pelos monges, que propuseram um turno de guardas frente à porta de entrada, dispostos a manter intacta a moral dos hospedados. E não é que pensasse aproximar-se de nenhuma mulher essa noite...

Que diabos! Isso era exatamente o que tinha em mente fazia pelo menos quatro dias. Mas aquele dia, tudo tinha piorado. De novo a tinha tido perto, ao alcance da mão, inalando seu perfume. Tinha passado o resto



Caroline Bennett

do dia tratando de apagar os rescaldos que detrás de si tinha deixado o roçar de sua sensual figura.

Mas se tão necessitado de companhia feminina estava, por que não tomava então a qualquer outra? Ocasões não lhe tinham faltado. Aquela rameira de Angeline lhe tinha devotado de maneira direta. Ao recordar a cena Adrian grunhiu baixo.

– Meu senhor – tinha a chamadoela com voz fraca entrando no quarto que ele tinha ocupado em seu intento de afastar-se do enfeitiço de sua esposa.

– O que ocorre? – tinha perguntado ele sentando-se bruscamente sobre o incômodo colchão.

Não tinha havido mais palavras. Ela se tinha desprendido de sua camisa apresentando seu pálido corpo nu. Com feminina astúcia se aproximou do leito e quase sorriu ao ver o desconcerto no rosto do guerreiro.

Adrian tinha observado aquele corpo pálido e magro, mas aqueles peitos pequenos, aqueles quadris estreitos não tinham conseguido despertar nele mais mínimo interesse.

Angeline tinha tratado de encarapitar-se ao leito. Felizmente, Adrian reagiu a tempo. Separou-a de um tranco para ficar em pé. Os olhos cinza da mulher o seguiram famintos, devorando cada um de seus masculinos movimentos, fascinada com a dureza e força daquele corpo vigoroso e esbelto.

– Meu senhor?

– Não sei o que passou por sua cabeça, mas seja o que seja, equivocaste-te.

Angeline se mostrou contrariada. O sorriso se esfumou de seu rosto.

– Mas... Mas eu acreditei... – O terror parecia ir apoderando-se dela.

– Não sei no que acreditou, nem me importa e agora – disse assinalando a porta– , fora.



Caroline Bennett

O magro corpo se estremeceu em um involuntário soluço. Levando o punho à boca tratou de conter seu lamento.

– me deixe explicar – suplicou colocando com rapidez a camisa que descansava no estomaco acostumado a– . Pensei que, já que a senhora e milord não dormem juntos... acreditei que eu lhe interessava nesse sentido.

– me diga por que – grunhiu ele colocando as meias sobre a virilha.

Embora chorosos, aqueles olhos não deixavam de olhar indiscretamente.

– Pela forma em que me olhava cheguei a pensar que me desejava como mulher.

– Por São Gabriel!

– Mas agora sei que foi todo um terrível engano – concluiu ela apressadamente, e adotou de novo a pose de inocente donzela.

– Sim, um engano que não voltará a cometer.

– Não – De novo corriam as lágrimas por suas bochechas – Mas lhe rogo que não diga nada disto. Não foi mais que um engano como hei dito, eu jamais me teria atrevido A... – Os soluços se intensificaram – Não tenho aonde ir, e se Lady Norfolk soubesse disto eu morreria de vergonha.

Adrian franziu os lábios. Estava zangado com aquela situação e não demorou em perceber que aquela mulher continuava ali chorando. Seu arrependimento parecia real pela sua expressão apavorada.

– Vá tranqüila, minha esposa nada saberá disto.

Angeline levantou seu rosto crispado.

– Promete-o? – pergunto desconfiada.

Adrian assentiu enquanto abria a porta e lhe convidava abandonar a quarto.

Angeline se apressou a obedecer, mas Adrian a reteve com força pelo braço.



Caroline Bennett

– Uma última coisa – disse enquanto cravava em seu rosto um olhar implacável – No futuro mantenha-se afastada de mim.

A jovem cabeceou aturdida.

Adrian fechou a porta atrás dela.

Aquele som suave e comedido encheu de raiva a Angeline.

Maldito! Quem era ele para rechaçá-la? Uma vez que provasse seu corpo sua opinião mudaria, pensou, mais decidida que nunca a chegar a seu leito. Sua vingança chegaria cedo ou tarde, e ele acabaria suplicando por seus cuidados.

O descarado oferecimento da mulher não tinha conseguido acender nele nenhuma faísca de desejo. Tinha visto o medo em seus olhos e algo muito parecido ao desprezo, algo comum em todas as mulheres que se aproximavam dele. Só sua esposa parecia imune a esse medo. Só sua esposa podia fazer que se mantivesse acordado há essas horas com uma idéia fixa na cabeça.

Sua esposa.

Um suspiro inconsciente escapou da boca do guerreiro. Se ao menos pudesse tirar-la da cabeça...

O dia tinha amanhecido encoberto, mas sem ameaça de chuva. Margaret procurou a figura de seu marido entre os homens que se sentavam em torno das mesas do café da manhã. Catelyn a seguia gentilmente.

– Está lá, junto a Jules –assinalou ruborizando-se.

Margaret ignorou seu rubor porque estava concentrada em observar a seu marido.

Inspirou brevemente antes de encaminhar-se para ele.

– Crê que lhe agradará ter que atrasar a partida para assistir ao ofício dos monges? – sussurrou-lhe a dama.



Caroline Bennett

– Fará que me corte a garganta e beberá meu sangue – lhe confirmou sem olhá-la apenas – e é muito possível que você acompanhe isso nessa viagem.

– Eu? por que... – Catelyn se deteve abruptamente ao precaver-se de que já se achavam frente a Adrian.

– bom dia – saudou Margaret.

Todos os homens deixaram suas tigelas e ficaram em pé em resposta a sua saudação. Todos exceto Adrian, que seguiu ignorando-a por completo. Mas ela já estava acostumada a seus desplantes.

Deslumbrou a tudo com um brilhante sorriso enquanto se alisava a saia de seu vestido coberto de pó.

– Faz uma esplêndida manhã, não há chuva e o vento é suave.

Os homens afirmaram. Um muito sorridente e com a boca cheia de pão se apressou a manter a conversação.

– Sim, parece que hoje não nos molharemos o... – Uma cotovelada D’Claire acabou com a observação do guerreiro, que se apressou a fechar a boca.

– Dou graças ao Senhor por isso. Roguei toda a noite para que tivesse piedade de nós.

– Venha, senhora, sintase aqui. Eu já terminei meu café – lhe sugeriu Jules.

Margaret agradeceu com um sorriso e foi ocupar seu lugar.

Se Adrian se sentiu incomodado com aquele fato não o demonstrou. Em realidade, parecia desconhecer que a pessoa que estava ao seu lado era sua esposa; tão concentrado estava em sua comida. Mas Margaret não ia se deixar ignorar tão facilmente.

– Pelo rápido que come diria que está delicioso – assinalou ela.

Por fim Adrian se dignou a olhá-la, isso sim, simulou um total e absoluto aborrecimento por sua conversação.



Caroline Bennett

– Acredito que eu acharei o mesmo – particularizou Margaret olhando o tigela de seu marido – O que é?

Adrian deixou escapar um bufado desdenhoso.

– Bom, não faz falta que respondam; acredito que é leite, mel e pão, equivoco-me?

Os olhos verdes se entrecerraram.

– Acredito que não – continuou ela – Sabe que este é nosso primeiro café da manhã juntos? É curioso descobrir que se levanta com o mesmo humor com o que se deita.

– Equivoca-se.

Ao fim obtinha umas palavras.

– Sim?

– Meu humor é muito pior pela manhã.

Ela estava muito formosa. Parecia o que era: uma grande dama. As mangas amplas do vestido pareciam flutuar a seu redor e o decote quadrado e bordado de fios dourados atraía o olhar ansioso dos homens. O mesmo tinha centrado ali a atenção quando a dama fez entrada na sala. Foi à necessidade de respirar o que lhe fez tomar ar de novo. Depois disso, o café da manhã tinha perdido todo seu sabor.

– Já vejo – suspirou ela lhe lançando um lacônico olhar – dormistes bem?

"Não peguei olho por sua culpa."

– Sim.

– Parece cansado. Possivelmente devemos atrasar uns dias mais nossa viagem.

– Enrique assinalou que devíamos nos apresentar ante ele quanto antes, recorda?

Ela assentiu com a cabeça.



Caroline Bennett

Alguns de seus cachos escapavam da apertada trança que Catelyn tinha feito em torno de sua cabeça. Os brincos lhe davam um ar extremamente encantador e feminino.

– Ficarão zangados se lhe confessar algo ?

Adrian arqueou uma sobrancelha e a olhou.

O que podia zangá-lo mais que ter ficado toda a noite acordado, excitado como um carneiro e sem poder fazer nada para remediá-lo? O que podia lhe enfurecer mais que roçar com o dorso de seu braço o peito de sua esposa e não poder acariciá-lo como ele desejava? O que podia ser mais desesperador que sentir durante horas a dor de uma excitação?

– Depende, – disse apartando o café da manhã para um lado e centrando a atenção em sua esposa.

A suavidade de seu tom estremeceu a Margaret. Procurou com o olhar a Catelyn que se mantinha atenta à conversação ao outro lado da mesa. A viúva a encorajou com um sinal de assentimento.

Bem, o melhor seria dizê-lo de repente.

– O prior da congregação me pediu que assistíssemos ao ofício da manhã.

Adrian apoiou as costas no respaldo de seu assento, estirou uma mão e tomou um miolo de pão.

– E você o que lhe disse? – perguntou brandamente tornando-lhe à boca e estirando as pernas em fingida calma.

– O que podia lhe dizer? – suspirou Margaret. O coração galopava em seu peito. por que, no nome de Deus, havia-se desposado com um homem tão furioso? – Disse-lhe, disse-lhe...

– Disse-lhe que sim – finalizou Adrian golpeando com o punho na mesa.

Os homens, sobressaltados, deixaram de comer para olhar em sua direção.



Caroline Bennett

– Entenda que seria mal visto que não assistíssemos: ofereceram-nos sua hospitalidade e não seria educado...

– Não, senhora, não me vai voltar a exortar de novo.

O corpo do Adrian estava tenso de fúria, ela podia notar essa energia com apenas o roçar seu forte braço.

– Então o que quer que lhes diga? – gritou, e ao dar-se conta de que estavam atraindo o olhar de todos baixou o tom de voz – Senhor, este será o último favor que lhe peço.

Adrian bufou uma maldição.

– pagamos sua hospitalidade com nossas moedas, querem além nossas almas? Caro preço.

– Está bem, então lhes direi que não – expressou-se com tom de derrota.

– Ah não! Já adquiriu o compromisso, agora cumpra. Mas não conte comigo para que lhe acompanhe: Deus e eu deixamos de sermos amigos faz tempo e não vejo motivos para incomodá-lo com minha presença.

Margaret expressou seu alívio com um sorriso.

– Em realidade, não contava com você desde o começo, expliquei ao prior os problemas que tem com os detalhes da viagem, o qual lhe impossibilita estar no ofício.

Adrian a olhou incrédulo suspeitava que tivesse sido enganado desde o começo.

– Me incomoda que sorria desse modo – grunhiu.

– Não posso evitá-lo. Acredito que começo a lhe conhecer, milord – disse enquanto se levantava.

Estavam a escassos centímetros um do outro.

– Não me conhece absolutamente, Margaret.

Ela se aproximou ainda mais, até quase roçar seu nariz com a seu.

– É minha obrigação de esposa.



Caroline Bennett

O ar se tornando muito quente lá dentro. A Adrian faltava o ar, por puro orgulho não retrocedeu ante o avanço da jovem.

– Em qualquer caso, aconselho-lhe que não se mostre muito satisfeita.

Seu tom era aborrecido, mas seus olhos brilhavam do que?

– Satisfeita? Desconheço o significado dessa palavra.

Adrian piscou: seguro que havia ali um duplo sentido.

Como um estúpido olhou o rosto sorridente de sua mulher e depois, seguindo um rumo descendente, olhou as arredondadas formas que apareciam timidamente sob seu decote. O sangue voltou a correr quente por suas veias.

Quão único pôde fazer foi ficar em pé torpemente e abandonar a sala como alma que é levada ao diabo.

Margaret sorriu abertamente ante o desconcerto de seu marido.

Eugen tinha razão!

Quanto mais direto fosse a aproximação, maior era o desconcerto.

– Quer tomar o café da manhã agora? – perguntou Catelyn, que tinha se aproximado preocupada depois da partida de Adrian.

Afirmou sorrindo mais amplamente ao jogar uma última olhada à espada de seu marido.

A noite tinha sido um completo fracasso, pensou Margaret golpeando o travesseiro com o punho. Lady Catelyn dormia placidamente a seu lado fazia horas, mas ela era incapaz de conciliar o sonho. Tinham chegado à mansão dos Ascott a metade da tarde. Não era a primeira vez que Margaret se hospedava nela em suas viagens à capital do reino. Conhecia, portanto a mansão e ali, tinha decidido que levaria a cabo seu plano de sedução. As habitações proveriam a intimidade suficiente para isso. Mas não tinha contado com que os anfitriões tivessem por essa data



Caroline Bennett

outras visitas, nem que o número de habitações da mansão fosse o suficiente para abrigar somente às mulheres. Bem poderia ter pedido que seu acompanhante fosse seu marido, mas teria sido tremendamente injusto para Catelyn ter que compartilhar o quarto com os homens, além de inadmissível. Assim tinha que se conformar com esse acerto proposto por seu marido durante o jantar. O hipócrita parecia sentir-se aliviado com o acordo.

Margaret tinha mastigado seu mau humor junto com o jantar servido, enquanto Adrian e seus homens fanfarronavam a grandes vozes com as criadas. A paquera descarada das empregadas tirou Margaret do sério e antes de retirasse aproximou decidida de seu marido. Sabia aonde podia levar uma farra como aquela, com mulheres e álcool a vontade.

– Se pensa descansar sua espada, milord, aconselho que em vão não provoque sangue – lhe sussurro inclinando-se para seu ouvido

Adrian a reteve pela queixo e apertando levemente o fino osso a fez voltar-se

– Atrevesse a dizer o que devo e não devo fazer?

– Não estava dando um conselho.

– Não necessito de seus conselhos nem de suas opiniões – grunhiu apertando com mais força seu punho

Margaret tratou de escapar da aquela força bruta.

– me soltem! – exigiu olhando sobre sua cabeça para observar se mais alguém era testemunha daquele desencontro.

– têm tanta pressa agora? Não, senhora, vai escutar e o fará com os ouvidos bem atentos.

Margaret voltou a lutar contra ele e de novo se viu obrigada a deter-se por um brusco apertão. Ele tinha a força de dez mulas e também o caráter, pensou irônica.

– Faz-me mal.



Caroline Bennett

– Pois fica quieta – lhe espetou ele – Não voltem a se intrometer em minhas coisas – aconselhou-lhe com voz grave.

– Pois o farei, sempre e quando essas coisas seja também de minha incumbência.

– Tenta minha paciência – A advertência era clara, mas Margaret não quis escutá-la.

Era ela que devia estar furiosa e não ele. Assim não tinha nenhum direito a reclamar nada.

– E você tenta a minha – E de um puxão recuperou ao fim sua liberdade – O que procura em outras eu posso dar. Isso esclareceu antes de fugir para as escadas.

Adrian girou com rapidez em sua cadeira. Viu sua esposa afastar-se com lady Catelyn e duvidou brevemente entre segui-la ou deixá-la partir. Melhor era deixá-la partir porque se fosse segui-la Adrian não estava seguro aonde poderia chegar. Ruminou em silêncio aquela breve, mas alarmante declaração. "O que procura em outras eu posso dar".

Tomou um jarro de vinho e o levou a boca. O que podia significar aquilo? Queria-o, para cumprir com seus deveres maritais? Era isso o que desejava? Adrian tragou saliva. A cabeça lhe dava voltas.

Calma! Impôs-se. Margaret tão somente se limitou a lhe exigir fidelidade. Certamente, preferia entregar seu corpo a ver-se ridicularizada por uma possível infidelidade de seu recém adquirido marido. E não é que fosse mal visto que um homem gozasse dos encantos de mais de uma mulher, ainda sendo casado!, Mas fazê-lo a poucas semanas do matrimônio podia considerar-se ultrajante para a noiva. Sim, por isso ela lhe tinha devotado E maldita seja se a aceitava!

Entretanto, gotejavam em sua mente outros momentos. Momentos nos quais Margaret tinha respondido com total abandono os seus beijos. Momentos nos quais lhe tinha parecido ver uma súplica ou inclusive insinuações como a do monastério. Que loucura!



Caroline Bennett

– Por fim moça! Estava preocupado por sua tardança – expressou Lorde Poinyns abraçando com contundência o corpo ligeiro da duquesa.

Margaret se rendeu à força do carinhoso abraço e respondeu com igual ânimo antes de voltar-se para Lady Poynings que estudou seu aspecto esgotado com ansiedade.

– Santo Céu! Parecem ao ponto do desmaio. Entrem e deixem que o fogo esquente seus ossos, querida. Vamos – apurou rodeando a cintura da jovem com seu braço.

Catelyn se uniu ao grupo de mulheres, que lentamente caminharam para o interior da mansão.

Lorde Poynings tinha disposto sua casa na capital como o melhor lugar onde o jovem casal podia hospedar-se.

A mansão era espaçosa e contava com um pátio interior com estábulos, extremo norte da propriedade fazia divisa com o rio Tamises, do qual se podia acessar facilmente ao palácio real mediante um engenhoso sistema de diques pelos que circulavam numerosas barcaças.

Adrian estudou com admiração a luxuosa fachada da mansão. Mais à frente a cidade de Londres se estendia irregularmente em uma encruzilhada de ruelas úmidas e escuras.

– Me alegre de lhes ver. Lorde Norfolk.

Adrian atendeu à saudação de seu anfitrião com ânimo.

– Lamento o atraso, mas os caminhos pioraram com o mau tempo – disse ao estreitar fortemente a mão que lhe estendia.

– Minha esposa e eu começávamos a nos preocupar.

– Eu também o fiz quando a neve começou a cobrir parte da paisagem. Não pensei que uma tormenta pudesse desatar sua força com tal violência.

– Bom, em qualquer caso será melhor que entremos. Seus homens podem encontrar abrigo e comida quente na parte posterior.



Caroline Bennett

– Se não se importar eu mesmo os acompanharei. Tenho que dar umas últimas ordens.

O homem sorriu condescendente. Não sabia explicar por que aquele jovem de olhar turvo tinha chegado a lhe agradar tanto.

– Então, eu também lhe acompanharei.

Margaret deixou escapar um suspiro de total satisfação quando se inundou na cálida água de sua banheira. Uma das criadas da mansão lhe entregou uma toalha e uma barra de sabão ao tempo que colocava uns tecidos sobre um tamborete próximo.

Lady Poinyns fez entrada nesse momento.

– Encontra-se melhor, querida?

Margaret assentiu.

– Acredito estar no céu, mas lamento ter causado tantas moléstias. Não deveria ter incomodado à servidão a estas horas da noite.

– Chiiiiii, querida, não é culpa de ninguém que não tenham podido chegar a não ser a esta hora.

– Lady Catelyn?

– Ela está sendo atendida também; a pobre mulher parecia esgotada.

Margaret assentiu enquanto se esfregava com o pano, formando uma cremosa capa de espuma sobre sua pele rosada.

A quarto cedida pelos Poynings era espaços, com uma grande cama de baldaquim e dossel situada justo diante de uma enorme lareira. Uns golpes distraíram a atenção, de Margaret que tardiamente compreendeu que poderia tratar-se de seu marido. Timidamente se inundou na água, mas foi uma criada que fez sua entrada na estadia. Trazia consigo uma grande bandeja repleta de comida fumegante.

Lady Poinyns lhe assinalou uma mesa onde depositou a bandeja e de novo centrou a atenção na jovem duquesa.

– E meu marido? – perguntou Margaret com acanhamento.



Caroline Bennett

– A última vez que o vi estava dando ordens a torto e a direita entre seus homens.

– Típico dele – murmurou Margaret brincando com a água.

Lady Poynings fez um gesto para a criada, que ainda permanecia na quarto. A mulher se retirou em silêncio, fechando brandamente a porta.

– me diga, querida, tudo vai bem entre vocês?

Margaret não pôde a não ser ruborizar-se.

– Sim, é obvio, ainda temos nossas dificuldades, mas confiou que pouco a pouco possamos superar.

Lady Poynings estudou o jovem rosto com ar grave.

– Sabe que sempre fui como uma irmã para sua mãe, senti sua morte como a de um ente muito querido. Era uma mulher sábia e decidida e graças a Deus educou-a para ser uma mulher forte, mas há ocasiões nas que deve saber apoiar-se em outros. Margaret, querida, quer me contar algo.

A jovem sorriu apenas. Seus formosos olhos azuis se tornaram cor turquesa ao observar o fogo da lareira.

– Amo-o – sussurrou, como se aquela fosse a confissão mais terrível que alguém jamais tivesse feito.

A dama se ajoelhou junto à banheira para acariciar meigamente a bochecha da jovem.

– E o que vê de mal em amar a seu marido?

– Não há nada de mal nisso, sempre e quando ele também o faça.

– E Wentworth a ama?

Margaret negou com a cabeça apartando seu olhar do fogo e centrando-a no bondoso rosto que tinha ante si.

– Para ele suponho ser um incômodo, normalmente trata de me evitar.



Caroline Bennett

– Já vejo. É um homem difícil, ao menos isso parece. Pensa que por tudo o que teve que passar: tantas guerras, tantas mortes... é lógico que seu coração se endureceu.

Margaret recordou a história contada por Eugen. Aquela história lhe tinha dado as forças suficientes para tentar conquistar o coração do Dragão. Mas lhe faltava a estratégia, Margaret não sabia qual seria o passo seguinte em seu matrimônio.

– Mas também trata de pensar em algo positivo. Se ele tratar de te evitar isso só pode significar que não é imune a ti.

– Isso espero.

– Ao menos, claro, que ele..., bom, que Wentworth tenha encontrado outra...

– por que diz isso? – interrogou-a jovem com uma sobrancelha levantada.

– Bom, não por nada especial. Tão somente me pareceu estranho que ele pedisse uma quarto separado, sobre tudo quando está desposado há tão pouco tempo.

- Por que teria feito isso?

– Como lhe expliquei antes, ele trata de me evitar.

Lady Poynings sorriu então conhecedora. Que classe de marido iria querer evitar o leito com uma mulher tão formosa como a duquesa? Só um cego ou alguém que temesse ficar preso em seus encantos.

– Será melhor que termine o banho, a água deve estar esfriando e deve jantar.

A mulher se retirou presunçosa para a porta, mas antes de abandonar a quarto se voltou.

– Se por acaso lhe interessa, seu marido ocupa a quarto do fundo.



Caroline Bennett

Capítulo 13

Aquela era "a noite", decidiu Margaret enquanto sorvia calmamente um gole de chá.

Não suportava um segundo mais a incerteza de seu matrimônio. Devia atuar já, embora o plano lhe estalasse nos narizes. Era preferível Isso às dúvidas que a atormentavam. Além disso, Adrian era agora um renomado duque e, em que pese a que seu caráter era o mais desanimado, anti-social e áspero que tinha tido o gosto de conhecer, muitas mulheres na corte podiam acontecê-lo por alto a fim de intimar com ele.

Margaret conhecia bem o funcionamento da corte.

Adrian bem podia ter sido um vilão do mais baixo berço, um cruel assassino sem compaixão (Margaret não acreditava, é obvio), mas agora, por decreto real, converteu-se em um duque com excelente posição frente ao resto dos cortesãos pela estranha relação que o unia a Enrique. Um homem poderoso. As mulheres da corte não pensariam nenhuma vez, antes de lançar-se à caça. Desde que ele tinha optado por barbear o rosto e cortar sua juba, nenhuma fêmea deixaria de fixar-se nele.

Margaret suspirou ostensivamente dando um último sorvo a sua infusão. Sim, devia por as mãos à obra quanto antes.

Uma estranha excitação a percorreu. A perturbadora imagem de seu corpo moreno bastou para fazê-la estremecer.

Não, não esperaria nem um segundo mais.

– Deveria lavar o cabelo com camomila; ouvi dizer que excelente para o cabelo.

Adrian murmurou uma maldição, enquanto deixava que Eugen lhe esfregasse as costas. O maricas não tinha deixado de tagarelar nem para tomar ar desde que entrará no quarto para lhe ajudar a tomar o banho.



Caroline Bennett

– Claro que também dizem que a cerveja o fortalece.

– Sim? – inquiriu o guerreiro elevando uma sobrancelha.

Eugen ignorou a falta de interesse que o tema suscitava no guerreiro.

– Sim. Adeline, essa que se deita com meio regimento, disse-me isso em certa ocasião e ela tem um cabelo precioso – expressou o escudeiro com um suspiro, enquanto vertia água morna pelas musculosas costas do Adrian.

Estava tão acostumado a servir naqueles misteres que já não reparava no magnífico corpo de seu senhor.

Adrian olhou por cima de seu ombro.

– Ficou mudo de repente? – perguntou.

– O que? Ah! não, não, senhor – gaguejou – Estava pensando se era melhor aplicar ovo ou mel para deixar o cabelo mais suave.

– Importa-me pouco – demarcou Adrian com sua habitual brutalidade – A água esfriou e ainda não lavou o cabelo.

– Irei por mais água quente – disse ficando em pé com afetação – Então, mel ou ovo? – perguntou chegando até a porta.

Adrian jogou a cabeça para trás para observar o rosto do moço.

– Você gostaria que lhe torcesse o pescoço não é? – pronunciou sem nenhuma paixão.

Eugen escondeu seu sorriso e saiu do quarto balançando o balde.

Margaret espiou o corredor. Momento antes tinha ouvido Eugen abandonar as habitações de Adrian. Perguntou-se se o moço voltaria. Há essas horas a mansão permanecia silenciosa. Só algum sussurro proveniente de recanto parecia romper a aparente quietude noturna.

Avançou um passo segurando com precaução o barra de sua bata. Mas de novo soaram passos na escada de madeira. Seu coração começou a pulsar desaforadamente. Em um intento desesperado por permanecer



Caroline Bennett

oculta, pegou-se contra a parede e conteve o fôlego. Relaxou-se ao ouvir a voz de Eugen que afinadamente entoava uma canção de amor cortês.

"Entre todas as flores São os lírios as mais formosas..."

Eugen continuou pelo corredor sem reparar em sua presença.

– Chiiii.

Eugen se deteve ante sua chamada.

– Quem esta aí? – perguntou assustado.

– Baixa a voz – sussurrou Margaret deixando-se ver.

– Senhora! – exclamou Eugen – Assustou-me. Ocorre algo? O que faz no corredor a estas horas? – Margaret agitou uma mão lhe recordando que baixasse a voz.

– Não, não ocorre nada mau – disse chegando ao fim a sua altura – Essa água, é para meu marido?

– Sim. Tenho que me apressar, a estas alturas estará soltando sapos e cobras pela boca.

– deixe-me – Margaret estendeu uma mão para agarrar o balde.

Eugen franziu o cenho, confuso.

– Quer levar o balde pra mim?

– Uma boa esposa deve ajudar a seu marido nas tarefas domésticas.

A escuridão ocultou o sorriso do escudeiro.

– Já vejo. Assim, decidiu se converter em uma boa esposa?

– Não sei se boa, mas sim em uma esposa.

O moço sorriu amplamente ao compreender o significado dessas palavras.

– Então se apresse. Não há por que enfurecer o Dragão com uma água muito fria – lhe aconselhou deixando sob sua responsabilidade o balde.



Caroline Bennett

Margaret se apressou pelo corredor, mas se deteve quando Eugen a chamou.

– O que foi agora?

– Senhora, onde dormirei? Tinha pensado dormir na cama de armar na quarto de meu senhor, mas...

– Faça-o em minhas habitações – apressou Margaret.

Os olhos do moço refulgiram de assombro. As habitações da senhora! Horas atrás tinha ajudado a levar os baús da duquesa ali e simplesmente lhe tinham parecido magníficas. Imaginou descansando entre os brancos lençóis e soltou um suspiro de prazer.

Margaret estava a ponto de abrir a porta do Adrian quando o escudeiro a deteve de novo. Exasperada, voltou-se para o moço.

– Sim? – inquiriu impaciente.

– Obrigada, senhora, ninguém nunca me deu um presente semelhante.

– Chiiii.

– Muito obrigado – expressou em voz baixa – E muita sorte aí dentro.

Aquela última frase a fez deter-se. Por um instante, pensou em retornar à segurança de suas habitações e enfrentar-se com o problema outro dia, mas se Adrian a ia humilhar com seu rechaço que o fizesse quanto antes para saber o que esperar no futuro.

Inspirou fundo, levantou o peso do balde, e abriu a porta.

A banheira disposta frente à lareira se achava à direita da estadia. De costas à porta, Adrian permanecia ocupado ensaboando sua abundante cabeleira.

Margaret estudou brevemente a elegante estadia; era menor que a sua e obviamente menos luxuosa. O leito, disposto no centro do quarto, era muito mais reduzido e seus cobertores menos elaborados.

De novo voltou sua atenção para a Adrian.



Caroline Bennett

O balde começava a pesar, pensou, antes de esquecer-se por completo dele.

O corpo do Adrian absorveu todos e cada um de seus pensamentos.

A jovem tinha tido ocasião de ver seu marido em relativos estados de nudez, mas nunca tinha podido lhe observar com prazer.

E era precisamente isso o que sentia ao percorrer com o olhar obscurecido suas magníficas formas. À luz do fogo e as velas, os ombros largos brilhavam como talheres de bronze em vez de pele, como o resto dos mortais. Os tensos músculos de seus braços ondulavam enquanto ele esfregava com energia o cabelo.

Margaret seguiu com o olhar o lento descender de espuma que sensualmente se deslizava costas abaixo. Aquelas costas eram amplas e definidas por um grande número de músculos.

O calor se fez intolerável. Os peitos lhe formigaram ao imaginar aquelas costas contra ela.

Sua garganta emitiu um som afogado.

– Por fim chegou!

Margaret tragou saliva, e duvidou de se devia dizer que se tratava dela e não de Eugen.

– Merda, Eugen! Quer te pressa com a água? – A grosseira ordem de seu marido a pôs em movimento sem querer o.

Chegou até a banheira e com certa dificuldade elevou o balde sobre a ensaboada cabeleira, deixando cair a água com brutalidade.

Adrian recebeu a água com duvidosa gratidão e enquanto se enxaguava a cabeleira grunhiu:

– Maldito seja! Não podia avisar? Por pouco me afoga.

– O... Sinto muito.

Adrian se voltou bruscamente para ouvir a voz de sua esposa. Seu coração se agitou tão somente de pensar que ela estava ali, em seu



Caroline Bennett

quarto. Furioso por esse poder ficou abruptamente em pé sem prestar atenção à maré de água que esse gesto produziu.

– O que faz aqui? – resmungou ignorando ao que parecer sua nudez.

Margaret piscou visivelmente aturdida ante a imagem. Seguiu o rastro da água por seu viril corpo, mas elevou o olhar ruborizado ao dar-se conta do que fazia.

– Eu...Eu... – Logo que recordava como se falava, um lamentável início de sedução.

– O que? – grunhiu Adrian saindo da banheira para cobrir o corpo com um tecido. Era a única maneira de manter seu orgulho sob controle, já que não seu corpo.

– pensei que possivelmente necessitava minha ajuda no banheiro – explicou com voz tremente.

"Calma!", impôs-se. Era primitivo tomá-lo com as defesas baixas.

– Acreditava que essa era tarefa de Eugen. Foi sua esta ridícula idéia? Esse rato de boca-de-lobo vai ter que fazer algo mais que pedir perdão esta vez – anunciou Adrian.

Margaret tomou ar novamente: irada com a postura de Adrian estava começando a exasperá-la. Tanto lhe desagradava sua presença? Era hora de comprovar quanto.

Posou o cubo e com resolução se aproximou lentamente de Adrian, que se mantinha precariamente coberto com um pedaço de tecido.

– Não se incomodem em brigar com ele, a idéia foi minha – disse obsequiando-o com um sorriso.

Adrian retrocedeu ante o avanço de sua esposa, pareceu-lhe reviver essa cena só que aquela outra ocasião era ele quem avançava e não quem retrocedia.

– Sua?



Caroline Bennett

– Sim, é hora de que cumpra com alguma de minhas tarefas como esposa. Não o crê assim?

– Em realidade não é necessário... – expressou Adrian, olhando de esguelha a cadeira onde se achavam suas roupas; aquela absurda situação começava a exasperá-lo. Perguntou-se que classe de jogo era aquele.

– Acredito que sim é necessário, já que você parecem esquecer as suas.

Com um novo passo se colocou a sua altura. O coração lhe pulsava disparado em seu peito: entretanto, a indecisão de seu marido lhe dava asas. Nunca tinha visto o Dragão tão confuso.

– Embora acredite que é necessário assinalar que essas obrigações não me parecem penosas, absolutamente – afirmou em um sussurrou sedutor. Seus olhos azuis adquiriram um tom turquesa ao percorrer os firmes contornos do homem.

– Deixe esta tolice, senhora – grunhiu Adrian.

– por quê? Parece que não o faço bem? – ronronou adotando uma pose que esperava fosse sedutora. Adrian cravou um duvidoso olhar no corpo de sua esposa. O sangue fluía quente já por todo seu corpo, mas não podia deixar-se levar, não daquele modo. Não podia submeter-se a aquele estranho sentimento que o possuía quando tinha por perto Margaret, manteria-se firme ao sedutor feitiço que o embargava e o debilitava.

Entretanto, sua decisão sofreu um forte golpe quando Margaret elevou uma de suas mãos para secar uma gota de água que se depositou em seu estômago.

– Margaret! – advertiu o homem com voz afogada.

– O que? – repôs com fingida inocência.

Sua mão se aproximou dele, que retrocedeu como se o ameaçassem com um ferro quente. Através do tecido úmido sua virilidade rígida era impossível de dissimular. Com um afogado gemido os olhos turquesa se



Caroline Bennett

centraram em inchado órgão. Agora era ela a que estava confundida. Por que tratava de esconder seu óbvio desejo? Porque era por ela, disso estava completamente segura, já que quando ela tinha entrado no quarto não tinha havido nele o menor sinal nesse sentido, mas agora...

– Bem, está contente agora? – estalou Adrian apartando-se dela.

Descoberta sua debilidade não foi necessário cobrir-se enquanto passeava pelo quarto.

Voltou sua atenção para a lareira vexado, decidido a acalmar seu ardor.

A suas costas Margaret parecia haver-se voltado muda e Adrian se perguntou que estaria pensando.

– Em realidade, preferiria que me abraçassem em vez de me repelir.

Maldita mulher! O que se propunha conseguir? Com uma maldição se voltou para ela disposto a lhe fazer frente.

Mas as bruscas palavras que estava a ponto de dizer ficaram esquecidas ao observá-la à intensa luz do fogo. Vestida com uma ligeira camisola de linho, seus tentadores peitos apareciam timidamente depois da cortina de sua juba. Adrian não soube nunca o tempo que esteve ali de pé olhando-a subjugado pela palidez de sua pele, pela delicada forma que se arredondavam seus ombros, pela graciosa curva de sua cintura. Nunca lhe tinha atraído nenhuma mulher como o fazia sua esposa.

Por uma vez em sua vida adulta, sentia medo, reconheceu. Não estava acostumado a que seu coração pulsasse a um ritmo frenético pelo mero capricho de uma mulher, ao perder o controle de suas ações, e odiava sentir-se tão vulnerável.

Uma vez mais, foi Margaret quem tomou a iniciativa. Aproximou-se, ligeiramente ruborizada, a seu marido.

– E bem? – inquiriu cravando seu olhar no rosto sério de Adrian.

– Por São Jorge! O que pretende? – exclamou ele.

Margaret lançou um pesaroso suspiro, aquele homem era duro de moleira.



Caroline Bennett

– Acredito que está claro senhor – E sem se importar que outra coisa pudesse acontecer se abraçou ao robusto corpo de seu marido.

As barreiras se derrubaram logo que a cálida pele de sua esposa entrou em contato com a sua. Derrotado, Adrian fechou com força os olhos procurando algum resto de determinação em seu interior.

– Adrian, seria difícil se fizesse o amor comigo agora? – sussurrou-lhe Margaret beijando brandamente seu peito.

– por quê? – perguntou Adrian enquanto sua contenção se diluía com o íntimo gesto.

– por que o que?

– Por que deseja que a tome se o detesta.

– Eu nunca disse algo semelhante – disse Margaret separando-se ligeiramente dele.

– Senhora, não trate de negar o que é óbvio, nunca desfrutou no leito.

Margaret entreceou os olhos, tratava de ignorar o delicioso prazer que sentia ao estar tão intimamente perto dele.

– Não lhe mentirei afirmando o contrário, mas isso, senhor, só significa uma coisa – grunhiu elevando-se nas pontas dos pés para lhe rodear o pescoço com os braços.

Adrian tratava de manter-se alheio ao abraço e mantinha os braços presos aos flancos.

– O que?

Margaret escondeu o rosto contra seu peito. Ali o coração do Adrian tinha adquirido um ritmo enlouquecido. Um suave sorriso se desenhava no rosto da jovem.

– Que no futuro deverá se esforçar mais.

Aquela singela declaração derrubou o débil amparo do guerreiro frente a aquela mulher. Com um grunhido, Adrian tomou o queixo de sua esposa



Caroline Bennett

esquadrinhando com seus olhos o feminino rosto. Foi só um segundo, antes de render-se por fim à paixão.

Margaret teria gritado de satisfação se os lábios do Adrian não houvessem tomado sua boca.

Foi um beijo brusco, carregado de frustração. A boca masculina apertou com força aos lábios femininos. A potência bruta de seu abraço a fez render-se por completo a ele e com um suspiro abriu a boca para recebê-lo.

Adrian recebeu a capitulação exultante sem ceder sequer um milímetro. Tomou de assalto o que lhe oferecia. Sua língua ávida mediu a boca feminina, saboreando o doce sabor de seus lábios.

Margaret, aturdida pela contundência do beijo, abriu os olhos e ficou nas pontas dos pés. O que devia fazer agora? perguntou-se, enquanto a língua do Adrian se esfregava insistentemente contra sua boca. Era óbvio que estava a ponto de perder o controle e isso a assustava e a maravilhava ao mesmo tempo.

Tímida ao princípio, moveu sua língua em resposta com um ligeiro roçar, mas com isso descobriu que adorava "esse roçar". Animada pelo descobrimento, intensificou o beijo e esta vez, sua língua não foi tímida para nada. Tomou parte ativa no beijo. Surpreso Adrian levantou a cabeça como se tivesse recebido uma descarga.

– Não deixe de me beijar – suplicou ela pendurando-se ao seu pescoço. O obedeceu beijando-a de novo, avassalando-a com sua paixão, abrasando-a em seu desejo.

Ambos se apertaram em um abraço sem fim, famintos um do outro.

Adrian repassou os suculentos lábios femininos com a ponta de sua língua tomando o tempo que sempre tinha desejado em sua exploração.

– Você gosta? – perguntou com voz rouca.

A jovem permanecia com os olhos fechados assentiu brevemente com um suspiro. Surpreso, Adrian baixou de novo a cabeça para percorrer com



Caroline Bennett

suaves beijos o teimoso queixo feminino. Lhe ocorriam mil e um lugares que beijar, mil e um lugares que tinha acrescentado a uma lista secreta. Suas pálpebras, ligeiros como asas de mariposa, sua frente Lisa e nobre, sua têmpora, as pequenas e delicadas orelhas gozavam agora de um encanto recém descoberto. dedicou-se a elas com esforço, as tentando com sua língua úmida primeiro e com tenros mordidas o lóbulo depois. Margaret estremeceu entre seus braços. Um golpe de exótico prazer a fez gemer e arquear-se pedindo mais.

– Tenho-lhe feito mal? – perguntou Adrian com voz grave. Seus olhos verdes brilhavam de preocupação.

– Não sei o que me ocorre quando me beija assim, Adrian, mas não é dor
– sussurrou ela extasiada.

O assentiu formalmente antes de seguir a exploração.

Descobriu que mordiscava seus ombros, ela se punha-se a tremer como uma criança ou se desenhava com sua língua círculos úmidos na base de seu pescoço, gemia como um cachorrinho desamparado. Faminto dela e de descobrir mais respostas se inclinou ligeiramente para tomá-la em braços.

Suspensa em seus braços, Margaret escondeu o rosto contra o forte pescoço masculino. Acariciou com ternura o cabelo ainda úmido.

– Leva-me para a cama?

Ele assentiu formal.

Depositou-a com grande delicadeza sobre o colchão antes de reunir-se com ela.

Como se não pudesse deixar de lhe tocar, Margaret se abraçou a ele com força. Suas mãos ansiosas percorreram a forte compleição de seus ombros, seu peito, para terminar entrelaçadas em sua cabeleira. Adrian apanhou uma delas para levar-lhe à boca e a obrigou a estirar os dedos; observou-os com concentrada dedicação, beijou-os um a um introduzindo-lhe na boca e fazendo rodar sua língua em torno deles.



Caroline Bennett

Agitada Margaret se retorceu contra ele. Sua camisola se elevou quando suas pernas trataram de enlaçar-se com as dele fazendo que a tensa virilidade descansasse diretamente sobre seu estômago nu.

– Tenho-lhe feito mal? – perguntou para ouvir seu gemido afogado.

O homem negou com a cabeça aproximando de novo seus lábios de sua boca.

– Não sei o que me provoca quando se aproxima assim, mas lhes asseguro senhora, que não é precisamente dor – disse conduzindo os dedos úmidos a sua masculinidade.

A jovem, ruborizada, escondeu a cabeça para ocultar sua vergonha. Mas Adrian não o permitiu.

Margaret não pôde evitar sorrir. Apoiando-se sobre um cotovelo observou com prazer o atrativo rosto masculino.

– deite, senhor, e feche os olhos – ordenou.

Adrian entrececeu os olhos sem saber muito bem o que fazer. Nunca antes tinha adotado um papel passivo em suas relações sexuais. Para ele, estar com uma mulher no leito se limitava a uma única coisa.

Mas Margaret estava disposta a descobrir um mundo novo.

Com timidez beijou primeiro as bochechas enxutas sem afastar sua mão de seu virilha.

– barba – lhe disse roçando seu queixo com os lábios, ali a barba de dois dias crescia com mais força.

– Você gosta? – perguntou.

Ela negou com a cabeça. Depois voltou a beijá-lo no pescoço esfregando sua mão em torno dele. Estimulou seu gogó com a ponta da língua antes de sugá-lo com boca.

– Bom Deus, mulher! O que me tem feito? – grunhiu elevando-a com brutalidade para tombá-la sobre o colchão.



Caroline Bennett

Margaret abriu a boca para protestar, mas a silenciou o som de sua camisola sendo rasgada. Adrian a tinha arrancado literalmente do corpo.

Como um faminto em busca de alimento, seus lábios descenderam até seus peitos. Sob sua boca, o mamilo coralino se endureceu quando Adrian o sugou brandamente. Sua mão massageou a tenra carne massageando contra sua palma. A alentadora resposta da jovem o apanhou por completo. Roçou com seus dentes o suave montículo, arrancando um grito da garganta feminina.

– Você gosta disto? – perguntou.

– Sim – gemeu ela aferrando-se a ele.

– Pois me diga, e isso, diga, Margaret.

– Eu gosto, Adrian! Por favor, não pare.

Não necessitou mais fôlego. Sua boca descendeu para atender o outro peito. Afundou a cabeça entre ambas as cúpulas para aspirar seu aroma com avidez. Margaret o rodeou com suas pernas, atraindo-o, deixando-o louco. Se a morte o tivesse levado nesse instante com sua escura presença, teria-a recebido de bom grau.

– Que mais você gosta? – perguntou enquanto acossava seus lábios com rápidos e úmidos beijos.

Margaret sofreu um súbito ataque de acanhamento, o qual lhe fez sorrir.

– Beijos.

– Beijos? – replicou ele elevando as sobrancelhas,

E ao ver que a jovem se negava a ser mais clara, beijou sua testa.

– Assim?

Um tanto desiludida Margaret assentiu, mas bem tivesse querido lhe assinalar exatamente onde queria esses beijos.

Adrian pareceu adivinhar o curso de seus pensamentos.



Caroline Bennett

– Ou melhor assim? – perguntou tomando de novo um de seus peitos com a boca.

– muito melhor...! – ofegou arqueando-se contra sua boca – OH, céus!

Continuou beijando-a, lhe percorrendo cada centímetro da pele exposta, deleitando-se com sua doçura. Nunca se tinha tomado tanto tempo em descobrir os desejos de uma mulher, pensou aplicando-se com entusiasmo à tarefa.

Sua boca descendeu até alcançar o oco de seu umbigo, ali pinçou com sua língua uma resposta atraído por sua doce curvatura.

– Assim? – perguntava.

– Sim, Adrian, assim – respondia ela entregue.

Mordiscou a suave pele estremecendo-se ao pensar que algum dia, aquele lugar, abrigaria um filho dele.

Sua boca riscou novos caminhos, passando pelo braço estendido da jovem, experimentado sua pele interna; ali a pele era mais clara, mais morna. Chegou até sua axila onde se deteve surpreso: todas as mulheres que tinha conhecido tinham pêlos ali.

– Não – gemeu ela afastando-se incômoda.

Adrian franziu o cenho, mas sorriu ao observar suas pernas. Tampouco nelas havia pêlos. Mais tarde lhe perguntaria as razões, no momento se conformaria as desfrutando.

A bordo do abismo: assim é como se sentia Margaret, incapaz de suportar o amontoado de sensações que tinham começado a concentrar-se entre suas pernas. O calor úmido que se desdobrava ali estava se tornando intolerável, e tudo o que podia fazer para mitigá-lo era arquear-se buscando uma maior aproximação ao tenso corpo de seu marido muito concentrado, nesse instante, em explorar suas pernas.

Quando seus olhos se encontraram de novo, muito pele separava suas bocas. "Amo-o", pensou entusiasmada antes de dar-se conta da direção que tomava a escura cabeça.



Caroline Bennett

Afogou um grito quando o sentiu lambar entre suas pernas enquanto seu corpo se retorcia em direção contrária. Bom Deus! Não era aquilo um pouco proibido? Adrian a manteve firmemente sujeita contra o colchão. Parecia resolvido a atuar e o faria.

– Não, espera... Adrian! – protestou ela, mas sua boca se posicionou de novo no vértice de suas pernas magras, medindo sua virilha.

O desejo o fez agir involuntariamente. Nunca antes lhe tinha ocorrido beijar a uma mulher entre as pernas. Tinha ouvido muitos homens alardear de que essa tática levava a loucura às mulheres, por que não prová-lo então? Nem louco teria tentado com uma prostituta, mas com Margaret...

– Abre as pernas, carinho. Elevou-lhe os quadris passando uma mão sobre as nádegas.

Margaret protestou vivamente sujeitando-o pelos cabelos e tirando-o freneticamente, levou-lhe uns segundos descobrir que lhe agradava senti-lo ali, até que ele afundou sua língua em seu interior, então, simplesmente o mundo se extinguiu a seu redor.

– me diga que você gosta – exigiu esfregando sua língua contra os carnudos e úmidos lábios.

– está bem, Adrian – ofegou – Não! não, por favor, não se detenha.

Uma sorriso iluminou o rosto masculino. De novo afundou sua língua em seus lábios, que a fez sentir estranhamente insatisfeita. Seu corpo exigente reclamava vorazmente algo que lhe era muito difícil de definir, próximo e longínquo ao mesmo tempo.

– Necessito mais – gemeu estirando-se para sua boca – Quero mais – Choramingou elevando os quadris para que ele pudesse penetrá-la com maior facilidade.

Quando o majestoso corpo do Adrian se elevou, Margaret se abriu para ele, oferecendo seu corpo, sua alma, seu ser, naquele rito carnal.



Caroline Bennett

Adrian se guiou para a entrada do canal penetrando levemente nele. Para exasperação da jovem se deteve ali, suspenso sobre seus fortes braços com o coração lhe retumbando nos ouvidos. Procurou a boca de sua esposa para beijá-la com ferocidade depois, seus quadris começaram a marcar um ritmo lento, pausado, desfrutando da sensual sensação de adaptação entre ambos corpos.

– me rodeie com as pernas – indicou entrecortadamente.

Ela obedeceu, lhe observando languidamente através das pálpebras entrecerradas. A tensão da paixão o fazia franzir o cenho como se conter-se absorvesse toda sua concentração; ela elevou a mão tratando de suavizar com os dedos seu gesto

– Sou tua, Adrian – disse em um sussurro – A partir desde momento minha alma lhe pertence.

E insistiu a aprofundar-se em seu interior, atraiu-o com firmeza entre suas pernas, lhe mordendo os ombros, arranhando suas costas.

E conforme suas investidas a enchiam mais e mais o prazer se intensificava, enrolando-a, lhe arrepiando todo o pêlo da pele.

A ponto de culminar, Adrian se refreou a si mesmo: a sensação era tão boa, tão incrivelmente boa, que desejava prolongar seu final até a eternidade. Mas então Margaret gritou seu nome arqueando-se estremeceu alcançando a ápice de seu prazer, um prazer que seu corpo lhe tinha ajudado a alcançar, disse-se com orgulho masculino. Pelas barbas de Satanás! Tinha o sangue tão quente que seu corpo arderia em chamas de um momento a outro.

Os leves estremecimentos da jovem o apanharam atraindo-o com firmeza a seu interior. Afundou a cabeça no peito de sua esposa para capturar um suave peito, sugou com cobiça o mamilo erguido lhe infligindo suaves estocadas com a língua. No que outra vida tinha sonhado fazer um pouco parecido? Começou a se mover com dura ferocidade, enterrando-se por completo no tenro corpo. Segundos depois, afogou um gemido enquanto o potente orgasmo o estremecia deixando-o débil e tremendo. Afligido, deixou-se cair sobre Margaret, esmagando-a contra os



Caroline Bennett

cobertores. respirando asperamente pela boca enquanto seu coração bombeava sangue freneticamente a todo seu corpo. Era aquilo morrer? Como podia sentir-se tão débil e forte de uma vez? Procurou com o olhar o rosto de sua esposa, não faziam falta as palavras: para ela a experiência também tinha sido místico.

Margaret despertou envolta nos braços do Adrian, sonolenta voltou a fechar os olhos enquanto desfrutava do calor que seu marido lhe proporcionava. Sob os cobertores ambos permaneciam nus e abraçados. A jovem abriu de novo os olhos ao sentir a boca de Adrian deslizar-se sobre sua nuca.

– Está acordada? – sussurrou lhe mordiscando uma orelha.

Involuntariamente seu corpo se estremeceu. Uma mão curiosa apanhou um de seus peitos e lhe acariciou o mamilo com seu polegar.

– Não – murmurou ela voltando-se entre seus braços para observar o rosto amado – Acredito que ainda estou sonhando.

Adrian depositou um quente beijo em seus lábios. Ela tinha uma expressão sonolenta e infantil.

– me conte esse sonho – disse enquanto sua cabeça descia até seu peito.

Margaret lançou um suspiro e afundou seus dedos no cabelo emaranhado de seu marido.

– Um dragão me raptava para me encerrar em suas habitações.

Adrian elevou a cabeça, em seus olhos brilhava de diversão e Margaret tocou surpreendentemente seu lado amável. Até o momento sempre o tinha mantido escondido com seus grunhidos e desprantes.

– contem-me tudo e não evite nada – De novo sua cabeça descendeu para acariciar com a língua o peito feminino.

Margaret estremeceu uma vez mais.

– OH, Adrian! por que demoramos tanto tempo em descobrir isto?

Os olhos verdes sorriram.



Caroline Bennett

– Medo, suponho.

– Eu não tinha medo de você... Bom, possivelmente sim, ao princípio. Deixa de rir. Está bem, reconheço-o! Se tivesse desaparecido deste mundo sem deixar rastro teria sido a mulher mais feliz do mundo, mas só durante os primeiros dias de nosso matrimônio – particularizou.

O rosto masculino adotou uma expressão séria.

– Acreditava que me odiava, que odiava meu contato– confessou.

A boca rosada se franziu em uma careta de chateio.

– Bom, não sempre lhe olhei com bons olhos, mentiria se lhe dissesse isso, mas o certo é que, face ao mal que me fez, não pude evitar me apaixonar por você.

Aquelas palavras encheram o coração do guerreiro. Aquele estranho sentimento que sentia por Margaret tomou forma e nome. Amava a Margaret, tinha-a amado desde que a viu a primeira vez no alto da escada, amou-a quando se atreveu a lhe criticar ante todos seus homens, por lhe aceitar tal e como era, amava-a porque nela tinha encontrado a sua alma gêmea.

– A verdade é que não me portei bem – reconheceu.

Margaret sorriu ao ver seu rubor, tão impróprio no guerreiro.

– Mas isso deveria te tranquilizar. Agora que conheço seu lado mau só me faz ficar mais e mais apaixonada do seu lado bom.

Adrian riu estrondosamente enquanto rodava pelo leito arrastando-a consigo.

– Nunca conheci uma mulher como você.

Margaret sorriu acomodando-se sobre o enorme corpo. Sentia as mãos cálidas do Adrian acariciando suas nádegas.

– Esta cama é muito pequena – se queixou ela tratando de separar-se dele.



Caroline Bennett

– Não – a contrariou referindo-se tanto a sua opinião sobre o leito como a sua intenção de afastar-se dele.

Margaret se rendeu com um suspiro.

– amanheceu faz horas – lhe sussurrou beijando-o no queixo.

Adrian gemeu. Estreitou o corpo feminino contra si assaltado por um sentimento distinto da paixão carnal. Aquela mulher o enchia de ternura, algo que tinha esquecido fazia muito tempo. O entristecedor conhecimento de seu amor por ela o afetava enormemente. Enchia-o de vida, de expectativas, de força.

– Margaret, não deixe de me abraçar – pediu estreitando-a contra seu peito.

A jovem se submeteu docilmente, depositando tenros beijos sobre seu pescoço.

– E agora me diga, o que a levou a invadir ontem à noite meu quarto?

Margaret se acomodou melhor contra seu corpo.

– Não suportava mais a incerteza que me provocava seu comportamento, queria saber quanto antes se na verdade me odiavam tanto como parecia. Quanto ao de me apresentar em suas habitações, tinha-o pensado fazia tempo, mas primeiro foram os ladrões que saiu a perseguir pelos caminhos e depois...

– Queria me seduzir desde então? – interrompeu-a consternado.

– Em realidade, comecei a considerá-lo depois do beijo na biblioteca,

– Eu também me senti frustrado nessa ocasião. E entenda, senhora, tive que me afastar de você pois corria o risco de ser violada.

– Mas já tinha compartilhado o leito comigo, ou já o esqueceste? por que ia importar tomar uma vez mais?

– Trate de me compreender, Margaret, pensei que seria como com qualquer outra mulher, mas não resultou assim. Cada dia lhe desejava mais e não estava disposto a me submeter a esse sentimento, pensava



Caroline Bennett

que me odiava. Não provenho de berço nobre e isso não o posso trocar. Desejava-lhe mais que a qualquer coisa no mundo e temia me fazer escravo desse desejo.

– Ambos somos vítimas desse desejo... e Adrian, nunca me importou de onde provinha, só me importa o homem. Estive a ponto de ceder em um par de ocasiões e o dar como caso perdido. Com seu comportamento não fazia mais que espantar qualquer sentimento tenro por minha parte. Mas debaixo de toda essa brutalidade achei em você um homem bom, nobre e justo.

– Um homem a que amar? – perguntou inseguro.

– Sim, Adrian. Não pude lutar contra esse sentimento, mas me ajudou o fato de que Eugen me contasse sua história. O que ocorreu a sua família foi terrível e depois o que teve que acontecer... – Ela fez uma pausa ante o tenso silêncio de seu marido – Graças a isso compreendi por que se comportava assim e decidi a lhe fazer trocar de idéia.

– Eugen lhe contou isso? – A suave entonação demonstrava o desagrado que lhe provocava essa notícia.

Margaret elevou o olhar para observar seu rosto. Acariciou com um dedo o cenho franzido até que este se dissolveu.

– Não se zangue com ele. Se ele não o tivesse feito, eu não estaria aqui lhe confessando meu amor.

Adrian lançou um grunhido baixo.

– Só por isso esse asno falador poderá viver uns dias a mais.

Margaret riu e se inclinou para lhe beijar os lábios.

– Acredito que ele tem razão depois de tudo.

– Como?

– É um cão ladrador mas pouco mordedor.

Adrian a fez girar até acomodar-se sobre ela.

– Demonstrarei que não é exatamente assim.



Caroline Bennett

E ato seguido se lançou a um ataque sensual sobre o corpo feminino. Margaret riu enquanto tratava de tirá-lo de cima.

de repente sua boca pareceu multiplicar-se, estava por todas as partes, sobre seus peitos nus, sobre seu estômago, em sua boca.

Ela elevou os braços para abraçá-lo contra si.

– me diga como conseguistes isto – perguntou ele acariciando levemente sua axila.

Margaret se ruborizou.

– O que?

– Não conheci a nenhuma outra mulher que possua uma axila tão sedutora.

Margaret se ruborizo ainda mais.

– Suas pernas são as mais suaves que acariciei em minha vida – assegurou enquanto acariciava a sedosa pele.

– E foram muitas?

O negou com um sorriso.

– Ah! Isso o explica tudo.

– Não explica nada – grunhiu ele afundando boca em sua axila. Ela tratou de afastar-se, mas ele a reteve.

– Cheiram a rosas – murmurou com a voz tomada.

Deixou-lhe fazer dividida entre o desejo de deixar-se levar e o pudor.

– A mãe do Alfred – esclareceu vencida pelo pudor.

– Quem? – perguntou ele levantando o fim a cabeça.

– Quero dizer, que foi a mãe do Alfred quem ensinou a minha mãe como conseguir umas pernas mais suaves; as mulheres judias e muçulmanas depilam o corpo com cera.



Caroline Bennett

– Ah! – franziu o cenho sem chegar a entender a razão, mas como o efeito dessa depilação o subjugava não perguntou mais.

Sua mão vagou pelo corpo feminino até situar-se entre suas coxas. Acariciou levemente o meio de suas pernas.

– Não posso deixar de te tocar, tornei-me viciado em sua pele e a seu aroma.

– O mesmo me ocorre – e para demonstrar-lhe lhe acariciou as nádegas e se apertou contra ele.

O homem gemeu roucamente. O coração tamborilou em seu peito agitado e ansioso. Ajoelhou-se entre as coxas de sua esposa elevando-a contra si. Margaret o abraçou com as pernas, enquanto ele deixava cair uma chuva de beijos sobre seu peito tenro, colocou-a sobre seu membro erguido e disposto, penetrando em seu interior com facilidade. Margaret se arqueou para saborear sua invasão. Unidos procuraram um ritmo, balançando seus quadris lentamente ao princípio, desenfreadamente ao final. O orgasmo sobreveio simultaneamente. Com o corpo tremendo e debilitado, Margaret abraçou a seu marido e descansou contra seu ombro.

Adrian a mantinha abraçando-a com força, enquanto tratava de recuperar a respiração.

Lentamente se deitaram de novo sobre os cobertores e ainda abraçados dormiram placidamente.



Caroline Bennett

Capítulo 14

– Ainda não desceram?

Lady Catelyn olhou com preocupação para a escada.

Lady Poynings negou com a cabeça, mas não mostrou a mesma preocupação que a viúva.

– se tranqüilize nada mal pode ter ocorrido.

Catelyn não pôde reprimir uma careta contraditória. Desconfiava de Wentworth, em seus encontros anteriores com sua senhora, ele tinha se mostrado brusco e grosseiro. Seria certo que Margaret tinha tentado uma aproximação? E de ser certo, que resultados teria tido?

Eugen desceu de dois em dois os degraus até chegar ao salão, onde todos lhe esperavam.



Caroline Bennett

– E? – perguntou Jules com o cenho franzido.

– está dormindo.

– Dormindo a esta hora? – grasnou D’Claire.

O cenho do Jules se intensificou.

– Isto é inaudito. Ele nunca permanece no leito tanto tempo, nem doente, nem ferido.

– Tem que ser grave, pois – elucubro D’Claire com os olhos obscurecidos pela preocupação. Mas ao ver o extenso sorriso de Eugen franziu o cenho

– Há algo que o divirta?

O escudeiro sorriu assentindo.

– Lady Norfolk tampouco está no salão – assinalou.

Jules olhou a seu redor para constatar esse fato.

– Ela também está doente?

– Doente? – exclamou Catelyn enquanto se aproximava rapidamente do grupo de homens – De que falam, bom Deus?

Como uma lebre rodeada por uma matilha de lobos Eugen ficou esquecido contra a parede enquanto levantava uma mão para acalmá-los.

– Lady Norfolk não está doente.

– Então te explique – exigiu Jules lhe agarrando pelo frente de sua camisa.

– Senhores, acalmem-se – ordenou Lady Poinyns – Estou segura de que o jovem escudeiro lhes dará uma explicação muito simples – disse com um sorriso também.

Três pares de cenhos franzidos se voltaram para ela.

– Eles estão juntos – resumiu Eugen.

– Juntos? – repetiu D’Claire, essas palavras não lhe esclareciam nada.



Caroline Bennett

– Eles dormiram juntos.

– E? – perguntou Jules mais desconcertado que antes, pois agora também Catelyn tinha começado a sorrir – Eles já dormiram antes juntos, é o normal entre os casados.

– Mas esta não é como as demais vezes – augurou Eugen picaramente – Acredito que estão tendo tempo para conhecer-se intimamente.

A luz se fez para D’Claire, que rompeu a rir.

– Demônios! De que modo se trata isso?

Eugen assentiu.

– Quer alguém me explicar? – pediu Jules carrancudo.

Lady Catelyn o olhou um pouco ruborizada.

– Acaso é muito velho para recordar o que ocorre no leito de um homem casado? – perguntou D’Claire zombador.

O comentário fez piscar ao tosco guerreiro.

– Eles... Eles estão...? – perguntou com voz afogada de uma vez que D’Claire assentia com a cabeça – Diabos! – E sem saber por que seus olhos recaíram sobre a doce figura do Catelyn que recatadamente olhava suas mãos entrelaçadas.

– Em qualquer caso, o melhor será não preocupar-se com eles, tratemos de nos entreter – indicou Lady Poinyngs animada.

Margaret deixou que Adrian a ajudasse a colocar bata. Apurada se penteou a emaranhada juba com os dedos enquanto Adrian a olhava com olhos atentos.

– Estou bem? – perguntou tímida.

assentiu inclinando-se ligeiramente para roçar seus lábios com sua boca.

– Não imagina quanto – sussurrou a seu ouvido com a voz rouca.



Caroline Bennett

Esse sensual som a fez estremecer. ruborizou-se fortemente ao olhar o leito desordenado onde momentos antes tinham estado juntos. Ao recordar o modo em que seu corpo tinha respondido às carícias de Adrian, um rosado tom se apoderou de suas facções.

– me acompanhem até meu quarto – pediu com voz fica.

Adrian sorriu ante o tímido comportamento de sua esposa. Momentos antes lhe tinha arranhado as costas lhe suplicando mais e agora... Soltou um suspiro pesaroso ao dar-se conta para onde se dirigiam seus pensamentos.

O jovem casal abandonou a quarto e se dirigiram até o outro extremo do corredor, em silêncio e de mãos dadas.

– Levarei em uns momentos – lhe assegurou ela quando chegaram ante a porta de sua câmara.

Ele cabeceou levemente antes de atraí-la para si.

Margaret se submeteu docilmente a seu abraço e com um suspiro recostou sua cabeça contra o musculoso peito.

– Demorará muito? – perguntou Adrian enquanto com um dedo acariciava seu queixo irritado.

– Não, tão somente tenho que me banhar e me vestir.

– Isso, querida é muito tempo – disse obsequiando-a com um de seus estranhos sorrisos.

– E você?

– Tenho que me assear – E passando uma mão pelo queixo – Também me barbearei.

– Minha pele agradecerá isso. Deixaste-me marcas por todo o corpo.

– Já com queixa? – inquiriu Adrian, alargou um braço para abrir a pesada porta de seu quarto.

Margaret negou com a cabeça sem querer separar-se de seu corpo.



Caroline Bennett

– De forma alguma. As marcas de seu corpo no meu serão um aviso no tempo que não esteja comigo.

Adrian a abraçou com força antes de beijá-la. Sua língua se introduziu avidamente na boca feminina. Margaret se aproximou mais e com um suspiro de felicidade abraçou seus quadris para estreitar-se intimamente contra ele. Quando Adrian a abraçava e a beijava desse modo nada lhe importava.

Adrian gemeu profundamente antes de separar-se da jovem.

– Entrem nesse quarto, senhora, ou não respondo por meus atos.

Contente com sua apaixonada resposta, Margaret se afastou um passo dele. Tinha descoberto que gostava de lhe provocar.

– É uma pena – suspirou e acomodou a bata sobre o peito, seus olhos azuis revisaram a figura masculina – Estava a ponto de lhe pedir que me ajudassem no banho.

Adrian sorriu pesaroso. Empurrou Margaret para dentro do quarto para depois segui-la.

A jovem olhou surpreendida a porta fechada às costas de seu marido.

– Temo que não poderei lhe ajudar devido ao estado que me encontro e do que você, minha travessa dama, é responsável – E ato seguido tomou a mão de sua esposa para colocá-la sobre sua virilidade cheia.

– Adrian! – sussurrou surpreendida tanto do gesto como do fato que estivesse novamente excitado por umas simples palavras.

– Sim? – perguntou avançando para ela com os olhos verdes obscurecidos pelo desejo.

Indevidamente o corpo de Margaret reagiu ante esse olhar. Seus mamilos se esticaram excitados e o meio de suas pernas se umedeceu.

– Detenha-se – exigiu sem nenhuma convicção.

Surpreendentemente ele o fez. Com um gesto desesperado passou a mão pelo cabelo antes de dar as costas a sua esposa.



Caroline Bennett

– Lorde Poynings está esperando há horas. E há assuntos que tenho que revisar com meus homens. Será melhor que lhe deixe agora ou não serei capaz de lhe deixar nunca.

Margaret sorriu tristemente. Abraçou seu marido pelas costas e afundou o rosto entre suas omoplatas.

– Vai senão, trancarei essa porta e morreremos juntos de amor.

Adrian se voltou para ela.

– Tornaste-me um animal faminto.

Beijou-a contendo-se e saiu do quarto.

– Verei-o quando acabarem.

– Tratarei de ser breve.

Adrian abriu a porta.

– Uma última coisa.

– Sim?

– Deve-me uma. Não foi justo me incitar dessa forma.

– Criei uma mania? – perguntou Margaret divertida.

– Sim, uma absoluta e irresistível mania. E Margaret: me penso cobrar isso.

– Promete-me? – perguntou ela adotando de novo um tom moderado e sedutor.

Adrian afogou uma maldição antes de fechar a porta.

Do outro lado Margaret riu.

Uma efervescente felicidade lhe subiu da planta dos pés até seu cocuruto. Dando rédea solta a aquele maravilhoso sentimento, abraçou-se a si mesmo e como se fossem os braços de um amante os que a abraçava, e começou a dançar por toda o quarto.



Caroline Bennett

Minutos depois, a porta se abriu para dar passagem a Catelyn. A viúva observou precavidamente o interior antes de decidir-se a entrar.

Margaret a recebeu alegremente, tirou-a das mãos e a arrastou até o centro da estadia para fazê-la girar com ela enquanto sorria.

Sua alegria era contagiosa e a dama começou a rir também contente por sua jovem senhora.

Depois, Margaret a abraçou e rompeu a rir.

– Por isso vejo que Lorde Wentworth lhe tratou bem.

Margaret riu de novo.

– Ele me tem feito a mulher mais feliz do reino.

– Então, tudo foi bem?

– Melhor que bem: amo-lhe, amo-lhe! – expressou lhe dando um sonoro beijo na bochecha.

Catelyn sorriu.

– Estava preocupada, todos lá embaixo nos perguntávamos se lhe tinha ocorrido algo.

As bochechas da jovem se ruborizaram profundamente.

– Pois como pode ver estou perfeita.

– Já vejo – suspirou Catelyn. – deixe que lhe peça um banho. Quer luzir formosa ante seu Dragão.

Margaret voltou a abraçar a seu amiga.

– Sim, ele é meu – afirmou.

– A ama pois?

– Sim – Mas um indício de dúvida atravessou a Margaret. Ele não tinha pronunciado nenhuma promessa de amor, tão somente de desejo mas não... Margaret desprezou esse pensamento, afastando o de si. Adrian a amava do mesmo modo em que ela o amava a ele. Não a abraçaria nem



Caroline Bennett

beijaria do modo em que o fazia se não fosse assim. Ela tinha escutado seu coração dizer as palavras que ele não tinha pronunciado.

Uma hora e meia depois Margaret revisava com cuidado seu aspecto.

Vestia um soberbo traje em veludo de cor berinjela e umas anáguas em cor neutra. Os punhos e o decote do vestido estavam bordados com fios chapeados.

Catelyn, detrás dela, observava contente a figura de sua senhora.

– Estou segura que Wentworth terá dificuldades para utilizar a língua quando lhe vir. Está tão formosa.

– Obrigado, Catelyn.

Margaret olhou seu perfil, primeiro um lado e logo o outro. Seu cabelo tinha sido trancado na parte superior caindo livre ao chegar aos ombros: o penteado lhe favorecia e lhe evitava ter que apartar-se continuamente o cabelo do rosto.

Os pequenos pendentes confeccionados com contas de cristal escuro contrastavam brandamente contra a palidez de sua pele. Impaciente revisou por última vez sua aparência antes de sair em pela porta seguida de perto por Catelyn.

Tão somente fazia uma hora que não via o Adrian, mas já se sentia impaciente.

– Ande de pressa, Catelyn – apressou a sua dama enquanto se lançava em descida vertiginoso escada abaixo.

Chegou ao salão principal sem fôlego e com as bochechas ligeiramente coloridas.

Lady Poynings, apostada perto da lareira, assistiu-a aproximasse agitando uma mão.

Margaret se aproximou para saudá-la enquanto seus olhos percorriam ansiosos o salão.

– Querida, ele não está aqui – lhe esclareceu a matrona.



Caroline Bennett

Margaret não pôde evitar não ruborizar-se profundamente.

– Não tenha vergonha, menina. Pelo brilho de seus olhos sei que tudo foi bem entre você e seu marido. E cabe acrescentar que seu marido tinha idêntico olhar.

Margaret sorriu ante as faiscantes palavras da mulher, esplêndida num veludo verde. inclinou-se para depositar em sua bochecha um suave beijo.

– Tenho tanta fome que comeria um javali – expressou.

Catelyn sorriu e a velha dama riu.

– Então ides alimentar-se, que não se diga que nesta Santa casa descuidamos a nossos convidados.

O resto da tarde transcorreu com pasmosa lentidão, em que pese a que Lady Poynings fazia todo o possível para amenizar a velada.

Em várias ocasiões, Lady Catelyn a surpreendeu olhando distraída para à porta. Não podia evitar sentir-se preocupada com o que Lady Poynings lhe tinha contado. Lorde Poynings tinha insistido que Adrian o acompanhasse em sua visita ao parlamento: como duque de Norfolk, Adrian tinha agora o direito de assistir. Mas Margaret temia que fosse objeto de algum desprezo por parte daqueles que não o tinham em boa estima a decisão real. Qualquer deles podia incitar com suas palavras o agressivo caráter do Adrian, e então... Margaret se retorceu as mãos ao imaginar as conseqüências de seu voluptuoso caráter.

A tarde chegou a seu fim e os criados dispuseram tudo no salão para o jantar que essa noite teria lugar. Enquanto, Margaret seguiu a Lady Poynings a suas habitações para admirar uma magnífica tapeçaria que ela mesma tinha confeccionado com delicados fios de seda, chegados do longínquo Oriente. Os minutos passaram enquanto ouvia a detalhada explicação de sua confecção.

Uma ligeira comoção chegou do piso inferior.



Caroline Bennett

– Vamos, querida, eles já chegaram – a apurou de repente a dama como se entretê-la tivesse suposto uma grande prova.

O coração da Margaret iniciou um amalucado palpitar enquanto seguia à dama escada abaixo.

Já na sala, procurou com o olhar a galharda figura de seu marido.

Adrian se achava rodeado por um grupo de homens. Margaret só pôde reconhecer a D’Claire, Jules e Poynings, outros lhe resultaram por completo desconhecidos.

Como lhe dava as costas, Margaret não podia ver seu rosto.

Indecisa em se aproximar sem precaver-se ainda do humor de seu marido. Para ter alguma pista observou os rostos do Jules e D’Claire. Ambos luziam um profundo cenho. Margaret revisou as expressões do resto dos homens. A riqueza de suas roupagens delatava sua origem nobre. Ao vê-los sorrir amplamente Margaret supôs que Adrian tinha sido objeto de alguma cruel brincadeira.

Com o cenho franzido os olhos da jovem procuraram lorde Poynings em busca de alguma explicação, mas este mesmo trazia por sua vez um extenso sorriso e assentia brevemente.

A fúria subiu até a garganta da jovem.

Não permitiria nenhuma brincadeira a costa de seu marido. Ele já tinha sofrido bastante devido às línguas atrevidas. Ela mesma imporiam ordem.

Como um cavalheiro com lança em riste, Margaret se adiantou com passo vivo até chegar à altura de seu marido.

Sua língua ardia ante o desejo de pôr a aqueles insidiosos em seu lugar. Um quantas palavras bastariam para fazer arder as orelhas daqueles rufiões, tal era sua ânsia protetora.

Olhou brevemente o rosto do Adrian, segura de encontrar ali um gesto feroz de contenção. Mas ele estava sorrindo com aquele maravilhoso sorriso inclinado que o fazia parecer dez anos mais jovem.



Caroline Bennett

Seu aspecto, imponente por si, acentuava-se graças às elegantes roupas que vestia: um camisa verde debruado de arminho a jogo com meias ajustadas a suas coxas e altas botas de couro negro. Sua espada pendurava licenciosamente de seus estreitos quadris.

Confusa, Margaret piscou. O que ocorria ali?

Adrian olhou profundamente a sua esposa quando esta se situou a seu lado. Admirou, contidamente, a elegante essência feminina que emanava dela. Quão mesma ele tinha descoberto a passada noite ao penetrar em seu miúdo corpo. Por um momento, temeu que ela se arrependesse do ocorrido a noite anterior, mas a fúria do rosto feminino se dissipou rapidamente para adquirir um tinteiro de confusão. A dama o olhou com o cenho franzido, e igual o faziam Jules e D’Claire. Como se o diabo desse procuração de seu corpo e luzisse chifres e rabo.

Adrian teve que reconhecer que era estranho, se não excepcional, vê-lo sorrir daquela forma. Mas o certo, é que não podia evitá-lo, não tinha podido evitá-lo desde essa manhã quando deixou Margaret em suas habitações.

Seu humor tinha aumentado ante as perguntas indiscretas do Jules e D’Claire (às que, é obvio, não tinha respondido). Limitou-se a sorrir desfrutando da confusão de seus homens.

Com um leve movimento de cabeça como única saudação, Adrian tomou a sua esposa pela cintura. O simples contato o fez estremecer.

– boa noite, esposa – expressou sustentando-a meigamente contra si – Deixe que vos apresente a tão ilustre companhia.

Margaret observou os rostos desconhecidos em busca de alguma evidência de inimizade.

Mas os homens sorriam, alguns com ligeira curiosidade, outros com manifesta admiração.

– Querida, apresento-lhe Lorde Edward Walpace, Lorde Horace Gibbon e Lorde Chandes Crapton. Todos eles amigos íntimos de nosso Lorde Poynings.



Caroline Bennett

Margaret estendeu uma mão para o tradicional beija-mão enquanto inclinava a cabeça educadamente.

– me deixe lhe felicitar. Lorde Norfolk, por tão fabulosa aquisição. É sem dúvida o homem mais afortunado do reino.

– Estou de acordo com você, Edward. Tive ocasião de conhecer a anterior duquesa, uma dama formosa sem dúvida, mas a beleza de sua filha cegaria inclusive na escuridão.

Margaret rompeu a rir ante aqueles elogiosos. Adrian fazia bons miolos com aquele grupo. Lady Poynings se aproximou também a saudar e lhes assinalar que o jantar seria servido breve.

Sentada junto a D’Claire e Lorde Crapton, Margaret tratou de não parecer curiosa a respeito das atividades de seu marido essa tarde mas finalmente, ao vê-lo conversar tão relaxadamente, a curiosidade acabou por possuí-la.

– me diga, Milord, no que ocupou as horas junto a meu marido? – perguntou aceitando uma parte de veado cortado com especial mestria por D’Claire.

Lorde Crapton aparou o elegante bigode: em que pese o dobro da idade parecia não ter inconveniente em paquerar com ela.

– Ah, minha jovem pomba! É curiosa como o resto das mulheres. me deixe esclarecer que não houve nada turvo nos negócios acordados hoje por seu marido – repôs o homem com um brilho pícaro em seus olhos castanhos.

Margaret sorriu, recebendo do outro extremo da mesa a divertido olhar de Adrian.

– Não duvido das boas artes de meu marido para os negócios, senhor, mas me diga, sobre o que versaram esses negócios?

Ante a pergunta direta da mulher. Lorde Crapton abandonou sua libertina atitude para adotar uma pose menos afetada.



Caroline Bennett

- Seu marido esteve comentando as grandes possibilidades de Norfolk: o negócio da lã pode ser rentável e próspero se bater as portas adequadas.
- E a sua é uma dessas portas?
- Assim espero milady – riu o homem.
- Dedicar-se ao negócio dos tecidos? – perguntou Margaret.

Lorde Crapton não deixava de ser um nobre e era estranho (e até estava mal visto) que um nobre se dedicasse a misteres de vilãos e mercados.

- Estranhamente sim, e tenho que lhe dizer que nenhuma outra atividade de berço nobre contribuiu tantos lucros.
- Interessa-me ouvir tudo o que tenha para contar, milord – afirmou Margaret, e apoiou o rosto sobre sua mão em atitude de interessada interlocutora.

Lorde rompeu a rir.

- É uma raridade entre as de seu gênero: pelo geral só querem receber adulações dos lábios de um homem. Em troca, você morre para ouvir um aborrecido monólogo sobre tecidos e panos.
- Nada pode soar mais doce a meus ouvidos, e se quer seriamente conquistar meu interesse, é melhor que fale.

De novo o homem riu.

- Cuidado, Wentworth – disse elevando a voz – Poderia decidir que sua bela esposa é minha alma gêmea e roubá-la na escuridão da noite.

Adrian cravou no jovem um olhar carregado de sensualidade, detendo-se longamente em sua doce boca.

- Teria que inventar um bom ardil para me tirar do leito onde a mantere sob minha pessoal e permanente custódia. Nem a promessa de cem carretas carregadas de ouro me faria abandonar tão paradisíaco lugar.

Os homens romperam a rir, mas Margaret foi incapaz de fazê-lo, apanhada como estava na sensual promessa dos olhos verdes.



Caroline Bennett

A promessa se fez realidade quando Adrian a convidou horas depois a retirar-se a suas habitações. Margaret aceitou o galante braço de seu marido despedindo-se com um sorriso.

– Senhores – anunciou com voz grave – Mesmo desfrutando de sua agradável companhia, tenho que pôr fim a tão alegre conversa. Acredito que saberão compreender minhas razões.

– Vá, lorde Wentworth, duque do Norfolk e Norwich. Acompanha-lhe nossa compreensão – se despediu Lorde Walpoce – E nossa total inveja. Outros riram com ironia. Adrian exibiu seu melhor sorriso enquanto colocava a mão de uma acalorada Margaret sobre seu braço.

– Uma última coisa, senhor. Recorde que depois de amanhã terá lugar a recepção real. É urgente que apresentem seus créditos ante o conselho real – assinalou Lorde Poynings.

– Farei sem falta amanhã há primeira hora, senhor – assentiu Adrian enquanto acompanhava Margaret até a escada.

Os olhos azuis lhe olhavam com indubitável curiosidade. Adrian se conteve admiravelmente para não espreme-la entre seus braços e lhe devorar a boca.

– Esta manhã não comentou nada sobre sua escapada a corte – reprovou brandamente enquanto pisava no primeiro degrau.

– Para falar a verdade, foi impossível fazê-lo: Lorde Poynings me apressou a acompanhá-lo logo que pisei no salão. Impaciente como estava por partir não pude subir a seu quarto. Em realidade, pensava que nossa visita a corte seria muito mais curta – lhe explicou ele diligente.

– De qualquer modo, me alegro que o tenham feito em companhia de Poynings. São muitos os que lhe têm em grande estima, inclusive o rei confia nele para os temas mais delicados – a jovem suspirou – Temia que tivesse despertado a ira dos invejosos, estava preocupada – confessou com voz trêmula.



Caroline Bennett

Adrian franziu o cenho: não estava acostumado a ser o objeto da preocupação de outra pessoa, mas a sensação lhe pareceu agradável. Era um sentimento de pertença que nunca antes tinha experiente.

- Não tem por que se preocupar, amor, sei me cuidar sozinho.
- Repete isso – exigiu Margaret detendo-se para olhá-lo com um sorriso.
- O que? Que não tem por que se preocupar? – perguntou confuso.
- Não, tolo, o outro.

O jovem sorriu ao compreender a exigência de sua esposa.

- Quer que repita que é meu amor? Meu lar? Minha vida inteira?

Os olhos azuis da mulher brilharam intensamente enquanto se inclinava nas pontas dos pés para se pendurar no pescoço masculino.

- o amo – declarou com um suspiro.

O tempo de contenção se acabou para o Adrian. Com um gemido atraiu para si o magro corpo. Sua boca cravou na da Margaret um beijo duro, exigente, cheio de vida.

A respiração da Margaret se agitou enquanto a língua do Adrian repassava o contorno de seus lábios.

- São como uma fruta, suculentos e suaves ao paladar – sussurrou ele com a voz enrouquecida. Ato seguido afundou seu rosto no pescoço feminino inspirando brandamente.

As pernas ameaçavam dobrando-se de um momento a outro. Margaret sabia que, seguindo desta maneira, perderia a razão e então nada lhe importaria. Inclusive ser surpreendidos em uma escada.

- Vamos ao meu quarto – indicou-a com voz trêmula.

Adrian levantou brevemente a cabeça para assentir.

Seus movimentos bruscos manifestava seu desejo por buscar um pouco de intimidade o quanto antes.



Caroline Bennett

A porta cedeu com suavidade à mão de Adrian. Beijando-se e acariciando-se entraram no aposento sem precaver-se que este se achavam já ocupado.

– Deus Santo! – O grito afogado de Eugen os fez separar-se de um salto.

– Que diabos...? – As palavras do Adrian morreram em sua garganta ao olhar para o leito. Ali, embaixo dos finos cobertores de pluma e suaves almofadões de linho, achavam-se os nus corpos do Alfred e Eugen.

Margaret, tão surpreendida como Adrian, piscou para clarear a vista e as idéias. Em realidade, não foi preciso um exercício de muita lógica para adivinhar o que estava ocorrendo entre ambos quando eles entraram no quarto.

Alfred escondia o rosto sob os cobertores, profundamente envergonhado. Eugen, a seu lado, refletia uma palidez extrema.

Adrian parecia não dar crédito ao que via, Margaret sentia sua respiração agitada. A tormenta se aproximava e o melhor era atuar com naturalidade para evitá-la.

– Lamento muito a interrupção – gaguejou sentindo que a vergonha a abandonava atrás dessas breves palavras – Me esqueci de que agora o quarto é ocupado por você, Eugen. Perdoem-me, por favor, não se incomodem por nós. Podem seguir com... Quero dizer, que nos retiramos... OH, Deus bendito! – Olhou para Adrian em busca de apoio, mas este a olhou com incredulidade e assombro – Vamos – acrescentou puxando seu braço.

Adrian cravou um último olhar em Eugen antes de deixar-se arrastar fora do quarto.

Já a salvo no corredor, Margaret apoiou sua ruborizada bochecha contra a fria superfície da parede.

– OH, Meu deus! – repetiu segura de que a vergonha lhe impediria de voltar a olhar os dois novamente.



Caroline Bennett

– Por todos os demônios do inferno! Meus olhos viram o viram? –
grasnou Adrian apontando com a mão para a porta.

Margaret o olhou com uma careta.

– Inferno e condenação, esse par... esse par de maricas estavam pulando
em sua cama! – resmungou indignado.

– Sshhh, baixa a voz, poderiam te ouvir – suplicou Margaret, olhando
angustiada a porta fechada de seu quarto.

– Que me ouçam! E que me queimem vivo se pronuncio isto alto!

O melhor era afastá-lo do lugar "do crime" e acalmar a ultrajada honra
de Adrian em lugar seguro.

– Vamos a suas habitações – suplicou encaminhando-se para o outro
lado do corredor.

Com as mãos nos quadris, Adrian a olhou indeciso, duvidando entre
seguir ou entrar de novo no quarto para aplicar a ponta de sua bota
contra os brincalhões ocupantes. Finalmente, decidiu-se pela primeira
opção. Já haveria tempo para o assassinato.

Margaret se deixou cair sobre uma das cadeiras dispostas perto do
quarto e observou com resignação o agressivo semblante do Adrian.

– Por São Joaquin e Santa Ana! Aonde vai o mundo? É não existe um
mínimo de dignidade? – expressou furioso enquanto se mexia o cabelo.

Margaret o olhou com receio.

– Vamos, Adrian, não me fará acreditar que isto te pega de surpresa.

– É obvio que me pega de surpresa – soprou passeando-se de um lado a
outro da estadia.

– Quer dizer que nenhuma vez tinha notado a inclinação de seu
escudeiro?

Adrian deteve seu inquieto passear para olhá-la com o cenho franzido.

– Está de seu lado! – acusou-a.



Caroline Bennett

- Por Deus todo misericordioso! O que quer dizer?
 - Que o que quero dizer? – uivou Adrian indignado – Esse par de... "donzelos" estava deitados em sua cama e eu nem sequer sabia que eles... que Alfred...
 - Ah! entendo – admitiu Margaret sorrindo fracamente. Aproximou-se de seu marido e lhe acariciou o rosto com delicadeza – O que te incomoda é não te informado antes do romance.
- Adrian negou fracamente com a cabeça, mas finalmente cravou no jovem um olhar confuso.
- Você sabia?
 - Bom, eles nunca me disseram isso, mas há coisas que é impossível esconder.
- Adrian suspirou pesadamente.
- Sou um estúpido.
 - Não, não o é. Só te incomoda ter sido o último, a saber.
 - Não é só isso o que me incomoda, querida. Duvido que algum dia possa me recuperar dessa cena. Por Deus! Um escudeiro maricas e um judeu na mesma cama. O que mais?
 - Não amaldiçoe desse modo, Adrian, não é correto – lhe repreendeu Margaret sem poder evitar sorrir – Se querem me enganar não o conseguirá, sei que adora a esse menino – e quando ele começou a mover a cabeça de um lado a outro, acrescentou – Por muito que grite e negue. Sei que incomodou tanto dar conta do que ocorria diante de seus próprio nariz.
- Adrian franziu o cenho. Não se dignou a reconhecer essa afirmação; em vez disso se limitou a aproximar de Margaret.
- É incrivelmente ativo – assinalou ela deixando-se abraçar.
 - Estou em meu direito. Sou o duque do Norfolk nada mais e nada menos – grunhiu ele – me Beije para que possa apagar de minha mente



Caroline Bennett

os últimos dez minutos – exigiu – Cada vez que fecho os olhos vejo esse par deitado entre os lençóis. Não poderei me recuperar jamais, juro-o – e acompanhou suas palavras de um ostentoso calafrio.

A risada da Margaret brotou alegre.

– É impossível tratar contigo – se queixou, e seguidamente ficou nas pontas dos pés para depositar um doce beijo na comissura de seus lábios. Depois o olhou atentamente, mais séria – Realmente te incomoda os dois? – perguntou um tanto insegura. Nem todos tinham em bom conceito do amor entre homens. A Igreja o tinha proibido e condenava com o inferno aos que o praticavam.

Em troca, para a Margaret o amor entre homens era uma expressão a mais do amor de Deus. Suas palavras tinham sido "lhes amar os uns aos outros"; não via, por que não fazê-lo.

– Não – reconheceu Adrian finalmente – Não sou ninguém para julgá-los. Eu mesmo fui julgado pelo que sou, não cometerei o mesmo engano. Sempre aceitei a forma de ser de Eugen e não o acusarei de seguir suas próprias idéias. Mas ele é um tanto amalucado. Corre riscos desnecessários.

Margaret se inclinou para beijá-lo com fervorosa admiração.

– Sabia que tinha um bom coração, milord, mas não suspeitava que fosse tão generoso.

Beijou de novo a boca do homem que, um tanto surpreso, aceitou aquela amostra de afeto.

– Amanhã mesmo terei uma conversa com Eugen – indicou.

– Se lhe interessar, Alfred é um bom menino. A verdade é que nunca suspeite dele. Cresci junto com ele e nunca vi nele nenhuma inclinação suspeita. Lembrava que seu pai o animava a tomar uma esposa. e que sempre se negava, agora compreendo por que. Acreditei que devia ser sua condição como judeu. As leis se endureceram para eles nos últimos anos. Mas ao que parece conhecia seus próprios sentimentos – expressou.



Caroline Bennett

Aliviava-lhe saber que Alfred não estava sozinho. Ele sempre tinha sido um solitário devido a sua religião. Uma religião que tanto Margaret como Alfred tinham tratado de manter em segredo por sua própria segurança.

– Então, também falarei com ele. É necessário que alguém lhe advirta de que devem tomar cuidado. Ambos poderiam correr perigo se os descobrissem. Por Deus! Qualquer um poderia ter entrado nesse quarto e havê-los surpreendido.

Adrian falava completamente sério. Parte de seu aborrecimento se devia a aquele "descuido" e, como muito bem havia dito Margaret, sentia certo afeto pelo moço. Virtualmente o tinha criado!

– Se serve de consolo, acredito que Alfred vai ser uma boa influência para ele.

– Eugen é um louco. Nem eu pude lhe inculcar um pouco de sentido comum – se queixou.

Margaret sorriu de novo.

– Meu único lamento de tudo isto é não poder ocupar meu quarto. Tinha imaginado várias possibilidades naquele enorme leito – declarou simulando decepção.

Adrian elevou uma sobrancelha.

– Está de parabéns. Minha imaginação também esteve trabalhando febrilmente em como cobrar o desta manhã.

E sem nenhuma outra explicação, sua cabeça descendeu para apoderar-se agressivamente dos lábios femininos.

– tire a roupa – sussurrou com a voz rouca.

Margaret obedeceu torpemente, Adrian a ajudou com as cintas de seu vestido antes de dedicar-se a lutar com suas próprias roupas. O desejo galopante que corria por suas veias o deixava ansioso. Conseguiu tirar as meias a puxões enquanto Margaret se desfazia de suas anáguas.

– fique só de calcinhas – pediu Adrian quando ela se dispunha deslizaria quadris a baixo.



Caroline Bennett

olhou um tanto envergonhada, finalmente apartou as mãos do tecido para observar a seu marido.

Os olhos azuis percorreram as musculosas formas com admiração. Jamais se acostumaria a um corpo semelhante! E jamais conseguiria saciar-se dele!

Margaret tragou saliva ao dar-se conta do efeito que causava seu marido em seu corpo: bastava um olhar, um gesto... para que o úmido inferno se desatasse em seu interior.

Esperou com o corpo trêmulo desejando poder estirar uma mão e acariciar suas nádegas firmes. Quando havia se tornado uma mulher tão volúvel? tão desejosa do prazer carnal?

Com extrema suavidade Adrian se aproximou. Seus olhos verdes, obscurecidos pelo desejo, fixaram-se no rosto aristocrático de sua esposa. Sua respiração se tornou errática e as mãos lhe tremeram, mas aquilo não era debilidade, tinha descoberto que ao entregar-se a Margaret se voltava o homem mais capitalista da terra. Envolveu-a em seus braços meigamente.

Margaret sentiu seus lábios percorrer o pescoço, aspirar seu perfume enquanto suas mãos se enterravam em sua juba. Elevou o rosto apoiando o ouvido contra seu peito escutando os fortes batimentos do coração, de seu coração.

– Abre as pernas – exigiu Adrian.

Margaret afogou uma exclamação ao sentir a coxa do Adrian entre as suas, a fricção com esse membro a deixou mole. Afogou um gemido enquanto se entregava totalmente à sensação.

– Está úmida – indicou agitado ao sentir o tecido úmido de suas calcinhas.

Aquela afirmação a fez avermelhar, seu corpo reagia com vontade própria quando se tratava de Adrian. Inspirou fortemente para impor-se um pouco de controle, mas a fricção com sua pele cálida a fizeram perder qualquer sentido da realidade.



Caroline Bennett

Adrian lhe apalpou as nádegas, o roçar da seda contra suas mãos lhe pareceu extremamente sensual. Atraiu o corpo feminino contra sua virilidade enquanto balançava brandamente os quadris.

Aquela dureza plena se apertou contra seu estômago fazendo-a participar de seu desejo. Recordou a animada resposta de Adrian à noite anterior quando o tinha acariciado ali. Com um movimento decidido, sua pequena mão abriu passagem entre os corpos até apanhá-lo.

Adrian afogou um gemido ao sentir os dedos de sua esposa agarrando-o.

– Margaret! – exclamou.

– Quero saber o que é o que lhe dá prazer. Você gosta se o acaricio assim? – sussurrou-lhe muito perto de seu ouvido enquanto sua mão percorria de novo seu membro dolorosamente ereto.

– Não se trata disso... – expressou com voz afogada.

– Não pensei que fosse assim, como a seda – lhe confidenciou acariciando com seus dedos a ponta do membro. Uma gota de umidade apanhou seu interesse. Sua mente começou a trabalhar vertiginosamente. O que ocorreria se ela se inclinava e provasse seu sabor com a boca? – Me ocorre um modo de pagar minha dívida, se me deixar – lhe anunciou docemente deslizando-se sobre seus joelhos

– Margaret? – Um ligeiro tremor tingia sua voz enquanto olhava a cabeça de sua esposa.

Margaret lambeu docemente o membro masculino rodeando-o com sua língua.

– Pare – gemeu Adrian; apertou os punhos.

Margaret o ignorou para lançar um novo ataque percorrendo toda sua extensão antes de introduzi-lo por completo na boca. Adrian inspirou violentamente, como se tivesse recebido um coice. Contente com sua reação entregou-se emocionante a tarefa de dar prazer a seu marido.



Caroline Bennett

Cambaleante, Adrian se deixou cair sobre o leito, proporcionando a Margaret uma melhor posição para seu encargo. Sua boca brincalhona circundou acariciando com sua língua a glândula.

– Por todos os infernos! Onde aprendestes isso? – grasnou ele.

De um brusco puxão a colocou sobre o colchão fazendo-a cair sobre seu estômago e tomando posição atrás dela.

– Fique quieta – exigiu plantando a mão sobre suas costas quando tratou de voltar-se.

Obedeceu a curiosa sobre aquela nova possibilidade.

Suas calcinhas foram arrancadas.

– O que quer que faça? – perguntou afogada de prazer.

– fique de quatro, como uma gata.

A jovem lançou um olhar sobre seu ombro. O que se propunha aquele homem agora? Seu sorriso travesso não esclarecia muito a respeito.

Finalmente, a própria Margaret acabou por descobrir quando naquela posição Adrian a penetrou. Seu corpo encontrou o ângulo correto para proporcionar prazer a ambos. Com candentes movimentos seus quadris incursionaram uma e outra vez em suas profundezas arrancando da jovem, gritos de prazer.

– Você gosta assim, milady? – perguntou com voz rouca enquanto se retirava lentamente no momento crucial. Margaret se contraiu desesperadamente tentando atraí-lo a seu interior novamente – Muito brusco para seu gosto, possivelmente? – perguntou lhe agarrando os peitos. Seus dedos hábeis mediram seus mamilos beliscando-os fracamente. Margaret lhe respondeu com uma choramingo frustrado.

– Vamos, mulher, me diga se você gosta ou não.

– Não – ofegou Margaret olhando-o por cima do ombro – Vai me matar senão continuar.

– Está melhor assim? – brincou ele penetrando-a completamente.



Caroline Bennett

– OH, Deus! Sim! – gemeu ela arqueando os quadris para recebê-lo melhor.

Não durou muito, apenas uns minutos, mas o estalo daquele reencontro os deixou deslumbrados e convencidos de seu amor mútuo.

Mais tarde, já recuperados, Adrian atraiu o corpo da Margaret contra seu peito para depositar um casto beijo sobre sua têmpora.

– Tinha imaginado fazer isto desde que lhes conheci – lhe confessou.

– Que mais costuma imaginar? – perguntou brincalhona.

Adrian riu brandamente enquanto se estirava para alcançar os cobertores. Os olhos ávidos da jovem o seguiram devorando cada movimento. Agasalhou a ambos para depois abraçá-la com força.

– Tantas coisas que não poderia relacionar em uma só noite.

– Então, é melhor que descansemos. Amanhã será um dia especialmente duro.

Adrian elevou uma sobrancelha enquanto acomodava a sua esposa a seu corpo.

– E se pode saber o motivo?

– Sua visita a corte – recordou – decidi tomar sob minha tutela. Tratarei de te ensinar as normas básicas de comportamento. Há muito que aprender e um dia não bastará.

Adrian deixou escapar um bufado ofendido.

– estive na corte e até o momento sobrevivi.

– Sim, mas quando o fez não levavam o nome de Norfolk a suas costas. Sua obrigação como duque de Norfolk é dar a conhecer...

– Basta, senhora! Têm a habilidade de me convencer do mais absurdo.

Margaret se voltou entre seus braços.

– Vamos, ponha melhor cara, não será tão ruim. Um par de lições básicas – lhe animou.



Caroline Bennett

– Merda!

– Ou possivelmente mais – suspirou lhe beijando na garganta.

Adrian franziu os lábios com desagrado.

– Será divertido – predisse tratando de lhe convencer.

Não, não seria divertido. Margaret se daria conta de uma vez por todas do rústico e sem educação que era. Não seria agradável mostrar essa parte de sua personalidade quando ele mesmo se envergonhava dela.

Não podia ter estado mais equivocado. Adrian jamais se divertiu tanto tendo como acompanhante sua jovem esposa através das lotadas ruas de Londres enquanto atendia a suas indicações.

Retornavam de uma distendida incursão aos mercados dos artesãos acompanhados de seus anfitriões na cidade, parte de seus homens, incluindo Eugen e seu "noivo", Catelyn e alguns amigos dos Poynings.

O corajoso grupo avançava chamando a atenção de mendigos e pedintes profissionais que viam neles uma possível fonte de arrecadação. Em uma das praças, as mulheres se detiveram para escutar o divertido relato de um historiador, elogiando as virtudes de Enrique e seu afã por casar a Ricardo com a filha primogênita dos reis da Espanha. As palavras eram acompanhadas de uma modesta representação, que com seus gestos grotescos arrancava as gargalhadas dos espectadores. Depois da representação recolheram as moedas jogadas.

Margaret exortou ao Adrian para que fora mais generoso.

– É um sinal de poder e opulência, e fala bem da generosidade de Norfolk – lhe sussurrou ao ouvido – Mas não se exceda.

Adrian riu, em outros tempos, aqueles difamadores não teriam obtido dele mais que alguns chutes, mas seu comportamento havia mudado notavelmente nos últimos dias. Que diabos! com ânimo jubiloso podia tolerar inclusive aquelas doninhas.

Afrouxou a bolsa com alegria e arrojou umas moedas ao chão. Uma massa de corpos se jogou sobre elas avidamente.



Caroline Bennett

Com uma sobrancelha elevada, Adrian observou a Margaret, que aprovou seu gesto com uma leve afirmação.

– Não vejo nada piedoso nisto – afirmou enquanto jogava uma última olhada a disforme massa de membros retorcendo-se sobre o lodo.

Margaret se encolheu de ombros ligeiramente. Inclinou-se para lhe confessar.

– Pode ser, mas na próxima vez que realizarem uma representação onde você seja o protagonista lhe tratarão com generosidade.

A expedição retornou ao lar dos Poynings justo para sentar-se para jantar.

Com o passar do dia, Margaret lhe tinha indicado qual devia ser seu comportamento nas diferentes situações nas que se encontravam, em especial em seu trato com uma dama. Assim, devia retirar a cadeira quando esta fosse sentar-se (recordou, esperando de pé atrás dela para acomodá-la), não dizer palavras malsoantes em sua companhia, levantar-se quando ela o fizesse sentar-se quando ela o fizesse... ah! e servi-la diligentemente as melhores porções do jantar. Conversar de temas galantes, elogiar seus atributos... Por Deus, aquilo era uma estupidez! Se a dama em questão resultava ser um elefante pouco ia poder elogiar ele seus atributos. A questão era que tinha desfrutado e para sua surpresa e deleite, era capaz de recordar todas e cada uma dessas estúpidas recomendações e levá-las a cabo com majestosa mestria, como se as tivessem inculcado desde menino. A cortesia não formava parte dele, mas devia reconhecer que não lhe era difícil mostrar seu lado gentil em companhia da Margaret.

O tangido do alaúde se mesclou com a alegre conversação dos comensais.

– Atrevem-se a dançar? – perguntou Margaret travessa.

A verdade é que Adrian não merecia isso, tinha tido um dia duro. E devia recordar-se que apenas umas semanas antes aquele homem era o mesmo que ela tinha pontuado de mal educado e déspota. Voltando para



Caroline Bennett

esse dia, teve que conter um sorriso ao recordar a desamparada expressão do Adrian ao memorizar todas e cada uma daquelas recomendações que todo gentil homem devia desenvolver ante uma dama. Mas longe de intimidar-se, Adrian a enfrentou com espírito decidido. Ocasionalmente cometia algum engano, mas como aluno aplicado aprendia com seus enganos. Ao finalizar o dia, ninguém poderia ter reconhecido atrás do cortês comportamento de seu marido ao cruel Dragão.

– Nunca me dei bem, mas eu gostaria de tentá-lo.

O sorriso da Margaret se ampliou.

Com uma desenvoltura inaudita Adrian ficou em pé e depois de uma galante reverência lhe retirou a cadeira para depois lhe oferecer seu braço. Margaret apoiou uma mão sobre seu forte braço, e ato seguido sentiu um golpe de prazer e orgulho ao fazê-lo.

- Acredito que me prefiro grialhão e mal-humorado – murmurou ao observar sua galharda imagem; as mulheres da corte se lançariam sobre ele como galgos sobre a lebre. Se ele mostrasse seu humor habitual ao menos se manteriam em boa segurança.

– me diga o que tenho que fazer – pediu Adrian ao chegar ao lugar onde outros casais desenvolviam uma intrincada dança.

Margaret tomou ar enquanto franzia o cenho para recordar todos e cada um dos passos daquela dança em particular. Não lhe atraía o baile especialmente, mas era uma obrigação social e só ocasionalmente tinha desfrutado dele. Mas com Adrian a didática experiência se convertia em sensual. repetiu mecanicamente os passos que Margaret lhe ensinou. Um segundo depois podia executá-los com igual soltura que um bailarino consumado. Melhor ainda, porque seu corpo executava com cada um de seus movimentos uma sensualidade impossível de ignorar. Cada vez que seus quadris se roçavam ou seus peitos chocavam uma chuva de faíscas parecia desprender-se de ambos.

Outros convidados gostando muito de sua exibição os rodearam e bateram Palmas para animá-los.



Caroline Bennett

– Vê, senhor? não é tão difícil – ofegou Margaret com as bochechas rosadas e a respiração agitada pelo esforço.

Sua juba solta se agitava a suas costas como um suave manto de seda, sua pele cálida brilhava sob a luz das velas.

– Como que não! – grunhiu Adrian – Estou tendo severas dificuldades com minhas meias – lhe confessou entre um passo e outro.

A declaração a fez confundir o passo e se não tivesse sido pela rápida intervenção de Adrian teria caído ao chão.

Olhou incrédula essa parte de seu corpo oculto pela camisa. Adrian luziu um sorriso picante.

– Lhe ocorre alguma solução? – perguntou com voz suave. A pergunta vinha acompanhada por uma sensual aproximação.

Gravemente turvada, Margaret olhou a seu redor. Finalmente, lhe ocorreu uma brilhante idéia.

– Me ocorre algo a respeito, milord – assinalou com expressão maliciosa.

Adrian acreditou intuir qual seria essa idéia. Com um sorriso mais amplo aproximou de novo seu corpo ao de sua esposa.

– qual é?

Para sua surpresa Margaret se desprendeu de seus braços para fazer um sinal que tomasse (e isso era descrever com cortesia sua ampla figura) esposa de Lorde Walpoce. A mulher caminhou energicamente até o casal. Seus antepassados germanos se delatavam em suas bochechas rosadas e seu cabelo loiro. O contorno da mulher superava ao da própria Margaret em três corpos, ao menos.

– Senhora, meu marido quer seguir dançando, mas eu estou esgotada. Se importaria em acompanhá-lo na dança?

– É obvio que não, jovem, farei-me cargo dele.

Margaret se voltou para o Adrian com um sorriso triunfal.



Caroline Bennett

Com o cenho franzido, o homem estudava o modo de desfazer o embrulho, mas ao ver a dama avançando decididamente para ele se encolheu de ombros. Já ajustaria contas com Margaret, mais adiante, na intimidade de seu quarto.

Em um gesto galante estendeu seu braço indicando a Lady Walpoce que o precedesse,

– Nos veremos mais tarde senhora – disse alegremente. Seus olhos verdes ratificaram essas palavras as convertendo em uma sutil e sensual ameaça.

E Margaret não fez senão sorrir. Era difícil provocar o gênio do Dragão esses dias e se perguntava se ela teria a culpa daquela positiva mudança.

O mesmo se perguntavam Jules e D’Claire, que observavam o chocante comportamento de seu senhor separados do resto do grupo.

– Deus Santo, o vinho me induziu a ter visões! Diga-me, D’Claire, está Wentworth dançando com o Lady Walpoce?

– Acredito nisso – comentou o mais jovem entre um sorvo e outro.

E para maior desconcerto, Adrian rompeu a rir a grandes gargalhadas quando a mulher murmurou algo.

– É esse nosso temido Dragão? Eu diria que foi suplantado por um desconhecido. Nunca o tinha visto comportar-se desse modo.

– Está estranho, eu diria. Parece um homem extremamente feliz.

– Quéeee?

– Acaso não esta assim desde que fez as pazes com sua esposa? Acredito que o que temos é um caso claro de felicidade conjugal. E dou graças ao céu por isso: cheguei a pensar que a amargura acabaria por devorá-lo. Mesmo assim, eu não duvidaria de que ele segue sendo o Dragão. Eugen pode testemunhá-lo, esta manhã recebeu uma ameaça de morte, todos no pátio puderam ouvir as vozes.



Caroline Bennett

– as feridas na alma que demoram tanto para cicatrizar, e Lady Norfolk não têm feito outra coisa que acelerar o processo de cura. Que demônios! O merece, embora não nego que vê-lo fazer reverências está me matando.

– Todos merecemos algo melhor, Jules, inclusive você.

– Este velho guerreiro já batalhou em todas as guerras. Nada fica a não ser descansar seus velhos ossos e pedir que o Senhor seja clemente em seu julgamento final.

– Nega acaso que não deseja algo melhor que isso?

– Não sou um homem ambicioso.

– Não se trata de ambição homem, mas sim de julgamento.

– Pois possivelmente seja um homem sem julgamento – repôs o guerreiro sem saber muito bem aonde lhes levaria essa conversação.

– Não tem sonhos?

– Sou muito velho para cumpri-los – resmungou algo mal-humorado por sua insistência.

– Acredito que te defende em sua idade para não tentá-lo.

– Tentar o que? – soprou.

– se casar com Lady Catelyn, é obvio.

– Bom Deus! ficou louco?

D’Claire arrumou a loira cabeleira para olhar divertido o desconforto do guerreiro.

– Acreditava que não tinha dado conta?

– Que insinuas? – inquiriu com o cenho gravemente franzido.

– Bom, vi como olha a essa mulher, não há vez que ela passe que seus olhos não a sigam.

– Isso não é certo – se defendeu dando um murro na mesa.



Caroline Bennett

D’Claire riu expondo sua atrativa cara ao punho do guerreiro. Alguém tinha que lhe abrir os olhos daquele néscio.

– É, e, por favor, não se incomodem em discutir; inclusive murmura seu nome em sonhos – mentiu cruzando os braços indolentemente sobre o peito.

Um profundo rubor se estendeu pelo rosto do homem. Olhou-o perplexo, sem saber como defender-se.

– Quer o conselho de um amigo, se aproxime dela e confesse seus sentimentos, têm muito que ganhar e pouco que perder.

– Está louco? Como posso me aproximar de uma mulher de sua categoria e confessar o que sinto quando não tenho nada para oferecer? – expressou o guerreiro com voz frustrada – Ela esteve casada com um homem poderoso, procede de uma família nobre e eu só sou um guerreiro sem brilho. Nunca me aceitaria.

– Isso não o pode saber. Lady Catelyn é uma mulher sábia, saberá valorar o que possui. Além disso, sua bolsa engordou com seus serviços a Wentworth: é seu homem de confiança, não duvido de que lhe oferecerá uma propriedade de acordo com suas pretensões. Fale com ele e lhe conte o que sente pela dama. Asseguro que encontrará uma solução ao dilema.

Jules olhou brevemente o rosto de seu conselheiro antes de perder-se em seus próprios pensamentos. Passou a seguinte hora bebendo e decidindo o que tinha a favor e o que em contra.

Finalmente, ficou em pé. O leve balanço a seu redor sugeriu que talvez tinha bebido muito: sua mente divagava.



Caroline Bennett

Capítulo 15

– Nervosa?

A pergunta a distraiu momentaneamente de seus pensamentos.

– um pouco – confessou ao jogar uma breve olhada ao atrativo rosto antes de concentrar-se de novo no salão.

Seriam os próximos a serem anunciados. Margaret podia notar todas os olhares centrados neles.

– Trate de ignorá-los recomendou Adrian apertando levemente sua mão.

Não era fácil quando todos tinham posta a atenção neles, movidos por uma insana curiosidade. Margaret sabia que seu matrimônio tinha levantado na corte um sem fim de conjeturas. Todos esperavam encontrar uma mulher desgraçada que de um momento a outro acabaria por implorar piedade a Enrique, podia ver os sorrisos malévolos daqueles que se acreditavam muito superiores, como olhavam por cima do ombro de Adrian mesmo que na lotada sala não houvesse um só cavalheiro, nobre ou vilão que o igualasse em superioridade e elegância masculina.

– Lorde Wentworth, duque do Norfolk, conde do Norwich, e sua esposa Lady Margaret. A poderosa voz do pajem real a devolveu à realidade.

Adrian tomou galantemente o braço para acompanhá-la ao interior. Margaret invejou sua serenidade, sobre tudo quando o coração estava a ponto de sair do peito.

A multidão se abriu como o teria feito o mar ante Moisés, enquanto suas línguas se moviam freneticamente.

"É esse o Dragão? Não pensei que fosse tão atrativo, sempre acreditei que era um tosco ignorante." "Ela não parece tão aterrada como dizem". "Quem estaria com um homem semelhante?"



Caroline Bennett

Aqueles comentários estavam a ponto de lhe arrebatam a pouca calma que ainda conservava.

– as ignore – sussurrou Adrian inclinado-se galantemente sobre ela. Seu quente fôlego acariciou sua orelha e Margaret não pôde a não ser sorrir.

– estou tentado, mas é difícil tendo em conta que estamos causando um verdadeiro revôo.

Adrian se fingiu inocente.

– Eu? por que razão?

Margaret lhe olhou de soslaio.

– Sabe muito bem, patife.

– Eu não sei nada.

– Ah! Finge ignorar que é um homem atrativo e que todas essas mulheres lhe devoram com os olhos. Se fosse caça já estaria em uma panela, tenro e fumegante.

Adrian riu de boa vontade.

– Devo confessar que nunca me tinha ocorrido até o momento. Mas sem dúvida, a culpa é sua.

Margaret elevou uma sobrancelha enquanto se detinha. Dezenas de orelhas se aplicaram na tarefa de escutar o mais mínimo murmúrio do casal.

– Minha? Como poderia ser isso?

– Bom você insistiu em que cortasse o cabelo e me vestisse com melhores roupas, não podem me pedir uma coisa e reclamar o contrário depois.

Margaret se mordeu a língua. Tinha razão, mas nunca suspeitou que o resultado fosse tão escandalosamente favorável.

Margaret reprimiu uma careta.

– Onde esta? – perguntou deslizando o olhar pela sala.



Caroline Bennett

Adrian compreendeu a quem se referia sem necessidade de perguntar-lhe

– Enrique aparecerá mais tarde; seguindo seus costumes, primeiro desfrutará vendo seus cortesãos destroçando-se mutuamente.

Margaret deixou escapar um suspiro.

– E o que se supõe que devemos fazer ente esta matilha?

Adrian não pôde evitar sorrir. Margaret parecia odiar a corte tanto quanto ele.

– Ao fundo da sala vejo lorde Walpoce e a sua esposa. Proponho que nos unamos a eles.

Margaret assentiu tentando não parecer muito ansiosa.

– Deixe de se preocupar, meu amor.

Vá! Isso sim que era galante, pensou ela enquanto se deixava conduzir entre a multidão. Era incrível a mudança operada em Adrian: suas gentis maneiras, embora a agradasse, confundiam-na.

Eugen havia costurado um luxuoso adorno composto por meias negras de custoso veludo, camisa no mesmo tom bordado com fios de ouro e uma capa curta sujeita com cadeia de ouro. Adrian tinha cortado o cabelo e exibia uma deslumbrante cabeleira. Sim, "magnífico" era a palavra que o definia.

Quanto a ela, não é que o vestir fosse sua maior preocupação, mas não podia negar que usava um magnífico vestido confeccionado em seda cor de cereja que insuflava em seu ego umas gotas de vaidade. Desta esta vez, levava o cabelo recolhido e coberto com um fino véu de encaixe belga. Seu manto de peles estava sujeito sobre os ombros com um broche de safiras, iguais aos que adornavam suas orelhas

Lorde Walpoce e sua esposa os saudaram com um sorriso de bem-vinda

– É a fofoca desta reunião desde que cheguei. Não deixei de ouvir todo tipo de histórias sobre você – assinalo Lady Walpoce



Caroline Bennett

– Espero que não tenha acredita em todas elas – grunhiu Adrian à defensiva

A mulher riu fazendo que seu volumoso ventre se movesse de forma ondulante.

– Não, ninguém mediante Deus poderia me convencer de que um bailarino como você é, foi uma vez um assassino de mulheres necessitadas e meninos. Imagino que suas façanhas correspondem tão somente aos campos de batalha.

A tensão desapareceu do corpo de Adrian

– Além disso – Prosseguiu a boa mulher realçando as palavras com seu acento germano – Ninguém que visse como olha a sua esposa pensaria jamais que é tão mau como dizem.

O completo da mulher fez ruborizar Margaret

– Asseguro-lhe que estes olhos viram mais crimes e desastres dos que queria recordar– reconheceu Adrian amargamente

– Todos eles foram o resultado de uma fatal guerra – resmungou Margaret

– A jovem tem razão e nenhum homem temeroso de Deus gosta de recordá-lo – demarcou Lorde Walpoce – E agora, Wentworth, falemos de temas mais interessantes. Consegui falar com o construtor de navios, através dele espero conseguir referência de algum capitão que esteja disposto a levar a cabo nossa empresa.

– Negócios! – exclamo Lady Walpoce arrastando gravemente as palavras – Venha, querida, quero te apresentar a umas quantas conhecidas.

Margaret foi arrastada pela soberba mulher enquanto olhava afligida para trás. Adrian cravou em seu rosto um olhar divertido ao tempo que um sorriso zombador revoava em seus lábios. Sabia que Margaret teria desejado permanecer ali para participar da conversa. Uma conversa que poderia reportar grandes benefícios para Norfolk e sua gente.



Caroline Bennett

Margaret agüentou estoicamente a animada conversa das damas. Perguntou-se quanto tempo estava disposto a lhes fazer esperar Enrique: já levavam horas ali e no momento ninguém sabia nada do monarca. Para agravar a situação, o vinho e os licores servidos entre os cortesãos começavam a fazer efeito. Escassos minutos antes os músicos tinham começado a tocar e os mais animados tinham tomado já posição no centro da sala para executar as intrincadas danças da corte.

– Por que não se une à dança? Os melhores bailarinos do reino se acham neste salão – lhe confessou Lady Walpoce com um grande sorriso.

– Ainda é muito cedo para dançar; além disso, o vinho começou a fazer seus efeitos – rechaçou a jovem.

– santo Céu bendito! Por que não me disse antes? Acompanharei a comer algo, não seria muito honroso devolve-la a seu marido bêbada.

Margaret riu ante a idéia da mulher. Em realidade, tinha moderado o consumo do álcool, mas bem podia utilizar uma pequena mentira em seu próprio benefício.

– Sim, decididamente acredito que tenho que comer algo; mas não é necessário que me acompanhem vá dançar.

A mulher olhou ansiosa aos bailarinos, debatendo-se entre a idéia de acompanhar a jovem duquesa ou praticar uma de seus maiores prazeres.

– Voltará logo?

– Tanto quanto me seja possível – lhe assegurou a jovem. É obvio antes de retornar, Margaret se uniria a seu marido e Lorde Walpoce a fim de lhes interrogar sobre seus avanços na empresa de comércio.

A jovem se afastou com passo ligeiro, sua impaciência a levou a elevar a saia para assim poder caminhar mais rápido. Retornou ao lugar onde tinha deixado seu marido; entretanto, o canto estava agora ocupado por pessoas que não conhecia. Chateada, voltou sobre seus passos até uma mesa onde se dispunham pequenos aperitivos. Sua pequena estatura



Caroline Bennett

não a ajudava em nada, pensou enquanto ficava nas pontas dos pés para espiar sobre a cabeça dos convidados.

– Procura alguém? – perguntou um grosso bispo que nesses momentos se abarrotava de frutas secas carameladas.

– Não... quero dizer, sim, procuro meu marido.

– é a duquesa de Norfolk, não é certo?

Margaret assentiu distraidamente enquanto revisava uma por uma as caras que os rodeavam.

– Unicamente lhes posso dizer que vi seu marido falando com Lorde Walpoce faz uns momentos, mas ao que parece Lorde Walpoce se encontra sozinho agora.

Margaret seguiu a direção que apontava o robusto braço.

Com efeito. Lorde Walpoce se encontrava sozinho. Sua atenção se fixava ao outro lado da sala. Margaret seguiu seu olhar para topar-se com a bela cabeleira de seu marido. Deu as graças ao bispo e partiu em sua busca. Quando se aproximou o suficiente se deu conta de que Adrian estava acompanhado. Que ele mantivera a cabeça inclinada, devia-se à baixa estatura de seu acompanhante, uma bela ruiva que descaradamente o retinha pela manga de sua camisa. A mulher ficou nas pontas dos pés e com um sedutor sorriso murmurou algo em seu ouvido. Adrian respondeu algo que fez sorrir ainda mais à mulher. A uma certa distância, Margaret podia ver a promessa luxuriosa que os olhos femininos destilavam.

– Vá, vá! A Quem temos aqui? – sussurrou-lhe uma voz ao ouvido.

Margaret ficou rígida. Só Marlowe produzia tal efeito em sua pessoa.

Com uma careta se voltou para olhar o dissoluto rosto do conde.

– Como os traidores, sempre aparecem pelas costas – murmurou com um leve sorriso.

O comentário fulminou a expressão agradada do homem.



Caroline Bennett

"Cadela! Algum dia terá que se ver comigo".

Sua expressão se recompôs rapidamente. aproximou-se da jovem com um cordial sorriso nos lábios, como aquele que vê um velho amigo.

– Como vejo, seu marido segue fiel a seus costumes.

– E quais são esses costumes, pode-se saber?

– Minha querida flor, é óbvio – disse o homem tomando-a do braço. Margaret tratou de escapar, teria bastado elevar a voz para que Adrian notasse sua presença, mas o que menos desejava nesse instante era enfrentar ao Marlowe e Adrian.– Seu marido aproveita cada oportunidade para lhe abandonar a sua sorte; não se preocupa sequer por sua segurança, o que pode parecer suspeito – lhe esclareceu o homem apertando levemente seu braço para aproximá-la a seu corpo – Claro que nesta ocasião tem uma desculpa muito boa.

– me solte.

– Empenha-se em ferir meu coração quando meu único desejo é um segundo de seu tempo. Não acredito que a seu marido importe. Conforme tenho entendido visitou em numerosas ocasiões às moças de Norfolk, inclusive o dia antes de suas bodas. Com que direito se atreveria a zangar-se por algo tão inocente como o bate-papo com um antigo apaixonado?

– Você nunca esteve apaixonado por minha pessoa, mas sim por minha bolsa – repreendeu-a decidida a não demonstrar o menor sinal de debilidade frente a ele.

Tão somente suas últimas palavras a tinham feito duvidar. Adrian visitando os leitos de outras? Não, negava-se a acreditar naquelas palavras, pois somente a língua de um mentiroso consumado como Marlowe podia idear algo tão detestável.

– Perde seu tempo, milord. Suas palavras vazias não chegam a meus ouvidos, minhas orelhas só ouvem balidos e zurros.



Caroline Bennett

Zorra arteira! Angeline tinha todo o direito a odiá-la depois de tudo. Contribuiria a aplacar esse ódio quando a tivesse de joelhos ante ele.

– Faze mal em não emprestar a devida atenção a minhas palavras senhora. Cedo ou tarde chegará a lamentá-la. Seu marido acabará por cansar-se e então, o que será de você?

Margaret franziu os lábios em uma careta de desagrado extremo. De um puxão tratou de soltar-se da covarde presença do conde.

– Ah, ah, senhora! Ainda há um tema de que devemos falar – disse retendo-a com mais força ainda.

– Não falarei nenhuma palavra mais com você. Solte-me!

– Exigências, exigências e mais exigências. Não lembra que sempre foi assim?

A pergunta foi dirigida para uma pessoa as suas costas. Margaret descobriu que alguém mais tinha sido testemunha da conversação e ela o conhecia bem.

Lorde Wilson sorriu apenas ao descobrir a surpresa no rosto feminino.

– Milady – disse com zombadora cordialidade enquanto secava com um lenço o suor de sua boca.

Margaret revisou a repugnante figura do conde: bastou apenas um olhar para certificar-se da repugnante aparência do homem.

– Eu gostaria de lhe falar de minha sobrinha, a jovem Lady Anne.

– Acredito que não há nada que falar.

– Estou aqui para solicitar sua tutela. cedo ou tarde a moça passará a minhas mãos...

Margaret ignorou a leve ameaça de suas palavras.

– Lorde Wilson, é incrivelmente inocente, ou é, mas estúpido do que mostra? Crê acaso que Enrique permitirá que volte a ter sua tutela quando em uma ocasião estive a ponto de matá-la a golpes?



Caroline Bennett

– Era uma menina e merecia um castigo. A mão dura é sempre necessária com uma mulher. Além disso, as coisas mudaram. Meu enteado está disposto a desposá-la.

– E assim vocês poderão desfrutar de um bom acordo, não é certo? Me diga, Marlowe, você também está no acordo?

– Maldita intrometida – cuspiu este.

– vai me bater por acaso? – perguntou ela arqueando uma sobrancelha divertida – Não acredito que se atrevam quando sempre se limita a esconder o rabo entre as pernas e sair fugindo. Wilson lançou um olhar de desesperança em direção a Marlowe que seguia sujeitando-a contra sua vontade. Marlowe se encolheu de ombros como se já tivesse previsto esse tipo de cena.

– Disse-lhe isso, ela não ia ser fácil.

– Maldita seja, necessitamos que ela renuncie a tutela da moça.

– Então, não temos mais remedeio que tratar de convencê-la – expressou Marlowe pensativo.

Margaret olhou com urgência aos homens. Acaso se propunham tirá-la dali para fazê-la assinar algum documento?

– Informo-lhes que já não possuo a tutela da Anne – lhes assegurou com voz firme enquanto certa inquietação se assentava em seu estomago.

– Mente! – exclamou Wilson.

– Provavelmente: é uma zorra ardilosa – grunhiu Marlowe, e a arrastou para uma das saídas.

– É certo – indicou Margaret enquanto cravava seus pés no chão – Meu marido é agora seu tutor. Convido-lhe a tratar este assunto com ele e não comigo – lhes esclareceu.

Definitivamente, não gostaram da notícia absolutamente. Com o cenho profundamente franzido, ambos os homens a olharam furiosos, como se ela houvesse predito o fim do mundo para esse preciso instante.



Caroline Bennett

– Cadela mentirosa! – grunhiu Marlowe – Sempre soubeste te adiantar aos acontecimentos.

– Necessitamos que a moça se case com meu enteado, só então poderemos dispor de sua herança – explicou Wilson com urgência vigiando a seu redor.

– Se aceitarem um conselho, busquem outra noiva. Sugiro-lhes um ser de quatro patas para equipará-los a sua elevada posição.

Essa última observação encheu o azedo humor dos dois homens. Marlowe sentiu desejos de afundar seu punho no precioso rosto da jovem e destroçar de um só golpe aquela boca. Teria-o feito se não se achassem em um salão lotado de gente.

– Algum dia, me ouça bem, quebrarei seu precioso pescoço como pagamento por seus deslantes.

Wilson olhou agitadamente a um lado e a outro.

– Solte, Marlowe – suplicou enquanto se secava o suor do rosto com um lenço – Alguém poderia dar-se conta.

– Sim, Marlowe, ouça a seu amigo – A profunda voz a suas costas os fez voltar-se com rapidez.

Margaret afogou um gemido ao ver a furiosa expressão do Adrian. Parecia a ponto de destroçar e degolar aos homens.

Marlowe soltou à mulher como se de repente se convertesse em fogo.

– Só estava conversando com ela, como sabe somos velhos amigos – disse tratando de parecer calmo. O suor de sua testa delatava em troca seu nervosismo – Houve um tempo que quase estivemos comprometidos.

– E sei isso foi suas imaginação. Enrique se encarregou de despertar-lo de sua encenação, conforme tenho entendido.

Se Ouviram umas risadas ao redor enquanto um profundo rubor cobria o corado rosto do conde. Parte do salão começava a interesse pela conversação, quem não podia se interessar quando o matrimônio entre a delicada donzela e o feroz cavaleiro tinham sido a fofoca da corte



Caroline Bennett

durante semanas? Aos olhos de muitos, Marlowe estava em todo direito de sentir-se ofendido com a decisão de Enrique, mas para muitos outros começava a ser óbvio que Adrian Wentworth, agora em sua nova posição como duque do Norfolk, era um homem mais capaz do que seria Marlowe.

– Adrian, por favor – suplicou Margaret a ver o iminente estado de Adrian. Aproximou-se dele para tomar seu braço – Ele não me disse nem fez nada ofensivo – mentiu – Tão somente acompanhava a Lorde Wilson.

Adrian elevou uma sobrancelha para ouvir o nome do conde. Sua tensão não se reduziu absolutamente.

O conde, nervoso, começou a tossir quando Adrian centrou sua atenção nele.

– Conhecemo-nos? – perguntou com suave periculosidade.

– Não... isto, não, acredito que não – gaguejou o homem, jorrando de suor. Extraíu de novo seu lenço para secar o rosto e o pescoço.

Os olhos verdes se entrecerraram, olhando a Marlowe. Este último mantinha uma atitude de altivo menosprezo.

– Não reconhecem acaso seu nome? – perguntou como aquele que pergunta a um camponês se sabe ler.

– Deveria? – perguntou Adrian.

– Só a nobreza de berço pode reconhecer-se entre si – apontou Marlowe. O insulto provocou um murmúrio entre os ouvintes. Marlowe era consciente do lugar onde se achavam.

Estava seguro de que aquele camponês sem maneiras não se atreveria a nada naquele lugar. Além disso levava muito tempo guardando seu ressentimento. A dama deveria ter sido sua e não daquele bastardo. Aquela era uma pequena vingança que lhe ajudaria a reparar sua maltratada situação na corte. Estava seguro de poder fazer de Wentworth o bobo da corte.



Caroline Bennett

Entretanto, suas palavras tiveram exatamente o efeito contrário no duque. Marlowe soube então por que o chamavam "o Dragão". Seus olhos desprendiam fogo! Seus próprios olhos se abriram de par em par ao reconhecer o engano de provocar a Wentworth; isso foi antes que a mão do Adrian se adiantasse para agarrá-lo pelo pescoço. O robusto corpo do conde se debateu contra aquele ataque, mas não havia nada que fazer contra a força de aço daqueles músculos enquanto sua mão seguisse apertando e apertando. Os convidados fascinados observavam atônitos a cena sem decidir a melhor maneira de desfazer a ofensa.

– Adrian, por favor..., – suplicou Margaret puxando seu braço, em um frenético esforço por liberar Marlowe. Sob seus dedos os músculos tinham uma dureza pétrea – Não vale a pena.

Suas palavras penetraram na turva neblina de fúria que nublava a razão de Adrian.

Lentamente, seus dedos se separaram da garganta do Marlowe, que começou a tossir em um intento de encher seus pulmões de ar; mas antes de lhe liberar por completo o agarrou pela camisa. O homem se revolveu freneticamente, temeroso de um novo ataque.

– Volta ao esgoto. Se afaste dela, não quero que seus olhos rocem sequer sua sombra. Ela é minha e a protegerei de sua cobiça seja como for. Entendeu-me? – expressou contundente enquanto sacudia o desacordado corpo do conde.

Este afirmou com a cabeça enquanto tratava de retroceder. Adrian o ajudou com um forte empurrão que o enviou dando tombos até a parede, onde ricocheteou torpemente.

As línguas dos cortesãos se moveram febrilmente.

– Vocês foram testemunhas do trato que me dispensou por este... este "camponês" – gritou – Seu baixo berço não lhe impede de atacar a seus superiores, é uma ofensa para todos os que aqui se encontram. Exijo uma compensação.



Caroline Bennett

– É obvio senhor, o que deseja – grunhiu Adrian, e sem duvida um segundo jogou sua mão a espada.

Marlowe emitiu um ofego de surpresa.

Deu um passo em sua direção, mas se deteve ao escutar a resposta de um dos convidados.

– Deveria se limitar a seus assuntos, Marlowe. O rei tomou uma decisão. Não resta mais que acatar seus desejos.

– Sim, deveria recolher a pouca honra que resta e guardá-la a boa cobrança. Se eu fosse você, a vergonha me impediria de olhar sequer à dama depois de sua petição ao rei.

Todos riram, acendendo ainda mais a ira do conde.

– Ele me roubou isso, ela ia ser minha esposa – gritou com o rosto grosseiramente desfigurado.

– Marlowe, a você sempre foi difícil aceitar um não por resposta – assinalou Margaret divertida.

As risadas encheram de novo a sala.

– Maldita zorra! – resmungou ele.

– Cuidado, Marlowe – sussurrou Adrian – Não tolerarei que insultem minha esposa. Meu dever é protegê-la, e não duvide de que farei o necessário para isso.

A sutil ameaça pareceu amedrontar ao conde. Desesperado, olhou as caras que os rodeavam, mas não encontrou entre elas nenhum apóio a sua causa. Poucos estavam dispostos a enfrentar o poderoso duque.

As coisas tinham mudado nesses anos e Enrique tinha toda a culpa por encher o parlamento de presunçosos latifundiários e aristocratas de baixo nível.

Com a pouca dignidade que lhe restava Marlowe, arrumou sua camisa.

– Pagará esta ofensa, Wentworth, cedo ou tarde o pagará – murmurou antes de sair apressadamente da sala.



Caroline Bennett

Adrian cravou um duro olhar nas costas do conde enquanto este se retirava. Depois se voltou lentamente para Lorde Wilson que, incrédulo pelo acontecido, respirava entrecortadamente em um canto.

– Serei breve com você, senhor. Lady Anne está agora sob minha custódia; se pretende algo dela terão que passar por cima de meu cadáver. A moça não deseja nada de você; assim, aconselho-lhes que se mantenha afastado dela.

– Mas ela é minha sobrinha! É sangue de meu sangue, tenho direito a vê-la – insistiu o homem relutantemente.

– Não a verá menos que ela diga o contrário – concluiu tomando a Margaret pela cintura.

A jovem se deixou arrastar. Olhou de esguelha o pétreo perfil de seu marido sabendo que este reflita um olhar assassino. A tensão de seu corpo se fazia notar em seus gestos bruscos e a suave entonação de sua voz. Margaret jamais o tinha visto de semelhante humor e soube que Marlowe tinha estado muito perto de saber o que significava enfrentar sua cólera. Estremeceu involuntariamente ao pensar no que poderia ter significado um derramamento de sangue naquele lugar. Inspirou fundo para acalmar-se. Necessitava uns momentos a sós com o Adrian, mas naquele lugar era virtualmente impossível.

Adrian conseguiu encontrar um canto vazio junto às cristaleiras exteriores. Um entrante no muro o protegia dos olhares indiscretos com grosas cortinas. Margaret sabia que muitos casais efetuavam ali seus encontros.

Adrian a soltou. Margaret olhou por fim o rosto de seu marido através do estreito canto. O coração se paralisou ao ver a expressão de seu rosto, decomposto pela fúria. Seus traços pareciam esculpidos em granito pela gravidade de sua irritação.

– Adrian! – exclamou Margaret. Suspeitava que eram poucas as pessoas às que Adrian deixava ver esse lado de sua pessoa.



Caroline Bennett

– Deveria tê-lo matado! – disse ele, apertando com força os punhos – O farei se voltar a se aproximar de você, entende, Margaret? O matarei com minhas próprias mãos e logo o esfolarei vivo.

Margaret tragou saliva sem saber o que dizer.

– Estou bem, Adrian, serio... – expressou tratando de tranquilizá-lo.

– Bem? Por que não me chamou quando se sentiu em perigo? Sabe Deus o que propunha esse maldito.

– Marlowe sempre foi temerário, mas acredito que nunca chegaria a me fazer mal – afirmou, mas suas palavras careciam de segurança.

Adrian afogou um gemido antes de apanhar a Margaret para estreitá-la contra seu peito. Foi como se chocar contra um muro de pedra, mas por nenhum motivo Margaret se queixou. Desfrutou do abraço enterrando sua cara contra o peito do homem. Seu coração se temperou ao sentir sua firmeza e suavidade.

– Equivoca-te, Margaret, esse homem é perigoso. O acontecido hoje fará piorar as coisas. No futuro, não deve se aproximar dele.

– Eu não me aproximei dele, foi ele quem o fez – protestou Margaret com a voz amortecida pelo peito contra o que se estreitava.

– Em qualquer caso quero que te se afaste dele. Quando o vir busca-me ou a algum de meus homens. Sob nenhuma circunstância permaneça a sós com ele. Entende-me? – ordenou Adrian com o queixo apoiado na cabeça dela.

– Seriamente o acredita tão perigoso?

Adrian franziu os lábios, pensativo.

– Sim, tendo em conta que o considero o principal suspeito do ataque que sofri.

Margaret levantou o rosto, alarmada.

– Como sabe? – perguntou agitadamente – por que não me disse isso antes? De ser por que Marlowe não merece outro lugar que o cárcere...



Caroline Bennett

– Calma, meu amor – a interrompeu – Não há provas que o incriminem, mas apostaria minha mão direita que ele está por trás de tudo.

– vai me dizer de uma vez o que sabe? – resmungou Margaret molesta.

Adrian sorriu ante o azedo humor da jovem. Assim era sua Margaret: todo doçura, paixão e mordacidade.

– Contarei mais tarde – suspirou e ao ver a decidida e furiosa expressão de sua esposa se encarregou de silenciá-la do único modo que era eficaz.

O beijo tomou por surpresa, tanto que abriu a boca para protestar sem o maior êxito, pois a língua do Adrian se aproveitou da circunstância para aprofundar o beijo. A úmida cavidade o recebeu ondulante. Deus como gostava de beijar a aquela mulher! Não deixaria de fazê-lo, mesmo que o céu lhes viesse em cima. Com um suave gemido, Margaret se entregou à paixão do momento. Sua língua se envolveu em uma sedutora dança, atraindo, lambendo e investindo a de Adrian.

O homem se afastou ligeiramente com uma forte inspiração.

– Santa Ana bendita! O que me faz, mulher? – grunhiu. O sangue corria ardendo por suas veias esquentando com sua maré todos os rincões de seu corpo. Como acontecia sempre que tinha a Margaret em seus braços se sentiu vivo. A excitação de seu corpo era evidente já em seu virilha.

Margaret se apertou contra a ereção, sentia-se completamente perversa. Adrian afundou de novo sua boca nela. Deslizou as mãos por suas costas até tomar a viçosa curva de suas nádegas. As apertando ligeiramente a elevou contra sua virilha palpitante. Sentiu-a tomar ar e sorriu para si ao saber que ele a perturbava de igual maneira que ela a ele.

– Desejo-te – gemeu Margaret esfregando os quadris com descaramento.

Adrian murmurou algo intangível. Girou-se sobre si mesmo para apoiá-la contra o muro enquanto lhe sustentava os quadris. Margaret acomodou as pernas ao redor de seu estreito quadril enquanto sua língua repassava o contorno de sua boca.



Caroline Bennett

Seu impudico olhar não fez se não lhe acelerar o pulso.

Muito bem, não seria muito singelo, lhe elevaria as saias e a penetraria com um só movimento; depois a cavalgaria até deixá-la sem fôlego.

– Adrian – apressou ela enquanto sua mão se deslizava entre os dois corpos para apalpar sua masculinidade torcida.

– Muito bem, céu, segure-se em mim e não me solte – grunhiu, apalpando sob as grossas saias suas calcinhas.

Não o faria por nada do mundo, pensou Margaret enquanto se arqueava. Adrian lhe beijou os peitos. Por sua cabeça cruzou a fugaz idéia de destroçar seu sutiã para ter um melhor acesso a aqueles frutos suculentos e sedosos.

Grunhiu baixo enquanto se debatia contra as cintas de sua braguilha. Amaldiçoou Eugen mentalmente por pôr tantas travas a sua liberação antes de ficar completamente paralisado para ouvir a voz de Enrique do outro lado da cortina.

– ordem! – exclamou

Margaret, envolta ainda pela paixão, olhou-o confusa quando ele desprende suas pernas de seu quadril para lhe acomodar apressadamente as saias.

– O que...? – perguntou, mas se interrompeu quando Adrian lhe colocou um dedo sobre os lábios. As vozes do outro lado das cortinas se aproximaram.

Adrian revisou o aspecto de sua esposa com olho crítico. Com as bochechas brandamente ruborizadas apresentava o aspecto desalinhado de uma mulher a que tinham estado a ponto de fazer o amor.

– Wentworth, pensa seguir escondido aí muito tempo? – A voz divertida do monarca lhe arrancou um suspiro de chateio.

Os olhos da Margaret se abriram ao chegar à compressão óbvia de que tinham estado a ponto de ser descobertos: fazendo amor em um salão lotado de pessoas! Perguntou-se frenética como tinha chegado a



Caroline Bennett

esquecer isso. Seria incapaz de sair e enfrentar a isso sem que lhe caísse a cara de vergonha. Ficaria ali até o fim dos tempos, só então se exporia sair.

– Não podemos sair – sussurrou ao tempo que se colocava o véu com movimentos urgentes.

Adrian colocou suas roupas calmamente. Só se deteve para deixar cair um beijo nos lábios de sua esposa.

– Está bem? – perguntou olhando seus olhos azuis.

Margaret negou com a cabeça. Nunca voltaria a estar bem.

Se não se sentisse tão terrivelmente frustrado, poria-se a rir por aquela situação tão ridícula. Diabos! Tinham estado a ponto de lhe surpreender com as calças baixadas, nada mais, nada menos que no palácio real! Todo o reino falaria disso no dia seguinte! gemeu para si mesmo.

– Wentworth? – A voz do Enrique se debatia entre a diversão e a exasperação.

Adrian mexeu o cabelo. Felizmente, a excitação de seu corpo se reduziu o suficiente para oferecer um aspecto apresentável. Colocou uma mão nas costas da Margaret, mas ao ver que ela se negava a mover-se empurro com mais ímpeto. Juntos saíram do canto.

Enrique os esperava acompanhado de todo seu séquito, incluído a rainha, que os olhava com expressão benévola.

O jovem casal se inclinou em uma saudação ante o monarca.

– Wentworth, por um momento cheguei a pensar que teria que te fazer sair com o guarda – exclamou enquanto jogava um olhar apreciativo aos desposados.

– Como vê pude sair por meu próprio pé – comentou com gravidade.

Enrique riu ligeiramente, mas ao ver que o rubor cobria o rosto de ambos, rompeu a rir estrepitosamente.



Caroline Bennett

– Disse-lhes isso, querida, devem-me essa aposta – e ao ver o profundo cenho franzido de Adrian, explicou – Quando lhe vi a última vez, parecia furioso com minha decisão, e apostei com a rainha que seu matrimônio acabaria por te agradar ao seu devido tempo. É assim? – inquiriu com a diversão brilhando em seus olhos castanhos.

– Enrique! – exclamou a rainha– . É um malvado – disse em suave reprimenda.

em que pese a seu mau humor, Adrian não pôde a não ser sorrir.

– Devo reconhecer, meu senhor, que lhe estou mais que agradecido por sua real intervenção. Outorgastes a minha triste vida muito mais do que tinha sonhado – disse atraindo brandamente a Margaret para si.

– E você, milady, pensam que minha decisão foi sábia?

Margaret riu ao recordar a petição que lhe tinha feito naquele primeiro encontro com o monarca.

– Nenhum sábio ou cupido teria disposto uma união mais satisfatória – Assentiu.

– Isso pensei, mas não esperava um resultado tão explosivo – expressou Enrique jogando uma breve olhada ao canto. Um profundo rubor cobriu as bochechas de ambos e fez ao monarca estalar de novo em gargalhadas.

– me acompanhem e me contem isso tudo. Reconheço que é um grande honra que alguém elogie minha sabedoria.

Durante a hora seguinte, Enrique escutou atentamente o relato de ambos. Com grande esforço Enrique compreendeu que no princípio ambos tinham sido resistentes ao matrimônio, mas finalmente descobriram seu amor e viram em seu matrimônio a intervenção divina.

– Bem, Wentworth, por isso vejo a vida lhe sorri. E pelo que pude ouvir o entrar na sala ganhastes a admiração da corte com seu enfrentamento com o Wilson.



Caroline Bennett

– Esse homem pretendia levar minha pupila para casá-la com o anormal de seu enteado.

– Entretanto, vocês souberam guardar bem os interesses da jovem. Seu pai era um homem muito apreciado na corte, ganhastes muitos amigos com sua defesa. Quanto a Marlowe, pouco há que dizer. O homem não soube confrontar sua derrota.

– É um homem desesperado, milord – interveio Margaret – As dívidas o mantêm em uma situação urgente. Sua associação com o conde Wilson provém de sua necessidade de recursos.

– Um homem que não acata minha palavra não me inspira confiança. Mantêm os olhos bem abertos, Wentworth – lhe aconselhou Enrique.

Adrian não pôde estar mais de acordo. Temia que o enfrentamento dessa tarde tivesse conseqüências futuras. Para evitá-las, não tinha outro jeito que vigiar de perto a Marlowe.

– Bem, agora tratemos de temas mais leves. Diga-me, Wentworth, o que fazia escondido nesse canto?

Um repentino ataque de tosse salvou ao Adrian de responder.

A volta, duas semanas depois, os problemas domésticos do dia ao dia os absorveram assim que puseram um pé em Norfolk dissolvendo a nuvem romântica que os envolvia. Para começar, Margaret foi requerida para mediar em uma briga entre os membros da servidão ducal que esteve a ponto lhe fazendo estourar a cabeça. Assim que estava resolvido o problema teve que fazer frente às queixa da cozinheira sobre o desabastecimento das despensas. A própria Margaret foi ao mercado semanal do Norwich para adquirir tudo o que à mulher dizia ser indispensável. Enquanto, Adrian se viu envolto em um pleito que enfrentava a dois comerciantes: a rixa era tal que o julgamento se alargou durante três dias seguidos e o obrigou a ficar na pequena vila onde ambos residiam do outro lado do ducado. Posteriormente, uma vez



Caroline Bennett

dada à sentença, não teve outro remédio que partir de novo ao ser informado sobre a presença de um bando de renegados que tinha causado várias mortes na fronteira norte. Ao retornar, o humor do guerreiro era azedo e o expressou eloqüentemente ao desmontar de seu cavalo. Muitos foram os que correram a ocultar-se procurando não cruzar seu caminho e atrair sua atenção. Só a fogosa boa-vinda de sua esposa conseguiu lhe fazer sorrir de novo quando correu a recebê-lo no pátio central.

– Sentiu minha falta? – perguntou elevando-a em braços para entrar na casa.

Margaret riu alegre.

– O que acha?

– Eu diria que sim – Adrian avançou para o salão ignorando rudemente as boas-vindas de Eugen e o mordomo.

– Abaixei a cabeça e lhe mostrarei – convidou ela pendurando-se em seu pescoço.

Adrian obedeceu mansamente deixando que ela tomasse a iniciativa. Os saborosos lábios deleitaram ao guerreiro com uma suave carícia enquanto seus inquietos dedos se enredava em sua cabeleira. Depois, sua língua, com um movimento atrevido, incursionou em sua boca apalpando sinuosa o interior. Adrian inspirou levemente.

– Vamos para o quarto – sua voz rouca provocou um golpe de prazer na jovem duquesa – demonstrarei a maneira correta de sentir falta do senhor seu marido.

– Chiiiiiii! Alguém pode lhe ouvir – Seus olhos se moveram precavidos para o lugar ocupado pelo Angeline e Shopie.

– Então subamos – apressou estreitando-a contra seu peito.

A jovem riu encantada.

– Antes tenho que ordenar o jantar para seus homens.



Caroline Bennett

– esqueça deles, sou eu quem desfalece de fome – gemeu lhe devorando de novo a boca.

Margaret o apartou reticente.

– Vamos, me solte! Necessita um banho e comida quente.

– Só se o compartilha comigo.

– Então me deixe, demorarei só uns minutos em subir – afirmou ela seduzida pela idéia.

Adrian a depositou no chão.

– se apresse – ordenou antes de compartilhar um último beijo.

A jovem assentiu, correndo já para o outro extremo do salão.

– O que lhe disse para que sorria desse modo? – inquiriu curiosa Catelyn

– Não faz nem um segundo que expelia fogo pela boca e orelhas.

Margaret sorriu, guardando o segredo para si mesmo.

– Já conhecem o temperamento de meu marido, feroso como um corcel, mas basta lhe oferecer um doce para que se suavize e se mostre dócil como um cordeiro.

– Curioso – suspirou Catelyn – Tenho que supor, então, que você também recebeu um desses doces que tanto fala?

Margaret se ruborizou ligeiramente.

– Eu... por que o dize?

– Porque sorri como uma parva apaixonada – apontou Anne distraidamente sem levantar a vista de seu bordado.

As duas mulheres a olharam horrorizadas para trás. Tinham esquecido a presença da menina.

– Lady Sara diz que voltou muito mudada da capital e que tudo se deve por estar apaixonada por seu Dragão, é certo? – Os olhos castanhos da menina se posaram agora diretamente sobre o rosto de sua protetora – O



Caroline Bennett

que crê você, lady Catelyn? – inquiriu voltando a cabeça para a outra mulher, que se ruborizou violentamente.

– Acredito que não é de sua incumbência, Lady "Curiosa" – respondeu antes de fingir ter recordado algo – Agora tenho que me reunir com Lady Sara: queixa-se de que não há vinho para o jantar – explicou, e se apressou a abandonar a cena com urgência.

Margaret observou sua fuga com uma careta. Não nem todas podiam escapar da curiosidade infantil de Lady Anne com tanta facilidade.

– E então?

Margaret deixou escapar um gemido.

– Já sabe o dito, Anne: a curiosidade matou o gato.

– Se responder a minha pergunta aliviaria minha curiosidade e esta não acabaria por me matar – replicou a menina.

Ante aquela lógica não havia nada que acrescentar.

– Em nossa viagem a Londres, Adrian... quero dizer, Lorde Wentworth e eu... temos descoberto que nos une... um carinho que se estende mais à frente...

OH!, por que era tão complicado de explicar?

– Ama-o?

Anne tinha simplificado bastante essa explicação.

– Sim.

– E ele a ama?

– Isso acredito.

A menina sorriu.

– Bem – E reatou de novo seu trabalho.

"Bem". Ali acabava o interrogatório da tenaz menina? Não era o momento de expor dúvidas, novas perguntas poderiam rondar a cabeça da jovem e



Caroline Bennett

Margaret não estava segura de poder as responder. Iniciou uma fuga para a cozinha, mas na metade de caminho teve que deter-se:

- Algum dia eu conseguirei um cavalheiro como o seu, sabem? e ele me quererá tanto como seu Dragão lhe quer – gritou a suas costas.
- Estupendo, querida, me alegro – conseguiu dizer tentando esconder seu sorriso.

Adrian deixou escapar um suspiro de prazer enquanto se inundava na fumegante banheira.

Eugen, enquanto isso pulava por toda o quarto recolhendo todos os objetos dispersados.

- OH! Olhem isto, estas meias jamais voltarão a ter cor – se queixou estendendo o objeto frente à cara do Adrian – O que estive fazendo? Perseguir malfeitores sobre seu traseiro? converteu meias de veludo em autênticos farrapos.
- traga um pano para me ensaboar e desaparece – grunhiu Adrian olhando impaciente a porta.

A cálida bem-vinda de sua esposa e sua promessa de reunir-se com ele para compartilhar o banho faziam que seu corpo borbulhasse de desejo. Fazia já mais de uma semana que não compartilhavam o leito e só pensar nas horas de prazer que compartilhariam a seguir lhe endurecia a carne. Os dias sem sua companhia tinham feito precaver-se da profundidade de seus sentimentos, do quanto significa Margaret em sua vida. Só assim explicava sua necessidade de vê-la, de tocá-la em todo momento. Sua presença lhe alterava o pulso, confundia-lhe a língua e lhe avivava o corpo. Sua ausência, em troca, só lhe provocava desejos e frustrações. Como nesse instante, o que a atrasava, em nome de Deus? Sua imaginação começava a evocar imagens muito explícitas para que pudesse manter uma atitude sossegada.



Caroline Bennett

– Tome – Eugen interrompeu seus pensamentos – Suponho que minha presença aqui não é necessária.

– Supõe bem, some.

Adrian esfregou o pano contra a pastilha de sabão até conseguir uma espumosa capa que logo estendeu sobre o largo peito.

– Tenho que supor também que será sua dama que se ocupará de seu banho? – perguntou o moço enquanto brincava com o cordão dourado das cortinas de veludo.

– Sim, minhas orelhas agradecerão não ter que suportar seu falatório infernal.

Eugen levou uma mão ao peito em atitude de alívio.

– Alegra-me lhe ouvir dizer esse, milord. Não acredito que pudesse lhe atender com o suficiente decoro em semelhante estado – Fez um gesto abrangendo uma parte muito específica de sua anatomia.

Adrian examinou a parte apontada e franziu o cenho. Ali entre as pernas seu membro se elevava libidinoso, ávido por desaforar-se com a dama em questão.

Um profundo rubor lhe cobriu até a raiz do cabelo, o qual arrancou de Eugen uma gargalhada zombadora.

– Você, rato descarado! Saia daqui! – gritou lançando o pano molhado.

Eugen riu mais forte evitando agilmente o projétil.

– Seu segredo está a salvo comigo, não temam – assegurou, deixando escapar uma nova gargalhada.

Adrian afundou os punhos na água.

– Garoto chorão. Reze para que não te encontre nos próximos vinte anos – bramou.

– Se, milord – acatou o moço com falsa submissão enquanto se estremecia de novo de risada. Alcançou a porta e, com uma zombadora reverência, abandonou a estadia.



Caroline Bennett

– Maricas mimado! Esfolarei seu esquelético corpo antes de lançá-lo aos abutres, ouviu-me? – vociferou Adrian contra a porta fechada.

Confuso, observou seu próprio corpo. Onde diabos estaria Margaret?

Angeline avançou pelo corredor com o coração acelerado. A ocasião tinha chegado e não pensava desperdiçá-la com sutilezas. Estava farta de sorrir a todo mundo, de mostrar-se submissa ante essa cadela de Norfolk, quando o que na verdade desejava era vê-la arrastada a seus pés. Não tinha sido fácil ser testemunha da aparente felicidade que envolvia ao casal desde sua volta de Londres. Algo tinha ocorrido entre ambos. Seus olhares entusiasmados, as carícias em público e seus gestos de cumplicidade, provocavam-lhe náuseas e uma terrível incerteza. Se não conseguia atrair a Wentworth a sua cama, como poderia ultimar sua vingança? Nenhum homem a tinha rechaçado antes, bastava um leve bater de suas pestanas para conseguir seus propósitos. por que não podia ser igual com Adrian? Sua indiferença não fazia a não ser aumentar seus desejos de compensação, e se ela não podia submeter a vontade do Dragão, então faria todo o possível para separar-lo de sua adorada esposa. A sorte fez sua parte, quando escutou às escondidas a conversa que ambos mantiveram em seu afetuoso reencontro.

Simulando estar concentrada na partida de naipes que jogava contra Lady Shopie, escutou atenta as indicações da Margaret. Adrian, o muito estúpido, tinha assentido com um olhar faminto, como se o que lhe oferecessem fora uma visita ao paraíso!

Angeline estava segura de poder oferecer mais pelo mesmo preço, em qualquer caso a ocasião estava servida.

Através de uma das faxineiras tinha feito chegar uma mensagem a Margaret no qual se solicitava sua presença nos estábulos urgentemente. Isso lhe daria o tempo necessário para desenvolver o plano que tinha mente.



Caroline Bennett

Ao chegar ao quarto, abriu sigilosamente a porta. O enorme guerreiro, de costas a ela, dormitava na banheira. Angeline sorriu para si enquanto se desfazia silenciosamente de suas roupas.

Margaret murmurou uma maldição enquanto encaminhava para a mansão. Ninguém nos estábulos, pocilgas ou currais tinha pedido sua presença. Encolhendo-se de ombros mentalmente, subiu a escada a caminho de suas habitações. Estava ansiosa por encontrar-se com o Adrian. A sensual promessa de seus olhos após seu reencontro tinha conseguido fazê-la adoecer de desejo. Fechou os olhos brevemente para evocar o magnífico corpo de seu marido: suas nádegas firmes, os musculosos ombros, a simpática covinha que se formava em sua bochecha quando sorria e a devoção com que seus olhos verdes a olhavam. Todo isso se conjurava em sua mente de maneira habitual, produzindo calafrios de prazer. Pela primeira vez em sua vida, estava apaixonada. Era incrível que o responsável fosse aquele marido imposto, graças ao qual tinha conhecido a paixão e a sensualidade que habitavam em seu interior. Quem o teria imaginado fazia uns meses? Pensou com uma risada antes de abrir com decisão a porta.

E então, o coração se desabou aos pés. Incapaz de compreender o que seus olhos viam abriu a boca, mas dela não surgiu nenhum som.

Angeline, nua, ajoelhava-se junto à grande tina de cobre. Inclina sua cabeça sobre seu marido beijando delicadamente seus lábios enquanto este a sujeitava firmemente pelo traseiro. Margaret observou sem respiração o maravilhoso contraste daquela pela morena a branca pele.

O quarto tinha começado a girar vertiginosamente ante seus olhos sem que se desse conta.

Advertindo sua presença, Angeline levantou a cabeça. Seus olhos cinza a olharam com uma mescla de descaramento e crueldade que lhe gelaram o sangue. Um gesto malévolo enviesou seus lábios até transformar-se em um sorriso. Onde estava a lânguida dama que ela conhecia? Aquela



Caroline Bennett

mulher lhe era totalmente desconhecida. Aturdida, Margaret deu um passo atrás enquanto uma onda de náuseas lhe subia pela garganta.

Como tinha podido Adrian fazer algo semelhante? ele a amava. Todas aquelas palavras de amor sussurradas em sua intimidade não podiam ser uma mentira... Mas agora ele estava ali, abraçando a outra, acariciando-a com as mesmas mãos que tinham acariciado a ela. Que crueldade era aquela? Uma dor intensa se cravou em seu peito, custava-lhe respirar e logo não podia ver, os olhos alagados em lágrimas, mas conseguiu sair do lugar tropeçando torpemente na barra de seu vestido.

Adrian franziu o cenho por baixo das mãos que lhe cobriam os olhos, sua palma repassou uma vez mais o contorno esférico que acariciava. Seus sentidos embaralhados recobriram repentinamente consciência. Sua mão acostumada a formas mais arredondadas e tensas não parecia encaixar naquelas outras, muito estreitas e magras. E, agora que o pensava, o perfume que chegava ao nariz não era o que sua esposa acostumava a utilizar, a não ser uma essência muito mais densa e pesada. Mas suas suspeitas se confirmaram quando uns lábios gelados roçaram sua boca. Aquela não era Margaret, mas se não era Margaret, quem demônios era? A resposta veio por si só: Angeline.

Só essa cadela arteira se atreveria a algo assim.

Com um bramido furioso empurrou à mulher enquanto seu corpo gigantesco ficava em pé. Uma onda transbordou da banheira e alagou o chão de madeira. Do chão, Angeline observou com cobiça aquele corpo magnífico, cheio de força e de fúria? OH, sim! uma excitante fúria. Seus olhos ávidos percorreram as contundentes forma, detendo-se com curiosidade em seu virilha. A visão esteve a ponto de fazê-la gemer.

Com uma maldição, Adrian se cobriu enquanto observava a porta aberta. Margaret poderia entrar a qualquer momento por essa porta e que explicação poderia lhe oferecer?

– Acreditei te haver dito que não voltasse a se aproximar de mim – grunhiu, estirou-se para alcançar suas meias e cobrir-se.



Caroline Bennett

– É muito homem para se conformar com uma mulher, por que não tomar? Entre minhas pernas encontrará maior prazer do que ela possa lhe dar jamais.

– Maldita prostituta! Não é mais que uma puta.

Agarrou-a fortemente pelo braço e a obrigou a levantar-se; ela tratou de lutar contra ele, mas Adrian o impediu empurrando-a com violência e fazendo-a retroceder a tropeções.

– Não quer entender que amo minha esposa e que nenhuma outra pode suplantá-la – disse lhe atirando as roupa – Agora saia do meu quarto. Esta mesma noite abandonará esta casa sem explicações.

Os pálidos olhos da mulher se moveram frenéticos.

– Deseja-me, todos os homens o fazem – falou, tratando de aproximar-se de novo. Adrian a afastou com um forte tranco que a fez golpear-se contra a parede – Ela lhe tem enfeitiçado, como ao resto, mas eu sei realmente como é ela: uma usurpadora. Eu deveria ocupar este lugar, eu deveria ser a desejada, admirada-a e não ela...

– cale-se! Não merece pronunciar sequer seu nome! Crê acaso que por abrir as pernas a qualquer homem esteja disposto lhe fazer mais mulher que ela? me deixe esclarecer seu engano: jamais, me ouça bem, jamais chegará a ser tão mulher como ela.

– Eu o odeio! – gritou ela; seus formosos olhos cinza, assaltados pelas lágrimas, percorreram febris a elegante estadia – Conseguirei fazer de sua vida um inferno, virá para mim de joelhos, e quando tudo tiver acabado será meu. Tudo.

Adrian observou a enlouquecida fuga da mulher e amaldiçoou em silêncio. Ao menos Margaret não tinha sido testemunha da briga... Mas onde diabos estava ela?

Margaret se refugiou na solidão da biblioteca. Lágrimas silenciosas rodaram por seu rosto enquanto observava as brasas da lareira.



Caroline Bennett

por quê?, por quê? A pergunta se repetia insistente em sua cabeça. Era tão doloroso! Se ao menos seus olhos não o tivessem visto, se não o amasse tanto... Poderia viver com aquela dor permanente no peito? Carecia do valor necessário para enfrentasse ao resto do mundo, a Adrian, a Angeline...

– Surpreende lhe acaso o comportamento de seu marido? – A voz do Angeline a fez endireitar-se – Lamento muito que tenham sido testemunha de nosso encontro: até o momento sempre foram secretos. Seu marido tem um apetite voraz, suponho que está na natureza de todo homem. Quantas mais mulheres, melhor. Não se conformam com um só prato quando podem desfrutar de todo um festim.

Margaret se voltou.

– Quem é? – perguntou olhando-a fixamente – por quê?

Angeline riu enquanto trancava sua juba murcha.

– por quê? Excelente pergunta. Eu mesma me tenho feito isso em numerosas ocasiões, por que você e eu não; mas ao fim Deus ouviu minhas preces. Seu marido plantou sua semente em meu ventre. No verão darei a luz a seu bastardo.

– Não!

– Entenda. Como podia eu, uma rapariga débil e desamparada, rechaçar ao poderoso duque de Norfolk? Confesso que em princípio resisti à idéia, mas seu marido é um homem apaixonado e sabe como agradar a uma mulher – riu – Bom, a várias...

– cale-se! fala como uma serpente enviada pelo próprio Satanás! Obrigarei a abandonar Norfolk.

– Crê acaso que ele o permitirá? Levo seu filho em meu ventre. O mais sensato é que fosse você a que abandonasse esta casa e se internassem em algum convento – Angeline lançou um sorriso ladino, e seu corpo magro se colocou frente a Margaret – Não me culpem pelos apetites de seu marido. Não fui a única, pode visitar a aldeia e perguntar. Conforme



Caroline Bennett

tenho entendido seu marido gozou já dos encantos da puta que atende o botequim.

Margaret a esbofeteou com força. Jamais pensou que alguém pudesse aborrecê-la a como aborrecia a aquela mulher nesse momento.

– Saia daqui e não volte a cruzar meu caminho – lhe advertiu.

Aturdida, Angelina esfregou a bochecha golpeada mas ante o furioso olhar daqueles olhos azuis não se atreveu a continuar o enfrentamento. Com sorte seu plano faria cobrar isso também.

Catelyn despertou sobressaltada quando a porta de sua quarto se abriu.

– Quem esta aí?

– Shsss, silêncio ou despertará a toda a casa – sussurrou Margaret iluminando a estadia com um luminária.

– Senhora? Ocorre algo?

Sim, sua vida estava reduzida a cinzas, isso ocorria.

– Nada, esta noite dormirei aqui; chegue para um lado – sussurrou fechando a porta detrás de si para sentar-se sobre o colchão.

– Mas não entendo, por que não dormem em suas habitações?

Margaret apertou os lábios com força. Sua mão tremeu levemente ao depositar a vela sobre a mesinha de noite. Tinha que manter-se forte para não tornar-se a chorar de um momento a outro.

Sempre atenta aos estados de ânimo de sua senhora, Catelyn se sentou contra os travesseiros para olhá-la com preocupação.

– brigou com Wentworth?

Margaret tratou de negar, mas um traiçoeiro gemido escapou de sua garganta encolhida.

– Sabe que pode me contar tudo o que queira, não direi uma só palavra – Disse colocando uma mão sobre o ombro de seu amiga.



Caroline Bennett

Foi suficiente para que toda sua integridade se derrubasse. Assustada com o pranto de sua senhora, Catelyn tratou de animá-la com suaves palavras enquanto a recebia entre seus braços, consolando-a.

– Nunca a tinha visto assim. me conte de uma vez o que ocorreu se não quer que desfalecer de angústia – exigiu a viúva; tomou entre suas mãos o rosto da jovem.

Os olhos azuis, brilhantes pelas lágrimas, fixaram-se em um ponto longínquo como se sua mente a tivesse abandonado e se trasladou a um lugar muito longínquo. Mecanicamente, começou a relatar o ocorrido com voz entrecortada. Quando finalizou caiu como uma boneca rota deixando que Catelyn a agasalhasse e se deitasse junto a ela.

– Amanhã descobriremos que confusão é esta – prometeu, mas Margaret a ignorou, cheia de dor.

– Acredito que está completamente claro. Adrian me enganou e Angeline não foi a única. Os homens são infiéis por natureza.

– Como pode acreditar nela? Essa mulher enganou a todos.

Margaret recordou então as palavras do Marlowe, "visitou em numerosas ocasiões as moças de Norfolk, inclusive o dia antes de suas bodas". Inclusive ela tinha notado sua confusão quando lhe tinha interrogado sobre sua presença em Norwich na noite do assalto. "Queria estar a sós", havia dito ele. Mentira, tudo mentira! Ele tinha ido ali gozar dos prazeres da carne.

"Quer que lhe repita que é meu amor? meu lar? minha vida inteira?". Mentira! "Não deixe de me abraçar". Que grande farsa! Ele tinha servido a outras, tinha sujado seu amor com enganos. Novas lágrimas alagaram seus olhos. Adrian! Foi tudo mentira?

Durante o resto da noite, seu coração cercou uma cruel disputa com sua cabeça: não, desta vez não estava disposta a deixar-se guiar por seus sentimentos. A dor era muito intensa. Quando o canto do galo anunciou o novo dia tinha tomado uma decisão.



Caroline Bennett

Adrian perambulou pelo salão enquanto observava enfurecido às damas de sua esposa. Nenhuma delas tinha aberto a boca desde que ele as enfrentará para exigir que lhe dissessem onde se achava. As malditas mulheres o olhavam como se de repente tivesse se convertido em um monstro de três cabeças. Estava seguro de que tudo tinha a ver com o ocorrido com o Angeline. Por certo, a muito zorra se encarregou de desaparecer sem deixar rastro. Era o melhor que podia fazer. Se tinha a desgraça de cruzar-se em seu caminho, Adrian sucumbiria ao desejo de estrangular seu magro pescoço com suas próprias mãos. Uma vez mais, o desespero o arrastou para o círculo formado pelas mulheres.

– Nenhuma de vocês se sairá desta sala até que se esclareça o paradeiro de minha esposa.

Lady Sara se atreveu a enfrentar seu olhar furioso.

– Nos priva de liberdade?

– Lhes privarei de tudo. Maldita seja! Seria melhor para todos que falassem.

O obstinado grupo se manteve em silêncio.

Desesperado, Adrian se mexeu no cabelo.

– Muito bem – grunhiu, girou sobre suas pernas e começou a gritar – Jules, as vigie! Se alguma tenta abandonar esta sala receberá dez chicotadas.

O grupo de mulheres se encolheu. Adrian lhes lançou um olhar mais antes de sair a grandes pernadas. Só quando a porta se fechou a suas costas se atreveram as mulheres a respirar.

– Perseguem-no sem necessidade – indicou Jules furioso.

– Agora entendo por que o chamam o Dragão. Temia que começasse a lançar fogo por sua boca de um momento a outro – declarou Lady Shopie estremecendo-se.

– E não duvidem que o fará se continuarem se negando a lhes dizer onde está Lady Norfolk.



Caroline Bennett

Catelyn fez uma careta ao dirigir-se ao guerreiro.

– Se estiver em nossa mão, ele nunca saberá onde se encontra nossa senhora, ao menos até que ela nos comunique o contrário.

Jules sacudiu a cabeça.

–está preocupado com ela, por que lhe atormentar desta maneira?

– Se está preocupado está com ela, por que então não lhe importou exhibir-se com seu amante? Essa ingrata do Angeline está prenhe de seu senhor, que grande preocupação deve lhe causar não saber o paradeiro de nossa senhora!

O homem retrocedeu piscando de incredulidade pela surpresa.

– Isso que dizem não é verdade.

Catelyn ficou em pé e replicou:

– Está me chamando mentirosa? Lady Norfolk viu com seus próprios olhos aos dois amantes e Angeline mesma lhe confessou que estava prenhe de seu senhor. E quer que creiamos na inocência de Wentworth, me neguem então que tomou já várias amantes. Todos no povo sabem que antes de suas bodas visitou o botequim para deitar-se com uma das moças.

Jules abriu a boca. Catelyn prosseguiu:

– OH não! Não me convencerão com suas palavras. É homem como ele – esgrimiu a dama, e a seguir lhe deu violentamente as costas.

Mulher burra!

– Não é como imaginam.

– Ah, não? nos explique então como é!

Jules enfrentou a muitos rostos incrédulos.

– Tal e como imaginava! – indicou Catelyn ante seu silêncio.

Seu tom agudo feriu o orgulho do guerreiro, que resmungou uma maldição afogada.



Caroline Bennett

Capítulo 16

– O que quer dizer? – A voz do Marlowe se elevou espantando quando um grupo de corvos iniciou um ruidoso vôo.

– Entendeu perfeitamente. As cartas deviam ficar sobre a mesa cedo ou tarde – explicou Angeline com suficiência – Acaso esperavam que cruzasse os braços enquanto esses dois repartiam o que nos pertence por direito? – perguntou ofendida. Sua extrema palidez estava acentuada por seu manto negro.

Tinha elegido uma clareira na profundidade do bosque para manter seu encontro secreto.

– E qual será passo seguinte em seu plano?



Caroline Bennett

Angeline se deixou cair sobre um tronco seco.

– consegui averiguar o paradeiro da duquesa. Não nos será difícil chegar até ela. No momento em que caia em nossas mãos, obteremos vantagem sobre o Wentworth.

– Quer seqüestrar à dama do Dragão?

– Um seqüestro e uma morte "acidental" – indicou a jovem.

– Wentworth não o perdoará.

– Saberá quando for muito tarde, inclusive essa menina que tanto anseiam pode nos servir na fuga.

– Lady Anne?

– Não nos será difícil atraí-la a nossa armadilha.

Os olhos do Marlowe brilharam ambiciosos.

– É uma herdeira muito apetecível, é possível que a reserve para meu próprio benefício – elucubro – Wilson é muito estúpido para gozar de tanta bondade.

Angeline riu encantada.

– Como vê a sorte começa a ficar do nosso lado.

O olhar do Marlowe descendeu para o rosto da mulher

– Decididamente – disse elevando a mão até o pálido rosto da dama.

Margaret se revolveu incomoda em seu leito. Padre Francis a observou divertido.

– É uma jovem teimosa. Retorne a seu marido e arrume este mal-entendido – A aconselhou, estirando suas magras tíbias para o trêmulo fogo da lareira.

Em outros tempos, a vida solitária e errante do pároco tinha despertado em Margaret o desejo de lhe imitar. Achava romântico dedicar sua vida à obra do Senhor e viver em uma pequena cabana isolada sem comodidades e com a única companhia de uma mula teimosa. Mais



Caroline Bennett

tarde, compreendeu que aquilo não era feito para ela. Acostumou-se a ser uma senhora e achava aquela vida ermitã aborrecida ao mesmo tempo em que incômoda.

– diz Mal entendido? – gritou sentando-se furiosa.

– O que outra coisa é se não isso? Seu marido a ama.

– Já lhe expliquei o ocorrido, e pretende que volte com ele?

– Confie em meu critério ao menos esta vez, sou velho e meus olhos vêem mal, mas minha sabedoria é a que guia minhas palavras.

– Possivelmente necessita que lhe explique um pouco mais sobre o assunto em questão. Esse homem se deitou com várias mulheres, incluída uma de minhas damas.

– Quem é a dama em questão?

– Quem? Que importância tem isso?

– Lady Catelyn?

– Por todos os céus, não! Ela seria incapaz de algo assim.

– Quem então? Conheço todas suas damas e me parece impossível que uma dela lhe tenha traído.

– Não a conhece, padre. Trata-se de uma mulher que chegou a Norfolk recentemente e pediu meu amparo porque a família de seu finado marido a expulsou de suas terras. Chama-se Lady Angeline.

– Lady Angeline? Seu nome me é vagamente familiar.

Margaret entrelaçou as mãos.

– É uma mulher formosa, de cabelo loiro como o trigo e olhos cinza; qualquer homem sucumbiria ante sua beleza – Seu olhar triste vagou pela pequena estadia – Em sua infância passou largas temporadas na casa dos Marlowe. Pensei que fomos amigas mas... – Não pôde finalizar. Em sua memória estava fresca ainda a lembrança da mão do Adrian sobre o corpo pálido da mulher – Pode alguém viver com o coração partido, padre?



Caroline Bennett

– Vamos, vamos, não é uma moça dramática. se cale um momento e me deixe pensar... – O ancião fechou os olhos enquanto entrelaçava as mãos em posição meditativa.

Margaret o observou em silêncio.

– Já sei! – gritou segundos depois.

– O que, padre?

– Essa mulher, sei quem é: Angeline Raynes. Viúva de Lorde Simmons.

– Conhecem-na? – A jovem o olhou surpreendida.

– Certamente. Quando da morte de seu marido foram muitos os que especularam sobre as causas da mesma. Lady Angeline foi acusada pelos filhos de envenenamento e expulsa, infelizmente ninguém pôde demonstrar nada.

Margaret franziu o cenho. Havia algo no reino que não soubesse o bom do Padre Francis? Como conseguia essas informações era para todos um mistério.

– Ela não me contou isso.

– Sim, imagino que sua intenção era provocar sua piedade. Tampouco saberão que Marlowe a manteve como amante em seu lar.

– Seu amante? – O atordoamento da jovem ia crescendo– . Mas isso é impossível...

– Angeline Raynes sempre foi uma mulher perdida. Cobiça todo aquilo que não possui. E acredito que você foi sua próxima vítima. É possível que seu marido seja tão inocente como você.

– Duvido-o.

– Em qualquer caso terá de averiguar.

Ela o olhou zangada.

– diria que quer se livrar de mim a qualquer preço.

O padre Francis riu.



Caroline Bennett

– Não é isso, minha filha, mas eu gostaria de lhe ver sorrir de novo. Seu marido é um homem justo e vos ama. Escutem o que estou dizendo.

– De verdade crê que me ama?

– Até um velho tolo como eu pode vê-lo: esse homem não teve olhos para nenhuma outra desde que lhe viu, estou seguro.

Isso estava para ver! Mas as palavras do padre Francis tinham infundido novas esperanças em seu coração. Adrian! Amava-lhe tanto... Sua alma inteira se estremecia ante a perspectiva de viver sem seu amor

"Deus Santo, faz que tudo seja mentira, que ele me ame", rogava noite após noite na solidão de sua cama de armar.

Algo ou alguém raspou na porta, distraíndo-a. O ancião se levantou precavido.

– Quem está aí? – inquiriu elevando a voz.

– Padre, sou eu, Lady Anne. Abra a porta.

– Anne, é você? – Margaret ficou rapidamente em pé para dirigir-se a porta – Santo Céu, menina! Está louca? O que fez vir em plena noite? Ninguém te acompanha? – Por um instante cruzou por sua cabeça a idéia de que Adrian tivesse seguido à menina. Seus olhos inspecionaram as sombras noturnas, onde esperava encontrar a formidável figura.

– vim sozinha, como me pediram – esclareceu menina, colocando sobre a desmantelada mesa uma cesta cheia de comida.

– Pedir?

– Sim, não o recorda? Pediu-me que me reunisse com você esta noite e lhes trouxesse uma cesta de comida. Não o disse a ninguém tal e como me indicou.

Margaret a olhou alarmada.

– Quem te disse isso? – perguntou sacudindo levemente à menina.

Confusa, Anne olhou para padre Francis.



Caroline Bennett

– Fiz algo mal? Eu só cumpri com o indicado.

– Têm feito muito bem, queridas – negou o padre.

Margaret separou agitando a cabeça. Seu cabelo solto se sacudiu com força a suas costas.

– Isto é coisa de Adrian. Uma armadilha habilmente urdida.

– Natacha, essa criada estrangeira foi quem me deu o recado – Os formosos olhos do Lady Anne se encheram de lágrimas – Disse... Disse que necessitava vir quanto antes, eu só obedeci...

– Está bem, não importa – sussurrou Margaret abraçando-a.

– De verdade pensa que Adrian está por trás de tudo isto?

– Quem mais?

– Duvido muito que seu marido exporia dessa maneira a uma menina para lhe encontrar. Acredito ser mais sensato.

– Então, desconhece sua verdadeira natureza. O é o homem mais presunçoso e autoritário do reino.

Mas também sabia ser delicadamente atento, apaixonado e protetor, repreendeu-lhe uma voz interior Em Londres tinha acreditado chegar a lhe conhecer, tão equivocada tinha estado com respeito a ele? Uma repentina luz iluminou o poço escuro de seus pensamentos. Não, ele não era assim e se era certo o dito por padre Francis, todo aquilo poderia ter sido obra de Marlowe e Angeline. Uma esperança alagou seu coração.

– Amanhã há primeira hora retornaremos a casa – anunciou repentinamente.

Sua intuição não podia lhe falhar, não quando seu coração estava em jogo. Adrian não podia havê-la traído. Essa pequena certeza aliviou seu coração.

– Vejamos o que trouxe nessa cesta – disse precavendo-se de que pela primeira vez, em três dias, sentia apetite.



Caroline Bennett

Mas se deteve repentinamente. Anne havia dito que uma criada lhe havia dito que se reunisse com ela essa noite, a mesma criada que dias atrás a tinha indicado que sua presença era necessária fora da mansão. Compreendeu de repente que se Marlowe estava detrás de todos aqueles enganos, corriam perigo.

Marlowe sorriu agradado ao observar a pequena sombra que se deslizava ante seus olhos.

– Esperaremos uns minutos mais antes de entrar. Deixemos que a zorra desfrute de seu jantar – disse enquanto desmontava seu cavalo. tirou-se as luvas de couro e acariciou o punho de sua espada.

Um de seus homens o olhou reticente.

– Teremos que nos apressar. O Dragão poderá aparecer a qualquer momento.

Os dois homens que o seguiam assentiram conforme.

– Então adiante. Tratem com cuidado à menina, está destinada a ser minha esposa. Quanto a essa zorra de Norfolk, golpeiem se for necessário. Quando Wentworth tiver pagado por seu resgate poderão desfrutá-la como estimam.

A porta da cabana foi derrubada, escuras sombras penetraram no interior e Anne gritou.

– Vá, vá! Um par de belas cotovias esperando ser devoradas.

– Quem é? – inquiriu Margaret abraçando à menina contra seu peito – Fale.

Os homens riram de novo.

– Atem o padre, eu me ocuparei de Lady Norfolk.

– Como sabem quem sou? Quem os enviou? – exigiu saber estreitou com mais força à menina entre seus braços.



Caroline Bennett

O padre Francis tratou de debater-se contra os intrusos, mas em questão de segundos foi reduzido a um pacote como um pato a ponto de ser trinchado.

– Aproxime-se, milady.

Impávida, Margaret observou o rosto daquele homem, um rosto vulgar como os de seus companheiros.

– Pretende me seqüestrar? – perguntou elevando uma sobrancelha, com uma serenidade que estava muito longe de sentir. Sou a esposa do temido Dragão, querem ser objeto de sua fúria? Como já devem ter ouvido, é um homem desumano quando defende os seus.

Os três homens deixaram de sorrir.

– Basta de bate-papo, ele disse que trataria de nos assustar. se aproxime – ordenou o mais despachado.

Margaret o olhou desafiante.

– O que farão com o padre Francis?

– Não podemos carregar um velho a nossas costas. Se decidir ir possivelmente não lhe aconteça nada.

– Caminharei por meu próprio pé, mas deixem em paz à menina e o padre Francis.

Um dos homens se adiantou. Margaret recordou então a adaga que pendia de seu quadril: disfarçadamente a extraiu de sua capa para enfrentar com decisão aos três homens, indicando a Anne que se colocasse a suas costas.

O cabeça cuspiu a um lado.

– É uma estúpida! – E sem mediar palavra tratou de desarmá-la.

Margaret o esquivou lançando uma estocada profunda que o feriu no braço. Desorientado, o homem a olhou rancoroso.

– Zorra presunçosa! – grunhiu, e se equilibrou sobre ela.



Caroline Bennett

Em um dos flancos da cabana os outros dois, indecisos, observavam a escaramuça.

– Anne, a porta, rápido! – gritou enquanto ela mesma retrocedia para a saída.

Se conseguissem alcançar o bosque haveria uma possibilidade de escapar para ambas.

De repente, ante seus olhos, um brilho prateado desenhou uma parábola.

– Causam mais problemas do que valem.

Margaret se deteve ofegante ante Marlowe.

– É você quem está por trás desta charada – acusou com tom altivo – É uma estupidez, milord.

A ponta da espada se adiantou até posar-se no delicado pescoço da jovem.

– Sempre usou de mais a língua, por uma vez lhe dêem descanso – se mofou.

– Deixe-me em paz – espetou Anne olhando ao homem com ferocidade.

Marlowe voltou os olhos para a pequena figura.

– Uma formosa recompensa ao fim. Doce princesa, será uma magnífica Lady Marlowe – riu.

– Lady Marlowe? – repetiu Anne com estranheza, e dirigiu um olhar inquieto a Margaret.

– Se está pensando que eu acredito, milord, é que supera a fronteira da estupidez.

– Lady Anne será em uns anos uma formosa mulher desamparada. Se casando comigo com só lhe proporciono segurança.



Caroline Bennett

– Só procura seu dinheiro, como um dia procurou o meu. Mas Marlowe abram os olhos e limpe sua etílica mente! Lady Anne é apenas uma menina.

– Uma menina que algum dia será mulher, uma mulher muito rica – riu
– Não está enciumada? Nós dois podemos instruí-la nos atos do trato nupcial.

Sua mão se estirou para acariciar levemente o peito da jovem. Furiosa, Margaret descarregou sua mão contra o rosado rosto. O golpe abriu uma pequena brecha nos lábios carnudos.

– Cadela caprichosa! Excede-se, como sempre, quando eu quero é ser unicamente um amante amigo, mas chegou o momento de que pague por todos os seu desplantes. Não fará de mim um bufão. Não, não senhora, a partir deste instante serei eu quem ditara as regras – disse lambendo o sangue.

Margaret não recordaria nada mais desse momento, depois de ver avançar o grande punho do Marlowe contra sua têmpora.

Adrian se achava conversando com o Jules quando Eugen se aproximou de carreira. O moço interrompeu bruscamente a conversação com um gesto mais feminino que masculino e sem demoras começou a falar entrecortadamente.

– trata-se de Lady Anne, milord, Marlowe a levou.

Adrian ficou em pé violentamente. Por um momento, seus planos de encontrar Margaret ficaram relegados a um segundo plano.

– De que fala? – perguntou elevando ao moço com um punho.

– Lady Shopie e Lady Catelyn a estiveram procurando desde esta noite, ninguém parecia saber muito bem onde estava. Lady Sara recordou havê-la visto falar com essa faxineira, Natacha – explicou Eugen



Caroline Bennett

tratando de liberar-se – Marcus a esteve vigiando junto com essa aventureira Angeline. Ao interrogá-la a muito estúpida se pôs a chorar e soltou a língua.

Adrian o liberou bruscamente.

– disse que Lady Angeline lhe pagou por informar de tudo o que acontecia na casa. Inclusive visitou várias vezes a mansão de Marlowe para lhe entregar algumas mensagens. Segundo ela esses dois estão combinados. A noite que a senhora desapareceu, Angeline lhe ordenou que averiguasse seu paradeiro e que enviasse à menina. Ela diz que se negou, mas que Lady Angeline a ameaçou contando tudo acusando-a de mentirosa – explicou mais sossegadamente.

– Onde está minha esposa? – perguntou Adrian alarmado.

A perspectiva de Margaret prisioneira de Marlowe lhe gelava o sangue.

– refugiou-se na cabana do padre Francis. Mas a estas alturas Marlowe já deve ter as duas em seu poder.

Adrian assentiu pela metade, sua cabeça estava já em outro lugar. Marlowe levava umas quantas cabeças de vantagem. O melhor seria confrontar a situação de uma maneira direta.

– Faz que preparem meu cavalo. Marcus assumo o lugar. Jules D’Claire e outros homens me acompanhassem – ordenou, atendo a espada à cintura.

Margaret despertou inchada. Seus intumescidos músculos gritaram de agonia quando tratou de endireitar-se contra a parede. A seu lado, Anne lhe sustentava corajosamente a mão.

– Onde estamos? – perguntou, repassando com a língua seus lábios ressecados.

– Em uma masmorra, acredito.

Margaret estudou o lugar com desânimo. tratava-se de um lugar escuro e úmido, tão somente as frestas da porta metálica permitiam a passagem da luz.



Caroline Bennett

- Ele nos encerrou. Disse que voltaria – sussurrou Anne.
- Então, não nos cabe mais que esperar.
- Sinto muito, milady.
- O que é o que sente pequena?
- Por minha culpa nos achamos nesta situação.

Margaret tratou de se localizá-la em meio da penumbra.

- Isso não é certo. Marlowe é o único culpado e possivelmente também meu teimoso caráter. Vamos, se aproxime mais.

A menina obedeceu mansamente.

- Se tivermos que passar a noite aqui, o melhor será nos dar calor mutuamente.

Transcorreram três dias naquela situação, tão somente as esporádicas visitas de seus carcereiros (para alimentá-las a base de misturas asquerosas que nem os ratos provariam) rompiam a monotonia e lhes outorgava um leve indício do passar das horas.

Marlowe fez sua aparição ao finalizar o terceiro dia. Ao entrar na cela a iluminou com a amarelada luz de uma vela.

- Estão meus aposentos à altura de sua digna pessoa ou os acha, possivelmente, muito ostentosos?

Margaret elevou o queixo.

- Marlowe, até o momento é o rato mais gordo que vi neste buraco – saudou ela – E temo que, como eles, acabará seus dias esfolado.
- Sempre têm uma replica pronta, verdade?
- É fácil quando se trata de sua mercê.
- Bem, desfrutem então desse pequeno prazer, porque no futuro serei eu quem o faça – disse agarrando-a bruscamente pelo cabelo. – Angelina, acompanha a minha prometida acima. Não acredito que seus doces olhos estejam preparados para o que aqui vai acontecer.



Caroline Bennett

Pela primeira vez, Margaret precaveu de que havia uma segunda pessoa na estadia. A magra figura se mantinha oculta nas sombras, silenciosa, observadora. Adiantou-se, descobrindo seu pálido rosto.

– Surpreende-lhe minha presença aqui, milady? – Sua boca se estirou em um sorriso sinistro.

Margaret a olhou longamente.

– Diria, que não, uma vez que a venda foi tirada dos meus olhos nada do que façam ou digam pode me surpreender.

Angeline riu e sua risada histérica e aguda arrepiou o pêlo da jovem.

– Seu marido é como um bom cavalo selvagem terá que montá-lo várias vezes para lhe domar, mas uma vez que isso ocorre não existem melhor arreios, como muito bem sabe.

– Meu marido jamais ousaria lhes tocar – afirmou liberando-se de Marlowe.

Angeline elevou uma sobrancelha, a via formosa como uma princesa de gelo.

– Seu marido semeou um filho bastardo em meu ventre. Eu acredito que tem feito mais que me tocar.

– Duvido-o.

– Acaso necessita de mais provas além das que já viu ?

– Pedi que meus olhos me enganassem e me fizessem duvidar, mas meu coração sempre soube a verdade. E a verdade é, Lady Angeline, que meu marido o Dragão Wentworth jamais se rebaixaria a compartilhar o leito com uma bruxa ambiciosa, que envenenou a seu marido para ficar com suas terras. OH não! Ele teria preferido atirar-se no barro a lhe tocar um só fio de cabelo porque, no fim, o coração do Dragão me pertence.

A dureza destas palavras causaram um vinco, até o momento, serena postura da mulher. Com as mãos em garra tratou de arranhar o ofensivo rosto, mas Margaret conseguiu afastar-se de lado.



Caroline Bennett

– Seus dias de pilhagem e rapina estão contados. Por uma vez em sua vida, me dê uma amostra de inteligência e abandone esta tolice.

Angeline tratou de alcançá-la de novo. Seu rosto crispado se transformou em uma máscara de ódio.

– Quando seu querido marido pagar seu resgate será seu meu, me acreditem. A partir de agora, acabam-se as boas maneiras, sofrerá o que eu sofri, suplicará ante mim como sempre supliquei eu, e quando parecer que nada pode ser pior, então... então saberá o que é visitar o inferno – gritou descontrolada.

Anne ficou assustada com aquelas novas ameaças mas, recusasse a deixar-se amedrontar, Margaret escondeu seu medo uma fachada de frieza.

– Minha pobre Angeline, sempre ansiando o que jamais poderá ter. Dá-me pena.

Marlowe interveio nesse momento e empurrou a Margaret até fazê-la cair sobre o chão úmido.

– Leva a menina ante Lorde Wilson agora. Necessitamos que afrouxe a bolsa e pague o que nos prometeu – ordenou.

Angeline lançou um vitorioso olhar sobre o corpo enfraquecido de seu rival e se voltou para a menina, tratando de puxá-la.

– Deixe-a! – gritou Margaret tentando ficar em pé.

– Não irei a nenhum lugar – anunciou com voz decidida mordendo a pálida mão que se estendia para ela.

Marlowe a encurralou em uma dos cantos da cela.

– Estou farto de estupidez – grunhiu, antes de tomá-la com força pelo cabelo e arrastá-la para Angeline – Quando te converter em minha esposa aprenderá a ser mansa.

A menina tropeçou e se chocou contra a loira donzela, que a empurrou fora da masmorra.



Caroline Bennett

– Agora será sua senhora quem aprenderá umas quantas lições – riu repentinamente, olhando com cobiça a curvilínea figura do chão.

A risada do Angeline se uniu a de seu amante.

– Desfrute, milady – E voltando-se para o homem – Marlowe, querido, me prometa que não será muito duro com ela. Deve estar consciente quando outros homens tomem seu lugar.

– Tratarei-a com suavidade se, se comportar bem – disse enquanto acariciava rudemente seu rosto.

Enojada, Margaret tratou de apartar-se de seu contato. Seu coração assustado pedia a gritos uma idéia, mas sua mente esgotada ficou em branco.

"Adrian, onde está?", rezou quando a porta se fechou.

Sob o manto da noite, as sombras se moveram sigilosas. Apostado contra um dos muros exteriores da fortaleza, Adrian parou para estudar a situação. O velho castelo estava virtualmente em ruínas: em alguns lugares a grossa muralha que em outros tempos o rodeava se achava derrubada. Marlowe havia desvalorado sua inteligência ou simplesmente era mais estúpido do que acreditava, pensou depreciativo ao observar o punhado de homens bêbados que vigiavam o lugar. Jules, a seu lado, bufou ao ouvir os desiguais cânticos com que brindavam.

- Isto será mais fácil do que esperávamos – grunhiu acariciando o punho de seu espada.

– Se minha esposa e a menina estão aí dentro me encarregarei de que não voltem a cantar em toda sua vida – jurou com a determinação de que está em posse da verdade – Reúna os homens na entrada principal, isso os distrairá. D’Claire e eu penetraremos por atrás. Esta pocilga parece que vai cair a qualquer momento. Em marcha.

– Conseguiremos encontrá-la, Wentworth – lhe assegurou Jules, apoiando brevemente a mão em seu ombro.

– Recorde, Marlowe é meu.



Caroline Bennett

Os homens que o rodeavam assentiram antes de partir.

Os olhos azuis da Margaret se dilataram face à escuridão que reinava na cela. Marlowe nem sequer se incomodou em fechar com chave a porta, antes de começar a desatar os nós das meias.

– Será como você queira: tenro e amável, ou doloroso e brutal. Pode escolher.

Margaret o olhou, tinha que ganhar tempo.

– Está cometendo uma iniquidade.

– Pode ser, mas leva anos me esquentando o sangue. Justo é que receba algo mais que seu apaixonado desprezo.

Estirou a mão para ela, e Margaret se separou de seu contato apertando-se contra um dos muros. Marlowe riu, seu rosto estava iluminado pela macabra luz do candeeiro.

– Não está tão orgulhosa agora, verdade? Quando acabar contigo lambe a minha mão como uma cadela fiel.

– Delira.

Um pânico profundo começava a apoderar-se dela. seria seu fim? Adrian! foi o grito desesperado de sua mente.

Marlowe a cercou contra a parede, contrapondo seu corpo ao da jovem. Sua mão brusca tratou de lhe acariciar os peitos.

– Não! – gemeu, tratando de apartá-lo.

Isto provocou a diversão do Marlowe.

– Desta vez será "sim", milady. Seu Dragão se acha muito longe, muito longe para lhe defender. Vamos, lhe mostre-se agradável comigo, saberei lhe recompensar.

Sua mão se adiantou novamente para lhe acariciar os peitos. Esta vez ela não resistiu, apenas permaneceu impassível as suas carícias.



Caroline Bennett

– Boa garota – se regozijo ele aproximando-se ainda mais; sua úmida respiração acariciou o rosto da jovem – Saberá o que é ter um verdadeiro homem entre as pernas.

– Sim? – inquiriu ela, fingindo confusão– Não entendo como.

– Como? – repetiu Marlowe separando-se dela ligeiramente.

Era o que Margaret estava esperando. Sua perna se elevou com decisão, com o joelho dobrado e o sujo vestido arregaçado, encaixou seu joelho na virilha do homem. Houve um som afogado, como o de alguém que é privado da respiração repentinamente. Ante seus olhos, a fabulosa anatomia do conde se derrubou, como um Golias ferido de morte. Sua boca se abriu e fechou várias vezes, como a de um grande dourado apanhado no anzol.

– E agora Marlowe, me diga, mostre-me como se comporta um verdadeiro animal – burlou a jovem saltando agilmente sobre o corpo encolhido – ou pelo contrário, preferem deixá-lo para melhor ocasião?

A voz do Marlowe, muito mais aguda do normal, elevou-se ligeiramente sem que Margaret chegasse a entender suas palavras.

– Dizia, senhor? – perguntou pondo já a atenção no corredor. A porta entreaberta cedeu docilmente ao impulso de sua mão.

– Zorra.

– Grasnam como um rouxinol depenado – burlou Margaret arriscando-se a lhe jogar um último olhar. Este último reflexo foi o que a pôs sobre aviso, pois nesse instante Marlowe conseguiu segurar seu tornozelo fazendo-a cair torpemente para trás no meio do corredor exterior.

– me solte – exigiu lhe estampando uma nova patada no rosto.

Marlowe tratou de arrastá-la sob seu corpo.

– Cadela egoísta, só atende às más maneiras – grunhiu; esbofeteou-a com força, depois tratou de beijá-la. Seus lábios grossos se escorreram por sua bochecha, deixando um viscoso rastro.



Caroline Bennett

Adrian, se for aparecer faça-o já! gemeu para si mesma, evitando como podia as arrudas carícias.

E então, Marlowe se viu içado sobre seu próprio corpo.

– Quéee? – perguntou chutando antes que sua cabeça se estralasse contra a parede contrária.

Agitado, Adrian conseguiu acalmar-se o suficiente para colocar algum ar em seus pulmões. O pavor dessa noite não era comparável a nada que tivesse vivido antes no campo de batalha.

Tal e como tinha acordado, tinha penetrado no castelo acompanhado D’Claire. Por puro instinto, tinha elegido os porões daquele pestilento lugar como primeiro lugar a procurar. Marlowe não se arriscaria a manter a Margaret em um lugar que não fora o suficientemente seguro, e as habitações de escassa altura certamente não o eram. A medida, que seus pés descendiam os degraus seu aborrecimento aumentava. As úmidas paredes, tão somente iluminadas em alguns lances por fedidas tochas, não impediam de ver que o lugar estava infestado de ratos e outras bestas igualmente desagradáveis. Margaret devia ocupar uma daquelas celas escuras se aterria ao número de guardiães aos que tinha cortado o pescoço. Ao que parece Marlowe não confiava em sua capacidade na hora de submeter à dama.

Quando descobriu Margaret debatendo-se contra as brutais cuidados do Marlowe, uma ira cega tomou tudo de cor vermelha. Suas pernas ameaçaram dobrando-se sob seu peso uns segundos, enquanto avançava para Marlowe como um leão sedento de sangue.

– Adrian, é você? – perguntou Margaret – OH Adrian! – Choramingou e sem poder evitá-lo começou a chorar.

– Ssss, meu amor, só me diga que está bem – disse tomando-a entre seus braços.

Ela soluçou e afirmou de uma vez com a cabeça. Logo se apertou com força contra seu peito, e o estreitou contra ela.

– Adrian... – Não podia deixar de dizer seu nome – Adrian.



Caroline Bennett

– Céu – grunhiu apertando-a ansiosamente – Jamais tinha passado tanto medo como hoje. Não volte a me abandonar desse modo – E a Margaret logo que pode respirar não lhe ocorreu protestar. Seu lugar estava ali, entre esses poderosos braços. Na escuridão do corredor, Marlowe recuperou a consciência. Algo lhe tinha golpeado na cabeça com uma força brutal, algo ou alguém... então seus olhos procuraram: o Dragão estava ali! Os olhos verdes se cravaram nele nesse instante como os de um predador sanguinário.

– Se levante, Marlowe, e arrumemos isto como homens.

Muito fraco para intervir, Margaret o observou apoiado precariamente na parede.

O som do vai-e-vem da espada do Adrian ressonou no corredor.

– Se levante a não ser queira que o mate como um cão vulgar! – ordenou-lhe.

A selvagem fúria de sua voz estremeceu a Margaret, agradecida de não ter que enfrentar nunca a um inimigo tão formidável.

Marlowe procurou a Margaret com olhar aterrado.

– O detenha – pediu ao tempo que desembainhava sua espada – Meu sangue está muito por cima do dele, meus antepassados se remontam a gerações. O rei castigará todo dano que me faça.

– Foi o rei quem me aconselhou sobre você, não ficará muito feliz em saber que novamente ignorastes suas ordens. Acredito, senhor, que se converteu em traidor da coroa.

– Caipira presunçoso! E você, senhora, deveria estar agradecida de que tentasse lhes salvar desta besta má.

– A quem chama de besta, senhor? Eu não vejo outra a não ser você – concluiu ela.

Marlowe se atirou sobre ela, mas a espada do Dragão lhe impediu de chegar a seu objetivo. A briga se iniciou com violência ao ritmo que Adrian se impunha. Os esforços do Marlowe se concentraram em



Caroline Bennett

defender-se dos rápidos ataques de seu adversário. O demolidor avanço de Adrian continuou cutilada após cutilada. O fio de sua espada abriu brechas em braços, peito e cara, e salpicou de sangue a roupa de Marlowe.

– Como vê seu sangue é tão vermelho como o meu – grunhiu descarregando um novo ataque, e outro, e outro, até que finalmente a espada do Marlowe saiu despedida de um batida.

Um sinistro sorriso se desenhava no rosto do Adrian.

– Diga o que tiver que dizer, milord, antes que lhe envie direto ao inferno. Marlowe o olhou com olhos exagerados.

– Não se atreverá... – Seus olhos implorantes saltaram sucessivamente da Margaret a Adrian.

– Não me atreverei a lhe matar? Asseguro esquece quem sou: o Dragão Wentworth. E você, milord, ousaste tocar o que me pertence por direito.

A afiada ponta de sua espada roçou a garganta de seu rival.

– Embora serei benévolo e lhe deixarei escolher a maneira de morrer: um talho na barriga ou a garganta? Escolha. Particularmente, escolheria esta última, é menos dolorosa.

– Não pode. Milady, faça-o achar a razão – implorou, caindo de joelhos.

Margaret o olhou com desagrado. E, embora tivesse desejado ser ela quem aplicasse o fio de aço a sua garganta, impôs-se o bom tino.

– Deixe, Adrian, não merece mais que nossa compaixão. Nas mãos do rei seu sofrimento será ainda maior.

Uns rápidos passos lhes fizeram elevar a vista. D’Claire, espada em mão, descendeu apressado pela estreita escada.

– A fortaleza está tomada. Os homens querem saber o que será feito com ela.

– Bem, envie uns quantos aqui embaixo, enquanto fechamento a Marlowe em sua própria ratoeira.



Caroline Bennett

D’Claire posou sua atenção no homem acorçoadado no chão que gemia pedindo clemência. As ostentosas roupas que cobriam seu corpo penduravam agora feitas farrapos ensangüentados.

– Lady Anne! – gritou de repente Margaret – A tinha esquecido. D’Claire, têm que encontrá-la, Angeline a levou não faz muito.

O moço franziu o cenho. Seu formoso cabelo dourado se agitou ao assentir.

– Não se preocupe senhora, a encontrei.

Partiu de novo escada acima, saltando agilmente com suas largas pernas.

Horas depois, Margaret deixou escapar um suspiro de alívio inundada até o queixo em um quente e reconfortante banho. Suas damas tagarelavam nervosamente a seu redor.

– Esse Marlowe pagará caro seu atrevimento, a mão do rei não treme ao aplicar a lei – comentou Lady Sara vertendo uma pequena quantidade de azeite perfumado na água.

– Ele e Angeline acabaram com a cabeça sobre o talho. Estou segura – augurou Catelyn ensaboando a cabeça de sua senhora – nos Contem de novo como lhe salvou o Dragão, é muito emocionante...!

– Conte isso já dez vezes – protestou ela rindo.

– Mas é tão romântico! – exclamou Lady Shopie enquanto colocava com esmero a camisola sobre a cama – Quando desapareceu, ele se voltou como louco. Ameaçou nos açoitar, claro que não o cremos, é um bom homem e a quer tanto...

– Mentirosa! – riu Lady Sara – Estávamos todas aterradas, sim senhora. Claro que agora compreendemos o que Eugen quer dizer de seu senhor.



Caroline Bennett

– Hummm... O que? – inquiriu Margaret relaxando-se contra o extremo da banheira.

– Cão ladrador pouco mordedor! – fizeram coro todas de uma vez antes de estalar em sonoras gargalhadas.

– OH, Deus! Se Adrian se inteira o esfolará vivo.

Justo nesse instante a porta se abriu para dar passagem ao Dragão. Seu escuro olhar se posou no grupo de mulheres.

– Fora – ordenou cruzando os braços arrogantemente. Sua cabeça inclinada assinalou a porta.

O grupo de mulheres assentiu seriamente, saíram silenciosas da estadia e só quando a porta se fechou atrás delas suas risadas ressonaram de novo.

Adrian franziu o cenho olhando para o corredor.

– Estão perdendo o respeito – reconheceu entre surpreso e triste.

– Absolutamente, agora mesmo estavam comentado o medo que passaram sob sua custódia, um verdadeiro horror.

Não era do todo verdade, mas tampouco era uma mentira.

– Sêrio?

Mas sua atenção se centrava já no úmido corpo de sua esposa.

Consciente de seu faminto olhar, Margaret se inclinou sedutora sobre o bordo da banheira.

– Milord, sabe de sobra que é temido em todo o reino.

Um viçoso peito surgiu da água turva. O rosado mamilo sustentava em sua ponta uma gota de água cristalina.

Adrian tragou saliva inconscientemente.

– vai ficar aí parado? – perguntou ela. Ele negou com a cabeça enquanto elevava a mão para desabotoar o camisa. Torpemente, desatou os nós deixando cair o objeto a seus pés.



Caroline Bennett

Margaret o olhou com olhos reluzentes. adorava aquela parte tímida de Adrian, oculta para outros. OH, sim! embaixo daquela formas bruscas e autoritárias, existia um homem tenro e sensível muito diferente do que todos acreditavam conhecer, aquele que chamavam "o Dragão".

– se apresse – disse com a boca seca.

Os dedos de Adrian se enredaram nos fechamentos de suas meias, conseguiu arrancar o objeto a puxões exibindo ante o faminto olhar azul sua poderosa masculinidade antes de reunir-se com ela na água.

– Tinha-me prometido compartilhar o banho, jamais pensei que demorariam tanto – grunhiu antes de atraí-la contra seu corpo duro.

Com um suspiro, Margaret se acomodou sobre as musculosas formas. Adrian lhe fez acomodar as pernas em torno de sua cintura enquanto seu enorme corpo tratava de amoldar-se aos estreitos limites da banheira.

Margaret se arqueou oferecendo seus peitos ao insaciável olhar e nesse instante, as pupilas verdes refulgiram como duas chamas ambarinas. Uma mão subiu até abranger por completo os frutos expostos e elevando-a contra sua boca, sugou o tentador pico em seu interior arrancando da jovem um gemido de satisfação.

A outra mão, oculta sob a água, guiou com habilidade o membro cheio para a úmida entrada de seu corpo.

Segurando os fortes ombros, Margaret descendeu sobre a rígida espada, sentindo as mãos de seu marido apoderando-se de suas nádegas, as moldar com seus dedos. Depois, sujeitou-a contra si obrigando-a a inclinar-se sobre ele, beijou-a afundando a língua em seu interior e imitando seus ataques com ímpeto o ato sexual.

– Doce dama, cavalga com o brio um cavalheiro – resmungou Adrian elevando os quadris.

Seu estômago plano se esticou sob a carícia de sua mão. Empalada por completo, Margaret apertou com força os joelhos em torno dos quadris estreitos. inclinou-se tentadora até roçar com seus peitos a boca de seu



Caroline Bennett

marido. A língua deste se moveu rápida sobre o mamilo arrepiado, lhe infligindo um ataque voraz a base de tensas estocadas e tenras dentadas.

– E você, cruel Dragão, tortura-me com seus excessos – gemeu arqueando-se ainda mais contra os ávidos lábios.

Adrian afogou um grunhido de frustração quando a jovem se retirou por completo. Ela riu.

– Está bem, princesa, até aqui chegou seu reinado – murmurou lhe mordendo na base do pescoço.

E ato seguido ficou em pé obrigando-a a segurar-se com força a seus ombros,

– Adrian!

– me rodeie com as pernas – indicou penetrando-a de novo.

Margaret obedeceu taciturnamente. A força de Adrian impediria que caísse ao chão, mas ainda assim se aferrou com força a seu pescoço quando ele saiu jorrando da banheira. Sem nenhuma delicadeza, apoiou-a contra a parede. Os ombros úmidos escorregaram sobre a madeira encerada, alguém ia ter que esforçar-se muito ao dia seguinte para fazer desaparecer aquela mancha, pensou distraidamente. Seus olhos azuis se encontraram com os de seu marido, sua expressão resolvida a fez suspirar: agora que ele tinha tomado "as rédeas" só tinha que relaxar-se e desfrutar, disse-se fechando os olhos.

– me olhe – exigiu Adrian quando se deslizou brandamente no mais profundo de suas profundezas. Sua mão agarrou meigamente seu rosto acariciando com o polegar seu lábio inferior.

Margaret abriu de novo os olhos cravando suas pupilas nas do homem que amava com todo seu ser. Sua travessa língua brincou com o dedo.

– te Amo – sussurrou ele ao fim penetrando-a por completo – Te amo – repetiu enquanto seus quadris se retiravam para voltar a enchê-la – Nunca mais volte a duvidar de meu amor por você.



Caroline Bennett

A potente vara a içou contra a parede. Margaret se sujeitou com major força apertando as pernas em torno dos quadris que a empalavam sem piedade.

A escura cabeça descendeu para seu peito enquanto uma de suas mãos abandonava as nádegas femininas para apoderar do mesmo peito que sua boca tentava.

E Margaret gritou revolvendo-se, arqueando-se, roçando-se contra aquele corpo poderoso que a elevava até o céu, cada vez mais rápido, cada vez mais forte, e quando seu corpo deixou de lhe pertencer, estirou a mão sobre a cabeça e lhe pareceu roçar as estrelas. Esgotada se concentrou no amalucado palpitar de seu coração.

junto a seu ouvido, o peito do Adrian subia e baixava tratando de recuperar o fôlego. Enterrado nas profundezas de sua esposa, Adrian apoiou a testa contra o delicado ombro fechando com força os olhos.

– Será melhor te levar para a cama, temo cair de joelhos a qualquer momento – suspirou ainda ofegante, e se separou ligeiramente.

Margaret se acomodou contente contra o largo peito e deixou que a agasalhasse sob as mantas. Permaneceram uns minutos em silêncio, observando o crepitar do fogo, acariciando-se, murmurando palavras de amor

– Em toda minha vida nunca imaginei que pudesse sentir o que sinto por você. Quando desapareceu estive a ponto de me ficar completamente louco – declarou sem separar os olhos do fogo – E me assusta, o que pode me fazer Margaret tem o poder de me destruir.

Margaret se acomodou sobre seu peito e apoiou seu queixo sobre a larga superfície.

– Crê acaso que não sei? Você tem esse mesmo poder, quando te vi junto a Angeline acreditei morrer.

– Juro por todos os Santos que eu não toquei nessa mulher – se defendeu obrigando-a a lhe olhar nos olhos – Essa pequena víbora tentou penetrar em minha cama em um par de ocasiões, mas sempre a



Caroline Bennett

rechacei. Quando me surpreendeu eu pensava que fosse você. Ela entrou silenciosamente e se despiu. Eu esperava por você, não pude imaginar que era ela que... – deteve-se aí ruborizado.

– Ela o tentou em outras ocasiões? – gritou ela elevando a cabeça – por que não me disse isso?

– Fui um estúpido, ela me pediu que não o fizesse, foi bastante convincente ao me fazer acreditar que só se tratava de um mal-entendido. E naquela época, você não queria saber muito de mim.

A boca da mulher se franziu em uma careta.

– Enganou a todos, jamais pensei que me odiasse tanto.

Seus enormes olhos expressaram tanto pesar que Adrian não pôde evitar deixar cair um beijo em seus lábios úmidos.

– Angeline é uma mulher doente e temo que jamais se recupere. Ela viu em você a figura sobre a qual poderia vingar-se de suas aspirações frustradas. Converteu sua vida em uma vingança contra você porque você, melhor que ninguém, representava o que ansiava.

Margaret pensou brevemente nesse fato.

– Espero que possa achar a paz algum dia.

– Enrique decidirá seu castigo. D’Claire fez um bom trabalho, encontrou Anne justo no momento em que Wilson e Angeline tratavam de fugir da fortaleza.

Adrian assentiu levemente.

– Angeline tratou de usá-la como moeda de troca para salvar sua própria pele. Ameaçou lhe cortar o pescoço se não lhe desse um cavalo e uma bolsa de moedas para fugir. Felizmente, D’Claire pôde a deter a tempo e desarmá-la.

– Vá! Agora entendo por que Anne não quis separar-se dele neste tempo. Jura que D’Claire acabará sendo seu marido.

Adrian riu ante aquela ridícula idéia.



Caroline Bennett

– Mas não mais que uma menina...

– Uma menina bastante romântica, diria eu. Deixe que o tempo decida.

Adrian bufou de novo alargando uma mão sob as mantas até a curvatura de suas nádegas.

– Espera! – conteve-o com um pouco convincente tapa – Ainda não sei como soube onde me achar, o lugar era desconhecido inclusive para mim.

Adrian se encolheu ligeiramente de ombros, e entrelaçando sua mão com a da jovem começou sua explicação.

– Já sabe que recentemente acordei com o prefeito e o oficial pôr em funcionamento um sistema de vigilância nos caminhos que cruzam o ducado. Treinamos toda uma rede de espões pela que posso saber quem entra e quem sai de nossas terras. Quando pedi informação sobre Marlowe tudo indicava que ainda permanecia em Norfolk, porque nenhum dos espões constatou que tivesse abandonado o ducado. A questão era onde, já que sua mansão permanecia deserta, há semanas segundo o vigia. Depois todo se esclareceu: um de meus homens me fez chegar uma mensagem. Wilson tinha aparecido como por magia em Norfolk, o descuidado criado que lhe acompanhava deixou algumas pistas bastante explícitas sobre o lugar a que se dirigiam. Depois disso só tive que seguir seu rastro: uma velha fortaleza da família de nossa muito querida Anne, destruída e abandonada a durante a guerra. Marlowe e Wilson acordaram encontrar-se ali. Para Marlowe era o lugar ideal, não tinha nada a ver com ele e poderia se ocultar o tempo necessário para levar a cabo seus planos.

– Marlowe e Angeline planejaram seqüestrar à menina para entregá-la a Wilson; só que após lhe encher o bolso, Wilson sofreria um acidente e Anne estaria nas mãos de Marlowe. planejava mantê-la cativa até que tivesse a idade necessária para casar-se com ela. Confesso que cheguei a temer por sua ambição.

– Marlowe descobrirá muito tarde que ninguém se apodera do que é meu sem castigo.



Caroline Bennett

– Quando lhe vi com o Angeline nesse quarto não soube reagir, temi que, depois de tudo, fossem como o resto dos homens. Minha cabeça me obrigou a fugir, o padre Francis insistiu em que voltasse e tratasse de esclarecer o ocorrido, mas eu me neguei. A dor provocada pelo que vi nesse dia atravessou a alma. Odiei-lhe por me deixar acreditar que me amava.

– Mas a amo.

– Agora bem sei, possivelmente sempre soube. Sou teimosa por natureza, mas meus olhos viram o que viram. Depois, Angeline me contou que você a tinha deixado prenhe e que não tinha sido a única; disse-me que no povo já tinha tomado várias amantes, e suas palavras me convenceram de que realmente eu era uma mais.

Adrian resmungou baixo, mas não a interrompeu.

– Depois, na cabana do padre Francis, compreendi que aquilo não podia ser. O que ambos compartilhamos era muito intenso. Te amo com todo meu coração, Adrian, e a partir deste instante te faço a firme promessa de permanecer a seu lado para sempre. Bobamente duvidei de ti, poderá me perdoar?

– Como poderia não fazê-lo quando significa para mim mais que minha própria vida! Quando lhe conheci iniciei uma dura batalha contra mim mesmo. Saiba, senhora, que me desarmou na primeira vez que lhe vi. Meu coração não tem feito outra coisa que ceder ante seus avanços. Conseguiu me enfeitiçar com sua beleza, e o açoite de sua língua não fazia outra coisa a não ser acirrar meus desejos com suas tomadas e broncas. É a dama que governa meu coração e nenhuma outra poderia lhe substituir.

Seus lábios se uniram ofegantes em um beijo sem fim. Depois, a paixão renasceu. Com movimentos lentos, quase sinuosos, Adrian se colocou entre as coxas de sua esposa e juntos iniciaram de novo uma ascensão aos céus.



Caroline Bennett

Muito mais tarde, quando seus corpos saciados descansavam um junto ao outro, Adrian se apoiou sobre um cotovelo para observar a sua sonolenta esposa.

– Tenho que lhe confessar algo.

– Agora?

– Quer melhor momento?

– Fale, pois, meus olhos apenas se mantêm abertos para ouvi-lo.

– O dia antes de nossas bodas visitei o botequim do povo.

– E?

– Fui ali com a intenção de me deitar com uma das moças.

Isso captou a atenção da mulher, que abriu repentinamente os olhos.

– Arrastei-a para uma das habitações. Ela parecia pouco disposto mas estava bêbado...

– Adrian...

– Ssssh, meu amor, deixe que termine. Não ocorreu nada.

– Nada?

– Nada. Eu estava como um carneiro indócil desde instante que pus um pé nesta casa. Excitava-me seu perfume, seu cabelo. Vivia em uma agonia contínua, assim decidi pôr fim a isso me deitando com uma moça. Acreditava que desta forma poderia te tirar de meus pensamentos, mas chegado o momento não pude... Desejava a ti e nenhuma outra poderia ocupar seu lugar. Foi o descobrimento aterrador que me pôs furioso. Abandonei o botequim com um único pensamento em minha cabeça.

– Qual?

– Não acredito que deva contar isso ficaria escandalizada em excesso. Basta dizer que nessa mesma noite tive muita sorte em puder me



Caroline Bennett

descarregar minha energia com os homens que nos atacaram. Se tivesse me contido não teria chegado virgem ao leito nupcial.

Margaret sorriu meigamente enquanto Adrian a acomodava contra si.

– Durma tranquilo, feroz Dragão, tudo isso é passado e, o amanhã não pode ser mais promissor.

E juntos observaram a tênue luz do amanhecer.

Epílogo

Um ano depois.

A mansão dos duques de Norfolk tinha aberto suas portas para dar receber os habitantes de Norwich, que as centenas se somavam à festa natalina que os anfitriões ofereciam pelas bodas do guerreiro Jules e Lady Catelyn.

longe de seus temores iniciais, o povo do ducado tinham descoberto que o novo duque era um excelente senhor, eqüitativo e justo em suas decisões, generoso em seus atos e contundente na defesa do ducado. E embora seu caráter continuava azedo em algumas ocasiões, seu amor pelo Lady Norfolk o eximia de qualquer outro pecado que queriam lhe endossar.

Em um alarde de sua já mencionada generosidade, Adrian tinha outorgado a seu segundo-tenente uma herdade muito próxima à mansão. Catelyn, esplêndida, estava radiante junto a seu sério marido que parecia ainda incrédulo com sua sorte depois do tímido cortejo que submeteu à dama.

Sentados no estrado principal, Margaret e Adrian conversavam animadamente com Marcus e D’Claire. Sobre o punho do Adrian um formoso falcão observava desafiante à multidão. Arthur, o falcoeiro,



Caroline Bennett

tinha-o feito chegar não fazia nem um mês e Adrian divertia-se com seu vôo sempre que tinha ocasião, acostumando-o a sua mão e a sua voz.

Os avanços na construção do porto estavam a ponto de dar seus frutos. Nesse mesmo verão começariam a desfrutar dos lucros obtidos com o comércio. D’Claire havia feito um bom número de futuras transações que reportariam às arcas do ducado excelentes benefícios e que ajudariam a seus habitantes a recuperar a penúria gerada pela guerra.

Eugen, vestido com uma de suas extravagantes criações, cantava a viva voz acompanhado de uma cítara. Em um segundo plano, Alfred o observava seriamente. A Margaret parecendo impossível que Deus tivesse decidido unir duas pessoas com caracteres tão diferentes.

Em um canto, separada do demais, Lady Anne observava languidamente a figura de D’Claire. Seu infantil rosto desenhou uma careta quando o guerreiro passou por ela sem lhe dar atenção para reunir-se com uma chamativa mulher que o recebeu com um sorriso sensual.

Margaret encolheu-se de ombros mentalmente. Cedo ou tarde o caprichoso amor da menina se dissiparia, pensou enquanto se recostava sobre o ombro de seu marido. Nos últimos dias, o cansaço parecia estar sempre presente.

– Está bem? – perguntou Adrian solícito.

Ela assentiu com um sorriso, mas justo nesse instante um dos criados passou a seu lado levando uma enorme bandeja repleta de carne. O aroma que deixou revolveu seu estômago. A base de muito esforço, conseguiu reprimir uma arrancada. Sua pele pálida se banhada de suor.

– Demônios, Margaret! Não está bem – resmungou o guerreiro, e a levou em para fora da sala.

Na saída, Adrian depositou o falcão em seu cabide, e este os despediu com um chiado ofendido.

– Só estou um pouco enjoada. passará com um pouco de ar.



Caroline Bennett

– Possivelmente comeu algo... A caça foi estupenda. Marcus caçou um javali de bom tamanho e...

Ela agitou a mão enquanto descia rapidamente a escada da entrada. A luz da lua refletiu no lago quando se inclinou sobre a borda. Sua mão se afundou no frio líquido para umedecer a testa. Tão somente em imaginar a comida foi um suplício para seu estômago contraído.

Assustado, Adrian descendeu os degraus de dois em dois.

– Margaret?

– Ssssh.

– Chamarei o médico. Acha que não notei que todas as manhãs corre para vomitar assim que se levanta ou logo quando se alimenta, até emagreceu nas últimas semanas.

– Adrian, eu...

– OH, não, senhora! Desta vez não me vai me dissuadir, assim, guarde suas palavras para uma ocasião melhor.

– Vi o médico esta mesma manhã – anunciou ela sentando-se na margem do lago.

Seus olhos azuis procuraram o rosto preocupado de Adrian.

– A causa da minha... "desordem", é perfeitamente explicável.

O guerreiro franziu o cenho, olhando-a de cima. Com os punhos contraídos aos flancos tratava de reprimir a ansiedade que essas palavras provocaram. Sua garganta emitiu um chiado afogado:

– E?

– Estou grávida – suspirou Margaret lhe dedicando um sorriso inseguro.

O continuou observando-a como se não entendesse.

– Grávida? – perguntou franzindo até mais o cenho.

– No verão darei a luz um bebê.



Caroline Bennett

E então foi elevada com contundência contra o largo peito.

– Grávida! – gritou tomando-a em seus braços para beijá-la – Grávida! – repetiu encantado.

– Quem está grávida? – perguntou de repente uma voz aguda da entrada.

Margaret e Adrian se voltaram reconhecendo o inevitável.

– Merda! – resmungou Adrian em voz baixa.

– OH, céus! – Eugen começou a agitar as mãos excitado antes de entrar de tropeçando apressado.

– Esse roedor contará a todo mundo – suspirou apoiando a testa contra a da jovem.

– cedo ou tarde iram saber – o consolou.

Adrian colocou a mão sobre o ventre de sua esposa.

As grossas roupas de inverno lhe fizeram desejar estar na solidão de seu quarto, onde sob a luz das velas poderia comprovar sem barreiras tão magnífico milagre.

– Quanto tempo? – perguntou acariciando-a com reverência.

– Dois meses.

– Será menina e se parecerá com sua teimosa mãe.

– Ou um pequeno Dragão de olhos verdes que me enlouquecerá com suas travessuras.

– Dentre todos os tesouros que Norfolk tinha para me oferecer, você e nosso filho são os mais valiosos. A guerra arrebatou a toda minha família, mas o destino quis me benzer com seu amor – disse, e a beijou nos lábios.

Margaret ficou nas pontas dos pés para recebê-lo e juntos saborearam um tenro momento de amor compartilhado.

– Isso é por nós? – perguntou separando-se quando do interior da mansão se elevaram as vozes em uníssono.



Caroline Bennett

- Já conhece Eugen. Sua língua é incapaz de permanecer quieta.
- Então, será melhor que entremos – disse com um sorriso e estendendo sua mão.

Adrian entrelaçou os dedos com os da mulher que amava e juntos entraram em seu lar.

Título original: A Dama e o Dragão

Primeira edição; Janeiro 2007





Caroline Bennett



O PDL é uma grande biblioteca virtual com e-books grátis, quadrinhos, revistas, audiobooks e muita cultura.

Todos os e-books são produzidos e geridos pelos próprios usuários, que fazem do site um grande centro de troca de novidades e discussões relacionadas à área.

Não é preciso pagar nada, é só fazer seu cadastro, pesquisar, conversar e ler à vontade!

Esse livro foi feito de leitor para leitor, sem fins lucrativos. A venda ou troca desse e-book é estritamente proibida.

Após a leitura, considere a possibilidade de comprar o livro original, assim incentivará o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser ajudar as Equipes de Tradução e Digitalização do PDL, entre no fórum e converse com os administradores.

Venha participar da nossa Equipe!

**Esperamos que sua leitura
tenha sido ótima!**